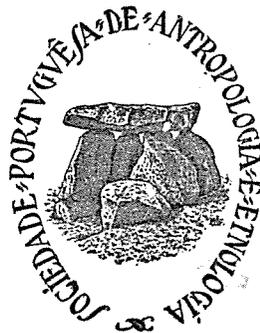


TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXII — FASC. 4

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS
E PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



PORTO — 1975

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

A Cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. Cat. Jub. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

1 *Cultura dos berrões* é a cultura proto-histórica peninsular caracterizada pelas estátuas zoomórficas de pedra, chamadas em Portugal *berrões* (1).

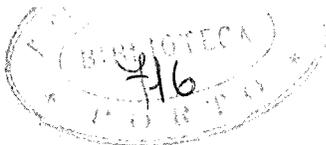
Tais estátuas representam animais diversos tais como porcos domésticos, javalis, touros, carneiros, e, em alguns casos, possivelmente, ursos.

ERRATAS

Pág.	531	linha	18	onde se lê	do indivíduo	leia-se	dos indivíduos
>	536	>	27	> > >	qual patenteia	>	qual se patenteia
>	545	>	25	> > >	deixar	>	dédicar
>	548	>	33	> > >	sesa	>	seda
>	550	>	36	> > >	Silvana	>	Silvera
>	552	>	17	> > >	moca	>	roca
>	553	>	25	> > >	Santa Iria	>	Santa Helena
>	555	>	17	> > >	caço-o	>	caçoe
>	558	>	2	> > >	vai-te	>	vá-se
>	568	>	24	> > >	bom	>	bem
>	569	>	34	> > >	lá	>	la



596076



39(05)
TC

A Cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. Cat. Jub. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

1 *Cultura dos berrões* é a cultura proto-histórica peninsular caracterizada pelas estátuas zoomórficas de pedra, chamadas em Portugal *berrões* ⁽¹⁾.

Tais estátuas representam animais diversos tais como porcos domésticos, javalis, touros, carneiros, e, em alguns casos, possivelmente, ursos.

São estátuas quase sempre de granito, por via de regra grandes, representando os respectivos animais em tamanho natural. Há-as agigantadas, como é o caso do *verraco*, ou javali, de Gallegos de Argañan, com 2 metros de comprimento, que está no Museu de Salamanca, e o da *porca da vila de Bragança*, também com 2 metros, que está a servir de base à coluna do pelourinho de Bragança. Mas há-as também pequenas, com 25 a 30 cm de comprimento como p. ex. os *berrõezinhos* do Monte de Santa Luzia, Freixo de Espada-à-Cinta ⁽²⁾.

⁽¹⁾ *Berrão* é designação popular correspondente à forma erudita *varrão*. O Prof. Leite de Vasconcelos na nota 3 da pág. 22 do vol. III das *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 1913, 636 págs. e 33 figs., diz que o étimo está em *verrane*, derivado do latim *verres*, porco.

⁽²⁾ Santos Júnior — Os *berrõezinhos* do *Castro de Santa Luzia* (Freixo de Espada-à-Cinta), in «Homenagem a Bosch-Gimpera en el septuagésimo aniversário de su nacimiento», México, 1963, pág. 395 a 402, 9 figs.



596076



39(05)
T0a

As representações mais frequentes são as dos porcos do sexo masculino com as típicas saliências testiculares bem esculpidas na traseira. Isto é, representam porcos por castrar, os porcos de padreação ou de cobrição, que, em Portugal se chamam *berrões*, na Galiza *berrós* ou *barrós* e na Espanha *verracos*.

Estas designações populares foram tomadas pelos arqueólogos.

Noutros tempos, não muito longínquos, em muitas aldeias trasmontanas havia o *berrão de comum*, isto é, o *berrão comunitário* ou *do povo*, para fecundação de todas as porcas da aldeia.

As estátuas zoomórficas de pedra, os *berrões arqueológicos*, têm constituído, sob alguns aspectos, um enigma no campo da arqueologia peninsular.

Razões várias têm concorrido para que este enigma se tenha mantido, entre as quais avulta o desconhecimento das condições em que tais berrões foram encontrados e do espólio conexo.

O único caso que conheço em Portugal de um *berrão* ter sido encontrado «in situ», com o justo significado arqueológico, é o de um grande porco de granito encontrado na Curtinha do Poio, no *Castelar*, pequeno castro, o *Castelo dos Mouros* ou *Castro do Poio*, que fica ao deslado da aldeia de Picote, concelho de Miranda do Douro, Trás-os-Montes, sobranceiro ao rio Douro, que faz ali fronteira com a Espanha. Adiante nos ocuparemos deste *berrão* que apareceu de pé, a meio de um recinto circular com cerca de 3 metros de diâmetro, com parede feita de pedras de granito, a que se seguia um corredor de 9 metros de comprimento com as paredes laterais na maior parte derruídas.

A zona da *cultura dos berrões* estende-se, especialmente, pelo centro da Península Ibérica, abrangendo, sobretudo, a nossa província de Trás-os-Montes, e as províncias espanholas de Zamora, Salamanca, Ávila e Cáceres (Fig. 1).

Os arqueólogos espanhóis têm considerado o Castro de las Cogotas como o povoado típico desta cultura, onde apa-

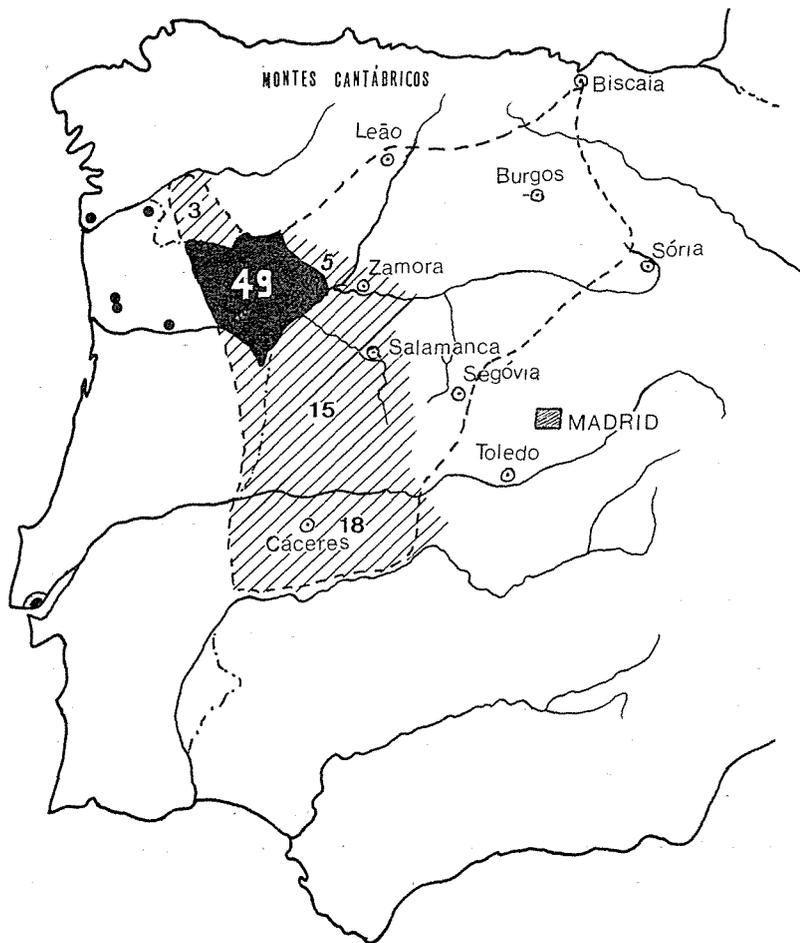


Fig. 1 — Carta indicando pela linha tracejada os limites da cultura dos berrões no norte de Portugal e na Espanha. Por falta de elementos não se indicam os achados de Ávila, Segóvia, Sória, Burgos e Leão, que são numerosos.

receram *verracos* com letras ibéricas gravadas no dorso e nos flancos. Tal opinião terá, possivelmente, de ser revista.

A legenda de um deles foi traduzida por D'Arbois de Jubainville (*Les druides et les dieux celtiques à forme d'animaux*, pág. 156), por meio do celta e da seguinte maneira: *Erber-Jabali ni bacca-Dios-Ker- de la ciudad*, segundo se lê a pág. 14 do trabalho de Jesus Taboada, *La cultura de los verracos en el noroeste hispánico* ⁽¹⁾.

Têm sido muitas as terras peninsulares onde se acharam estátuas zoomórficas de pedra.

Essas terras estendem-se por uma ampla área geográfica assim limitada: a sul o rio Guadiana, a Serra de Guadarrama, Talavera de la Reina e Alcoba, na Mancha, com uma ramificação por Évora e Beja, e talvez até Alcácer do Sal; a leste ainda a Serra de Guadarrama e uma linha que segue por Ávila, Segóvia e Sória até à Biscaia; a norte uma linha que vem da Biscaia por Leão até à fronteira norte de Portugal, seguindo até Chaves; a oeste a Serra do Marão.

Estende-se por terras das províncias espanholas da Estremadura, Castela-a-Velha e Leão, e, mais para o norte, até Durango, na Biscaia, onde apareceu o ídolo de Miquéldi.

Em Portugal pode dizer-se que os *berrões* estão confinados no nordeste com nada menos de 49, sendo 45 na província de Trás-os-Montes, e muito especialmente no distrito de Bragança onde, até à data, foram achados 42. No distrito de Vila Real apenas 3 (Fig. 2).

Como veremos, na metade leste do distrito de Bragança, no Entre-Sabor-e-Douro, são conhecidas até agora 26 estátuas zoomórficas de pedra, sendo 5 de touros e 21 de porcos. Na metade oeste do mesmo distrito, no Entre-Sabor-e-Tua, estão registadas, até à data, 16 dessas estátuas, sendo 15 de porcos e uma de bode.

⁽¹⁾ Jesus Taboada, *La cultura de los verracos en el noroeste hispánico*, in «Cuadernos de Estudios Gallegos», Fasc. XII, Año 1949, Madrid, 1949, 26 págs. e 5 figs.

Há que considerar a expansão para a Galiza meridional, atestada pelos três berrões estudados pelo distinto arqueólogo galego D. Jesus Taboada no seu trabalho *Esculturas de verracos en Galicia* ⁽¹⁾ que resumiremos a seguir.

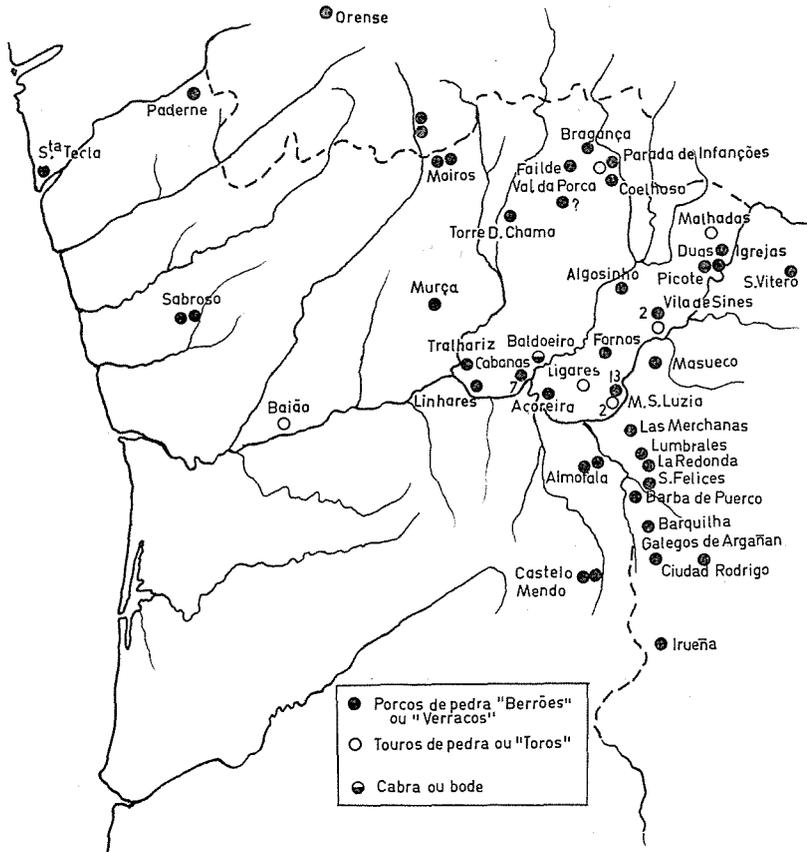


Fig. 2 — Porção do norte de Portugal e vizinha região de Espanha com a distribuição dos achados de berrões e touros de pedra.

⁽¹⁾ Jesus Taboada, *Esculturas de verracos en Galicia*, in «Archivo Español de Arqueología, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Diego Velázquez», n.º 72, Julio-Sept., Madrid, 1948, pág. 291-294, 1 fig.

1 — «Jabali de Viana del Bollo (Orense)»

Este berrão, pelo que se infere da fotografia da Fig. da pág. 294 do trabalho referido, está bastante mutilado, reduzido a uma grande porção do corpo e à cabeça, que tem um sulco fundo em goteira no pescoço, como se vê também na chamada *porca de Failde*, que se conserva no Museu de Bragança, e que, como veremos, é um berrão, ou seja um porco.

O berrão de Viana del Bollo, que proveio do castro *Eirexaria* ou *Vila de Sên*, sobranceiro ao «pueblo de Bembibre, estava encravado na parede de uma casa de Bembibre, «ayuntamiento» de Viana del Bollo, sobressaindo a cabeça da fachada. Está no Museu de Orense.

Pelo que mostra a fotografia da figura referida, não parece tratar-se de um javali; não só porque as orelhas, bem esculpidas, são nitidamente pendentes, mas, e sobretudo, porque não mostra os grandes caninos, típicos dos javalis ⁽¹⁾, que, como veremos, estão exuberantemente marcados nos dois javalis das Cabanas (Moncorvo), existentes no Museu Etnológico de Belém e no focinho de javali que encontrei no Castro de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta) e conservo em meu poder até ser integrado num Museu (Est. xxvi, Fig. 79).

Parece pois que o berrão do pueblo de Bembibre é um porco e não um javali.

2 — «Jabali de Castrelo del Valle (Orense)»

Cabeça de javali, de granito, encontrado no alto de Casteliño, em Castrelo del Valle, comarca de Monterrey (Verin-Orense).

Este resto de javali foi referido pelo Padre D. Manuel Fuentes Pazos, pároco de Castrelo del Valle, num artigo

(1) É bem lembrar que, com a idade, os berrões dos porcos domésticos, machos por castrar, podem apresentar caninos grandes, visto que estes dentes são de crescimento contínuo. O certo porém é que, de um modo geral, as estátuas de porcos de pedra com grandes caninos têm sido consideradas como de javalis. Como tais as considerarei também.

publicado no jornal «Heraldo de Verin», n.º 4 de 7 de Novembro de 1911 (Apud J. Taboada, cit. pág. 293).

Trata-se de um exemplar perdido, como J. Taboada esclarece quando diz: «Por desgracia, nuestras pesquisas para encontrar la escultura de jabalí han sido infructuosas».

3 — «Jabalí de Florderrey Vello (Orense)»

Era uma cabeça de javali, que foi encontrada no cimo da colina de Florderrey, juntamente com restos arqueológicos que atestam a natureza castreja daquela colina.

J. Taboada na pág. 294 escreve: «Nuestras gestiones para encontrar el jabalí no dieron otro resultado que la información facilitada por D. Teolindo Guerrero, de Florderrey Vello, segun la qual dicha cabeza estuvo durante muchos años colocada sobre una pared. Una noche fué bárbaramente destrozada por unos mozalbetes y desapareció de su emplazamiento».

Na Galiza teria havido mais um berrão em Pontevedra, como disso me deu conhecimento o distinto polígrafo e director do Museu de Pontevedra, Don José Filgueira Valverde. Este meu amigo mais me disse que ainda hoje há na cidade de Pontevedra um sítio a que chamam *a porta e campo do berrão*.

Citaremos ainda os casos esporádicos de Santa Tecla, Paderne, Sabroso e Santa Marinha do Zézere (Baião) (Fig. 2).

*

Há muitos anos que tenho percorrido montes e vales de Trás-os-Montes em explorações arqueológicas, muito especialmente para o estudo da Arte Rupestre e dos berrões de pedra.

A Missão Antropológica de Moçambique, da qual fui chefe e realizei 6 campanhas de trabalhos de campo em África, em 1936, 1937, 1945, 1946, 1948 e 1955, levou-me para novos campos de investigação naquelas terras do leste africano. Sobre Antropologia, Etnografia e Arqueologia pré e proto-histórica de Moçambique, eu e os meus companheiros, publicamos mais de 60 trabalhos. A minha parte cerca de 50.

Com os intensivos trabalhos de campo em Moçambique e os subsequentes trabalhos de gabinete, ficaram em suspenso, ou quase, os nossos estudos arqueológicos de Trás-os-Montes.

Em 1952, aquando da realização, em Madrid, do Congresso Internacional de Arqueologia, julguei oportuno dar a conhecer o que tínhamos conseguido coligir sobre os porcos de pedra de Trás-os-Montes em alguns anos de pesquisas, feitas sobretudo nos períodos de férias escolares. Ali fiz uma comunicação intitulada *A cultura dos berrões em Portugal*.

Em 1968 fui solicitado para Professor da Universidade de Luanda; para ali fui em Janeiro de 1969. Lá estive até Junho de 1971 como Director do Departamento de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências.

A convite da Universidade, voltei para Luanda em Novembro de 1971. Regressei em Junho de 1972, após sete meses de aturado trabalho de investigação científica, especialmente no vasto campo da arqueologia angolana, e nesta no apaixonante capítulo da Arte Rupestre. Foi meu excelente colaborador o Dr. Carlos Ervedosa, distinto Assistente de Antropologia da Faculdade de Ciências de Luanda.

Foram três anos e meio em que a minha actividade no campo do ensino e da investigação científica foi desviada para as terras de Angola. Mais uma vez, ficaram em suspenso alguns trabalhos, entre eles o da cultura dos berrões em Trás-os-Montes.

Estas considerações, são, digamos, a justificação da demora na publicação da ampla colheita de dados referentes aos berrões que fomos colhendo nos últimos quarenta anos.

Agora pude levar por diante esse estudo e espero poder ultimar outros trabalhos, não só de arqueologia mas também de etnografia trasmontana.

*

Procuraremos estudar sucintamente os *berrões* encontrados em Portugal, dando de um ou outro, mercê de circunstâncias de vária ordem, descrição mais pormenorizada.

Estudaremos por concelhos, um a um, os *berrões* de que temos conhecimento e que pudemos observar directamente quase todos.

É bem possível que outros venham a aparecer. No entanto, julgo que a série dos 49 berrões deste trabalho, quer pelo seu número, quer pelas modalidades dos animais esculpidos, é já elemento ponderoso a atestar um importante núcleo do remoto culto zoomórfico no nordeste de Portugal, e especialmente no distrito de Bragança, que pode, talvez, ser considerado como centro onde tal cultura nasceu, floresceu e, muito possivelmente, dali irradiou.

Começaremos pela chamada *porca da Murça*, que é, de todos os nossos berrões talvez o mais conhecido. Registe-se, desde já, que não se trata de uma fêmea mas de um macho, com as saliências testiculares ainda patentes na traseira.

CONCELHO DE MURÇA

A Porca de Murça

Murça é sede do concelho do mesmo nome e pertence ao distrito de Vila Real.

A *Porca de Murça* é um esplêndido berrão de granito. Foi colocada em cima de robusto plinto de pedra, a meio da Praça 31 de Janeiro, da vila de Murça, perto da igreja paroquial (Est. I, II e III, figs. 32 a 37).

Aquela estátua é conhecida pelo nome referido, designação sexual errada, porquanto, de facto, se trata de um macho, como o atestam as saliências testiculares ainda parcialmente patentes na traseira do bicho ⁽¹⁾.

Persiste a maior parte da saliência do testículo esquerdo. O testículo direito foi destruído por picotado numa área de 15 por 15 cm.

A proeminência médio ventral, a indicar o forro peniano ou meato urinário, é outro carácter masculino.

Erradamente tem sido designada *porca*, talvez em consequência de uma greta ou fenda linear, com 10 cm de comprimento por 6 cm de boca na maior largura, situada abaixo e um pouco à direita do ânus, acima do que resta das proeminências testiculares.

(1) A atribuição errada de fêmea a este berrão e a outros mais, é de crer que, em parte, resulte de a goteira intertesticular ser erradamente considerada como vagina. É bem sabido que a vagina das porcas é pequena, não excedendo, em média, 3 a 4 cm, e fica junto do ânus. Os machos apresentam um pouco abaixo do ânus as tumefacções cutâneas por saliência do volume dos testículos, com sulco médio superficial, que muitas vezes atinge 10 e 12 cm de comprimento.

Quem sabe se outras razões terão levado a atribuir o sexo feminino ao berrão de Murça, bem como além de outros, ao berrão da *porca da vila do pelourinho* de Bragança, da *berrôazinha da Açoreira* (Moncorvo) e da *berrôa da Torre de D. Chama* (Mirandela), todos machos.

Está feita em granito de grão grosso, com muitos grãos de quartzo e alguma pouca mica branca.

Está coberta de líquenes e colocada em cima dum plinto de granito (Est. I, figs. 32 e 33).

Ainda se vê, por diante das patas posteriores um pouco da pedra da base ou peanha.

O saliente correspondente à nuca estende-se para os lados simulando as orelhas.

Tem grandes olhos em covinhas cónicas, com 6 cm de diâmetro de boca e 5 de profundidade.

À testa, curta, acentuada e rapidamente inclinada, segue-se um focinho curto e grosso, que, perto da ponta boleada, tem um perímetro de cerca de 87 cm.

A boca não está bem marcada.

A frente do focinho apresenta mais uma covinha do que propriamente um sulco, que poderá ter sido feito posteriormente por um curioso, na intenção de querer marcar a boca em falta ou acentuá-la.

Tanto do lado direito como do esquerdo há sulcos que, à primeira vista, podem ser considerados como representando a boca.

Nota-se que os sulcos cortam os grandes caninos, e que, por isso, tais sulcos não devem ser considerados como indicadores da fenda bucal.

Esta devia rasar os topos inferiores dos grandes caninos mandibulares. O do lado direito bem patente como mostra a Fig. 37 da Est. III, o do lado esquerdo menos acentuado.

Do lado direito, na metade inferior da barriga, tem uma buraca grande, com boca de 25 cm de comprimento por 20 cm de altura e funda 15 a 16 cm, com superfície lisa, embora não regularmente polida (Est. III, figs. 36 e 37).

A traseira tem 91 cm de altura por 50 cm de largura máxima, um pouco acima do meio. A largura das patas na base é de 38 cm.

Tem ânus, covinha cónica de 6 a 7 cm de profundidade.

Um rebaixo escavado em arco, com 31 cm de altura por 17 cm de largura, marca a separação das patas, que nos jarretes ainda mostra restos dos refegos ou *ronchos*, próprios de porcos gordos; o da direita praticamente íntegro, mas o da esquerda esmoucado.

Acima da curva do arco vê-se o resto do testículo esquerdo com 14 por 6 cm, e o direito muito picotado, e por cima dos testículos uma greta com 10 cm de comprimento, abaixo e um pouco à direita do ânus. Esta greta que tem,

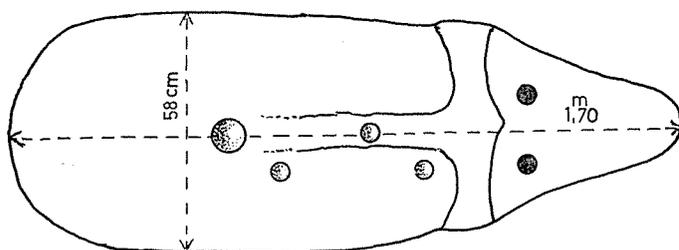


Fig. 3—Esquema da face dorsal da Porca de Murça com 4 covinhas. Os olhos bem marcados e fundos.

a meio, 6 cm de largura de boca, não pode, de modo algum, atribuir-se-lhe a qualidade de vulva, pois esta nas porcas, é pequena, em média com 3 a 4 cm de comprimento.

No dorso tem espinhaço, não muito saliente, mas bem patente na metade anterior, que, na altura do pescoço, espria para os lados em salientes que devem corresponder às orelhas. O espinhaço tem largura média de 7 cm.

No dorso tem quatro covinhas pequenas e pouco fundas (Fig. 3). Duas na linha médio sagital, a posterior com 4 cm de diâmetro e a anterior sobre o espinhaço com 3 cm de diâmetro. As outras duas, mais pequenas, ficam à direita do espinhaço ou crista raquidiana. Há possivelmente uma 5.^a covinha, pouco funda, sobre a proeminência auricular esquerda.

Tem de comprimento 1,70 m, medida tirada entre verticais. Vista de perfil a largura das patas posteriores é de 34 cm

e a das anteriores de 25 cm, e 55 cm entre umas e outras. Altura no aprumo das patas posteriores 92 cm e no das anteriores 95 cm. Perímetros: nas virilhas 2,05 m; a meio da barriga 2,11 m; nas axilas 2,10 m; do pescoço 1,70 m; da ponta do focinho 87 cm.

*

A *Porca de Murça* (continuaremos a designá-la por este nome, consagrado pelo uso, embora errado) tem sido citada e referida por vários autores.

O Padre Carvalho da Costa, na sua *Chorographia Portuguesa* ⁽¹⁾, escrita, ou, pelo menos, começada a escrever nos fins do séc. xvii, ao tratar da Vila de Murça de Panoias (Trás-os-Montes) refere a lenda respeitante à hoje chamada *Porca de Murça*, que na lenda figura como sendo urso.

(1) Padre António Carvalho da Costa, *Corografia Portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal*, etc., Lisboa, 1706, Tomo I, 534 págs.

No cap. xix, «Da Villa Murça de Panoya», a pág. 644 refere-se à Porça de Murça em termos tais que julguei merecerem transcrição, que se faz a seguir.

«Está nesta Villa defronte da praça della em pedra grande a forma de hum Usso, cuja significação (dizem seus moradores) he ser tão antiga a Casa dos Donatários desta Villa antes que os Mouros tivessem o vencimento da batalha, que ganharão a El Rey D. Rodrigo nos campos de Guadalete no anno de 714. & como os que escapárão della se retirárão a Galliza, Asturias, & montanhas de Burgos, se fizerão os Mouros em oito mezes senhores de toda Espanha; passados muitos annos os progenitores desta Casa tornárão a ganhar esta Villa, & as duas, que mais tem nesta Comarca, (que dizem seus antepassados tinhão) aos Mouros, & segundo a tradição no tempo del Rey Dom Affonso o Primeiro de Castella no anno de 757. & achando a terra povoada de Ussos, que destruirão as colmeas, fizerão delles montarias, & os matárão, em cujo reconhecimento os moradores, além dos foros de pão, vinho, & dinheiro atrás referidos, lhe pagão os tres arrateis de cera em satisfação do beneficio recebido: depois levantavão gente paga à sua custa para as guerras, & se lhes fazia seu assento ao pé deste Usso, com que ganhárão nove Castellos, que tem este termo, povoados, & sustentados pelos Mouros naquelle tempo».

Registe-se que lhe atribuía o sexo masculino.

Segundo a lenda, no reinado de Afonso I de Castela (fixa mesmo a data no ano de 757) chegaram à Vila de Murça de Panoias os senhores a quem aquele rei investiu como donatários da terra. Mais diz a lenda que na região havia muitos ursos que destruíam as colmeias. Os senhores fizeram-lhe montarias e os mataram, em consequência do que, não só teria sido erguido o monumento, como consagração do extermínio da praga, mas também os moradores, além dos mais foros, lhe passaram a pagar «três arráteis de cera, em satisfação do benefício referido».

No mesmo Tomo I o Padre Carvalho da Costa escreveu: «Nove léguas de Moncorvo para o lado poente está situada a Vila de Água Revez que tem uma casa nobre do apelido Sampaio e Cunha: está também nesta Vila uma pedra com a forma de um Urso como nas outras duas vilas deste Donatário cuja significação já explicamos na Vila de Murça».

As duas vilas deste donatário eram Brunhais e Brunhainho.

Parece pois ter existido mais um berrão em forma de urso na Vila de Água Revez, hoje freguesia do concelho de Valpaços.

J. A. de Almeida, no *Dicionário Abreviado da Chorographia de Portugal*, T. I, 1866, a pág. 325, alude à mesma lenda e escreve que a vila de Murça «tem um urso em frente da praça, em memória dos muitos que mataram no ano de 757». Apud Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, págs. 17-18.

Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno* ⁽¹⁾ Vol. v, pág. 591, refere-se à estátua zoomórfica existente no meio da praça da vila de Murça e diz que tanto pode ser um porco como um urso, hipopótamo ou elefante.

(1) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. v, Lisboa, 1875, pág. 591, artigo *Murça de Panoias*.

Pormenoriza a lenda da existência, no séc. VIII, de grande número de ursos e javalis, a que os senhores da terra com o povo deram caça exterminando-os ou escorraçando-os.

Daquela multidão de quadrúpedes ficou uma porca, outros dizem uma urso, que, pela sua monstruosa corpulência e ferocidade, era o temor das gentes, e, por ladina ou matreira, sempre se escapava aos caçadores.

Em 757 o senhor de Murça, esforçado e corajoso cavaleiro, conseguiu matá-la. Tal façanha foi atestada no monumento hoje chamado *Porca de Murça*, e os habitantes da terra se comprometeram, por si e seus sucessores, a darem ao senhor, em reconhecimento de tão grande benefício, para ele e seus herdeiros, até ao fim do mundo, cada fogo, três arratéis de cera anualmente, sendo pago este foro junto da porca.

Martins Sarmiento, em carta escrita, em 1880, ao Prof. Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾, informa terem-lhe dito que em certos casos-crime a mudança de cor da porca, que ainda mostrava restos de pintura a vermelho, dava sinal da criminalidade ou inocência do réu. E acrescenta: «De que tempos deve provir esta tradição, e que figura importantíssima não fez a bicha nos bons tempos!»

Acrescenta Leite de Vasconcelos, na pág. 19 do Vol. III das *Religiões da Lusitânia*, que os políticos pintavam a porca, ora de vermelho ora de azul, conforme estavam no poder os progressistas ou os regeneradores ⁽²⁾.

⁽¹⁾ *Extractos da correspondência de Martins Sarmiento*, por Leite de Vasconcelos, in «O Archeólogo Português», T. VI, págs. 32-33.

⁽²⁾ J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*. Desta grande obra foram publicados três volumes, a saber: Vol. I, Lisboa, 1897, 440 págs. e 112 figs.; Vol. II, Lisboa, 1905, 372 págs. e 82 figs.; Vol. III, Lisboa, 1913, 636 págs. e 339 figs.

O sr. António Carneiro Lopes Medeiros, natural de Murça, informou-nos que em 1910, aquando da implantação da República, pintaram a porca metade de verde e metade de vermelho.

O mesmo amável informador contou que há cerca de 40 anos, quando saiu de Murça o tribunal judicial da Comarca, um grupo de habi-

Termina por escrever: «Daqui resultaria, acaso, o próloquio vulgar — honrado como a Porca de Murça — visto que ela mudava de cor com tanta facilidade (1).

Trata-se, como se disse, de um macho, um *berrão*, pelo que a designação de *Porca de Murça* não concorda com as características sexuais da estátua, bem esculpida na traseira.

Aliás, tanto o Padre Carvalho da Costa como J. A. de Almeida, atribuem-lhe a justa qualidade de macho, considerando aquela estátua como representando um urso.

*

O Prof. Leite de Vasconcelos, no seu livro *De terra em terra*, Vol. I, pág. 45, diz que em Agosto e Setembro de 1884 passou por Murça e foi ver a *Porca de Murça*, que estava no adro da igreja, e acrescenta (2): «Lá estava o mostrengo,

tantes resolveu pôr a porca de luto, pintando-a de negro. Por isso misturaram pós pretos com água de cal e de noite pintaram a porca com aquela mistura. Grande foi o seu espanto quando na manhã seguinte viram a porca alvejante de branco, por o pó preto ter escorrido e só a cal ter aderido à pedra.

(1) O Abade de Baçal no trabalho *O Castro de Sacoias* in «O Archéologo Português», Vol. xxiii, Lisboa, 1918, pág. 319, publica o desenho de uma lápide de granito tendo «em relevo um quadrúpede de que a quebradura levou parte do corpo, mas que, mal se vê, logo sugere a ideia de ser porco».

Faz várias considerações sobre o simbolismo do porco e práticas rituais referidas por Homero na *Iliada* e, no final, escreve:

«As expressões — *é tão honrada como a porca da Vila* [Bragança] ou — *é tão honrada como a Porca de Murça* — são correntes em termo de Bragança para indicar mulheres de costumes fáceis, ou mesmo homens de pouca probidade, e, como explicação do simile injurioso, dizem que a essas duas porcas caiu o rabo de gasto à força de titilações sobre a vulva.»

(2) J. Leite de Vasconcelos, *De terra em terra — Excursões arqueológico etnográficas através de Portugal (Norte, Centro e Sul)*, Vol. I (Norte e Centro de Portugal), Imprensa Nacional de Lisboa, 1927, 236 págs. e 81 figs.; Vol. II (Sul de Portugal), id. id., 300 págs. e 255 figs.

quadrúpede enorme, de mais de 1 metro de comprido, na sua imobilidade secular, sentinela robusta do templo vizinho, nobreza da vila, alvo de todas as deferências e também de todas as injúrias, pois se alguém que não preza a honra se diz que é *honrado como a Porca de Murça*. Dá-nos este quadrúpede um documento de crenças dos nossos avós Lusitanos.»

O Prof. Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, págs. 16 a 20 ocupa-se da *Porca de Murça*, transcrevendo vários autores, por nós também atrás transcritos e em 5 linhas finais diz que a estátua é de granito, trabalho muito mau, feita de uma só pedra com o comprimento de 1,86 m; altura de 1,10 m e circunferência abdominal com 2,80 m. Publica um desenho que diz foi tirado de fotografia.

Joaquim de Castro Lopo, no artigo *Excursão à Torre de D. Chama*, publicado no «Archeólogo Português», Vol. I, n.º 8, Lisboa, 1895, págs. 232-237, 8 figs, publicou (Fig. 7) um desenho, bastante bom, da *Porca de Murça*, que diz ter visto em 23 de Maio de 1890, ser formada de uma só pedra de granito, e ter as seguintes medidas: comprimento 1,85 m; altura 1,10 m; circunferência abdominal 2,80 m.

O Abade de Baçal ⁽¹⁾, no Vol. IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, pág. 546, refere-se à *Porca de Murça* e à lenda dada a conhecer pelo Padre Carvalho da Costa, na qual aquela estátua de pedra representa um urso, que, por destruidor de colmeias, foi morto pelo senhor donatário da terra de Murça de Panoias, e, em memória de tal acontecimento se fez aquele monumento. Nas 8 págs. seguintes faz eruditas considerações sobre as mani-

(1) Francisco Manuel Alves — Reitor de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, 11 volumes publicados desde 1910 a 1947. O IX Vol. foi publicado no Porto em 1934, tem 718 págs., muitas figs. por numerar e mais 26 págs. de índice.

festações zoomórficas, citando e transcrevendo as opiniões de vários autores sobre o possível significado e finalidade do berrões, emitindo o seu parecer de os mesmos serem « restos de um culto totémico ».

*

Não se sabe ao certo de onde veio este berrão. Há quem diga que do Seixo, monte próximo de Murça, mas é provável que tenha vindo do castro do Cadaval, que fica no alto da ladeira fronteira a Murça, e dela separado pelo rio Tinhela. Este rio é atravessado por uma ponte romana.

Uma estrada romana que vem do castro do Cadaval desce a ladeira até à ponte, que atravessa o rio Tinhela.

A chamada Porca de Murça esteve muito tempo ao lado da igreja, protegida por grade de ferro e com lampiãozinho cimeiro que a iluminava durante a noite.

O sr. António Alves Medeiros, natural de Murça, já falecido, que durante anos exerceu a sua actividade na Ilha de S. Tomé, quando dali regressou, mandou-a colocar, em 1918, no plinto de granito que pagou do seu bolso, e onde a estátua ficou entronizada.

O plinto primeiro foi erguido na praça de 5 de Outubro, fronteira à igreja, depois, em 1932 ou 1933, foi deslocado para a Praça 31 de Janeiro onde se encontra ⁽¹⁾.

O Prof. Leite de Vasconcelos no Vol. VIII de «O Archeólogo Português», Lisboa, 1903, pág. 215, extracta uma passagem das *Memórias Paroquiais de 1755*, onde se lê:

Murça «tem duas praças mas ambas pequenas, em huma está o pelourinho della dos mais bem feitos que há por estas terras. Tem ao pé huma urssa de pedra do tamanho da mesma urssa, e se diz que andando huma urssa nas terras dos senho-

(1) Agradeço ao sr. António Carneiro Lopes Medeiros, as informações que, em 25 de Outubro de 1974, gentilmente me deu, quanto ao papel desempenhado por seu pai, António Alves Medeiros, na defesa e valorização da chamada *Porca de Murça*.

res de Murça que fazia muito dano o senhor da terra mandara juntar os moradores della e a matara e a mandara pôr da sorte que dito fica na sua Praça e dahi tomaram o Titulo dos senhores de Murça e a mesma villa tomara o nome derivando-se de urssa em Murça».

Parece porém que a origem do nome da terra não deve ter sido esta, porquanto, no fundo da mesma pág. 215, o Prof. Leite de Vasconcelos diz: «Murça, segundo o sr. David Lopes, vem de Muça, nome arábico de pessoa».

CONCELHO DE ALMEIDA

Os dois berrões de Castelo Mendo

Castelo Mendo é velha freguesia do concelho de Almeida, distrito da Guarda. É muralhada, foi vila, e ainda hoje conserva o seu bellissimo pelourinho.

Aos lados da porta da muralha estão dois berrões de granito, infelizmente ambos sem cabeça (Est. iv e v, figs. 38 a 41).

O sr. Amílcar Pinheiro da Costa, de 34 anos, ali residente, disse-me lembrar-se bem, tinha ele 8 anos, de terem quebrado as cabeças àqueles dois porcos, e que a razão de tal mutilação foi a de os animais ao passarem por ali tomarem medo.

Mais me informou que, quando Castelo Mendo foi vila, não entrava nela gado miúdo, por não haver côrte dentro das muralhas. Agora, que é aldeia, já podem entrar todos os animais. Há mesmo o curral do concelho dentro de muralhas.

1 — Berrão de granito de grão médio de mica branca.

Está enterrado, e informaram que tem peanha que, por enterrada, não se mostra.

É um grande porco, com quase metro e meio de comprimento (1,40 m), a que falta a parte dianteira da cabeça (Fig. 4).

Tem crista raquidiana ou espinhaço, só patente na parte anterior numa extensão de 27 a 30 cm, com a altura de 1,5 cm e a largura de 6 a 7 cm (Fig. 5).

Na traseira, em baixo, ao rés-da-terra, vê-se um rebaixo em arco redondo a indicar a separação das patas. Acima a grande massa testicular com 21 cm de comprimento por 17 cm de largura, tendo uma covinha a meio do sulco intertesticular. Logo por cima da massa testicular uma covinha cônica a marcar o ânus.

Nas patas posteriores tem *ronchos*, mais acentuado o da pata esquerda.

Do lado direito, o terço anterior está aplanado e polido pelo desgaste do arrouçar dos carros, antes da entrada ser ampla como hoje é.

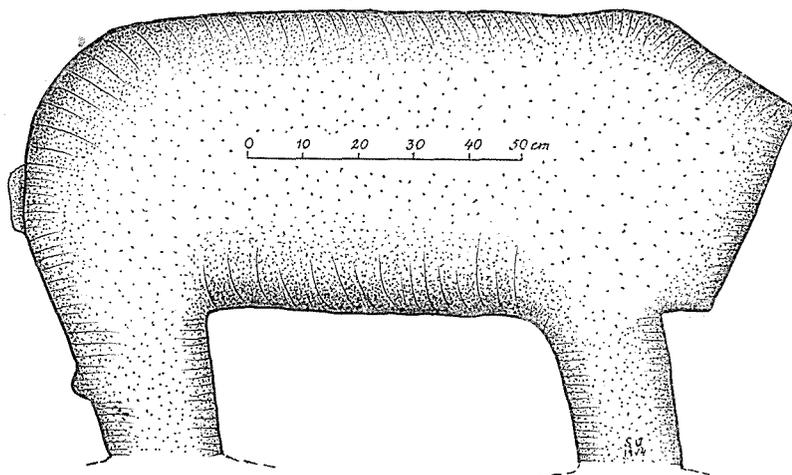


Fig. 4 — Perfil do porco número 1 de Castelo Mendo.

No lombo tem 9 covinhas bem polidas e fundas, duas das quais atingem 4,5 e 5,0 cm de profundidade (Fig. 5).

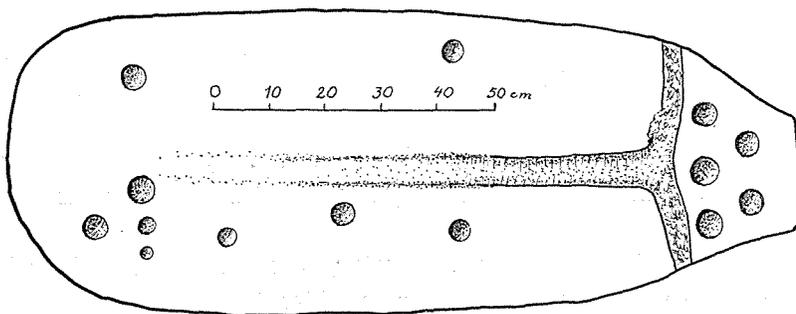


Fig. 5 — Dorso do porco número 1 de Castelo Mendo.

Adiante da caluga ou cachaço, já na rampa da testa, há três covinhas em fiada transversal e, a seguir, mais duas em fiada paralela à anterior.

Tem de comprimento 1,40 m; de largura 56 cm, na vertical das patas posteriores; 80 cm de altura na vertical das patas anteriores e igual medida na vertical das posteriores.

Perímetros nas axilas e virilhas iguais, 1,82 cm.

2 — Berrão de granito de grão médio de duas micas. Está em posição fronteira à do anterior e bem encostado à muralha.

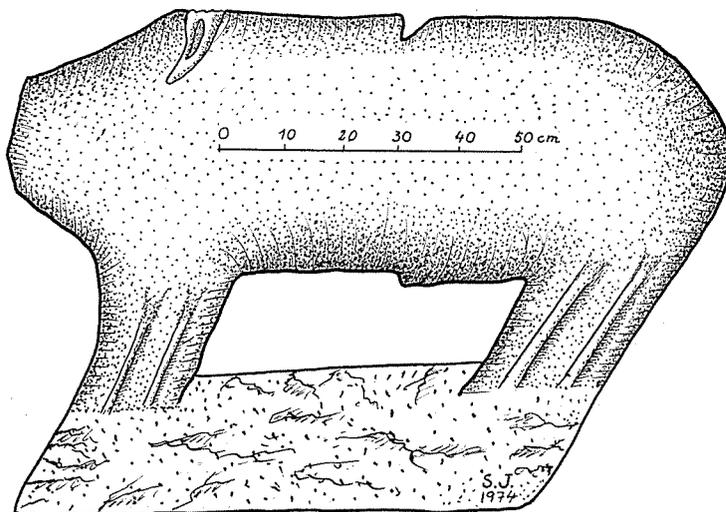


Fig. 6 — Perfil do porco n.º 2 de Castelo Mendo. Na região médio ventral vê-se o forro peniano, como é característico dos machos.

Tem peanha. A cabeça foi mutilada na parte anterior (Fig. 6). Não tem crista raquidiana. Tem orelhas assinaladas.

Na traseira, tal como o anterior, tem um rebaixo em arco redondo a marcar o início das patas. Não tem ânus.

Saliente testicular patente, mas em parte mutilado e com covinha a meio do sulco intertesticular.

Na linha média ventral tem um saliente que assinala o forro peniano ou meato urinário.

Não tem sinal de separação das patas anteriores.

Orelhas pequenas em concha. A da direita íntegra e a da esquerda mutilada.

Não tem olhos.

A meio do corpo tem um grande sulco transversal, profundo, com 36 cm de comprimento (Fig. 6). Há mais dois sulcos pouco profundos por trás da orelha direita.

No lombo tem 6 covinhas, 4 no terço posterior, 2 na linha média sagital no terço anterior. Destas duas a maior tem 4,5 cm de profundidade e fica junto do saliente das orelhas. Na testa há outras 6 covinhas (Fig. 7), postas em duas fiadas, 4 atrás e 2 à frente.

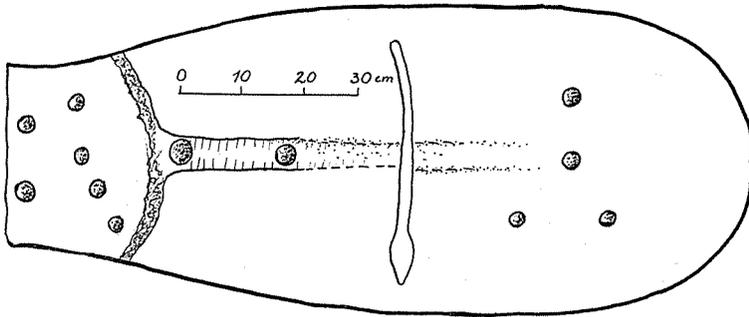


Fig. 7 — Face dorsal do porco n.º 2 de Castelo Mendo, mostrando as doze covinhas e o sulco transversal, que termina por cova elíptica, dando a impressão de cabeça de cobra.

Mede de comprimento 1,21 m. Altura com a peanha: na vertical das patas anteriores 83 cm e nas posteriores 85 cm. Largura nos quartos traseiros 40 cm, nas espáduas 45 cm. Perímetro nas virilhas 1,52 m. Não se pôde medir o perímetro axilar por o encosto à muralha não permitir correr a fita métrica.

Como Castelo Mendo assenta no cimo de um cabeço que oferece óptimas condições para a instalação de um castro, que, muito provavelmente, ali existiu, é de crer que aqueles dois berrões sejam de procedência local.

*

Cabe ao Dr. Adriano Vasco Rodrigues, distinto professor do ensino secundário, a primazia de ter dado a conhecer os berrões de Castelo Mendo no seu trabalho *O culto da ganaderia a sul do Douro português*, publicado na «Revista de Guimarães», Vol. LXVIII, n.ºs 3-4, Julho-Dezembro, 1958, Barcelos, págs. 393 a 396, 2 figs.

Na pág. 393 e alto da pág. 394, ocupa-se de «Os porcos de Castelo Mendo». Colheu a tradição de que o povo os designa «elefantes». A seguir informa: «Consta que os animais de carga, ao entrarem na povoação, chegavam a espantar-se com medo dos longos focinhos dos «elefantes» e que, por isso, o povo resolvera mutilar-lhes as trombas. Desde então cessou o terror aos porcos de Castelo Mendo, que constituem um casal».

Esta última afirmação, quanto a nós, necessita ser rectificada, porquanto aqueles dois porcos são ambos machos, bem caracterizados pelas respectivas saliências testiculares.

Na pág. 394 na rápida referência a um dos porcos, que reproduz na fig. 2 do seu trabalho, que é o designado no nosso trabalho com o n.º 2, Vasco Rodrigues considera-o, e bem, como macho, e escreve: «Distinguem-se nitidamente os contornos dos órgãos sexuais e as cerdas sobre o pescoço e o lombo. No lombo da porca há algumas covinhas».

Ao escrever que se distinguem nitidamente «as cerdas sobre o pescoço e o lombo», certamente, neste dizer, quereria referir-se ao espinhaço ou crista raquidiana que reproduzimos na Fig. 7, porque cerdas pròpriamente não se distinguem, o que poderia ser indicado por tracejado, do que não se vislumbra indicação capaz.

CONCELHO DE BRAGANÇA

Conhecem-se 4 berrões no concelho de Bragança, a saber: a *porca da vila* ou do pelourinho, o *porco* de Failde, o *berrão do adro* de Coelhoso e o *berrão do adro* de Parada de Infanções.

A porca da vila

A *porca da vila* ou *porca do pelourinho*, que, como veremos, é um macho, tem implantada a meio do corpo a coluna do pelourinho. Está em cima da base do pelourinho de quatro degraus, que está colocado a meio de uma pequena praça ⁽¹⁾, dentro das muralhas e junto da torre do castelo de Bragança.

É de granito. Está recoberta de líquenes, o que dificulta a observação do tipo de granito, que se nos afigurou ser de grão fino. Tem de comprimento 2,00 m; 70 cm de altura na vertical das patas anteriores e 67 cm na vertical das posteriores. Perímetros: nas virilhas 2,00 m; nas axilas 1,95 m. Largura do lombo 60 cm.

A meio do corpo apresenta uma corcova de suave contorno convexo (Fig. 8-A).

Ao implantarem a coluna do pelourinho fenderam-na pelo meio do corpo. Para manterem ajustadas as duas metades cravaram gatos de ferro que as Figs. 43 e 44, Est. VII bem mostram.

(1) O Padre António Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal*, etc., Lisboa, 1706, no «Tratado III, Da Comarca e Ouvidoria de Bragança, Cap. I, Da Descrição desta Cidade», a pág. 496, lê-se:

«Há nesta Cidade três Praças, huma dentro dos muros do Castello, a onde está o pelourinho e casa da Camara, & mais duas fóra das muralhas com hum fermoso terreiro em que se fazem grandiosas festas de cavallo, por haver nesta terra muita nobreza & grandes Cavalleiros».

É estranho que, aludindo ao pelourinho, não fale no berrão que nele está actualmente incorporado, a chamada *porca da vila*.

O pelourinho erguia-se junto da magnífica jóia architectónica a *Domus Municipalis*. Por 1860 dali foi transferido para a praça onde actualmente se encontra.

As patas são curtas e devem ter sido quebradas para separar o corpo do animal da base ou peanha, que, como é de norma, formaria com o corpo uma peça inteiriça, talhada no mesmo bloco de pedra.

A cabeça é relativamente pequena com focinho afilado, de ponta plana e circular.

Não se lhe distinguem orelhas nem olhos; porém do lado esquerdo há um sulco elíptico, de 6 cm de maior diâmetro que bem podia ser tomado como representando um olho. No entanto, como não tem simétrico do lado direito, é de crer que, se de facto fosse olho, o seu simétrico do outro lado não deixaria de ter sido esculpido.

Tem barbela, que vem do focinho até ao meio das patas dianteiras.

Tem duas goteiras no alinhamento do bordo anterior das patas dianteiras que encurvam e vêm terminar a meio da queixada.

Tem vergão ou crista saliente médio ventral que foi cortada quando lhe cravaram a coluna do pelourinho.

No meio da testa tem uma cova de contorno oval com diâmetro antero-posterior de 27 cm, transverso máximo de 18 cm e profundidade de 8,5 a 9 cm (Est. ix, fig. 47). Qual seria a finalidade desta cova frontal?

A ponta do focinho é circular com o perímetro de 39 cm, tem os dois buracos das narinas e a boca ligeiramente rasgada, com um esboço de lábio inferior. Uma depressão circular, em rego anelar, isola e realça a ponta do focinho.

Sensivelmente a meio do dorso há três desgastes em concavidades bem polidas, que parece terem servido para afiadoiro de ferramentas.

A concavidade do lado direito tem 24 cm de boca (Est. vii, fig. 44). As duas do lado esquerdo, uma a seguir à outra, medem respectivamente, a primeira 17 cm e a segunda 22 cm (Fig. 8-A e Est. vii, fig. 43).

Além da cova a meio da testa há mais duas covas na linha do plano sagital ou médio-dorsal. Destas duas covas

dorsais, a anterior ao nível do alinhamento das axilas é circular com 30 cm de diâmetro e 11 cm de profundidade; a posterior, sensivelmente a meio do corpo, segue-se-lhe imediatamente, e foi cortada quando abriram o buraco quadrado para implantar a coluna do pelourinho. O que dela resta, parte

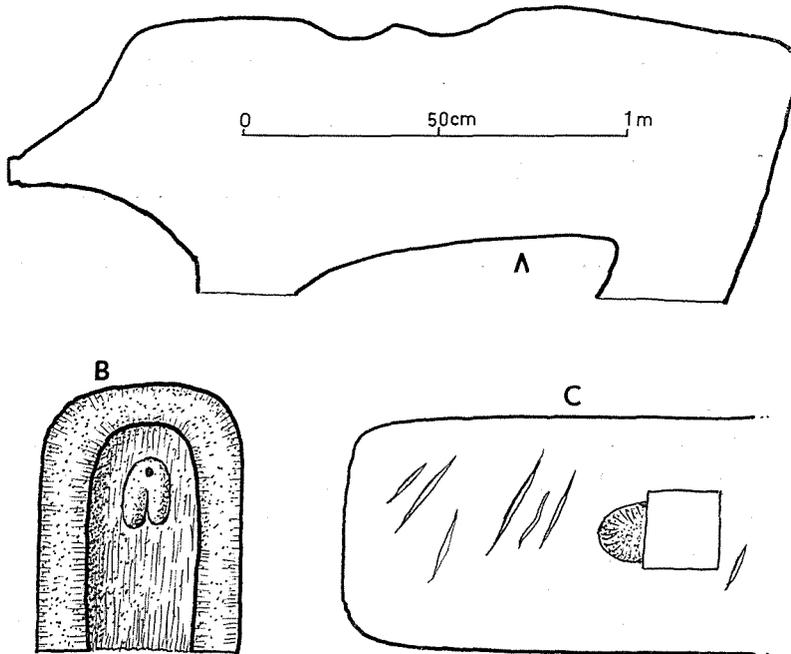


Fig. 8 — A: perfil da porca da vila. B: traseira com rebaixo em arco e testículos pendentes. C: metade posterior do lombo da porca da vila mostrando o quadrado da coluna do pelourinho, a cova em parte destruída pela implantação da coluna e sulcos de aço de agulhas.

posterior, mede do rebordo à coluna uns 18 cm; parece que seria também de boca circular e tem a superfície em rampa muito polida (Fig. 8-C).

Na face lateral direita e a meio do corpo há um buraco de forma oval (Est. VII, fig. 44 e Est. VIII, fig. 45) com 17 cm

de altura por 12 cm de largura. A fratura que rachou o berrão em duas metades interceptou este buraco, cujo rebordo inferior se continua para baixo em pequena goteira oval, ligeiramente escavada, com 10×7 cm.

Aquele buraco lateral abre para dentro num rebordo bem polido que o ligava à cova médio-dorsal, que a implantação da coluna do pelourinho destruiu parcialmente.

Não há dúvida que este buraco lateral comunicava amplamente com a cavidade que se lhe seguia para dentro, que seria cova relativamente grande, e da qual, como já se referiu, resta apenas a parte posterior logo atrás da coluna.

Característica de certo interesse é a existência no corpo da porca da vila de 20 sulcos lineares mais largos e fundos na parte média, fundura que vem diminuindo suavemente para as pontas. São perfeitamente idênticos aos «polissoirs» neolíticos, sulcos resultantes do aguço de instrumentos terminados em ponta. Podem ter servido para aguçar agulhas ou qualquer instrumento ponteagudo de osso ou de metal (Fig. 8-C).

Tais sulcos, em número de 20, estão assim distribuídos: 7 no lombo para trás da coluna do pelourinho, dos quais o maior tem 22 cm de comprimento e é bem fundo, com 1,5 a 2 cm de fundura na parte média e o mais pequeno, o extremo, tem apenas 9 cm de comprimento; 1 no costado, à direita e acima do buraco lateral; 4 bem nítidos na segunda cova médio dorsal por diante da coluna do pelourinho, e ao lado mais 2 levemente marcados; 1 no rebordo esquerdo da mesma cova; 4 no cachão, ou nuca, entre a primeira cova médio dorsal e a cova da testa; mais 1, pouco nítido, na espádua esquerda.

A traseira da porca da vila apresenta um rebaixo, com rebordo em portada de arco redondo, tendo na sua porção alta um relevo que, quanto a nós, representa os testículos, logo encimados pelo ânus (Fig. 8-B).

A *porca da vila* é portanto um macho, um berrão, que se notabiliza por várias particularidades já referidas, e, sobretudo, pelas três covas, uma no meio da testa e duas na linha médio-dorsal, das quais, a posterior, destruída em parte, comu-

nicava amplamente com a cova lateral que se abre no flanco direito (1).

Parece pois que a cova lateral daria saída aquilo que fosse lançado na cova dorsal, que, de tal modo, desempenharia como que o papel de funil. Registe-se que tanto a cova dorsal como a lateral, bem como a comunicação entre as duas, estão bem polidas (2).

Vem a propósito lembrar uma figurinha de barro cozido, representando uma porca e tendo no dorso uma abertura com tampa de pedra, que vem publicada na fig. da pág. 13 do livro *Memórias de Turquel* de José Diogo Ribeiro, Porto 1908. O desenho desta porquinha foi também publicado no livro de Cartailhac *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, e também no artigo *Préhistoire, do Nouveau Larousse Illustré*.

(1) A chamada *Porca de Murça*, como vimos e as fotografias das Figs. 36 e 37 da Est. III bem mostram, tem na face lateral direita, sensivelmente a meio do corpo, uma cova que se assemelha à da *Porca da vila*.

José Ramon y Fernandez no seu trabalho *Nuevos verracos toledanos*, actas do «V Congreso Arqueológico Nacional», Zaragoza, 1959, a páginas 118 a 120 estuda uma notável parelha de *verracos*, de El Bercial, macho e fêmea, esculpidos no mesmo bloco de «piedra barroqueña», unidos na mesma peanha. Destes dois porcos o da esquerda tem a meio do dorso «una cazoleta profunda» e do lado esquerdo do corpo um pouco abaixo da linha média lateral, uma cova mais superficial. A meio do sulco de separação dos lombos conserva-se fortemente cravado um ferro «que debió servir para asegurar el fuste de una cruz con la que este monumento fué cristianizado y que soportó hasta hace poco tiempo». Refere ainda que este verraco «tiene otra oquedad sobre la cabeza, pero esta puede ser posterior».

Verifica-se pois que este *verraco* apresenta, como a porca da vila do pelourinho de Bragança, uma cova profunda a meio do dorso e uma cova mais superficial do lado esquerdo do corpo, um pouco adiante do meio do corpo. Outra similitude, que também se pode considerar, é uma cova na cabeça. Embora o A. admita que pode ser considerada posterior, pode bem ser que o não seja.

(2) Para que serviriam estas covas?

Lembrando que era junto da *Porca de Murça* que ao senhor donatário os moradores pagavam o foro de três arráteis de cera, pode sugerir-se que, talvez, as covas da porca da vila tivessem servido de medidas.

*

O Prof. Leite de Vasconcelos, nas *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, págs. 22-24, refere-se «à porca do pelourinho de Bragança, assim dita por ter cravada a meio do corpo a coluna do pelourinho, e que em Bragança tem o nome de *porca da vila*, porque a parte da cidade onde ela está chama-se vila».

As medidas que lhe foram enviadas, dá-as nos seguintes termos: Segundo me diz o sr. Albino Pereira Lopo as dimensões do mostrengo são as seguintes: comprimento máximo 2,05 m; altura máxima 0,67 m; grossura ou espessura 0,50 m. Diz que «ao longo do dorso tem três covinhas de 0,10 m a 0,23 m de diâmetro e 0,10 m de altura» e que no sítio em que passa a coluna do pelourinho há um vestígio de outra cova. No flanco direito há outra cova bem como no meio da testa». Diz que «estas covas talvez não sejam acidentais pois se encontram, como direi adiante, em análogos monumentos em Espanha».

Indica as seguintes revistas que têm publicado desenhos da porca da vila, a saber: «*O Ocidente*, I (1878, 100; Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1898-1899, pág. 172) artigo do sr. A. Pereira Lopo, reproduzido no livro *Bragança e bemquerença*, onde corresponde às págs. 21-22; n-*A nossa Pátria*, n.º 3, de 1 de Fevereiro de 1905».

Publica um bom desenho, feito pelo Eng.º Rego de Lima, e acrescenta que à *porca da vila* não andam ligadas quaisquer lendas.

O Abade de Baçal, nas suas Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança, Tomo IX, pág. 520, publica a fotografia do pelourinho de Bragança, alude à *Porca da Vila* nele incorporada, e diz que o pelourinho que estava em frente dos antigos Paços do Concelho (*Domus Municipalis*) foi mudado pelos anos de 1860 para a Praça de Santiago, onde agora se encontra, distanciada do anterior local cerca de duzentos metros.

O porco de Faílde

Faílde é freguesia do concelho de Bragança e fica a 17 km a sul da sede do concelho.

O berrão de Faílde está coberto de líquenes o que dificulta a apreciação da natureza do granito em que foi modelado, que, no entanto, me pareceu de grão médio. Foi mutilado por quebra das patas de que restam pequenas porções. No focinho tem duas leves mutilações, bem como muitas covas de picotado no terço posterior do lado direito, como mostra a (Fig. 49-A, Est. x).

Tem um grande sulco, quase recto, ao longo do espinhaço (Fig. 49-B, Est. x).

No pescoço apresenta uma goteira funda de 4 a 5 cm de boca e 4 cm de profundidade, que se continua para baixo e um pouco para diante indo formar o rebordo da queixada.

Tem narinas.

A boca está ligeiramente indicada por um sulco ténue.

Não tem olhos nem orelhas, embora do lado esquerdo, como se vê na Fig. 49-B haja um pequeno saliente que pode ser tomado como um esboço da orelha.

Na traseira, que mede 56 cm de altura por 27 cm de largura, há um rebaixo em arco que marca a separação das patas. Acima do arco ressaltam as saliências testiculares, e mais acima uma covinha cônica representando o ânus (Fig. 49-C).

Este berrão tem de comprimento 1,23 m; de altura na vertical das patas anteriores 51 cm e das posteriores 55 cm.

Albino Pereira Lopo, no seu artigo *Uma jornada arqueológica*, publicado em «O Archeólogo Português», Vol. XI, Lisboa, 1910, págs. 328 a 333, alude ao berrão de Faílde. Na pág. 333 diz contar regressar a Faílde para «tomar conta do porco ou porca de granito que está fazendo parte de uma das paredes da fonte próxima».

Só foi pena que Pereira Lopo não especificasse a posição do berrão na parede. As condições em que estivesse poderiam

ser de simples pedra a fazer parede, ou em posição tal que permitisse inferir do seu significado mítico protector, p. ex. da perenidade da fonte, ou conferindo à água virtudes especiais.

O Abade de Baçal, nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, Tomo ix, pág. 543, alude a este berrão que diz andar por Failde aos tombos, umas vezes metido nas paredes das propriedades, outras vezes lançado pelo rapazio travesso à poça da povoação.

O Abade de Baçal no Tomo x das mesmas *Memórias*, págs. 764-765 volta a tratar do porco de Failde do qual diz: veio alfim para o Museu de Bragança em Dezembro de 1935, após laboriosíssimas interferências do grande benemérito José Montanha. Acrescenta: «É de granito e macho, marcação sexual bem acentuada, e, como arte, rudíssimo exemplar da escultura lusitânica pré-histórica. As suas dimensões são: comprimento 1,20 m, altura máxima 0,50 m, diâmetro ⁽¹⁾ na barriga 1,30 m».

O berrão do adro de Coelhooso

Coelhooso é freguesia do concelho de Bragança, que fica a cêrca de 27 km a sul da sede do concelho por estrada.

Ao lado da igreja, e quase encostado à parede da mesma, está o resto, muito mutilado, de um quadrúpede esculpido em granito de grão médio, que, visto à lupa, mostra grãos de quartzo, mica branca, alguns cristais de feldspato e um mineral negro, granuloso, que não pude discriminar.

Não tem cabeça e tem as patas quebradas. Informaram que quando mudaram o *berrão* — é assim que o designam — foi retirado do meio do largo, a que não se pode propriamente chamar adro, pois não está murado, para junto da parede da igreja onde agora se encontra. Um pouco das patas, coisa de uma mão travessa, ficou enterrado.

(1) Este diâmetro deve ser substituído por perímetro.

A traseira foi mutilada. Há uma grande falha, por lasca saltada, que interceptou a região anal e infra anal (Fig. 53, Est. XII). Assim desapareceu a zona onde normalmente está esculpido o sexo. Resta apenas um saliente que poderá, talvez, considerar-se como resto da proeminência testicular.

O lombo é plano, tanto que, à primeira vista, dá a impressão de um banco e não de estátua de quadrúpede (Est. XII, Fig. 52).

A linha ventral entre as patas é arqueada e sem qualquer ressalto ou saliente.

No dorso há uma covinha, mal feita, na vertical do meio das patas anteriores.

O corpo vai alargando de diante para trás, e assim a largura no aprumo das patas anteriores é de 38 cm, a meio da barriga de 44 cm e à traseira, no aprumo das patas posteriores, é de 47 cm.

Perímetros: nas axilas 1,46 m, a meio da barriga 1,44 m e nas virilhas 1,48 m.

Ninguém sabe de onde veio este berrão. No entanto registre-se que fica perto o Castro Mau, que faz extrema com o termo de Parada de Infanções, a cerca de um quilómetro, se tanto, para norte. Na curva da mina, ao lado da estrada, fica outro castro, o Cabeço dos Mouros ou Castrilhão.

É possível que se trate de um macho, embora, como se disse, uma grande lasca arrancada na traseira tenha destruído a zona onde poderiam ter sido esculpidos os órgãos sexuais.

O berrão do adro de Parada de Infanções

Parada de Infanções é freguesia do concelho de Bragança, fica a sudeste da sede do concelho a cerca de 15 km.

Ao lado da igreja, no adro, está um quadrúpede de pedra, por isso designado pelo povo *Berrão do adro*, ou ainda *Berrão da Coberta*, pois, como me dizia o meu informador local, toda a gente sabe que são os berrões que fazem a cobrição das porcas.

Ninguém soube dizer-me de onde teria vindo aquela estátua de pedra ⁽¹⁾. Registe-se que a uns dois quilómetros, indo para Izeda, há o Castro de Cidadêlhe ou de Ciradêlhe, e, mais perto, para baixo da povoação, numa ladeira, há o Castro Mau, Castro Mu ou Castro Mouro, com uma das vertentes sobre o rio Sabor.

Pela configuração, posição da cabeça e outras particularidades anatómicas, como veremos, trata-se de um touro, a que no entanto não foi esculpido o rabo lançado em arco sobre o lombo, como tantas vezes aparece, e se vê, por exemplo, nos touros de Ligares e de Vila de Sinos, que se conservam no Museu de Bragança, e no touro de Malhadas implantado na cumieira duma casa ao lado da igreja de Malhadas.

Apesar da configuração de bovino, que é flagrante, toda a gente insiste em chamar-lhe berrão (Est. XIII, Figs. 54, 55).

Foi esculpido em granito de grão grosso com mica branca e numerosos grãos de quartzo.

Tem de comprimento 1,65 m; é de crer que tenha grande peanha que está enterrada. Altura na vertical das patas anteriores 77 cm e no aprumo das posteriores 83 cm.

Tem o dorso em grande parte aplanado por um rebaixo que começa a meio do corpo e termina para trás por um rebordo de 5 cm de altura, a 43 cm da parte posterior. O rebaixo tem de largura 32 cm e de comprimento 46 cm. Para diante do rebaixo, do aplanado do dorso a meio do corpo, há quatro covinhas, Est. XIV, fig. 56, dispostas em fiada um

(1) O Abade de Baçal, nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, Tomo IX, Porto, 1943, pág. 705, informa que, «segundo diz o povo; da *Fraga do Berrão*, no Cabeço da Anta, situada entre o termo de Pereiras, freguesia de Rebordainhos, concelho de Bragança, e as povoações de Soutelo Mourisco e Bousende, ambas do concelho de Macedo de Cavaleiros, teriam sido levados dois porcos, «pelo teor do da vila de Bragança», um para Parada de Infanções, e o outro para Vale da Porca, povoação do concelho de Macedo de Cavaleiros».

tanto arqueada, e distanciadas a 2.^a da 1.^a 7 cm, a 3.^a da 2.^a 19 cm e a 4.^a da 3.^a 18 cm, ficando a última na vertical do meio do pescoço. Há outra covinha na quebra do lombo para a traseira, a uns 6 cm do ânus.

A cabeça é grande, pendente e com focinho amplo, como é próprio dos touros. Na parte alta da cabeça, quase na altura da nuca, há dois buracos, um de cada lado; o da direita com 6,5 cm de diâmetro de boca e o da esquerda com 5 cm de diâmetro; ambos com 6 cm de fundo. Abaixo 9 cm há duas covinhas com 2,5 a 3 cm de diâmetro e pouco fundas, que devem representar os olhos (Est. xiv, Fig. 56).

A meio do focinho a boca está marcada por um sulco que segue, aos lados, para cima.

Tem barbela que vem do meio da queixada até ao meio das patas anteriores. As patas, tanto as anteriores como as posteriores, estão bem marcadas por ressaltos no granito.

A traseira é quase aprumada e nela se vê no alto um buraco de contorno elíptico de eixo maior vertical, de 5 cm por 4 cm, e fundo, que representa o ânus. Abaixo 12 cm, por baixo do arco do rebaixo, feito para realçar as pernas, vêem-se dois salientes assimétricos, que representam os testículos, o maior da direita, com quase 12 centímetros de comprimento (Est. xiv, Fig. 58), está íntegro. O esquerdo esmurrado.

Perímetros: Na axila 1,62 m; a meio da barriga 1,61 m; nas virilhas 1,67 m.

Trata-se, sem a menor dúvida, de um touro a que, inclusive, não faltam a meio das patas posteriores os curvilhões, e na linha mediano sagital do abdómen um saliente, embora não muito acentuado, que deve marcar o meato urinário ou fôrro peniano.

1 — Um outro berrão diz-se que está incorporado na parede da igreja de Parada de Infanções.

2 — Corre na tradição local ter havido um terceiro berrão que em tempo esteve em Parada de Infanções e teria sido levado para Vale da Porca.

Não souberam informar-me se de facto existe em Vale da Porca, e as cartas que para ali escrevi a pedir esclarecimentos não tiveram resposta.

O Prof. Leite de Vasconcelos, nas *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, págs. 15 a 43, no capítulo «Figuras de pedra que representam animais», trata de vários berrões trasmontanos.

Nas págs. 24-25 fala do «Berrão do Adro» de Parada de Infanções, do qual dá as dimensões: «Maior comprimento 1,63 m; maior altura traseira 0,95 m; altura sobre as espaldas 0,86 m; espessura no ventre 0,46 m». Diz que as alturas não são rigorosas «pois o monumento está em parte enterado». Informa que tem olhos mas nem boca nem ventas, e no dorso algumas covinhas, dispostas irregularmente, que «talvez não sejam intencionais». Publica um esboço da estátua que lhe mandou um amigo.

É de muito interesse o que se lê na pág. 25 quanto à existência de outro berrão, e é o seguinte: «Segundo uma lenda que ouvi na localidade em 1884, havia outrora naqueles sítios um porco e uma porca, de que se pagavam grandes tributos não sei a quem; por causa disso meteram a porca na parede da igreja e deixaram o porco cá fora».

É possível que o Prof. Leite de Vasconcelos, tantas vezes observador metuculoso e atento, não tenha observado atentamente aquela estátua, pois veria, imediatamente, que se tratava de um touro, e que as covinhas, perfeitamente cónicas e bem polidas, devem ser consideradas como intencionais.

O Abade de Baçal, nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, Vol. IX, pág. 705, no artigo «Pereiros», povoação da freguesia de Rebordainhos do concelho de Bragança, diz que entre a povoação de Pereiros e as de Soutelo Mourisco e Bousende, estas do concelho de Macedo de Cavaleiros, há um Cabeço ou Serra da Pena Mourisca, e nela fica o sítio chamado Cabeço da Anta.

«Perto do Cabeço da Anta fica a Fraga do Berrão, assim chamada, segundo diz o povo, de ali haver dois porcos, pelo

teor do da vila de Bragança, que foram levados: um para Parada de Infanções, e é o Berrão do Adro, ainda lá existente, e o outro para Vale da Porca, povoação do concelho de Macedo de Cavaleiros».

O Abade de Baçal no mesmo Tomo IX, pág. 544, no capítulo «Porco — O nosso irmão porco», pág. 541 a pág. 554, cita os vários porcos de pedra trasmontanos e entre eles, a págs. 544-545, o de Parada de Infanções, que diz ser um quadrúpede em granito e estar no adro da igreja paroquial, «a que chamam Berrão do Adro, se bem que a vulva indicando o sexo feminino, está nitidamente marcada. Dimensões: 1,63 m de comprimento, 0,95 m de altura e 0,46 de largura no ventre. No dorso tem algumas covinhas, que também se encontram na Porca da Vila de Bragança e em quadrúpedes similares de Espanha».

Refere a informação do povo que havia também um macho que foi metido na parede de igreja, e que a razão de tal emparedamento teria sido ou pelo escândalo que causavam os seus testículos, grandemente avultados, ou por causa dos tributos que se pagavam por tais quadrúpedes.

Outra referência ao Touro de Parada de Infanções pode ver-se no artigo *Monografias bragançanas, IV, Parada de Infanções*, do Dr. Francisco Felgueiras, in *Boletim de Informação e Estudos Regionalistas AMIGOS DE BRAGANÇA*, 3.^a série, n.º 6, Outubro 1966, Bragança, 1966, pág. 18 a 29. Na pág. 20 vem publicada uma fotografia do touro de Parada de Infanções, e, na pág. 27 a ele se refere, chamando-lhe «a porca de Parada ou berrão do adro».

Diz que apresenta os caracteres femininos nítidos, e que havia outra escultura semelhante, mas, pelo escândalo que causava a ocultaram nos muros da igreja. E acrescenta: «Há quem não seja deste parecer, porquanto afirmam que o seu desvio se deve à necessidade de evitar o pagamento de tributos a que estavam sujeitos estes quadrúpedes».

Registe-se a teima de considerar como porca aquele touro, com testículos bem esculpidos e pendentes, em posição baixa, como é próprio dos bovídeos.

O mesmo se observa em vários outros casos, como referimos, de quadrúpedes de pedra, com testículos avultados, serem erroneamente considerados como fêmeas, isto é, sempre porcas.

CONCELHO DE CARRAZEDA DE ANSIÃES

O porco de mármore, ou porco da fonte de Linhares

Linhares, freguesia do concelho de Carrazeda de Ansiães, é terra de nobres tradições. Já no séc. vi era lugar importante. Linhares e Ansiães são as primeiras terras do distrito de Bragança que têm foral dado por D. Fernando I, O Magno, de Castela (1055-1065). Vd. *Portugalia Monumenta Histórica, Leges et consuetudines*», pág. 343.

Ao porco de mármore de Linhares, ou «porco da fonte», referiu-se o Abade de Baçal a pág. 544 do Vol. ix das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, onde transcreve das *Memórias de Ansiães*, do Padre João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto ⁽¹⁾, a seguinte passagem:

«E indo da igreja de Linhares, concelho de Carrazeda de Ancião, que ora he matriz para o bairro, que chamam Sampayo pela caza desta nobre família habitada nela perto da mesma igreja está uma fonte de cantaria à maneira de poço cuberta com arco de abobeda profundíssima que apenas colhe a vista ver hum canto dela hum grande buraco, porque parece caber hum homem, e dali para baixo se vê por ele mais agora, em acasioens que se despeja e limpa, esta parte superficial para que se desce por huma bem feita escada de cantaria, com cordas huma grande altura, que tem a tradição tapar-se com uma grande lancha que faz solhado aquela parte superficial, para que caindo dentro alguma cousa se pudesse tirar.

«Dentro desta parte superficial estava feita de pedra mármore a figura de hum porco de pé (donde esta fonte o nome

(1) Padre João Pinto de Moraes, reitor de S. João Baptista, extramuros de Ancião e António de Sousa Pinto, *Memórias de Ancião*, 1721, Biblioteca Nacional de Lisboa, Relação de Vila Real, códice A-6-8, N.º 222. Apud, Padre Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*.

de fonte do Porco) a qual alimpandosse ha vinte anos por o plebeo daquele lugar inadvertidamente foi tirada fora, e lhe quebraram a cabeça e a parte do corpo está por tapamento de hum quintal que ficou de Domingos Monteiro Gomes daquele julgado da parte dele».

Fui a Linhares em Abril de 1959 em demanda do corpo do porco de mármore.

Foi infrutífero o inquérito a que procedi in loco.

Ninguém sabia da existência do corpo de tal porco a fazer parede de vedação em qualquer quintal.

Porém soube, nessa data, que o erudito linharenses, João de Castro, se interessara por tudo quanto dizia respeito a Linhares e à sua história.

O Sr. Virgílio de Castro, então residente em Lamego, a quem escrevi, comunicou-me que, apesar de minucioso exame aos manuscritos e apontamentos de seu falecido pai, João de Castro, de Linhares, nada encontrou que possa esclarecer sobre o paradeiro do porco de pedra que teria dado o nome à chamada Fonte do Porco.

Há pois que concluir pelo seu total desaparecimento.

A velha *Fonte do Porco* foi reconstruída, alterando completamente a sua original estrutura. Passou a chamar-se Fonte Nova. Em Vimieiro, concelho de Mirandela, como informa o Abade de Baçal, nas suas *Mem. Arq.-Hist. do dist. de Bragança*, T. x, 1938, pág. 238, há também uma *Fonte do Porco*.

Àquele porco e à transcrição das «Memórias de Anciães» me referi no trabalho *Gravuras rupestres de Linhares-Ensaio interpretativo* ⁽¹⁾ feito de colaboração com o Prof. Arquitecto Rogério Azevedo.

No termo de Linhares depois de passar o sítio das *Presas* e depois o sítio do *Penedo que bole*, fica o sítio das ferraduras

(1) J. R. dos Santos Júnior & Rogério Azevedo, *Gravuras rupestres de Linhares — Ensaio interpretativo*, in Sep. dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», fasc. 1 e 2, Vol. xviii, Porto, 1960, 24 págs. e 4 figs.

e nele a *Fraga das ferraduras* que estudei em 1933 ⁽¹⁾. Naquela fraga estão gravados 55 sinais e 2 covinhas. Naquele conjunto apartamos 10 sinais que reputamos como símbolos alfabéticos. No entanto escrevemos: «Por ser ainda nevoenta a significação de muitas das gravuras rupestres, só novas descobertas permitirão confirmar ou infirmar a hipótese alfabética».

Pois bem, o Prof. Arq.^o Rogério Azevedo, que com afinco e grande entusiasmo, há muitos anos se tem dedicado ao estudo da filologia arcaica, especialmente do *Onomástico Ibérico* ⁽²⁾, baseado no desenho que fiz daquelas gravuras, considerou aqueles sinais gravados na pedra, como alfabéticos em dialecto eolo-dórico, e admitiu que naquela fraga «se pode ler várias vezes, ou singelamente — o porco — e — ó porco, ou frases como estas: *todos os porcos — orelhas de porco* (ou seja orelheira) *a ti porco qualquer! — etc.*» ⁽³⁾.

A seguir, considerando aquela sua interpretação como pura hipótese, escreveu: «Se está certa a leitura que fazemos, e disso estamos (R. A.) plenamente convencidos, é lógico considerar que aquela pedra das ferraduras de Linhares, evidencia um local de consagração com afluência de crentes para o culto do porco».

Verifica-se, como dissemos, que em Linhares existiu um porco de pedra mármore na fonte a que deu o nome.

Rogério de Azevedo só teve conhecimento do porco de mármore muito depois da leitura que fez dos alfabéticos rupestres da «Fraga das Ferraduras».

Pelo que se disse no referido trabalho, pode admitir-se que a Fraga e a estátua de mármore do porco, estariam conjugadas

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Gravuras rupestres de Linhares — A Fraga das Ferraduras*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, fasc. 2.^o, Vol. vi, Porto, 1933, págs. 141 e 148 e 4 figs.

(2) Rogério de Azevedo, *Onomástico Ibérico* — (Tentativa etimológica), Porto, 1958, 320 págs., 33 figs.

(3) J. R. dos Santos Júnior & Rogério Azevedo, *Gravuras rupestres de Linhares — Ensaio interpretativo*, cit, pág. 12.

no mesmo culto ao porco, o animal mais prestadio da culinária trasmontana e base sólida da sua economia doméstica ⁽¹⁾.

Tratar-se-á pois de dois documentos de pedra a atestarem zoolatria porcina.

A veneração e subsequente adoração dos animais, começou, muito naturalmente, por acto de reconhecimento pelos benefícios recebidos.

Do alto apreço pelo animal prestadio, como escreveu o Abade de Baçal ⁽²⁾, sobretudo em espíritos materializados, facilmente se passa ao culto, à adoração, ao reconhecimento de predicados de *nume* tutelar, e acrescenta: «os mais elevados em concepção espiritual para lá caminham, vendo nestas criaturas a providência do Criador».

O leitãozinho de pedra de Tralhariz

Tralhariz é uma aldeia do concelho de Carrazeda de Ansiães que fica sobranceira ao Castanheiro do Norte e a poente da estrada do Tua a Carrazeda.

O meu amigo sr. Joaquim de Carvalho, de Parambos, em cartas de 7 e 21 de Novembro de 1935, acedendo, gentilmente, ao meu pedido sobre a existência e paradeiro de um berrãozinho de pedra que me haviam dito aparecera em Tralhariz, informou-me do seguinte.

Que, de facto, em Tralhariz, na Quinta da Ribeira, ao plantarem uma vinha, aparecera uma grande sala com bancos de pedra, telhões, tubos de barro, cerâmica pintada e um «leitãozinho de pedra».

Numa das referidas cartas o sr. Joaquim de Carvalho diz: «o leitãozinho foi posto na mesa no aniversário do bisavô de meu cunhado».

⁽¹⁾ A criação do porco doméstico é tão geral em Trás-os-Montes, que bem o atesta o seguinte dizer trasmontano, referido a pessoa abatida, acabrunhada e triste. — *Aquele tem cara de quem não mata porco.*

⁽²⁾ Padre Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Vol. IX, cit., pág. 552.

Parece pois inferir-se que aquela estatueta devia ser pequena e poder classificar-se no grupo dos *berrõezinhos*.

O local do achado na Quinta da Ribeira foi arrasado.

Não se sabia, em 1935, do paradeiro do «leitãozinho».

No Verão de 1974 fui a Tralhariz.

Inquiri várias pessoas que confirmaram o achado de «antiguidades» na Quinta da Ribeira, mas ninguém soube dar indicações do paradeiro do «leitãozinho» ali achado aquando da plantação da vinha.

Em 25 de Março de 1975, voltei a Tralhariz.

O inquérito quanto ao porco de pedra e seu paradeiro, foi nulo, pois ninguém deu conhecimento da existência de tal porco.

Por outro lado, todas as pessoas que inquiri foram unânimes na afirmação de na Quinta da Ribeira, ao fundo do Picôto da Aia, ter aparecido um porco de ouro, juntamente «com um mosaico de pedrinhas miúdas».

Um informador foi mais pormenorizado, quando afirmou: «apareceu um leitãozinho de ouro num escavado (sic) da fraga, ao fundo do Picôto da Aia, há mais de cinquenta anos».

Tal achado deve ter sido há bem mais de 50 anos, porquanto várias pessoas, «una voce», afirmaram que «o porquinho de ouro foi para a mesa do Rei D. Carlos quando ele se casou».

Que sumiço levou tal porquinho, se é que, de facto, existiu.

CONCELHO DE CHAVES

Os dois porcos (?) de pedra de Mairós

Mairós é freguesia do concelho de Chaves, situada na fronteira galaico-portuguesa e distante 16 km a norte da sede do concelho.

É terra rica de achados arqueológicos. Ver Padre Francisco Manuel Alves, *Chaves — Apontamentos arqueológicos*, Gaia, 1931 e J. R. dos Santos Júnior, *A cerâmica campaniforme de Mairós* (Trás-os-Montes), in «Homenagem a Martins Sarmento», Porto, 1934, pág. 364 a 372 e 3 figs.

O Abade de Baçal, a pág. 545 do Vol. IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, informa que em Mairós, na casa da família Aires na Rua das Carcavelhas, «há metidos na parede, junto ao cimo, duas esculturas representando quadrúpedes no tipo dos porcos».

Diz que aquela casa lhe serviu de residência paroquial durante os sete anos (1889-1896) que paroquiou Mairós, e lhe disseram que aqueles quadrúpedes foram encontrados no sítio da Tróia.

Este sítio, que em 1934 visitei com o Prof. Mendes Correia e o dedicado companheiro e amigo Rui de Serpa Pinto, é um castro.

Verifica-se pois que aqueles dois quadrúpedes no tipo dos porcos de pedra, provieram do castro da Tróia (1).

(1) Com este trabalho orçamentado e já em provas de página, pude ir a Mairós (27 de Out. de 1975) e ver os tais «quadrúpedes no tipo dos porcos». De facto não se trata de esculturas de porcos mas sim de animais diferentes, que o povo de Mairós considera, e com alguma razão, lobo e raposa. Estão encravados no alto dos cunhais da casa, junto do beiral do telhado. Um deles, o considerado lobo, no cunhal sobranceiro à escada de pedra que leva ao primeiro andar, na outra esquina e escultura da chamada raposa. São ambas figuras estranhas, parcialmente mutiladas que cumpre salvar, porquanto informaram ter estado ali um indivíduo que ofereceu pelas duas pedras uns milhares de escudos.

CONCELHO DE FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

Os dois berrões de Almofala

Almofala é freguesia distante 12 km a leste da sede do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a que pertence.

Um almofalense, que fizera fortuna no Brasil, mandou construir uma capela dedicada a Santo André no cimo de um velho castro, antigo castelo dos mouros, que fica a uns 3 km a norte de Almofala.

Aquele monte, agora chamado de Santo André, que é um castro, fica no alto de extensa e empinada ladeira sobranceira ao rio Águeda que corre no fundo, e faz fronteira com a Espanha.

Sem que me soubessem dizer porquê, àquele vale subjacente chamam *vale das mulheres* ⁽¹⁾ e a um monte do lado poente *monte da ladraria*.

Na cêrca murada do monte de Santo André, dum lado e do outro de um portão de ferro que fecha o caminho que leva à capela, há dois porcos de granito, em cima da parede, voltados um para o outro (Est. xv, Fig. 59).

Trata-se de facto de dois porcos, embora o vulgo considere um deles como touro. Tanto assim que corre em Almofala a crença de que no monte de Santo André há um grande tesouro, crença expressa do seguinte modo: *No monte de Santo André, entre o porco e o touro, há um grande tesouro do rei mouro*.

Chamaremos ao berrão da esquerda de quem chega, berrão n.º 1 e n.º 2 ao da direita.

(1) Não me explicaram a razão de ser de tal designação. Lembro que na Serra da Estrela, a seguir à Nave de Santo António há o Covão da Mulher. No livro *De terra em terra* do Prof. Leite de Vasconcelos, Lisboa, 1927, Vol. I, pág. 184 lê-se: «O Covão da Mulher, diz Tavares de Proença Júnior, que tirou o nome de uma mulher que ali viveu numa cabana».

1 — Berrão de granito de grão fino, muito mutilado, sem cabeça, sem peanha e com as patas quebradas na metade inferior (Fig. 9 e Est. xv, Fig. 60).

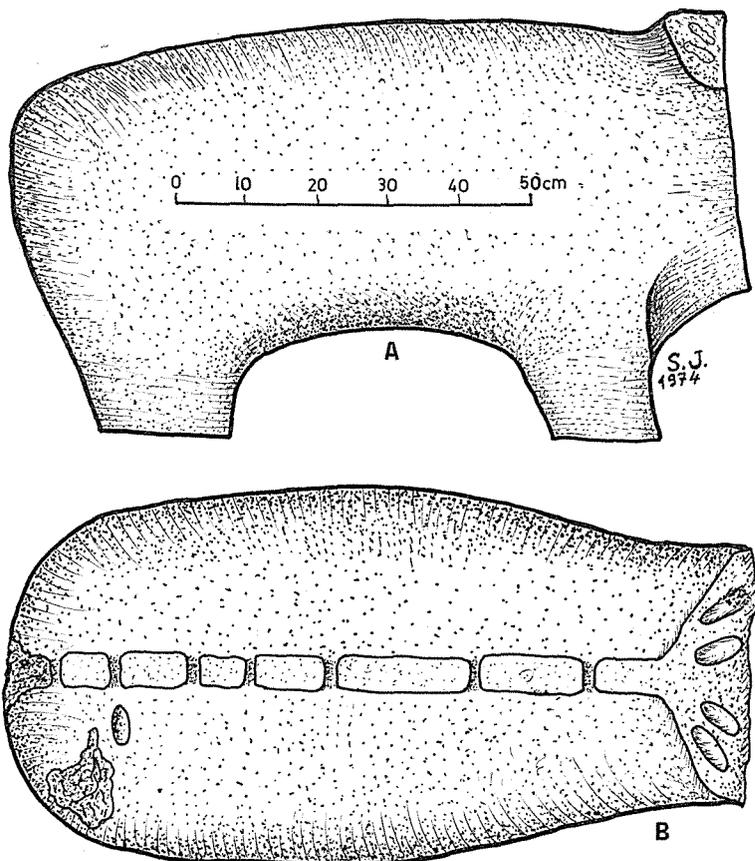


Fig. 9 — Berrão n.º 1 de Almofala, do Monte (Castro) de Santo André. Figueira de Castelo Rodrigo.

De corpo muito roliço e rotundo tem 52 a 53 cm de largura a meio do corpo.

A cabeça foi decepada pelo pescoço. A superfície resultante é irregular, de contorno elíptico com 41 cm de alto por 30 cm de largo.

Tem crista raquidiana com 4 a 5 cm de largura, saliente de pouco mais de um cm, aplanada, com 7 cortaduras, que adiante, na caluga ou cachaço, se continua com um saliente com expansões laterais, o pouco que resta das orelhas (Est. xvi, Fig. 61-D). Nestas expansões há quatro covinhas elípticas em goteira, duas de cada lado (Fig. 9-B). A última do lado esquerdo parcialmente picotada. Há outra covinha, também elíptica na parte posterior do lombo à direita do espinhaço, e outra entre o primeiro e o segundo entalhes, ou seja, no primeiro sector do saliente (Est. xvi, Fig. 61-B).

As 7 cortaduras da crista raquidiana seguem-se, de diante para trás, distribuídas segundo se indica no desenho da Fig. 9-B. A crista raquidiana ao descair para a traseira foi levemente mutilada (Fig. 9-B e Est. xvi, Fig. 61-B).

A traseira é aplanada, cortada quase a prumo, um pouco descaída para diante.

Tem ânus e saliente testicular.

As patas dianteiras, direita e esquerda, estão realçadas por superfície aplanada de separação.

As patas posteriores não mostram o menor indício de separação.

Este berrão mede de comprimento 1,05 m. De altura na vertical das patas posteriores 56 cm e das anteriores 64 cm. Perímetros: nas virilhas 1,65 m e nas axilas 1,74 m.

2 — Berrão de granito de grão médio, está coberto de líquenes e de musgo. Melhor conservado que o anterior tem peanha que foi mutilada na parte dianteira, mutilação que interessou também as patas anteriores. Falta-lhe a cabeça e apresenta um lascado, por mutilação em goteira, no quarto posterior esquerdo (Fig. 10 e Est. xvii, Fig. 62-B).

A peanha tem 94 cm de comprimento e termina adiante em ponta; mede, no meio, 41 cm de largura e atrás 44 cm.

A superfície de fractura do pescoço é quase circular, pois mede 37 cm de altura por 32 de largura. O pescoço é pois cilindroide, como é próprio dos porcos.

Crista raquidiana em grande parte desgastada, especialmente na metade posterior, termina adiante nos salientes das orelhas, curtas, ponteadas e cavadas em concha.

Não tem sinais de separação das patas.

Tem *ronchos* nas patas posteriores, mais marcado na pata esquerda.

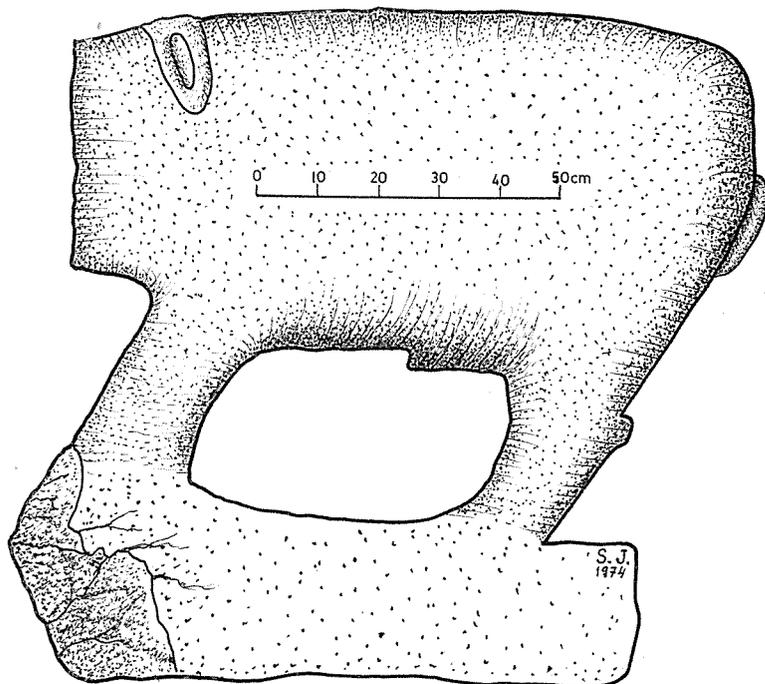


Fig. 10 — Berrão n.º 2 do Monte (Castro) de Santo André.
Figueira de Castelo Rodrigo.

Não tem ânus.

Grande massa dos testículos com uma covinha na linha média intertesticular.

Comprimento 1,30 m. Altura com a peanha, na vertical das patas anteriores, 1,18 m e na vertical das patas posteriores, 1,10 m. Largura a meio da barriga 51 cm. Perímetros: nas virilhas 1,74 m e nas axilas 1,78 m.

Pela forma roliça do corpo, pela superfície quase circular do pescoço, pelo volume e situação alta da massa testicular e pelos *ronchos* das patas posteriores, próprias de porco gordo, trata-se em nosso parecer, sem a menor dúvida, de um berrão.

Os berrões do monte de Santo André são portanto dois porcos e não um porco e um touro como corre no aforismo lendário citado, referente ao tesouro do rei mouro.

*

Ao Dr. Adriano Vasco Rodrigues, distinto professor do ensino secundário, cabe o mérito de ter sido o primeiro a dar notícia dos berrões de Almofala no seu trabalho *O culto da ganaderia a sul do Douro português*, publicado na «Revista de Guimarães», Vol. LXVIII, n.ºs 3-4, Julho-Dezembro de 1958, págs. 393-396, 2 figs.

Na pág. 394 o Dr. A. Vasco Rodrigues diz que foi o Sr. Padre José Augusto Fareleira quem o informou da existência daquelas duas esculturas de pedra no adro da capela de Santo André Apóstolo. Essa informação era de que se tratava de porcos e assim deu a notícia no artigo «O culto do porco ao sul do Douro português» publicado no jornal «O Primeiro de Janeiro» de 5 de Fevereiro de 1958, e acrescenta: «Um exame detalhado no local mostrou-nos tratar-se de um berrão e de um touro».

Deixou-se talvez influenciar pela tradição popular que, diz, tinha identificado estas esculturas com o seguinte terceto:

*Entre o porco e o touro
Está o tesouro
d'El-rei mouro.*

O facto é que se trata de dois porcos como tivemos ocasião de verificar quando ali estivemos em 25 de Setembro de 1974, e como expusemos nas descrições de cada um dos exemplares.

Têm marcado interesse as informações que o Dr. A. Vasco Rodrigues dá sobre achados feitos naquele castro, «muitos vestígios cerâmicos, cossoiros e até umas arrecadas de ouro. A cerâmica pareceu-nos castreja. Falaram-me também de uns fragmentos de ardósia com caracteres gravados, mas que eram latinos. Não pudemos comprovar esta informação. O que não nos deixou dúvidas foi tratar-se de um castro o local onde está situada a capela. Notam-se ainda vestígios de amuramento».

A circunstância de aquele monte de Santo André ser um típico castro permite supor que os dois berrões, que actualmente se encontram em cima da parede do adro da capela, devem ter sido encontrados naquele monte.

Será pois mais um caso a juntar a outros averiguadamente de origem castreja como são os berrões de Picote, do castro do Poio, os do castro do Monte de Santa Luzia em Freixo de Espada-à-Cinta, o chamado touro do castro do Baldoeiro ou *Castrum Baniensium* em Moncorvo, e o berrão do castro do cabeça da Senhora da Assunção em Vila Flor.

CONCELHO DE FREIXO DE ESPADA-À-CINTA

Os 15 berrões do castro do monte de Santa Luzia

O Monte de Santa Luzia é um velho castro que fica a uns 3 km a norte de Freixo de Espada-à-Cinta, no caminho para Mazouco, margem direita do Ribeiro da Coraceira.

Aquele monte é um cabeço suavemente cónico, não muito avultado, ou seja de encostas de pendor suave, a não ser para norte, onde a ladeira é empinada ao baixo, para o Ribeiro da Coraceira.

Na base do monte, do lado sudeste, há uma plaina com abundância de escórias.

À superfície vê-se cerâmica muito fragmentada e pedra miúda.

Aquele monte foi plantado de amendoeiras pelo avô do actual proprietário Sr. Elísio Óscar Capelas de Avelar, que tem sido bom companheiro, e guia, nas várias vezes que visitei aquele velho castro.

Aquando da plantação de amendoeiras teriam aparecido muitas sepulturas. Corre na tradição que além de muitas pedras, maiores ou menores, que foram arrumadas em paredes ou calços, apareceram coisas de metal e bastantes moedas, entre elas algumas de ouro. Nessa altura teria mesmo aparecido um porquinho de pedra com sua peanha, em perfeito estado de conservação, e que o achador prontamente teria feito em estilhas.

Nas paredes onde foi arrumada a pedra escavada, e a que todos os anos vai aparecendo na ocasião das lavras, numa das minhas visitas apanhei duas mós e mais as três pedras reproduzidas nas Est. XVIII e XIX além de vários destroços de porcos e três touros de pedra.

A Fig. 63 da Est. XVIII, da pedra que numa ida ao Monte de Santa Luzia encontrei em cima numa parede, faz lembrar os ídolos neolíticos sem boca, e seria, provavelmente, a cabeceira numa lápide sepulcral.

Há dois achados no concelho de Moncorvo que se podem pôr em paralelo e que foram publicados pelo Prof. Leite de Vasconcelos, no trabalho *Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português*, in «O Archeólogo Português», Vol. xv, Lisboa 1910.

Um desses achados, reproduzido na Fig. 4-a da pág. 34, é uma pedra com 30 a 31 cm de altura, largura máxima 23 cm e espessura de 5 a 7 cm, que apareceu na Quinta do Couquinho, termo da Vide, concelho de Moncorvo, a que, como o Prof. Leite de Vasconcelos escreveu, «O povo chama-lhe naturalissimamente a *carranca*». Tem esculpido os dois olhos com um sulco mediano que se pode interpretar como o nariz com um traço no alto, as sobrancelhas, e outro traço no topo inferior do sulco mediano, a boca. Três traços arqueados seguintes podem considerar-se como colares.

O outro achado Fig. 5-a, pág. 35, é descrito pelo Prof. Leite de Vasconcelos, sem indicar a natureza da pedra, nos seguintes termos: «Cara muito tosca onde os olhos estão representados por duas cavidades, e o nariz por uma saliência oblíqua. Altura 0,35 m; largura 0,19 m; espessura 0,07 m. Este objecto apareceu no concelho de Moncorvo e foi também oferecido pelo Rev. José Augusto Tavares».

A outra pedra (Fig. 64, Est. xviii) é um pedaço de lápide, com a inscrição muito delida, a tal ponto que hesitei em pô-la na posição em que a fotografia a reproduz ou se rodada 180°, como parece ser melhor, pois na linha então cimeira parece ler-se SACCO.

A terceira pedra, reproduzida na Est. xix, lembra as insculpturas do dólme de Gravr'inis, na Bretanha Francesa que o Prof. Leite de Vasconcelos reproduz em desenho esquemático na fig. 6-a da pág. 36, do trabalho acima indicado.

O Sr. Elísio Capelas de Avelar, espírito dotado de curiosidade científica, conserva uma boa colecção de objectos que, de quando em quando, vão aparecendo nos trabalhos agrícolas, do amendoal do Monte de Santa Luzia, especialmente nas lavras, objectos que está na disposição de oferecer ao projectado Museu regional de Freixo de Espada-à-Cinta.

Na colecção referida há perto de meia centena de moedas romanas de bronze; 2 fíbulas de bronze; um alfinete de bronze de cabeça multifacetada, que parece ser um dodecaedro róm-bico; um chifre de bronze com 3 cm de comprimento, que certamente teria pertencido a uma estatueta de bovídeo; uma pequenina colher de bronze com 2 cm de comprimento; a mesa de um anel de bronze em forma de rim com 16 × 10 mm, tendo gravada uma figura que parece ser um lacrau.

Na mesma colecção vi contas de vidro branco, azul ou preto, de várias formas e tamanhos, um fragmento de vidro amarelado, cor de mel, e uma pequenina pedra de anel elíptica, de vidro róseo avermelhado, com cerca de 1 cm de comprimento por uns 6 mm de largura, com uma figura humana gravada.

Citarei por fim um pequeno pé de bronze, calçado de sandália com enfeites no peito do pé. Trata-se, provavelmente, do resto de estatueta feminina.

Em face do exposto não há dúvida que o castro do Monte de Santa Luzia deve ter sido fortemente romanizado.

No alto do monte houve, em tempo, uma capela consagrada a Santa Luzia. Contam os velhos que há 90 ou 100 anos, no dia da festa era dada uma fatia de pão e queijo, a todos os romeiros.

Corre na tradição local que a antiga povoação que ali existiu teve de ser abandonada, porque «as formigas comiam os olhos às criancinhas».

*

Provenientes do velho castro do Monte de Santa Luzia existem porções maiores ou menores de 15 esculturas zoomórficas de granito, atribuídas a 13 porcos e a 2 touros, todas de pequenas dimensões, que englobaremos na designação genérica de *berrões*, embora, como veremos, entre elas haja um focinho de javali e porções de touros.

Os 15 *berrões*, todos mais ou menos fragmentados, alguns dos quais reduzidos a bem escassas porções, foram colhidos ao longo dos anos e a sua conservação deve-se, em parte, ao interesse científico que mereceram ao sr. Elísio Capelas de Avelar que, gentilmente me permitiu estudá-los, pelo que aproveito a oportunidade de lhe testemunhar o meu agradecimento.

*

Faremos a seguir o estudo de cada um desses *berrões*, alguns bastante mutilados.

N.º 1 — *Berrãozinho*

Está esculpido em granito de grão fino. Falta-lhe a cabeça, bem como as patas dianteiras; na face ventral vê-se um ressalto de cerca de 1 cm que marca o início das patas na sua implantação torácica (Est. xx, Figs. 66 e 67).

As patas posteriores foram quebradas muito acima, do que resultou um plano de fractura oblíquo de baixo para cima e de diante para trás, que fez desaparecer a maior parte da região posterior, onde poderia ter sido esculpido o ânus e a indicação do sexo.

Este *berrãozinho*, muito mutilado, tem 18 cm de comprimento por 10 cm de maior altura, no alinhamento da parte anterior do pouco que resta das patas dianteiras.

O perímetro no plano médio abdominal é de 327 mm. A secção no plano desta linha pode dizer-se subrectangular, com 97 mm de largura no lombo, que é aplanado.

O lado esquerdo, como mostra a Fig. 66, tem 6 depressões em goteira, de fundo liso.

N.º 2 — *Berrãozinho*

Também esculpido em granito de grão fino e quase tão mutilado como o anterior. Falta-lhe a cabeça, as patas anteriores e a porção terminal das posteriores.

A cabeça foi decepada por plano de fractura recuado até ao nível do bordo anterior das patas torácicas (Fig. 68, Est. XXI).

Na traseira é bem patente, embora em parte mutilada, a saliência testicular, rodeada por sulco não muito fundo, mas largo de 2 cm, que define a porção mais alta das patas posteriores. Não tem orifício anal.

Tem 23 cm de comprimento por 14 cm de maior altura ao nível do bordo anterior do que resta das patas traseiras.

O perímetro abdominal na parte mais recuada, digamos, no plano das virilhas, é de 385 mm.

Ao comprido do dorso e um pouco à direita do espinhaço ou linha médio sagital, há um sulco rectilíneo bem nítido pelo menos numa extensão de 10 cm. Do lado direito, e ao comprido da anca, há outro sulco também rectilíneo que se nos afigura primitivo, e tem pelo menos 7 cm; a parte mais alta deste sulco vai morrer no extremo do lombo, junto de duas depressões mutilantes irregulares que mais parecem terem sido feitas à martelada do que a ponteiro ou a cinzel.

Do lado esquerdo há várias covas recentes, feitas a ponteiro por algum cubiçoso do tesouro, que, por imaginação gananciosa, sonhara existir dentro do berrãozinho (Fig. 68, Est. XXI).

N.º 3 — *Berrãozinho*

É também de granito de grão fino e melhor conservado que os anteriores.

A mutilação destruiu a parte inferior dos membros e a base ou peanha (Fig. 70, Est. XXII).

A cabeça pode considerar-se íntegra e nasce da parte anterior do corpo por 8 planos, que, pelo seu encontro, determinam arestas ligeiramente convergentes e um tanto boleadas, mas ainda bem patentes. Destes planos o superior tem, no seu início, um ressalto que, por assim dizer, marca o ponto onde começa a cabeça. O focinho, visto de frente, tem a forma dum octógono quase regular, se bem que os seus lados, ligeiramente maiores, sejam o superior e o inferior. Não há sinais de boca, nem de narinas, nem de orelhas.

A parte posterior, alargada e robusta, não mostra quaisquer sinais de ânus ou de órgãos sexuais.

No lado direito vêem-se 9 depressões em goteira umas de fundo mais liso do que outras (Fig. 70, Est. xxii).

No lado esquerdo só há duas destas goteiras na parte posterior do quadril, que foram talhadas em disposição convergente formando um V de ramos muito abertos para trás (Fig. 71, Est. xxii).

Mede de comprimento 215 mm, e de altura maior, ao nível das patas posteriores, 150 mm. O perímetro abdominal é de 365 mm (1).

N.º 4 — *Berrãozinho*

Numa das nossas idas ao castro do Monte de Santa Luzia, em Dezembro de 1961, este berrão tosco foi encontrado em cima duma parede. Dá a impressão de que foi abandonado em meio fazer (Est. xxiii, Figs. 72 a 74).

É de granito de grão médio.

Tem as patas quebradas quase rente ao corpo. Pelo que delas resta verifica-se que estão boleadas e lisas. As patas estão, ao que parece, projectadas para diante em posição que corresponde à corrida.

A face superior é plana e de superfície irregular com sulcos feitos a ponteiro. Adiante apresenta um sulco transversal, irregular, em goteira, que marca o início correspondente a uma rude e curta cabeça, que não acabou de ser esculpida.

As faces laterais são planas. A do lado esquerdo, alisada, tem na porção inferior uma reintrância alongada feita a ponteiro, como bem mostra a (Fig. 72). A face lateral esquerda é também grosseiramente aplanada.

A região ventral, entre as patas, está levemente boleada e é lisa, dá a impressão de serviço ali acabado.

(1) Deste berrãozinho e dos dois anteriores escrevi o trabalho, Santos-Júnior *Berrãozinhos do Castro de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)*, publicado no volume de homenagem «A Pedro Bosch-Gimpera en el septuagésimo aniversario de su nacimiento», México, 1963, págs. 395 a 401, 9 figs.

A traseira é um tanto acuminada em saliente convexo. Não tem ânus nem indicação de sexo.

Tem de comprimento 47 cm, com altura de 24 cm na vertical das patas posteriores e 20 cm no aprumo das anteriores. Tem de largura máxima 21 cm no lombo, na vertical das patas posteriores.

Perímetro a meio da barriga 75 cm.

Este berrão dá a impressão de que ficou em meio fazer ou apenas começado.

É flagrante o contraste entre o corpo e a cabeça, com o granito apenas desbastado, e as patas, face ventral e porção inferior do lado direito, com superfícies lisas, que dão a impressão de serviço acabado.

Parece pois, como se disse, que este quadrúpede, possivelmente berrão, ficou em meio fazer. Deve ter sido começado pela penna, que falta, seguido da modelação das patas e face ventral.

Este quadrúpede inacabado pode levar a crer que no castro do Monte de Santa Luzia haveria um escultor de berrões.

N.º 5 — *Berrão*

É um pequeno porco com as pernas partidas e a cabeça em grande parte mutilada (Fig. 11 e Est. xxiv e xxv, Figs. 75 a 78). Tem o corpo roliço e é de granito de grão médio. Tem o espinhaço ligeiramente marcado.

Mede 49 cm de comprimento, 31 cm de maior altura, na vertical da pata posterior esquerda. Largura do pescoço, 11 cm.

O corpo alarga de diante para trás e tem 15,5 cm de largura na vertical das patas anteriores, 18,5 cm a meio da barriga, com o máximo de 21 cm na traseira.

Perímetros: inguinal 77 cm, a meio da barriga 73,5 cm e axilar 70 cm.

Na face dorsal, no início do pescoço, tem duas covinhas com 2 cm de boca e 1 cm de fundo, em posição ligeiramente

assimétrica, por a esquerda estar um pouco recuada em relação à direita. Pela posição alta que ocupam podem considerar-se como buracos auditivos.

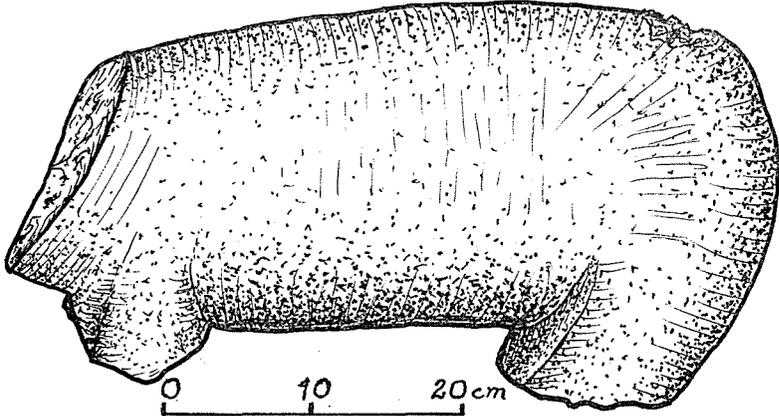


Fig. 11 — Berrão do Monte de Santa Luzia: n.º 5 do texto.

A traseira é roliça com um sulco paramediano, da direita para a esquerda e de cima para baixo. Este sulco poderia, à primeira vista, ser tomado como sulco intertesticular, tanto mais que tem à direita uma formação globolosa alongada, que semelha saliência testicular, no entanto a falta de indicação do testículo esquerdo e a posição oblíqua do sulco levam-nos a dizer que não há indicação sexual.

Há outros sulcos na traseira e dos lados, especialmente do lado esquerdo.

Este exemplar foi recolhido aquando da visita que ali fizemos em Setembro de 1952. Estava encostado a uma parede, juntamente com outras pedras.

N.º 6 — *Focinho de javali*

Pequena porção da cabeça de javali, quase reduzida ao focinho, com 22,5 cm de maior comprimento. Foi recolhida na visita que ali fizemos em Setembro de 1953 na companhia do sr. Elísio Capelas de Avelar.

Como as fotografias da Fig. 79, Est. xxvi bem mostram, é um focinho de javali, como o atesta o insólito desenvolvimento dos caninos. É de granito de grão fino a médio.

A boca é bem rasgada e as narinas marcadas por dois orifícios circulares e fundos.

N.º 7 — *Porção do quadril (?) de um berrão*

Este pedaço de granito de grão médio, com o comprimento de apenas 26 cm, mostra uma crista raquidiana com

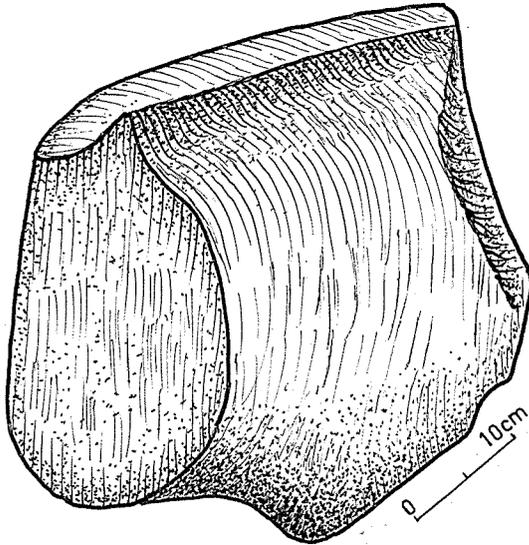


Fig. 12 — Destroço (porção do quadril) do berrão n.º 7 do Monte de Santa Luzia.

23 cm de comprimento, largura de 3,5 cm e, pelo menos 3 cm de altura. É o destroço dum animal já de certo porte. A este pedaço foi, por sua vez, quebrada a parte esquerda originando a face plana da quebradura (Fig. 12 e Est. xxvii, Fig. 80).

A largura da metade direita, que está íntegra e roliça, é de 13 cm, e assim a largura total seria de 26 cm, o que corresponde a uma estátua de pedra de razoável tamanho.

Este pedaço de quadril (?) pode ter pertencido à escultura dum porco, ou talvez, menos provavelmente, de um touro, pois nos touros de pedra, o espinhaço é, geralmente, esculpido em saliência acentuada e menos larga que a dos porcos.

N.º 8 — *Terço posterior do corpo de um berrão*

Pedaço do corpo e parte das patas posteriores de um pequeno berrão. Tem de comprimento 22 cm e igual medida em altura (Fig. 13 e Est. xxviii, Fig. 82-A).

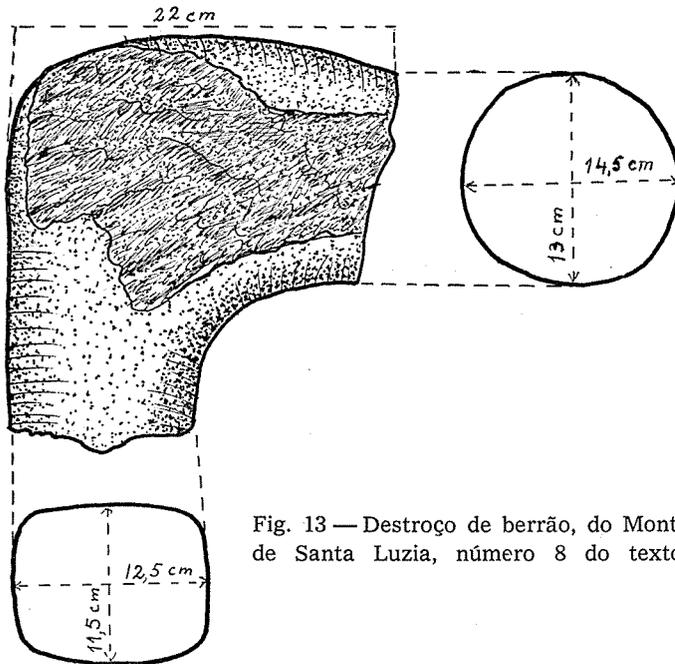


Fig. 13 — Destroço de berrão, do Monte de Santa Luzia, número 8 do texto.

Face dorsal levemente convexa, bem lisa, e levemente aplanada.

Lado esquerdo íntegro e bem liso.

Lado direito mutilado por grande lascado poligonal e outras superfícies de fractura por arranque de lascas ao longo da linha média lateral.

Porção anterior do tronco de fractura quase circular, de superfície oblíqua de diante para trás e um pouco de cima para baixo, com 13 cm ao alto por 14,5 cm ao través.

Traseira levemente convexa, lisa, sem ânus, e sem indicação de sexo.

Secção das patas subquadrada com 12,5 por 11,5 cm.

Perímetro abdominal 44 cm.

N.º 9 — *Metade posterior do corpo de um berrão*

Metade posterior ou quase dois terços do corpo de um berrão, a que faltam as pernas.

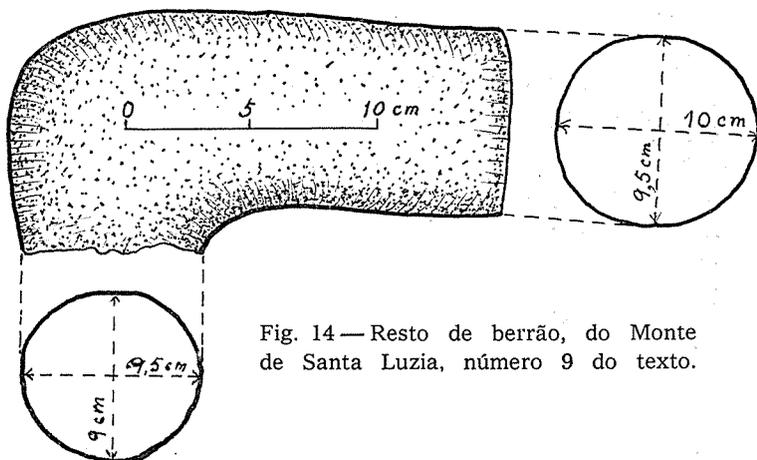


Fig. 14 — Resto de berrão, do Monte de Santa Luzia, número 9 do texto.

Suponho tratar-se de um berrão, porquanto a secção do tronco é quase circular, 10 por 9,5 cm, sendo a medida maior correspondendo ao diâmetro transversal (Fig. 14 e Est. xxviii, Fig. 82-B).

É de granito de grão fino, de superfície lisa e de contornos arredondados. Foi levemente picotado na linha média dorsal. Traseira vertical e aplanada, com picotado de superfície irregular, sem ânus nem indicação de sexo.

Comprimento 19,5 cm; altura máxima, 11,5 cm; perímetro da extremidade anterior 32,5 cm.

N.º 10 — *Corpo dum tourinho, sem cabeça nem patas*

Pela linha do dorso, com alteamento no murrilho, pela secção elíptica do pescoço, com o eixo vertical de 12 cm e o transversal de 8,5, e também por a secção do tronco ser igualmente elíptica com o eixo maior vertical, somos levados a crer que se trata de um tourinho a que quebraram a cabeça e as patas (Fig. 15 e Est. xxviii, Fig. 82-C).

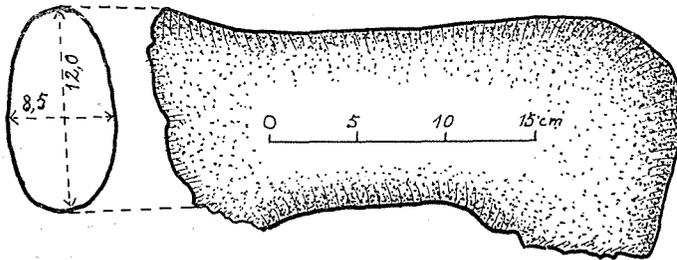


Fig. 15 — Tourinho do Monte de Santa Luzia, Freixo de Espada-à-Cinta. É o n.º 10 do texto.

É de granito de grão fino, liso nas faces dorsal e esquerda.

O lado direito tem 5 sulcos em goteira no quadril e mais um no terço anterior do corpo. Na traseira há também outro sulco em goteira. A linha médio ventral é em crista não muito acentuada.

Tem de comprimento 30 cm e altura máxima de 17 cm. Perímetro a meio da barriga 35,5 cm.

N.º 11 — *Porção de um touro (?)*

Este berrão, de granito de grão fino a médio, não tem cabeça nem patas anteriores. Além disso foi muito mutilado na traseira e nas patas posteriores, sobretudo na esquerda (Est. xxvii, Fig. 81).

O que resta mede 32 cm de comprimento e 26,5 cm de altura no aprumo das patas posteriores. Perímetro nas virilhas 54 cm.

Os lados e o dorso são aplanados, o que sai fora da rotundidade do corpo dos porcos. Por isso, suponho poder considerar este destroço como porção de um pequeno touro.

Do lado direito, o melhor conservado, nota-se um saliente como que a indicar a espádua e a seguir a orelha. Na pata posterior direita vê-se um rebaixo na metade anterior.

Parte da orelha direita está indicada por um sulco arqueado de 5,5 cm de comprimento, com uma largura de quase 2 cm e fundo de 1,5 a 2 cm.

Na porção abdominal está bem esculpido o saliente ou forro peniano.

N.º 12 — *Grande porção do corpo de um porco*

Este berrãozinho de granito de grão fino foi muito mutilado. Falta-lhe a cabeça e as patas anteriores, das posteriores resta pequena porção. Todo muito boleado (Est. xxix, Fig. 83).

Tem de comprimento 26 cm e de altura no aprumo das patas posteriores 17 cm. O perímetro nas virilhas é de 47 cm. Largura na traseira 14,5 cm.

A traseira é irregularmente aplanada, sem ânus nem indicação de sexo.

Tem esboço de crista raquidiana.

N.º 13 — *Quarto posterior de um porco.*

O que resta deste berrãozinho, de granito de grão fino, mede apenas 17 cm de comprimento por 23 cm de altura. A superfície de fractura no plano abdominal tem 23 por 18 cm.

No lombo, um pouco à direita da linha média, tem uma covinha de 2 cm de diâmetro.

No lado esquerdo há três sulcos sensivelmente paralelos riscados de cima abaixo. O maior tem 17 cm e é atravessado no terço inferior por outro sulco com 9 cm de comprimento. Estes sulcos foram avivados, o que é lamentável.

Na traseira a saliência testicular exuberante foi mutilada na porção inferior e está cercada por amplo sulco em goteira (Est. xxix, Fig. 84).

O que resta da massa testicular mede 10 cm de comprimento por 5 cm de largura máxima.

N.º 14 — *Focinho de um porco*

Esta peça estranha que parece ter ficado em meio fazer, é de granito de grão médio, com muitos cristais de quartzo patentes na metade esquerda do focinho aplanada por mutilação (Est. xxx, Fig. 85).

A superfície de fractura que corresponderia ao pescoço, aliás pouco ou mesmo nada marcado, mede 29,5 cm de altura por 19 de largura.

A ponta do focinho, que seria de contorno oval, mede 10 cm de altura por 8,5 cm de largura.

Na face superior da metade posterior do focinho há duas pequenas covinhas, uma quase na linha média e a outra um pouco para fora e para trás. São pequenas, pouco fundas e com quase um centímetro de diâmetro.

Para cima, na testa, ao lado do esboço de crista mediana, há uma sequência de 4 ou 5 pequenas covinhas, das quais a primeira é a mais bem marcada e tem um escasso centímetro de maior diâmetro.

N.º 15 — *Porco a que faltam a cabeça e as patas*

Berrão de granito de grão fino, sem cabeça e sem patas; destas resta apenas uma pequena porção da pata posterior esquerda (Est. xxx, Fig. 86).

É de corpo rotundo e cilindróide. Apresenta na parte anterior do tórax um sulco em goteira que rodeia todo o peito do animal, à maneira de coleira levemente ondulada.

Na porção ventral este sulco em goteira apresenta certa regularidade de largura, cerca de 1 cm, e profundidade de 3 a 4 mm.

Do meio para cima, especialmente na parte médio-dorsal, o sulco foi alargado por lascas saltadas dos bordos. Parece que nesta parte o sulco teria sido primitivamente mais fundo do que no ventre, apresentando em alguns pontos 2,5 cm de profundidade.

A face médio-ventral tem, bem esculpida, a saliência peniana de forma triangular, com 10 cm de comprimento e a largura de 5 cm junto da linha de fractura dos membros posteriores, que foram quebrados quase pelas virilhas.

O plano do corte do pescoço é tão liso e regular que pode levar a crer que a estátua nasceu decapitada, a menos que depois de guilhotinada a cabeça, a superfície de fractura, que tem 18 cm de altura por 13 cm de largura, tenha sido alisada.

Apresenta alguns gravados lineares, em sulcos pouco fundos: dois no lado esquerdo, ambos com 8 cm de comprimento; um no lado direito do terço posterior do lombo e dois na traseira, por cima e ao lado dos testículos, ambos com 5 cm de comprimento.

A traseira é abaulada com 30 cm de altura por 27 de largura. Tem na base um rebaixo em arco a marcar a separação do início das patas.

Por cima do arco do rebaixo, uns 7 cm, está a saliência testicular elíptica com 7 cm de comprimento por 5 cm de largura.

Este berrão tem de comprimento 53 cm e de altura no apurmo das patas posteriores 31 cm. Perímetros: axilar 78 cm e nas virilhas 85 cm.

*

Sem a menor dúvida é notável este grupo de 15 berrões do castro do Monte de Santa Luzia, dos quais 13 são porcos e 2 se podem considerar como restos de touros.

Infelizmente todos estão mais ou menos mutilados e alguns tão quebrados que bem lhe pode caber a designação de destroços.

Apenas o berrãozinho n.º 3 se pode considerar como íntegro.

Como explicar a acção destruidora sobre aquelas estátuas de granito?

É de crer que os seus achadores, sobretudo aquando da plantação do amendoal, que hoje reveste todo o cabeço, aguilhoados pela crença ignara de que no corpo dos berrões exis-

tiria um tesouro, tivessem quebrado alguns. A muitos faltam a cabeça e as patas, o que não se explica pela crença de tesouro neles escondido.

O sr. Elísio Óscar Capelas Avelar, que há muitos anos cuida do amendoal, informou que a uma pequena profundidade, e quase por toda a área do Monte, aparecia uma camada relativamente espessa de carvões e cinzas, o que pode levar a crer que aquele castro tenha sido teatro de guerra de conquista, arrasado e incendiado, e os berrões acintosamente quebrados.

De qualquer modo os 15 berrões constituem um documento arqueológico de grande valia. As pequenas dimensões de alguns levam-nos a pensar que bem podiam ser estatuetas votivas.

O touro de Ligares

Este tourinho, apareceu na quinta de São Tiago, termo da freguesia de Ligares, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, a cerca de 12 km da sede do concelho.

É de granito e não tem cabeça, que foi quebrada pelo pescoço, do qual resta apenas um ligeiro encurvamento adiante da pata anterior a marcar o início do pescoço, na barbela (Fig. 16 e Est. xxxi, Figs. 87-88). O corpo é aplanado dos lados e tem uma estaladela linear do lado esquerdo.

Tem base ou peanha talhada grosseiramente, mal cuidada, o que pode levar a supor que seria para ficar enterrada, ou, de qualquer modo, tapada.

Espinhaço ou crista raquidiana bem marcada a todo o comprimento do dorso, embora um tanto desgastada.

Cauda, lançada em arco sobre a anca direita, ultrapassando o espinhaço, para terminar do lado esquerdo em bola, correspondente ao tufo ou mecha dos pêlos da ponta do rabo (Fig. 16).

Na traseira tem um rebaixo em arco que marca a separação das patas. No alto, por cima do início do cordão da cauda, há uma covinha cônica já situada no lombo.

Não tem ânus.

No lombo, a meio do corpo e à direita do espinhaço, mostra três gravuras como se indica na Fig. 16.

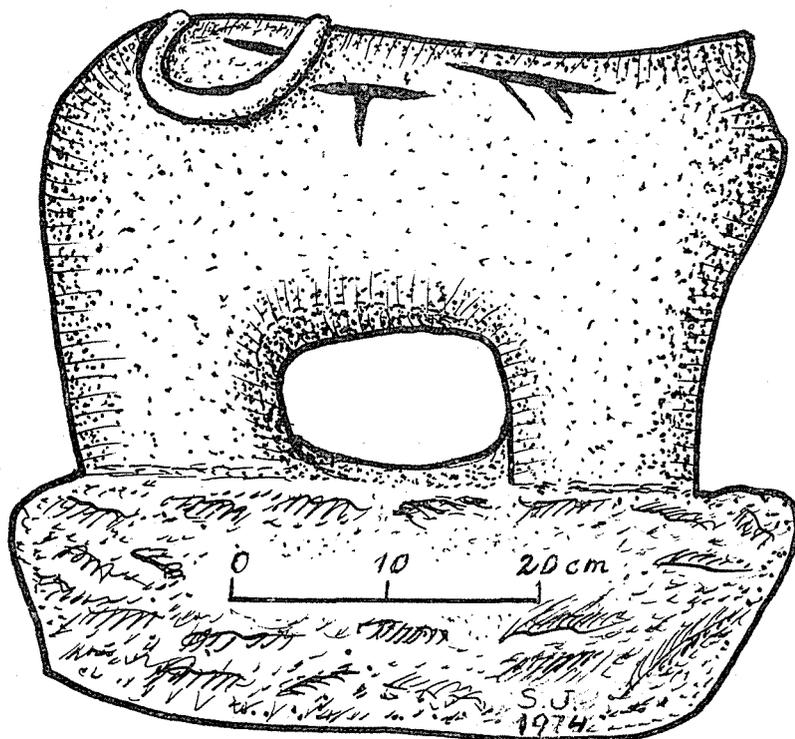


Fig. 16 — Touro de Ligares (Quinta de São Tiago).

Comprimento 48 cm; altura no aprumo das patas posteriores 28 cm e no das anteriores 30 cm.

Perímetros: nas virilhas 70 cm, e nas axilas 68,5 cm.

Está no Museu de Bragança.

O Abade de Baçal, nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, tomo x, Porto, 1938, a pág. 765, informa que este touro apareceu em 1935, na quinta de São

Não tem ânus.

No lombo, a meio do corpo e à direita do espinhaço, mostra três gravuras como se indica na Fig. 16.

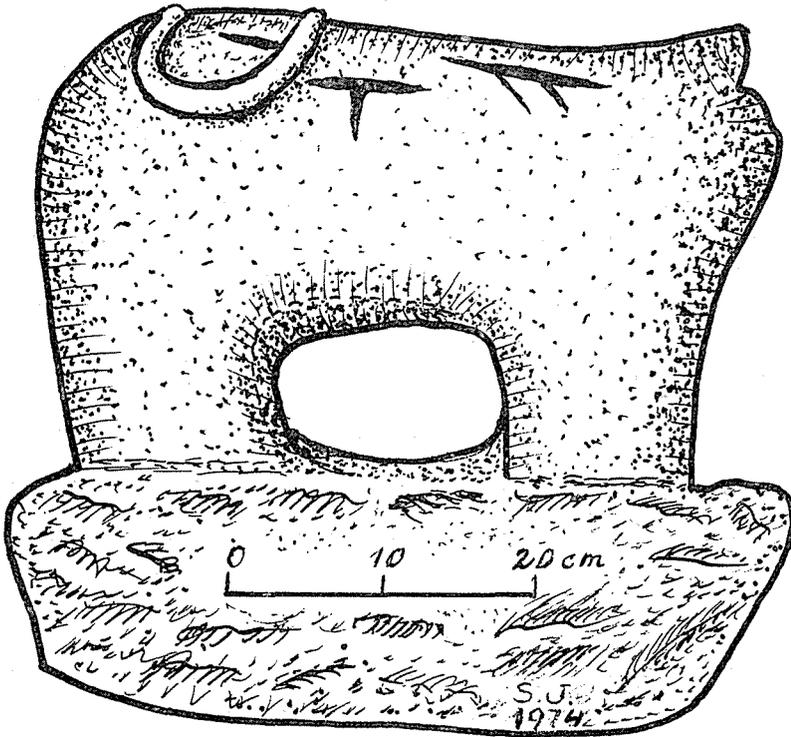


Fig. 16 — Touro de Ligares (Quinta de São Tiago).

Comprimento 48 cm; altura no aprumo das patas posteriores 28 cm e no das anteriores 30 cm.

Perímetros: nas virilhas 70 cm, e nas axilas 68,5 cm.

Está no Museu de Bragança.

O Abade de Baçal, nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, tomo x, Porto, 1938, a pág. 765, informa que este touro apareceu em 1935, na quinta de São

Tiago, limite da freguesia de Ligares, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta na surriba de terreno para plantação de vinha na referida quinta, propriedade de Artur de Almeida Guerra, que comunicou o achado ao Dr. Raul Teixeira, então director do Museu de Bragança, e ofereceu aquela estátua de pedra ao Museu, onde, como se disse, se encontra.

Na carta que o proprietário Artur de Almeida Guerra escreveu ao Dr. Raul Teixeira diz que o touro «apareceu juntamente com várias cantarias aparelhadas, que deixavam supor ruínas de qualquer edifício, templo ou outro monumento».

Continuando, o Abade de Baçal conclui que se trata de um touro, por ter «o rabo terminado em maçaroca ou estriga, coisa que os dos porcos não forma».

Dá-lhe as seguintes dimensões: «comprimento 0,50 m (não contando a parte que falta), altura máxima 0,45 m, diâmetro na barriga 0,70 m». Este diâmetro, por lapso, está em vez de perímetro.

É de louvar a pronta comunicação do achado e a generosa oferta feita por Artur de Almeida Guerra, cujo procedimento «é digno dos maiores elogios», como, na mesma pág. 765, realçou o Abade de Baçal.

A mulher de pedra de Fornos

Fornos é uma aldeia do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, sede de freguesia que fica a cerca de 15 km a norte da sede do concelho, e a 2 km a sul de Lagoaça.

A *mulher de pedra* é a estranha designação do que resta de um grande porco de granito de grão médio, aparecido em Fornos, no Cabeço do Escouradal. Está no Museu Etnológico de Belém, em Lisboa, onde se encontra em exposição, e foi registado com o número S 5012.

Trata-se de um grande berrão a que falta a cabeça, parte do peito e as patas anteriores. Das patas posteriores só resta uma pequena parte (Fig. 17 e Est. xxxii, Fig. 89).

Apresenta assimetria dos lados: o da direita é aplanado, o que contrasta com o lado esquerdo que é suavemente con-

vexo ou abaulado. Dá a impressão que o lado direito foi aplanado por picotado para o rebaixar.

O lombo não tem crista espinal: é aplanado, especialmente na parte média.

Ânus em covinha cônica de 3 cm de diâmetro, com um rebordo saliente que se continua em cordão ascendente curto.

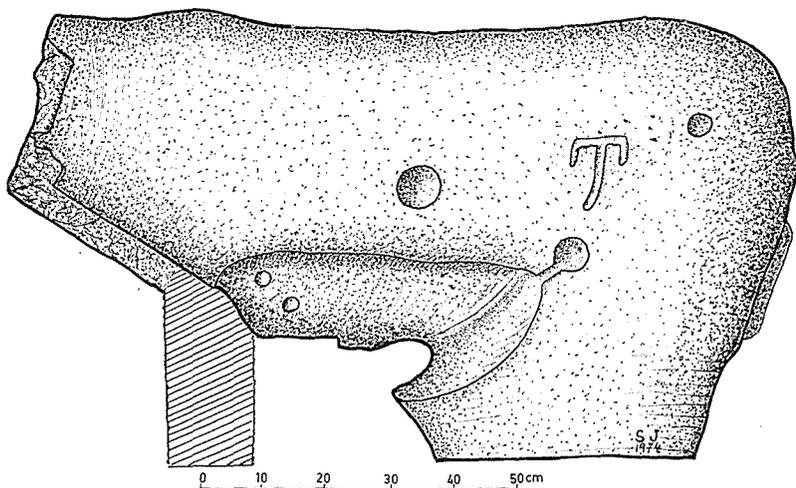


Fig. 17 — Berrão de granito, «A mulher de Pedra» de Fornos, Freixo de Espada-à-Cinta. E 5012 do Museu Etnológico. Para conveniente posição deste berrão, em exposição no Museu Etnológico de Belém, foi ajustado um suporte em cimento que vai indicado em tracejado.

A saliência testicular, volumosa e piriforme, tem 20 cm de altura e 12 cm de maior largura: está rodeada por um sulco em goteira com 3 a 4 cm de largura, e mostra duas pequenas mutilações por picotado. A grande massa testicular tem na parte média uma depressão elíptica ($8 \times 2,5$ cm) que assinala o sulco intertesticular.

No lado direito do que resta das patas posteriores vê-se um saliente que deve corresponder ao refêgo da perna de porco gordo; refêgos que em Trás-os-Montes chamam *ronchos* ou *angórrias*.

Parece pois poder-se inferir que se trata de um porco e não de um javali.

Do lado direito, como mostra o desenho da Fig. 17, há cinco covinhas e uma gravura em forma de T.

Na zona médio-ventral é patente uma saliência correspondente ao meato urinário ou forro peniano. Mais uma particularidade a marcar o sexo masculino.

Ao granito deste berrão foi feito o estudo micrográfico pelo distinto Naturalista do Departamento de Mineralogia da Faculdade de Ciências do Porto, Sr. Eng.º Luís Pinto de Mesquita, que dele forneceu a seguinte informação, que, mais uma vez, se agradece.

Amostra S 5012.

«Trata-se de uma rocha granulosa de grão médio, holocristalina, em que se observam, à simples vista, cristais de quartzo, de feldspato, moscovite e biotite. O feldspato está bastante caulinizado.

«A observação microscópica revela uma rocha holocristalina, fanerítica de estrutura gneissosa, microlenticular, xenomórfica e leucocrata.

«Os minerais essenciais são: o quartzo, de muito variadas dimensões, agrupa-se em lenticulas com orientação mais ou menos regulada e tendo aspectos de intensos efeitos cataclásticos.

«O feldspato predominante é a microclina, aparecendo ainda a oligoclase 24 % An., com maclas polisintéticas muito finas, e a ortose. A textura é xenomórfica, e, no geral, estão muito caulinizados e alterados.

«A mica é abundante, apresentando mais moscovite que biotite. Aparece em lâminas isoladas ou associadas, com orientação mais ou menos regulada.

«Como minerais acessórios apatite, rútilo, zircão e magnetite.

«Trata-se de um granito gneissóide de carácter calcolalcalino».

O Prof. Leite de Vasconcelos em *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, págs. 613-614, ocupa-se deste grande berrão, aparecido no cabeço do Escouradal, freguesia de Fornos, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta.

Foi descoberto pelo Reverendo Tavares Teixeira.

Leite de Vasconcelos diz que o povo lhe chama *a mulher de pedra*, e que «representa realmente uma porca».

Publica na fig. 330, pág. 614 um bom desenho deste berrão, do qual dá duas dimensões: comprimento 1,20 m e altura 0,77 m.

É estranho que, sendo bem patente, inclusive no desenho da Fig. 330, a saliência testicular, o Prof. Leite de Vasconcelos fizesse a afirmação de que *a mulher de pedra* representa «realmente uma porca».

Como já dissemos isto sucede com vários berrões que sendo machos, o povo considera fêmeas e porcas, como sucede por exemplo com a *porca do pelourinho de Bragança*, que sendo um macho, e possivelmente um urso, o povo sempre a considerou fêmea e a consagrou com o nome de *porca da vila*. O mesmo sucede com a Porca de Murça que é um macho, e que alguns historiadores consideraram urso.

CONCELHO DE MIRANDA DO DOURO

Grande berrão de Picote

Estátua zoomórfica de granito, representando um porco, que apareceu na freguesia de Picote, concelho de Miranda do Douro, no dia 26 de Abril de 1952. Este porco, a que chamaremos grande berrão de Picote, apareceu na curtinha do *Poio*, que fica nas traseiras do quartel da Guarda Fiscal e forma a vertente suave do *Castelar*, antigo castro, conhecido pelo nome de *Castelo dos Mouros*, situado no *Poio*, a seguir às últimas casas da povoação, para o lado do rio Douro.

O sr. José Maria Paulo, dono da mencionada curtinha, contou-me o seu aparecimento. Dada a abundância de pedra que o arado arrancava ao lavrar e fazia estorvo ao conveniente amanhã daquele terreno, há muitos anos que prossegue a limpeza da curtinha tendo dali tirado carros e carros de pedra.

De vez em quando, ao lavrar, a relha do arado empanca numa pedra maior que é necessário arrancar e remover.

A uns 30 ou 40 m do quartel da Guarda Fiscal, e aproximadamente a meio da referida curtinha, apareceu, ao lavrar, muita pedra miúda.

O sr. José Maria Paulo resolvera limpar a terra daquela cascalheira e no dia 26 de Abril de 1952 meteu mãos à obra. Depois de remover algumas pedras miúdas, para o que, naturalmente, teve de remexer alguma terra da camada superficial, topou com uma pedra maior a cerca de 1 palmo e meio de profundidade, ou seja a uns 35 a 40 cm. Foi escavando e pôs a descoberto uma pedra boleada, que logo lhe pareceu ser o dorso roliço de um porco.

Aquela grande pedra era um estorvo para a lavragem da terra, pelo que havia que a remover. Como era grande pensou rachá-la. Quando voltava de casa com as cunhas de ferro, ou guilhos, e a respectiva marra, passou pelo quartel do posto

da Guarda Fiscal de Picote, pois o sítio onde apareceu o berrão fica, como se disse, a uns 30 ou 40 metros do referido quartel.

Ao guarda fiscal Artur Augusto Fernandes, que ali estava de guarda, o sr. Paulo teria dito:

— Ora venha cá se quer ver uma pedra que parece um porco, e que tenho de esfarrapar pois não me deixa lavar em condições.

A intervenção inteligente daquele guarda fiscal conseguiu que o homem não levasse por diante naquele dia o intento de rachar a pedra.

A notícia do aparecimento do porco de pedra correu célere pela aldeia. Homens e mulheres, velhos e novos, acorreram para ver o bicho de pedra.

Um cento ou dois de pessoas que visitavam o local pisavam a sementeira que havia no campo.

Aborrecido com a invasão do seu campo o proprietário teria resmungado:

— Ou me tiram o porco daqui ou eu racho-o. Tudo faz parede.

Foi então que interveio o comandante daquele posto da Guarda Fiscal, cabo Adolfo Maria Domingues e lhe garantiu que ele trataria de tirar dali o berrão.

Entrementes o sr. Padre António Maria Mourinho, pároco de Duas Igrejas, veio a Picote, e, sabendo do achado, generosamente ofereceu um cântaro de vinho aos rapazes do povo para arrancarem o porco e trazê-lo para o caminho em frente ao quartel da Guarda Fiscal, onde esteve muitos meses até que foi levado para o Museu de Bragança, onde se encontra.

Deve-se à intervenção inteligente do Cabo Adolfo Domingues e do sr. Padre Mourinho a salvação daquele berrão. A este último devo a amabilidade de me ter comunicado a notícia do achado.

Era em Maio e o serviço de aulas não me permitia afastar da minha Universidade.

Nos dias 8, 9 e 10 de Junho de 1952 tive o prazer de acompanhar o sr. Coronel Mário Cardoso à Fonte Santa, Lagoaça, para ir ver um cemitério antigo onde se dizia terem aparecido umas 20 ou 30 sepulturas com esqueletos. Averiguou-se que tudo tinha sido destruído.

No dia 10 segui de Lagoaça para Duas Igrejas a fim de receber indicações concretas do sr. Padre Mourinho.

No dia 11 de manhã cedo fui de automóvel de Duas Igrejas para Picote.

Nesse mesmo dia e no seguinte, com 7 homens e algumas mulheres, fiz escavações no local e colhi informações quanto às condições de jazida do porco.

Situação

Conforme se disse, o local do achado fica na curtinha do Poio, na vertente noroeste do *Castelar* e a uns 30 ou 40 metros do quartel da Guarda Fiscal.

Por averiguações a que procedi, confirmadas por uma boa meia dúzia de pessoas, o porco estava bem direitinho, e o seu lastro, base ou soco, estava bem calçado, dos lados, com pedras grandes e pequenas. A toda à volta do porco havia uma parede que dos lados lhes pareceu de construção um tanto rústica, em tudo similar às paredes do corredor que pus a descoberto. Porém, na zona correspondente à parte posterior do porco, aquela parede era mais bem feita e nitidamente arqueada ou, no dizer local, «arredondada a modo de pombal», e separada da traseira do bicho coisa de 3 palmos ou seja 60 a 70 cm. Mais me informaram que o terreno logo em volta do porco tinha muitas pedras, por cima do animal e até à meia barriga. Para baixo era só terra «mas bem maciça». Em torno do berrão apareceram alguns ossos de animais que o sr. Padre Mourinho no-los mandou para o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. Aparecia também algum carvão vegetal miudinho e um ou outro fragmento de cerâmica.

O Berrão

Trata-se de um macho, esculpido em granito de grão grosso, e com o sexo bem qualificado, como claramente mostram as fotografias das traseiras do bicho, em que avultam as saliências dos ronchos e testiculares (Fig. 18, e Est. xxxv, Fig. 95).

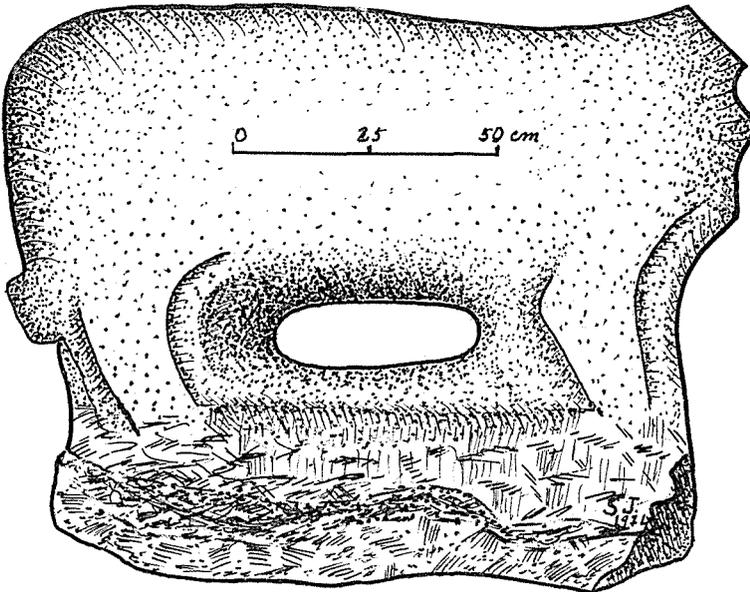


Fig. 18 — O grande berrão de Picote que apareceu na câmara circular, seguida de corredor. Note-se as patas realçadas em salientes e a grande massa dos ronchos.

Falta-lhe a cabeça, decepada à martelada.

Não há ninguém na aldeia que se lembre de ter visto a cabeça do porco nem qualquer parte dela.

Sobre este particular foram especialmente consultadas as pessoas mais velhas de Picote e os proprietários mais vizinhos do local.

Examinando a linha de fractura do pescoço não se nota qualquer vestígio de guilheira, pelo que é de supor que a

cabeça tivesse sido partida à martelada. Todo o resto está

intacto. O animal é todo tão redondo de formas, e as patas tão ligadas entre si, e largamente implantadas no soco, base ou peanha, que não seria fácil quebrá-lo à martelada ou a martelão a não ser na cabeça.

Deve tratar-se da representação de um porco doméstico, dado o facto de nas patas posteriores haver uns refegos, próprios dos porcos muito gordos, e a que em Trás-os-Montes geralmente chamam *calções* e em mirandês *calçones*. Também há quem lhe chame *ronchos* e *angórrias*, por se parecerem com umas pastas feitas dos chapéus velhos de aba larga, pastas que as mulheres do campo mirandezas, antigamente usavam nas pernas à maneira de polainas, designadas também com o nome de *çagonas*.

O berrão tem 1,44 m de comprimento e a largura máxima de 54 cm nos flancos, um pouco atrás do plano médio.

Outras medidas se podem inferir pelos desenhos

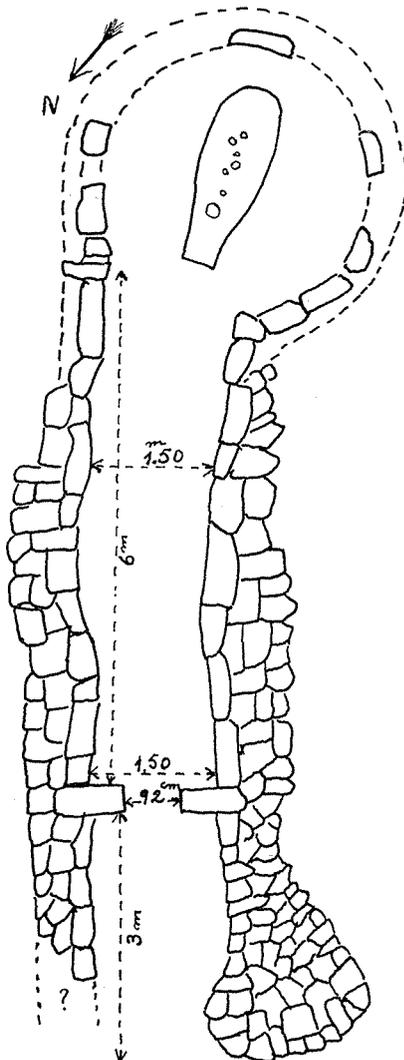


Fig. 19 — Reconstituição da câmara circular onde apareceu o berrão, e do corredor com cerca de 9 m de comp. e uma espécie de portelo com 92 cm de largura.

das Figs. 18 e 20. Perímetros: na vertical das virilhas, 1,79 m e na das axilas 1,68 m.

A largura da base, soco ou pedestal, é de 46 cm atrás, e de 42 cm na parte dianteira. Esta base forma com o berrão uma só peça.

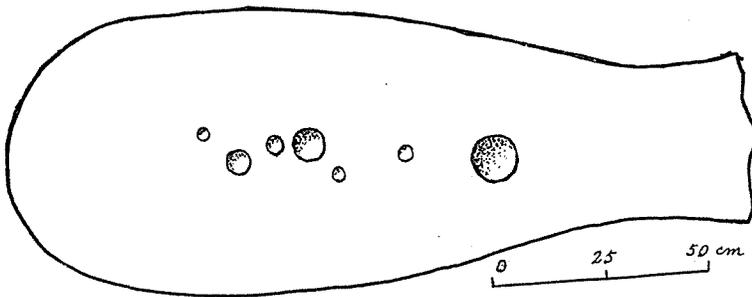


Fig. 20 — Desenho esquemático do dorso do berrão de Picote mostrando as 7 covinhas, das quais a maior tem 8 cm de diâmetro e as menores 2 cm.

As patas, quer posteriores quer anteriores, estão nitidamente esculpidas por um saliente de cerca de 1 cm, cujos bordos anteriores e posteriores marcam as larguras das mesmas, que são, 15 cm para a pata posterior, logo abaixo dos *ronchos* ou *calcões*, e 18 cm para a pata anterior, na altura do cotovelo. Visto por diante, nota-se, no granito que enche o espaço correspondente às duas patas dianteiras, uma saliência ou crista na linha média sagital que vem para o pescoço e forma uma espécie de barbela.

A superfície dorsal mostra ao comprido do lombo sete covinhas, das quais a maior tem 8 cm de diâmetro e as menores 2 cm. Todas elas são pouco profundas, adaptando-se perfeitamente a algumas a polpa do dedo polegar (Fig. 20).

Escavação

Quando em Junho de 1952 cheguei a Picote, deparei com uma larga cova de cerca de 1 metro de profundidade no sítio

de onde tinham arrancado o berrão. A roda bastantes pedras (Est. xxxiii, Fig. 90).

Resolvi proceder a uma escavação e crivagem da terra, no intuito de encontrar elementos que permitissem formular um parecer sobre a cronologia daquele interessante porco de granito encontrado *in situ*.

A terra, mais ou menos solta, da depressão umbical do sítio onde apareceu o berrão foi toda crivada.

Apareceram muitos ossos de animais e pedaços, em regra pequenos, de carvão vegetal. Toda a terra tinha muita pedra miúda e, de onde a onde, umas pedras maiores que deviam ser da parede que me disseram havia à roda da escultura, lhe formava uma espécie de câmara circular e foi destruída no acto do arranque do berrão.

A escavação fez-se numa zona de forma elíptica com 2 m de largura por 3 m de comprimento e levada até 1,70 m de profundidade. Na orla do lado nordeste desta zona, e na parte onde estaria a parede circular destruída, apareceu uma moeda, pequeno bronze romano, a uma profundidade de 1,50 m. Um pedaço de agulha de bronze, com 6 cm de comprimento e sem ponta, apareceu no início do corredor.

Um pouco adiante do sítio onde devia ter estado a cabeça do berrão, a 70 cm de profundidade, dei com um dente molar que me pareceu ser de boi, e a 80 cm de profundidade vários dentes de boi e de carneiros ou de cabra.

Levamos a escavação até 1,70 m a contar da superfície. A cerca de 1 metro adiante do sítio onde me diziam que estaria a parte quebrada do pescoço do berrão quando *in situ*, portanto já no início do corredor, apareceu uma terra cinzenta que, na opinião geral das pessoas presentes, devia corresponder a um local onde habitualmente se tivesse feito lume. Como não apareceram vestígios de cinzas nem carvões, parece que se tratava duma terra argilosa.

Precisamente ao lado daquela mancha de terra acinzentada, — que contrastava, sem qualquer dúvida, com o resto do terreno —, apareceram umas pedras que os homens se pre-

paravam para arrancar e remover, apesar das ordens dadas em contrário e não obstante a minha presença ali. Uma delas ainda foi levantada, mas obriguei-os a reporem-na na sua posição primitiva. A ligeireza com que removiam aquelas pedras, soube-o depois, resultava da ânsia de toparem com o tesouro ou a panela de libras debaixo das mesmas.

Depois de colocada a pedra na primitiva posição a escavação prosseguiu, e fomos dando com outras pedras postas em fiada linear. Estava descoberta a parede de um dos lados do corredor que desembocava na câmara circular onde estava implantado o berrão. Procuramos a parede do outro lado e assim fomos descobrindo aquele corredor com uns 9 metros de comprimento e cerca de 1,50 de largura. As duas paredes laterais apresentavam ligeiras ondulações, resultantes talvez do seu mau estado de conservação. Na entrada do corredor havia duas pedras postas vis-a-vis e crescendo uma para a outra, o que determinava uma espécie de entrada ou portelo com 92 cm de largura, enquanto que o corredor, logo a seguir, tinha 1,50 m (Fig. 19).

Espólio

Nas escavações que realizamos em 1952 e em 1953 nos meses de Setembro, apareceram muitos ossos de animais, alguns carvões e bastantes fragmentos de cerâmica, uns de louça grosseira manual, outros já de cerâmica rodada. Nesta de vasos de vários tipos, uns altos e bojudos, próprios para líquidos, outros baixos, ladeiros, à maneira de pratos.

Na câmara circular, a 1,60 m de fundo, além de vários ossos, cerâmica e algum carvão muito miúdo, apareceu um cossoiro de barro. Na orla nordeste da câmara apareceu uma pequena moeda de bronze romana, a 50 cm do fundo da cova, ou seja a cerca de 1,50 da superfície da terra da curtinha. Um pouco adiante do local onde estaria a cabeça do berrão, ou seja na boca da câmara e início do corredor, apareceu um pedaço de agulha de coser, de bronze. Na câmara, a 80 cm de profundidade, precisamente no local onde me afirmaram estava a dianteira do porco, ou seja onde estaria a cabeça,

apareceram vários dentes molares de boi e de carneiro ou de cabra.

No corredor é que apareceu a maior quantidade de ossos, todos muito fragmentados, dando a impressão de serem restos de comida.

Além dos ossos, que foram muitos, o restante espólio foi escasso.

De pedra uma porção de mó circular de granito, uma mó manual, também de granito, de superfície bem polida pelo desgaste da moedura, e alguns pedaços de granito de superfícies lisas que se mostram na Fig. 92, Est. xxxiv.

Alguns fragmentos metálicos, apareceram no corredor e mais uma fíbula de bronze deformada por pancada e uma pinça de bronze. Apareceram também dois pedaços de vidro irisado, dos quais um é porção de gargalo de pequeno vaso e outro é fragmentado indecifrável.

Moeda

Trata-se de um pequeno bronze romano em mau estado de conservação, de contorno um tanto elíptico com 15 mm no maior diâmetro e 14 mm no menor. Por intermédio do meu prezado amigo, arqueólogo ilustre, Coronel Mário Cardoso, a moeda foi enviada ao distinto numismata Tenente-Coronel Elias Garcia que, apesar do manifesto mau estado de conservação, gentilmente deu sobre ela o seu parecer, que transcrevo: «Eu presumo, intimamente convencido, de que se trata de um «pequeno bronze» de Constâncio II, batido na Casa da Moeda de Constantinópolis, ver, auli, pela oficina monetária n.º 188 de Cohen».

Trata-se portanto duma moeda cunhada nos meados do século iv.

Agulha

Porção de agulha de coser, de bronze, do tipo castrejo corrente, com 62 mm de comprimento, sem a ponta e dobrada a 2 cm adiante do olhal ou enfiadura. Parece ter sido cortada a escopro ou cinzel, pois na extremidade oposta àquela onde

se abre o olhal ou fenda de enfiadura ⁽¹⁾ nota-se uma ligeira mozza ou depressão que pode bem ter sido resultante da cortadura por cinzel fino ou talhadeira.

Ossos

Para a discriminação dos muitos dentes e fragmentos de ossos colhidos, recorri ao distinto Professor de Anatomia da Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa, Doutor Ivo Ferreira Soares, que, em 1953, apurou, com mão de Mestre, os vários ossos a que pertenciam aqueles fragmentos, alguns bem pequenos, e bem assim os animais a que, respectivamente, teriam pertencido.

Aproveito o ensejo para, mais uma vez, testemunhar àquele distinto Professor o meu muito agradecimento.

Alongar-me-ia demasiado se reproduzisse as pormenorizadas indicações fornecidas pelo Prof. Ivo Soares.

Apenas algumas transcrições que reflectem o modo como aquele Professor fez o estudo dos ossos.

— Fragmento de astragalo direito de boi, correspondente, aproximadamente, ao quarto súpero-externo.

— Extremidade articular do ramo ascendente de um maxilar inferior direito de boi.

— Extremidade inferior da diáfise e epífise de uma tíbia esquerda de porco, com menos de dois anos.

— Fragmento da extremidade articular inferior de um osso da canela (metacarpo ou metatarso) de bovino, com dois anos aproximadamente.

Num lote de 104 restos esqueléticos, o Prof. Ivo Soares apurou que havia apenas seis ossos inteiros: 1 piramidal esquerdo de boi, 2 astragalos direitos de boi, 2 astragalos esquerdos de carneiro ou de cabra e 1 calcâneo direito de carneiro. Todos os outros restos esqueléticos estavam reduzidos a fragmentos maiores ou menores e alguns de bem pequenas dimensões.

(1) Ao buraco de enfiadura da agulha tenho ouvido, em Trás-os-Montes, chamar o só.

Nesse lote de 104 restos esqueléticos, o Prof. Ivo Soares apurou que aqueles fragmentos eram dos ossos que a seguir se discriminam.

De ossos longos 23; do osso coxal 7; da escápula 5; da mandíbula 10; do maxilar superior 1; de vértebras 1 (fragmento de atlas de boi); do carpo 1; do metacarpo 2; do tarso 5; do metatarso 6; dentes 39; falanges 5.

Verifica-se que os maiores números cabem aos dentes, a restos de ossos longos, quase sempre com as epífises, e a fragmentos de mandíbula.

Na discriminação dos ossos por animais, os resultados do proficiente trabalho do Prof. Ivo Soares permitem concluir que em 103 restos esqueléticos as atribuições foram as seguintes: de boi 51, de carneiro ou cabra 44, de porco 6 e de coelho 3.

Há que referir o facto de, durante as escavações, terem aparecido alguns ossos tão delgadinhos e friáveis que foram considerados como sendo, possivelmente, ossos de aves.

Em face do exposto e dada a fragmentação de muitos ossos é permitido admitir que se trata de restos de comida em que a maior parte era de carne de boi e de carneiro ou de cabra. Registe-se que apenas 6 fragmentos foram atribuídos ao porco.

Entreguei uma porção de fragmentos de ossos ao sr. António Augusto Gomes, então analista do Laboratório de Química da minha Faculdade de Ciências do Porto, para análise.

Foi-me fornecido o seguinte resultado:

Humidade %	5,36
Matérias voláteis %	9,98
Sílica (areia) %	5,56
Al ₂ O ₃ Fe ₂ O ₃	1,46
Magnésio %	1,22
Cálcio %	43,10
P ₂ O ₅	31,88
	<hr/>
	98,56

Aquele analista nunca me entregou os resultados da determinação do Fluor e da matéria orgânica que lhe havia pedido.

O Monumento

Supomos ter sido a primeira vez que um berrão de pedra foi encontrado «in situ», ou, como o grande arqueólogo galego Florentino Cuevillas me escreveu, encontrado «em seu corte-lho», o que torna este achado deveras importante.

O berrão foi encontrado de pé no meio de uma câmara circular com cerca de 2,50 m de diâmetro, cujas paredes foram quase totalmente destruídas quando o arrancaram. Essa parede, segundo informe dos que a destruíram, era bem feita, e «em redondo, à maneira de pombal» (1).

O berrão estava com a cabeça voltada para o corredor, que, em alinhamento sudeste-noroeste, se estendia num comprimento de 8 a 9 m, com uma largura média de 1,50 m (Fig. 19).

As paredes do corredor que, em alguns sítios, encontrei ainda com duas fiadas de pedras sobrepostas no arranjo chamado de pedra seca, tinham algumas pedras desalinhas e ligeiramente tombadas para o corredor. Pelo lado de fora havia pedras de encosto, bem compostas, em perfeito reforço, mas sem o alinhamento que se via na face interna.

A parede do lado norte parecia mais bem feita. A do lado sul terminava por um montão de pedras, a que não foi possível encontrar alinhamento de parede; daí o não se conseguir apurar como deste lado terminava a parede.

A uns 5,50 m da entrada da câmara circular o corredor tinha duas pedras postas frente-a-frente, crescendo uma para a outra, formando uma entrada ou portelo com 92 cm, enquanto dos dois lados a largura do corredor era de 1,50 m, e se estendia na parede do lado norte a uns 2 m à quem do portelo (Fig. 19).

(1) Os pombais no leste trasmontano são, quase todos, ou circulares ou em ferradura, e com telhado de uma água só.

Como já se disse o berrão foi descoberto no dia 26 de Abril de 1952.

Em Junho desse ano fiz a primeira campanha de escavações. Em Dezembro de 1952 enviei à Junta de Escavações (Ministério da Educação Nacional) o relatório referente a essa campanha. Nele realçava o excepcional interesse do achado, a necessidade do seu estudo integral e, inclusive, da manutenção do que fosse julgado conveniente manter.

Em Setembro de 1953, com subsídio de quatro mil escudos do Instituto de Alta Cultura, fiz a segunda campanha. Pus a descoberto e isolei o corredor que se seguia à câmara circular onde foi encontrado o berrão. Colheu-se algum material, nomeadamente muitos ossos de animais.

Como não dispus de verba para escavações em 1954 os trabalhos ficaram suspensos nesse ano.

Para evitar que o dono de terreno destruísse o que tinha sido posto a descoberto nos 2 anos anteriores, para o compensar do prejuízo que tinha por não semear aqueles 60 ou 70 metros quadrados de terreno, dei-lhe 40\$00 esc. e a mesma quantia ser-lhe-ia atribuída em cada ano enquanto durassem a escavações.

Registe-se que naquela altura um alqueire de centeio valia 20\$00 esc. e que naqueles 60 ou 70 metros quadrados poder-se-ia colher uma quarta, ou, quando muito, meio alqueire, após serviços de lavras, sementeira, segada, carreja, malha e recolha da palha e cereal.

Nas férias da Páscoa de 1955 fui visitar o local do Poio.

Algumas pedras do extremo do corredor tinham sido mexidas.

Procurei o dono do terreno para lhe entregar pelo ano de 1955 os 40\$00 esc. combinados. Como o não encontrei deixei ficar o dinheiro ao cabo Afonso Domingues, comandante do posto local da Guarda Fiscal.

Em fins de Abril o cabo Afonso Domingues escreveu-me dizendo que o dono do terreno se recusara a receber o dinheiro, destruíra as paredes do corredor e estava disposto a destruir

o resto, como de facto destruiu, arrancando as pedras e arrasando o terreno.

Na campanha de 1953 alargara a escavação aos lados do monumento. Descobriram-se troços de paredes que, na campanha de 1955, se procuraria isolar em toda a sua extensão, para averiguar a forma e dimensões das casas a que parecia pertencerem.

Infelizmente, e contra a promessa feita de não mexer no que puseramos a descoberto, o dono do terreno destruiu tudo e arrasou a terra (1).

*

Em face do que fica exposto pode concluir-se que o berrão de Picote, encontrado de pé no meio de uma câmara circular a que se seguia um corredor de 9 metros de comprimento, seria um ídolo.

A quantidade dos ossos colhidos, especialmente na escavação do corredor, que, como dissemos, são de bovídeo, porco, pequenos ruminantes (caprídeos e ovinos) e de coelho, permite formular a hipótese de que ali se colocariam oferendas de carne dos animais referidos. O estado muito fragmentar dos ossos permite também supor que tinham sido preparados para refeições.

A hipótese, de ritos litúrgicos de oferendas, afigura-se-nos plausível.

Na escavação quer da câmara, quer, e sobretudo, do corredor, apareceram restos de cerâmica muito fragmentada e de vários tipos.

(1) Pela inércia da trama burocrática e insuficiência de verbas inerentes a casos desta natureza, perdeu-se o ensejo do estudo integral daquela notável jazida de Picote.

A organização dos serviços oficiais de protecção e defesa dos monumentos arqueológicos pré e proto-históricos, era então, e, infelizmente, continua a ser, ineficaz para, com a rapidez que em muitos casos se impõe, evitar a destruição de monumentos e estações de manifesto e averiguado valor arqueológico.

Alguma cerâmica era manual, porém a maior parte era já rodada. Alguns fragmentos de vasos altos, próprios para conter líquidos. Outros fragmentos de vasos baixos, ladeiros, à maneira de pratos, seriam, possivelmente, destinados a substâncias sólidas, carne, frutas ou comida.

Pode admitir-se que a prática de culto àquele ídolo revestia cerimônias rituais, entre as quais a deposição de oferendas.

O grande berrão de Picote, o único até à data encontrado *in situ*, é documento arqueológico de grande interesse, que vem trazer um primeiro esclarecimento à, sob certos aspectos, enigmática cultura dos berrões.

Berrãozinho de Picote

No mesmo monte do «Castelar» que é, como já dissemos, um velho castro, o «Castelo dos Mouros», apareceu o resto de mais um pequeno berrão.

Encontrado numa parede foi guardado pelo cabo da Guarda Fiscal sr. Adolfo Maria Domingues, que, numa das minhas visitas, em 1955, m'o ofereceu. Conservo-o em meu poder até ser integrado num museu.

Quando foi achado consideraram-no como fêmea e foi-me dado conhecimento como sendo uma *berrôinha*.

Neste caso e noutros, como por exemplo com a *Porca de Murça*, a *berrôinha da Açoreira* e a *porca da vila* do pelourinho de Bragança, o povo atribui o sexo feminino a estátuas que são bem de machos, como o atestam as saliências testiculares bem esculpidas na traseira.

O *berrãozinho* de Picote está reduzida apenas ao corpo cilindróide.

Falta-lhe a cabeça e as patas. Destas resta uma pequena porção de 3 a 4 cm da pata anterior direita (Est. xxxvi, Fig. 96).

O topo anterior da quebradura pelo pescoço mostra cinco superfícies irregulares de lascado, resultante de outras tantas lascas saltadas à marretada.

Visto do lado direito ainda se vê a referida porção da pata anterior. Das posteriores nada resta; foram totalmente decepadas.

É de granito de grão fino, de superfície lisa e cuidadosamente afeiçãoada, a que oferecia boas condições a natureza do granito em que foi cinzelado.

Tem espinhaço ou crista raquidiana embora não muito acentuado. Parece ter sido levemente desgastado.

A traseira é aplanada e vertical. Não tem ânus, e apresenta duas saliências testiculares de 11 cm de altura por 7 cm de largura rodeadas por um sulco, em goteira.

Mede 34 cm de comprimento, tem 23 cm de altura na vertical da pata anterior e 19 cm na traseira. A largura do corpo é cêrca de 10 cm e o perímetro abdominal de 68 cm.

É pena que tenha sido tão mutilado. A ajuizar pelo afeiçãoado do corpo, bem boleado e liso, é de crer que tanto a cabeça como as patas teriam merecido o mesmo cuidado de cinzelagem, pelo que é lícito supor que se trataria de um exemplar trabalhado pelas mãos de um escultor exímio.

Quadrúpede (porco?) de Duas Igrejas

Duas Igrejas é uma rica freguesia do concelho de Miranda do Douro.

Dista da cidade de Miranda, sede do concelho, 10 km para sul.

Na aldeia há duas igrejas, a igreja de Santa Eufémia, no meio do povo, e a igreja matriz da Senhora do Monte, que fica na orla do povo, ao cimo das eiras.

Na igreja da Senhora do Monte, durante anos, andou aos tombos, sem se saber de onde veio nem como ali veio parar, uma pequena estátua de um animal quadrúpede bastante mutilada.

O meu velho amigo, companheiro de lides etnográficas e arqueológicas por terras de Miranda, Padre António Maria Mourinho, pároco de Duas Igrejas, fez recolher ao Museu de Miranda

aquela pequena estátua zoomórfica. Ali a fui estudar e fotografar.

Descobriu aquela estátua há uns 20 anos e há 10 anos a transportou para o Museu de Miranda.

A igreja da Senhora do Monte, como o próprio nome indica, está situada num pequeno monte, ao cimo das eiras da aldeia de Duas Igrejas.

Naquele monte têm aparecido restos arqueológicos considerados romanos, mas é bem possível que alguns sejam pré-romanos. Isto pode levar a crer que a estátua tenha ali aparecido, e que ali tenha existido um velho povoado.

O quadrúpede, provàvelmente um porco, está bastante mutilado na traseira, nas patas, que foram quebradas quase rentes ao corpo, cujos topos estão boleados, e na espádua direita, onde, por lasca que fizeram saltar, destruíram parte do saliente simétrico de outro igual do lado esquerdo. Este conserva-se íntegro e estende-se ao comprido do lombo cerca de 25 cm (Est. xxxvii, Figs. 97, 98 e Est. xxxviii, Fig. 99).

A estátua foi esculpida em granito de grão grosso e toscamente modelado. No focinho nem narinas nem sinal de boca. Não tem olhos nem orelhas. Dá a impressão de ter sido muito rebolado, o que deu ao focinho e aos topos do que resta das patas o boleado já referido.

Entre os dois salientes das espáduas há um sulco que se prolonga um pouco para diante no pescoço.

Visto de cima as patas posteriores sobressaiem, um pouco afastadas do corpo.

Este pequeno berrão, de aspecto, roliço, mede 67 cm de comprimento. A altura no aprumo das patas anteriores é de 31,5 cm e nas posteriores 29 cm.

Comprimento da cabeça 20 cm. Perímetros: do pescoço 62 cm; nas axilas 82 cm; a meio da barriga 82 cm; nas virilhas 77,5 cm.

A maior largura é nas patas posteriores, onde atinge 23,5 cm.

O touro de pedra de Malhadas

Malhadas é aldeia do concelho de Miranda onde, desde longa data, os seus habitantes, como aliás em muitas outras aldeias de Terra de Miranda, se dedicam à criação de gado bovino da célebre raça mirandesa.

Pertence ao concelho de Miranda do Douro e dele dista 9 km para poente.

Na cumiada da casa do sr. Francisco Antão, que fica ao lado da igreja, está colocado um touro de pedra ao qual implantaram dois cornos de vaca, como mostra a Fig. 100 da Est. xxxviii.

Não foi possível observá-lo de perto nem tirar medidas. Calculei o seu comprimento em 50 cm ou um pouco mais.

Tem a boca bem rasgada, olhos oblongos e barbela. A meio da barriga vê-se, bem esculpida, a proeminência de meato urinário ou forro peniano.

Não consegui observar, mesmo de binóculo, a traseira. Apenas pude observar a cauda que vem de trás, sobe, em arco, até ao lombo e passa para o outro lado, onde termina por dilatação que assinala o tufo de pêlos da ponta do rabo.

O sr. Francisco Antão, em Outubro de 1962, contou-me que a sogra o informara que aquele «tourinho de pedra» aparecera há muitos anos na fonte que fica a uns 50 m da casa. Como a fonte estava suja resolveram limpá-la e nela encontraram «o touro e uma pedra com uns rabiscos».

Fui ver a pedra, que tem um bordo arredondado com 6 sulcos subtriangulares levemente arqueados. Pareceu-me resto de suástica da parte cimeira, ou tímpano, de lápide sepulcral. Em frente à porta da igreja, no muro do adro vi um grande pedaço de lápide sepulcral com as letras bastante apagadas.

CONCELHO DE MIRANDELA

A berrôa do pelourinho da Torre de D. Chama

A Torre de D. Chama é freguesia do concelho de Mirandela e pertence ao distrito de Bragança. Dista da sede do concelho 24 quilómetros.

Na praça, junto do pelourinho, está colocado um grande berrão com a traseira voltada para o mesmo (Est. xxxix, Fig. 101).

É conhecido pela errada designação sexual de *porca*, ou *berrôa*, da Torre de D. Chama, embora sejam bem característicos os atributos masculinos das saliências testiculares, em parte mutiladas por uma cova aberta na linha intertesticular com 7 cm de altura por 5 cm de largura, mas ainda bem patentes.

Trata-se pois de um porco, bem gordo, corpulento e com refegos, os *ronchos*, nas patas posteriores, que são, como se sabe, típicos dos porcos gordos.

Está bastante bem modelado e é de granito de grão grosso com grandes cristais de feldspato. São tantos e tão grandes estes cristais que àquele granito bem cabe a designação de «dente de cavalo».

Tem de comprimento 1,68 m; de altura, no aprumo das patas posteriores, 89 cm, e no das patas anteriores 94 cm. A largura máxima, no terço posterior, é de 57 cm. Perímetros: axilar 1,85 m; a meio da barriga 1,89 m e nas virilhas 1,96 m.

Patas largamente implantadas na peanha que está soterrada. As patas anteriores apresentam na frente um sulco pouco fundo, e tosco, que parece indicar a separação uma da outra. As patas posteriores bem separadas por um rebaixo em arco, fundo e com uma largura de 15 cm (Est. xL, Fig. 104).

Não tem barbela, nem espinhaço ou crista raquidiana.

O início do pescoço está marcado por uma goteira, não muito acentuada, que fica a 63 cm da ponta do focinho, dis-

tância que pode marcar o comprimento da cabeça. Na linha médio-sagital, a esta goteira segue-se um saliente da nuca, que se continua, para a testa, recta e um tanto aplanada até à ponta do focinho.

No alto o saliente nucal espraia-se para um e outro lado e mostra duas covas cónicas em posição simétrica, com 7 cm de boca por 4,5 de fundo. Abaixo destas, uns 12 cm, há duas covinhas mais pequenas também simétricas, com 3,5 cm, a da direita, e 4 cm, a da esquerda, de boca, e fundas de 1,5 cm. Abaixo 15 cm, na linha média, uma cova de 6,5 cm de diâmetro de boca por 2,5 cm de fundo (Est. XLI, Fig. 105).

Esta cova, quase na linha média, não é fácil atribuir-lhe significado.

Quanto às outras quatro podem considerar-se, as superiores como os dois grandes buracos auditivos e as duas seguintes como os olhos.

A meio da ponta do focinho há um sulco transversal com 11 cm de comprimento, que não se prolonga para os lados, que pode ser considerado como a boca, se bem que esta normalmente tem posição mais baixa, e continua-se lateralmente.

Aquele sulco mais parece o resultado de algum curioso ter ligado as duas narinas, uma das quais na ponta esquerda ainda é algo patente.

Tem mais algumas covinhas pouco fundas e, por consequência, pouco nítidas: uma no lombo, à traseira; duas na altura das orelhas; uma na linha média da cabeça, junto da goteira do pescoço; a meio da testa três covinhas pequenas ligadas por sulcos, formando o conjunto uma espécie de T maiúsculo; entre a covinha do pé do T e a fenda da boca (?) há outra covinha um pouco maior do que as do T.

Este berrão tem peanha que está enterrada.

A traseira, medida desde a superfície da terra, tem 88 cm de altura por uns 56 cm de largura. Tem na parte inferior um rebaixo em arco que marca a separação das patas posteriores, ambas com *ronchos* parcialmente mutilados. Acima as duas saliências testiculares com a cova mediana, atrás referida, e

acima uma grande cova representativa do ânus, com 7 cm de boca por 3 cm de fundo.

Na parte posterior da linha média ventral apresenta um saliente em cordão que deve representar a saliência do forro peniano. Mais um atributo a conferir àquela estátua o sexo masculino.

No entanto, e apesar de ter chamado a atenção das pessoas presentes para os referidos caracteres sexuais masculinos, insistiam em chamar-lhe porca.

Para rectificar os apontamentos que tirei àquela berrão em Dezembro de 1962 ⁽¹⁾, voltei à Torre de Dona Chama em Outubro de 1974. Entre os naturais da terra que nesta última data se juntaram a ver-me medir e fotografar «a sua porca», estava o sr. Norberto Manuel de Carvalho, de 84 anos de idade; informou que «já o seu avô dizia» não se saber de onde teria vindo aquele bicho de pedra, a que continuou a chamar porca.

(1) Em 25 de Dezembro de 1962 estive na Torre de D. Chama para assistir à notável festa de Santo Estêvão, que, desde longa data, ali se realiza com notável brilhantismo. Então fui ver o berrão do pelourinho.

Uma simpática velhota com quem conversei alguns minutos, falou-me com muito interesse daquele berrão, que insistiu em considerar porca. Cito algumas das suas frases.

— A nossa berrôa é de muito empenho. E olhe que esta berrôa já vem do princípio do mundo.

Informou que os rapazes costumam dizer: — Tenho uma rapariga na Torre, e é tão gorda!

— Então quem é? pergunta-se.

Ao que eles respondem: — É a berrôa.

Quando sugeri àquela mulher, que, para evitar que algum tolo ou borracho viesse mutilar aquela estátua, seria conveniente levá-la para um museu, a resposta foi imediata.

— Bô era! Não que a berrôa é nossa.

Isto prova o interesse que na terra há por aquele monumento, o que parece garantir a sua íntegra conservação.

Este solícito informador mais disse que os leitões postos em cruz no remate cimeiro do pelourinho ⁽¹⁾ eram filhos da porca.

Terá sido o autor da seguinte versalhada ⁽²⁾.

«A nossa porca de pedra,
É uma coisa do diabo.
O artista que a fez
Esqueceu-se de lhe pôr
As orelhas e ó rabo.»

Sobranceiro à povoação há um cabeçaço que tem no alto a capela de S. Brás, e foi «um castelo dos mouros», ou seja, um castro. Ali viveu a célebre Dona Chama.

É crença local que aquele castelo de Dona Chama era a cabeça de todos os mouros de muitas terras à volta. Por isso, o mesmo informador dizia: «aquela Dona Chama era a rainha da mourama daquelas redondezas» e citou vários castelos mouros, outros tantos castros como o do monte de S. Brás, que estavam a ela subordinados.

É bem provável que aquele grande porco de granito tenha vindo do monte de S. Brás, castro lusitano, sobranceiro à

(1) Nos pelourinhos ou picotas das povoações espanholas de Belvis de Monroy e Valverde de la Vera (província de Cáceres) existem semelhantes remates em cruz no alto da coluna com pequenas cabeças de porco (leitões) nos topos. Apud José Ramon Fernandez Oxea, *Nuevas esculturas zoomorfas prehistoricas en Extremadura*, in «Ampurias», Vol. XII, Barcelona, 1950, pág. 71 e Est. VI, B e C.

(2) O mesmo solícito informador lembrou a conhecida lenda de *Dona Chama pernas de cabra*, que contou assim.

A Dona Chama era «embicionada pelos homens» que atraía ao seu castelo para com eles ter amores. Mas como ela tinha pernas de cabra, para que os homens que com ela dormiam não pudessem descobrir aquela falta, ao outro dia pela manhã mandava-os matar.

Houve porém um homem, desconfiado e mais atilado, que, atraído ao castelo, ali passou a noite, mas «não se serviu dela». Apanhou-a a

povoação e dela distante umas escassas três ou quatro centenas de metros.

dormir e tirou-lhe do dedo a aliança, que lhe serviu de salvo conduto para que a sentinela o deixasse passar.

Já ia distante quando a Dona Chama, acordando, deu pela falta da aliança e pela fuga do homem que requestara, e gritou à sentinela do alto do castelo.

— Acudi à Dona Chama. A Dona Chama.

Ao que o fugitivo teria gritado de longe:

— *Chama chamorra,
Pernas de cabra
E cara de senhora.*

Dona Chama, com o desgosto de ser descoberta nas suas pernas de cabra, ter-se-ia precipitado num grande poço, juntamente com as suas muitas riquezas. Lá está o poço no monte de S. Brás, já meio atuído, no fundo do qual está o tesouro da Dona Chama, à espera de quem tenha o trabalho de desentulhar aquele fundo poço.

Joaquim de Castro Lopo no artigo *Excursão à Torre de D. Chama*, publicado no «Archeólogo Português», Vol. I, Lisboa 1895, págs. 232-237 relata a lenda de *D. Chama pernas de cabra* com algumas variantes que se referem.

No alto do castro do monte de S. Brás havia uma torre habitada por uma princesa moira, afamada pela sua grande riqueza e incomparável beleza. Cavaleiro que pretendia estar com a princesa solicitava às sentinelas que o deixassem passar. A sentinela voltava com o consentimento da castelã «traduzido invariavelmente pela fórmula: *A dona chama*».

Cavaleiro que entrasse na torre não tornava a sair. Mas um conseguiu tirar um anel do dedo da princesa quando ela dormia profundamente. Levantou-se da cama sem a acordar e, «chegando às sentinelas que lhe quiseram embargar a passagem, mostrou-lhe o anel, sinal certo de indissolúvel aliança». E assim este cavaleiro conseguiu sair a salvo «do empreendimento de que tantos nunca escaparam». Quando a princesa acordou deu pela falta do cavaleiro e gritou pelas sentinelas que lhe contaram o sucedido.

Vendo que tinha sido descoberto o seu segredo a princesa ficou encantada juntamente com os seus tesouros. «A princesa, como era incontinente, recebia sempre os cavaleiros que a procuravam; depois para que não descobrissem o seu segredo, — a princesa tinha pernas de cabra — mandava-os matar. Se não fosse a astúcia do último cavaleiro, nunca se alcançaria saber que a linda moira que habitava na torre era Dona Chama Chamorra, pernas de cabra, cara de senhora».

Na Galiza também há, ou houve, uma *Dona Chama* na província de Ourense.

No cadastro mandado fazer em meados do séc. XVIII pelo Marquês de la Ensenada na região de Orense, António Rodriguez Colmeiro ⁽¹⁾ colheu elementos toponímicos de certo interesse.

Na pág. 188 diz ter encontrado no referido cadastro algum topónimo «não raros mas pouco conhecidos» e entre eles os antropónimos Casdonachama e Casdonaloba, e acrescenta: «aunque estes dos, hay que atribuilos a época medieval avanzada, aunque nada se opone a que pudieram datar ya de la época visigótica».

Na pág. 190 rectifica a afirmação anterior quando escreve: «Algunos hay tan raros en estas latitudes como los antes citados de Casdonachama o Rosen».

Não apurei lenda referente à donachama galega.

O Prof. Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, págs. 20 e 21, faz rápida referência ao berrão da Torre de Dona Chama e transcreve as *Memórias Paroquiais* (Séc. XVIII), realçando que o autor das mesmas chama àquele berrão urso, e acrescenta: «que se diz que andando uma urso nas terras do Senhor de Murça que fazia muito dano, o senhor da terra mandara juntar os moradores dela a matara e a mandara pôr na sua praça».

Como se vê esta lenda é semelhante à que corre quanto à porca de Murça.

Como o urso, em tempos remotos, era frequente nas terras que vieram a formar o reino de Portugal, nada mais natural que nas duas terras, Torre de Dona Chama e Murça,

⁽¹⁾ António Rodriguez Colmeiro, *El real de Leges del Catastro de Ensenada y la toponimia de los establecimientos agricolas del mundo antiguo en la provincia de Orense*, in «Actas de las I Jornadas de Metodologia aplicada a las Ciencias Históricas—I Prehistória e História Antigua», Vigo, 1975, págs. 185 a 190.

a batida e morte de um alentado urso tenha sido considerada façanha digna de ser glorificada em estátuas de pedra.

Leite de Vasconcelos informa que as dimensões do monumento, que lhe foram enviadas pelo sr. Braga Condê, de Mirandela, são: «Comprimento 1,60 m; altura (dos pés ao dorso) 0,92 m; altura (adiante) 0,90 m; espessura da pedra 0,36 m e circunferência abdominal 1,90 m».

CONCELHO DE MOGADOURO

Berrões e touro de Vila de Sinos

Vila de Sinos é uma pequena aldeia do concelho de Mogadouro, de cuja sede dista 11 km para SE. Em 1706 pertencia à freguesia de Mogadouro. Em 1769 era freguesia independente com a invocação de Nossa Senhora da Assunção, e o cura era de apresentação dos marqueses de Távora. Desde 1883 é anexa da freguesia de Vilarinho dos Galegos. É povoação humilde, tanto que no apodo tópico que dá os de Vilarinho como *judeus* chama aos de Vila de Sinos *descaços*. A tradição diz que é povoação muito antiga ⁽¹⁾, tão antiga como a sua igreja românica, muito danificada, que se ergue ao cimo da eira e à borda da estrada.

Dali se conhecem um grande berrão, que se encontra em cima da parede do adro da igreja, um berrãozinho e um touro, que estão no Museu de Bragança. Há mais um berrão metido na parede da cave da casa do sr. Manuel José Falcão, que não consegui ver apesar de ter ido duas vezes a Vila de Sinos com esse intento. Sempre havia na cave, ou «loja», coisas a atravancar a parede, o que impossibilitou a minha observação. Informaram-me que, em maré da cave vazia, o pôde

⁽¹⁾ É considerada tão antiga que o povo daquelas redondezas, quando não sabe a idade de qualquer coisa, costuma dizer: «É tão velha como a igreja de Vila de Sinos que ninguém sabe a idade que tem».

Foi o notável sino grande da sua igreja que deu o nome à povoação.

Tal sino é de muita nomeada, não só por se ouvir a grande distância mas também pelo som alegre da sua toada.

José Manuel Martins Pereira, no seu livro *As terras de Entre Sabor e Douro*, Setúbal, 1908, 519 pág. e uma carta da região, a págs. 98 e 99, escreve: «Ainda sobre o sino diz-se que quando se mandou construir o convento de S. Francisco, na vila de Mogadouro, os frades, depois de terem tomado posse dele, desejando adquirir um bom sino para o relógio do seu mosteiro e sendo de muita nomeada este de Vila de Sinos, uma bela noite, acompanhados por alguns homens da vila de Mogadouro, e um carro puxado por uma junta de bois, dirigiram-se a Vila de Sinos, com o fim de roubá-lo. Já se achavam muitos homens em cima da varanda

ver o Dr. Carlos Ferreira de Almeida, Assistente da Fac. de Letras do Porto, que não chegou a fornecer quaisquer elementos.

Numa das minhas idas a Vila de Sinos pude conversar com o sr. Luís Maria Loisa, de 62 anos, o qual me disse que, há cerca de 40 anos, quando calcetaram a rua da povoação foram buscar terra ao adro da igreja para regularizarem o leito da rua antes de assentar as pedras. Ao fazerem o desaterro do adro descobriram uma sepultura, junto da qual «acharam 4 ou 5 porcos de pedra, pequerrichos, que esfarrampam e os pedaços foram fazer calçada». Estes os precisos termos em que o sr. Luís Maria Loisa me contou o achado dos pequenos berrões.

Esta informação supponho deve rectificar-se, se bem que pode ter sucedido que algum porquinho tenha sido quebrado, na ânsia cubiçosa de achar o «pote de libras» escondido no seu interior.

O meu amigo Dr. Casimiro de Moraes Machado, que foi distinto advogado, grande proprietário e, vários anos, Presidente da Câmara Municipal de Mogadouro, em Outubro de 1935 escreveu-me sobre os berrões de Vila de Sinos. Contou-me em longa carta (de 20 de Outubro de 1935) que ao desaterrarem o adro da igreja, mais alto que o pavimento do templo, apareceram várias sepulturas. Uma delas foi vista pelo Dr. Casimiro Machado que a descreveu assim. «Tinha de comprimento dois metros com a largura de 55 centímetros na cabeceira e trinta

sineira, e, ou por precipitação ou por imprudência, não seguraram bem o badalo, de modo que, quando os homens se agarraram ao sino para o deslocar do seu lugar, este tocou algumas badaladas. Não foi preciso mais nada; dali a poucos minutos já ali estava o povo amotinado, homens e mulheres, uns carregados de pedras e outros munidos de varapaus, roçadeiras, etc. Os frades não tiveram mais tempo do que baixarem apressadamente da varanda, deixando o sino no seu lugar, e fugirem com todos os seus homens em direcção a Mogadouro corridos a pau e pedra. Nunca mais voltaram à Vila dos Sinos e tiveram de se contentar com o ouvir tocar, lá do seu convento, apesar de ficar à distância de 10,5 quilómetros».

centímetros aos pés». Era formada por «lages de granito e de xisto, por baixo, por cima e pelos lados, e tinha ossos». Mais conta que no desaterro do adro, logo de início, apareceu no extremo do lado nascente um pequeno berrão de granito com 32 cm de comprimento, que está hoje no Museu de Bragança. Apareceu também um touro de granito com 48 cm de comprimento e com peanha, que, como o anterior, está também no Museu de Bragança.

Berrãozinho e tourinho foram adquiridos pelo Dr. Casimiro Machado, o que, na carta que me escreveu, diz não ter sido fácil tarefa, «pois apesar de os terem querido partir para utilizar em calçada, convenceram-se que eram de ouro, e como tal deviam ser pagos».

O touro, segundo informação do Dr. Casimiro Machado, apareceu mesmo em frente da porta lateral, a dois metros, pouco mais ou menos, «mesmo aos pés da sepultura, marrando a sepultura».

Felizmente a oportuna interferência deste meu velho amigo evitou que aquele touro e o berrãozinho fossem estilhaçados.

De Vila de Sinos temos pois um grande berrão, designado correntemente por *porca de Vila de Sinos*, que está em cima do muro do adro, um berrãozinho e um tourinho descobertos no adro, e se encontram no Museu de Bragança. Há um terceiro berrão encravado na parede da cave, ou loja, da casa do sr. Manuel José Falcão.

1 — O grande berrão

O grande berrão que mede 1,15 m de comprimento esteve muito tempo dentro da igreja ao lado da porta, andou pelo adro aos tombos antes de o recolherem de novo na igreja, onde em 1935 ainda se encontrava. Depois puseram-no cá fora e foi rebolado dum lado para outro.

Em 1936 fui encontrá-lo num canto da eira debaixo dum grande monte de palha trilhada. Sugeri que o levassem para dentro do adro onde fui encontrá-lo passados anos. Depois foi colocado em cima do muro do adro, onde actualmente se encontra (Est. XLII, Figs. 106 e 107, e Est. XLIII, Figs. 108 e 109).

Embora muita gente teime em lhe chamar porca, trata-se, indubitavelmente, de um macho, como bem o atesta as saliências testiculares, bem esculpadas na traseira.

Faltam-lhe as patas e está mutilado por quebradura do focinho e um pouco na barbela. Tem testa acentuadamente chanfrada. As orelhas, em parte esmoucadas, são ovais, em concha, bem desenhadas por um bordo ou cordão saliente.

Tem espinhaço marginado por dois sulcos em goteira. A meio da barriga tem um saliente correspondente ao meato urinário ou forro peniano.

Na traseira vê-se, na parte inferior, um cavado em arco com 11 cm de largura por 16 de altura, que marca o início e separação das pernas, que, como disse, foram decepadas rentes ao corpo. Logo por cima das saliências testiculares, em parte mutiladas, mas ainda patentes, com 13 por 12 cm, tem a covinha cônica do ânus.

Tem de comprimento como já disse 1,15 m; de altura no aprumo das patas anteriores 58 cm, e no aprumo das posteriores 51 cm. A largura do corpo na traseira, que é escorrida, é de 26 cm.

Perímetros: nas virilhas 1,47 m; a meio da barriga 1,49 m e nas axilas 1,55 m.

Está bem afeiçoado e é de granito, que me pareceu de grão médio.

No livro *As terras de Entre Sabor e Douro*, o seu autor José Manuel Martins Pereira, das págs. 95 a 102 ocupa-se de Vila de Sinos, terra da sua naturalidade, da qual dá notícias bastante pormenorizadas.

Nas págs. 99 e 100 trata do *porco do adro da igreja*, que, diz, ser «um desses célebres *berrões* de granito que têm aparecido a leste da província de Trás-os-Montes».

Di-lo do mesmo feitio da Porca de Murça, mas mais pequeno, e ser tradição do povo que é um ídolo dos mouros, e não terem faltado sonhadores que lhe atribui a virtude de ter encantado dentro um importante tesouro, o que tem dado lugar a apanhar grande golpes de tais estúpidos sonhadores.

Mas «graças à rizeza do granito de que é construído, e ao poder da providência, a tudo tem resistido, estando regularmente conservado».

Acrescenta que em 1906 alguém o ter querido levar para um museu.

Quando tal constou o povo de Vila de Sinos tratou de fechar na igreja «o *porquinho*, que até ali tinha andado aos boléus pelo adro da igreja, aguentando com os baldões da sorte, resistindo aos temporais».

2 — O *berrãozinho do adro da igreja de Vila de Sinos*

Este *berrãozinho* apareceu há cerca de 40 anos, ao desaterrarem o adro da igreja de Vila de Sinos para levar terra para calcetar a rua da aldeia. Foi o Dr. Casimiro de Moraes Machado que conseguiu adquiri-lo e oferecê-lo ao Museu de Bragança (Figs. 110 e 111, Est. XLIV).

É pequenino, pois tem de comprimento apenas 32 cm.

Falta-lhe uma grande parte da cabeça, por fractura de que resultou uma superfície convexa, irregularmente arredondada, como que boleada, com 12 cm de altura por 12,7 de largura.

É de granito de grão médio, com os lados aplanados e o lombo um tanto descaído.

No alto da cabeça, de um lado e do outro, tem dois salientes ligeiramente arqueados que devem representar as orelhas.

Não tem olhos.

Tem crista raquidiana ou espinhaço bem marcado (Figs. 112 a 114, Est. XLV).

Na traseira tem rebaixo de separação das patas que apresentam refegos exuberantes, os *ronchos*, próprios de porco bem gordo ou *cevado* (1).

(1) Em Trás-os-Montes, no leste, distinguem duas categorias de porcos, os *laregos* e os *cegados*. *Larego* é um porco pequenote e sobretudo magro. *Cevado* é o porco bem gordo, próprio para abater na quadra do *matadelo*. Ao *larego* também é corrente chamar porco de meia caldeira.

Saliências testiculares bem marcadas com 5 cm de altura (Est. XLIV, Fig. 111).

Mede de comprimento 32 cm.

Alturas: no aprumo das patas anteriores, ao alto da nuca, 26 cm, e no aprumo das patas posteriores 23,5 cm.

Perímetros: nas virilhas 57 cm e nas axilas 58,5.

O touro do adro da igreja de Vila de Sinos

A este touro já em 1938 se referira o Abade de Baçal nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas de Bragança*, Tomo x, Porto, 1938, pág. 289, baseado nos elementos fornecidos por carta do Dr. Casimiro Machado.

Dá-o como aparecido em Setembro de 1935 «quando rebaixaram o adro da igreja, que, por ser elevado, metia as águas pluviais para dentro, aproveitando ao mesmo tempo a terra para entupir poças nas ruas do povoado, apareceram muitas sepulturas ainda com ossos».

Aos pés de uma sepultura com dois metros de comprimento, com meio metro à cabeceira e trinta e dois centímetros aos pés, coberta com três lages, uma de cantaria e duas de xisto, apareceu o touro e um pouco a nascente o berrãozinho.

O Dr. Casimiro Machado conseguiu comprá-los e ofereceu-os ao Abade para o Museu de Bragança.

O Abade de Baçal volta a ocupar-se do touro de Vila de Sinos a pág. 766 do mesmo Tomo x das referidas *Memórias*.

Di-lo talhado «em granito, conjunto ao pedestal, e macho, como indicam os respectivos órgãos sexuais».

Realça ter «o rabo, assaz grande, lançado sobre o lado direito do lombo, destacando-se a estriga. O tronco apresenta-se regularmente trabalhado, mas a cabeça desce em linha vertical com pouco feitio zoomorfo, como a do Berrão de Parada de Infanções, e não tem cornos. As suas dimensões são: comprimento 0,64 m, altura 0,45, diâmetro abdominal 0,76 m».

É justa a comparação com o Berrão de Parada de Infanções, que também tem a fronte aplanada e descaída, como é próprio dos bovídeos.

Assim, o berrão de Parada de Infanções é um touro, e não um porco como o vulgo teima em considerá-lo.

O touro de pedra de Vila de Sinos, que está no jardim do Museu de Bragança, foi talhado em granito de grão médio. Está coberto de líquenes. Conserva a base ou peanha. Pode considerar-se íntegro, pois apenas se lhe vê uma ligeira mutilação à esquerda do alto da testa e no bordo externo da pata posterior esquerda, a quase toda a altura. Aos lados do alto da cabeça tem marcadas as orelhas (Fig. 115, Est. XLVI), com sulco ou goteira mediana.

Cabeça em posição descaída, com testa plana e quase vertical, como é próprio dos bovídeos. Focinho largo com a boca levemente marcada. Tem olhos (Fig. 116, Est. XLVI).

Tem cauda, em cordão, não muito saliente, que sobe pelo lado direito para diante e para cima, passa por cima do lombo e termina do lado esquerdo por um saliente algo apagado, que corresponde à mecha dos pêlos da ponta do rabo.

Não tem a menor indicação de separação das patas, quer anteriores quer posteriores.

Tem bem marcada a bolsa testicular, em posição baixa como é próprio dos bovídeos, e mede 13 cm de comprimento.

Sulco dorsal sobre a espádua esquerda, formado por uma sucessão de pequenas covinhas (Fig. 117, Est. XLVI).

O touro tem de comprimento 62 cm; alturas: no aprumo das patas posteriores 47 cm e no das anteriores 50 cm.

Perímetros: nas virilhas 75 cm e nas axilas 79,5 cm.

Bezerro de granito de Algosinho

José Manuel Martins Pereira, no seu livro *As terras de Entre Sabor e Douro* ⁽¹⁾, a pág. 117, ao tratar da freguesia

⁽¹⁾ José Manuel Martins Pereira, *As terras de Entre Sabor e Douro*. Setúbal, XVIII, mais 519 págs., 1 mapa.

de Algosinho, que fica a 14 km a norte de Mogadouro, escreveu: «Em 1876 Vicente Eduardo, andando a arrancar toija e pedra próximo da povoação, achou enterrado um bezerro de granito que teria quase um metro de comprimento e meio de altura; estava feito com bastante perfeição, mas ignorando o seu valor e merecimento, partiu-o em pedaços e empregou a pedra na parede de uma casa».

*

A poucas centenas de metros, para leste, do povoado de Algosinho fica um castro, o chamado *Castelo dos Mouros* ou *Castelo de Algosinho*.

José Manuel Martins Pereira, nas páginas 114 e 115 do seu livro citado, refere-se às suas muralhas em ruínas, com fosso orlado de pedras fincadas, algumas com mais de um metro de altura, numa faixa de mais de 10 metros de largura.

O mesmo informa: «entre o Castelo e a povoação têm-se encontrado alicerces de casas, pedaços de vasilhame de louças grosseiras, etc.».

É possível que o bezerro ali tenha sido encontrado.

CONCELHO DE MONCORVO

No concelho de Moncorvo apareceram 8 berrões e dois touros. Dos 8 berrões, sete nas Cabanas de Baixo e um na Açoreira. Os dois touros são: um de Ligares e o outro do Castro Baldoeiro (Castrum Baniensium). Este, reduzido à cabeça, foi considerado como touro, mas, como veremos, apresenta morfologia de caprído pelo que lhe atribuímos a qualidade de cabeça de cabra ou de bode.

Os sete berrões das Cabanas de Baixo

Cabanas de Baixo é uma pequena aldeia da freguesia de Cabeça Boa, concelho de Moncorvo. Fica perto da confluência da Ribeira da Vilarça com o rio Sabor que, logo abaixo, se lança no rio Douro.

Nesta aldeia há um olival que era conhecido pelo nome de *olival dos berrões* (1), onde o Padre José Augusto Tavares, Abade de Carviçais, os foi descobrir e os fez transportar para o Museu Etnológico de Belém onde se encontram expostos. Foram registados com os números E 5245 a E 5251.

1 — E 5245

Porco de granito de grão médio, com abundante mica branca, muito mutilado, especialmente na região posterior e na cabeça, podendo considerar-se degolado; também lhe faltam as quatro patas. Das dianteiras restam pequenas porções. Foi-lhe quebrado o focinho, resultando uma superfície de fratura quase circular, com 33 cm de altura por 29 de largura. O corpo é roliço, colindróide, com as seguintes medidas a meio da barriga, altura 41 cm, largura 33 cm (Fig. 21, Est. LI, Fig. 127).

(1) Padre José Augusto Tavares, *Archeologia do distrito de Bragança*, in «Archeólogo Português», Vol. I, Lisboa, 1895, págs. 126 a 129. Nas págs. 127-128 em pequeno capítulo intitulado «Figuras de pedra representando porcos», dá notícia da sua notável descoberta.

Tem espinhaço, ou crista raquidiana, marcado, mutilado no aprumo das patas anteriores, não tão saliente como no exemplar seguinte (E 5246), mas suficientemente esculpido em crista de 7 cm de largura, por cerca de 1 cm de altura.

Orelhas bem patentes em salientes que parecem indicá-las pequenas, soerguidas e um pouco acabanadas para diante.

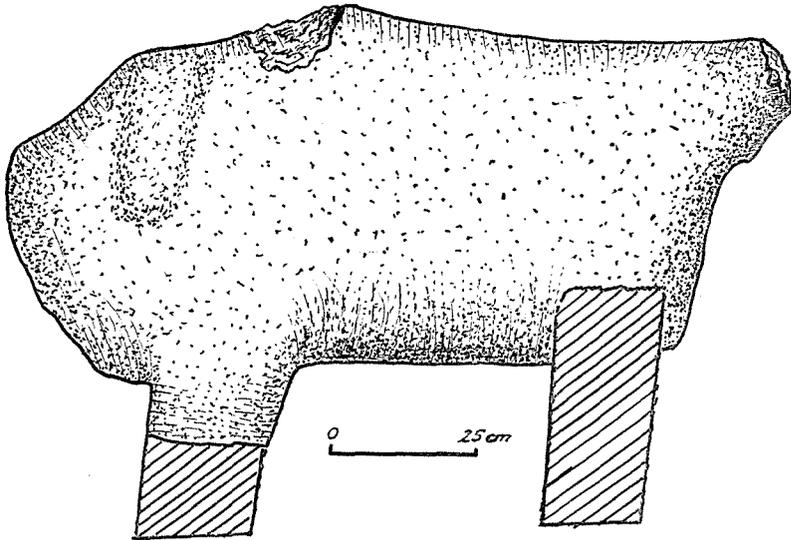


Fig. 21 — Porco das Cabanas (Moncorvo) muito mutilado, E 5245 do Museu Etnológico. Para conveniente posição deste berrão, a que faltavam as patas, foram aplicados acrescentos em cimento que vão indicados em tracejado. O mesmo tracejado nos desenhos em que aparece indica o cimento.

A orelha esquerda algo mutilada. A direita, melhor conservada, parece ter as seguintes dimensões: 16 cm de comprimento por 9 de largo.

O pescoço está assinalado por goteira ou gola que corre logo por trás das orelhas. É pouco funda nas suficientemente demarcada quer aos lados quer na linha média sagital, na região do cachaço ou caluga.

Não tem olhos.

Covinhas: a meio do corpo e do lado direito há covinhas, que, pela aspereza do fundo, foram feitas a pico e não acabadas de afeioar em fundo polido. Há outra covinha, também de fundo um tanto áspero, logo por trás da orelha esquerda. Do lado direito, na goteira do pescoço, quase em posição simétrica da covinha anterior, outras duas covinhas do mesmo tipo, isto é, de fundo não polido.

O que resta mede 95 cm de comprimento, com os perímetros, axilar de 1,31 m e nas virilhas de 1,27 m.

2 — E 5246

Este porco, embora mutilado quer nas patas, de que restam pequenas porções, quer na ponta do focinho, bem como no espinhaço, nos salientes testiculares e no saliente abdominal peniano, ou forro peniano, é um dos melhor conservados dos sete porcos achados no olival dos berrões (Fig. 22, Est. LI, Figs. 125 e 126).

É de granito de grão fino está bem boleado e alisado, o que reflecte técnica de factura um tanto cuidada.

No dorso há uma depressão em curvatura suave que faz lembrar uma sela lombar.

O saliente do espinhaço muito marcado, tem no meio 6 cm de largura e para as pontas alarga, atingindo 8 cm; tem 3 cm de altura na maior parte da sua extensão; foi esmoucado em dois sítios, adiante, na linha do pescoço, no cachão, e atrás a meio do lombo, precisamente no ponto mais baixo da enseadura.

As orelhas são diferentes. A da esquerda é saliente e foi parcialmente quebrada. A da direita está formada por cordão saliente elíptico com 18 por 12 cm.

Não tem olhos.

A meio da barriga foi quebrado o saliente abdominal peniano.

Tem ânus em nítida e polida covinha cônica.

As bolsas testiculares, embora parcialmente esmoucadas, são bem patentes, com 17 cm de comprimento (Fig. 126, Est. LI).

Por cima do ânus tem cauda enrolada e retorcida como é frequente nos porcos (Fig. 126).

Este bem modelado berrão tem de comprimento 1,12 m. Perímetros: ao nível das axilas 1,36 m; nas virilhas 1,25 m.

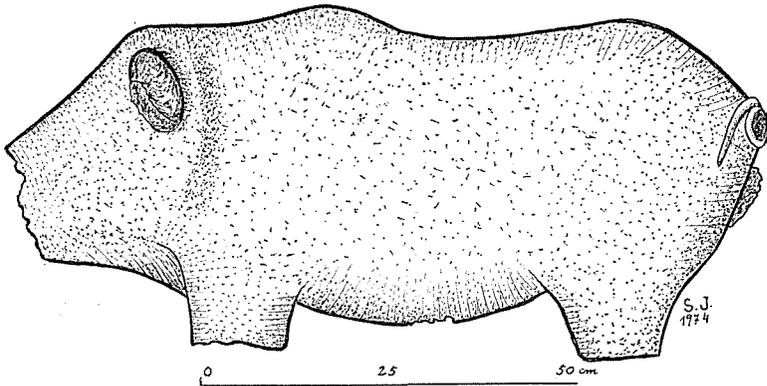


Fig. 22 — Porco das Cabanas (Moncorvo) de rabo torcido e com testículos em parte esmurrados. E 5246 do Museu Etnológico.

3 — E 5247

Porco de granito de grão fino a médio, e talhe pouco cuidado.

Está muito mutilado. Na cabeça foi-lhe quebrado o focinho e a barbela. Faltam as patas anteriores. Das posteriores resta cerca de metade, e nelas ainda nos jarretes, os refegos ou *ronchos*, próprios dos porcos gordos (Fig. 23 e Est. L, Fig. 123).

Foram quebradas as saliências testiculares, vendo-se a zona de mutilação de superfície irregular com 18 cm de altura por 10 cm de largura,

Na cabeça há umas saliências que podem querer representar as orelhas, mas cuja situação, muito dianteira, leva a crer que não tenham esse significado.

Não tem olhos.

O espinhaço, patente só na metade anterior, bem acentuado na altura das espáduas e no cachaço ou caluga, está mutilado em quase todo o seu comprimento.

O pescoço está assinalado por goteira ou gola, embora pouco profunda.

No lado esquerdo tem duas depressões, uma logo atrás da espádua e a outra no quarto posterior, que devem ter sido feitas com intuito mutilador.

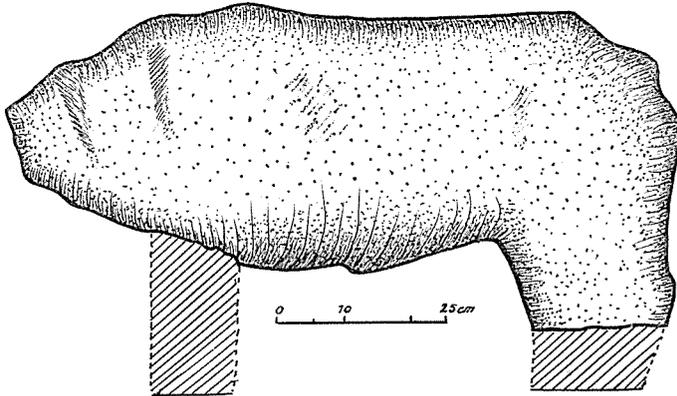


Fig. 23 — Porco das Cabanas (Moncorvo). E 5247 do Museu Etnológico.

Há 4 sulcos, três no lombo e um na espádua direita, que podem ser primitivos, mas mais parece serem posteriores em propósito mutilante.

Há também duas ou três covinhas incaracterísticas.

O corpo é assimétrico, do lado esquerdo boleado em convexidade de curvatura suave, enquanto que o lado direito é acentuadamente aplanado.

No lado esquerdo há duas falhas por lascas saltadas, certamente a ponteiro, uma no tórax, logo atrás da espádua e outra no abdómen na região do vasio.

Tem 1 m de comprimento. Altura máxima na vertical da pata posterior direita 65 cm. Perímetros: axilar 1,32 m; a meio da barriga 1,24 e nas virilhas 1,19 m.

4 — E 5248

Javali em granito de grão fino a médio, de duas micas, com predomínio da mica branca. Está muito mutilado na parte traseira e não tem patas (Fig. 24).

A cabeça, à parte ligeiras quebraduras no focinho, pode dizer-se que está íntegra.

Não tem olhos.

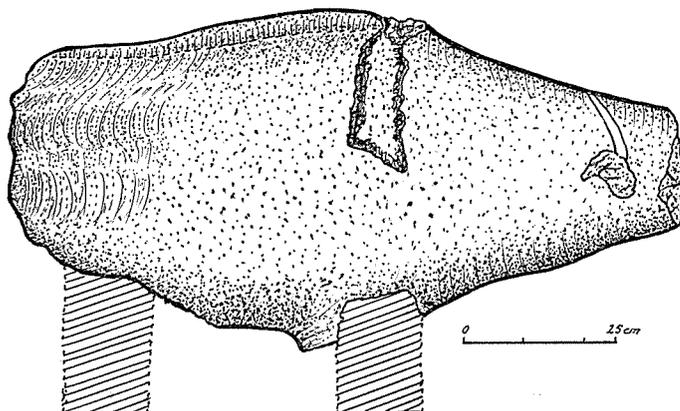


Fig. 24 — Porção de javali das Cabanas (Moncorvo).
E 5248 do Museu Etnológico.

A frente do focinho é oval com 25 por 21 cm, tendo, quase a meio, uma pequena gravura em ferradura aberta sobre a esquerda, e terminado o ramo superior por uma pequena covinha.

Como narina direita pode talvez ser considerada uma covinha a que adapta bem a polpa do dedo indicador, mas é de situação alta. Não tem narina esquerda.

Não tem assinalada a boca.

Tem dois grandes dentes caninos que sobem para cima e para trás e cujas pontas quase se unem na linha mediana (Fig. 25).

Podem talvez ser considerados como orelhas dois salientes rectangulares no alto e aos lados da cabeça, o da direita

íntegro com 24 por 10 cm; o da esquerda muito mutilado, bem como a linha de junção das duas orelhas (Est. I, Fig. 124).

Espinhaço, saliente, com 7 cm de largura e alto, com quase 4 cm na dianteira do lombo e baixando para trás até pouco mais de 2 cm.

Adiante a crista do espinhaço faz corpo com os salientes que referimos como possíveis representação das orelhas, for-

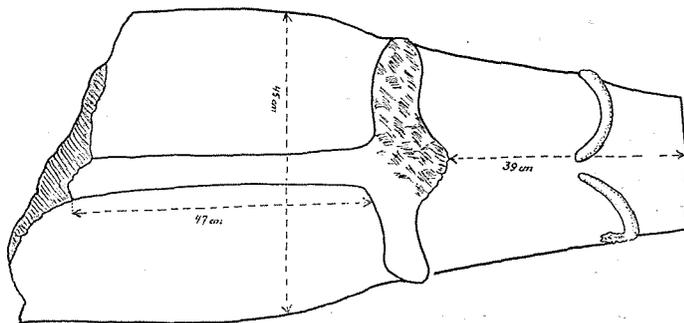


Fig. 25 — Desenho esquemático da parte dorsal de um javali das Cabanas (Moncorvo). E 5248 do Museu Etnológico.

mando um conjunto cruciforme com ligeiro acuminado para o meio da testa (Fig. 25).

O que resta mede 1,07 m de comprimento e tem de perímetro axilar 1,60 m. Perímetro do pescoço pela goteira 1,54 m.

5 — E 5249

Javali de granito de grão fino a médio, de factura bastante cuidada.

Sem patas posteriores, que foram quebradas quase rente ao corpo. As anteriores estão projectadas para diante (Fig. 26 e Est. XLIX, Fig. 121).

Orelhas pequenas: a direita, com 13 cm de comprimento, por 10 cm de maior largura, está parcialmente mutilada, mas forma ainda um saliente quadrilátero com uma crista média irregular, oblíqua de cima para baixo e de diante para trás.

A orelha esquerda, em posição simétrica, tem superfície ligeiramente escavada em concha.

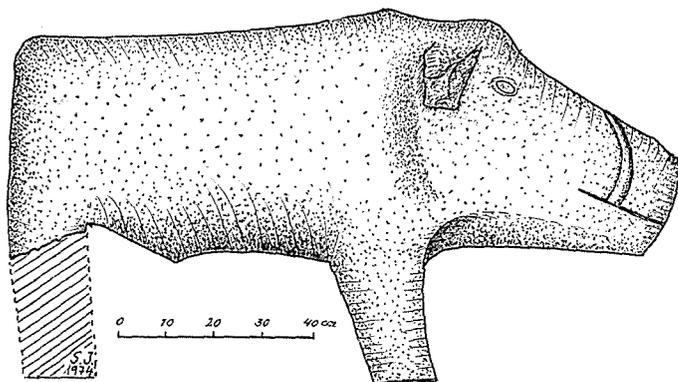


Fig. 26 — Javali das Cabanas (Moncorvo). E 5249 do Museu Etnológico.

Tem olhos, pequenos e elípticos, o da esquerda em parte mutilado por gravuras (Fig. 27).

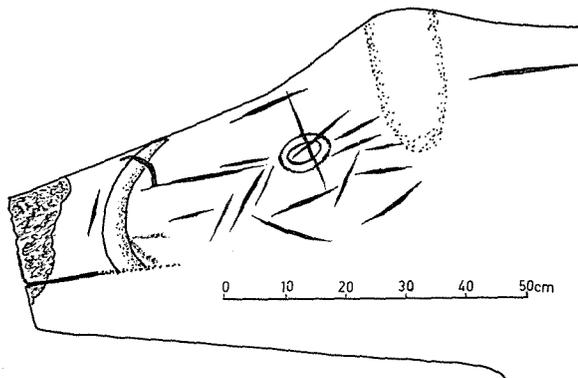


Fig. 27 — Gravuras no lado esquerdo da cabeça do javali das Cabanas (Moncorvo). E 5249.

Tem boca não muito marcada, de onde saem dois dentes caninos que sobem para cima e para trás, encurvando-se na parte terminal, o que afasta as pontas (Fig. 28).

Só se lhe vê a narina direita, grande cova cônica de fundo liso com quase 3 cm de diâmetro. A da esquerda deve ter desaparecido com a mutilação da porção supero-esquerda do focinho. A superfície frontal do focinho é elíptica com 24 por 19,5 cm e tem, na ponta, o perímetro de 76 cm.

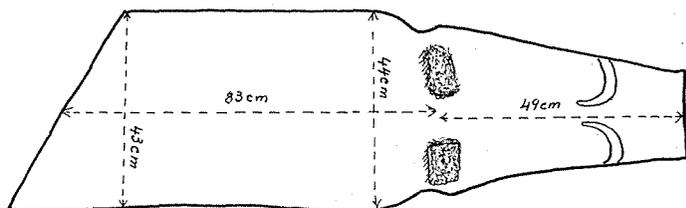


Fig. 28 — Esquema do dorso do javali E 5249.

Do lado esquerdo da cabeça sulcos numerosos como mostra a fig 27.

Tem o comprimento de 1,35 m.

Perímetros: nas virilhas 1,43 m; no sulco em goteira do pescoço 1,45 m.

6 — E 5250

Peça estranha em granito de grão médio, de face superior arredondada, quase apumada dos lados, e face ventral inferior plana, continuando-se nas extremidades para baixo, adiante e atrás, em placas rectangulares do mesmo granito que lhe constituem suporte e correspondem às patas (Est. XLIX, Fig. 122).

O lombo, que tem na parte média 46 cm de altura, é cheio de rugosidades com tortomelos, grandes nódulos verrugosos, descai para diante onde provavelmente ficaria a cabeça.

O descaimento do lombo é mais acentuado para trás em superfície quase plana.

No suporte rectangular da dianteira tem esboçado o delineamento das patas anteriores.

O suporte rectangular posterior é liso, sem o mínimo esboço de pernas, ânus ou órgãos sexuais.

Do lado esquerdo há, a todo o comprimento, um largo rebordo, dando a impressão de que seria porção a desbastar, para que a estátua ficasse com os dois lados simétricos.

Peça estranha, da qual se pode dizer que seria estátua por acabar, em meio fazer, e, sem dúvida, mal começada. Comprimento 1,05 m.

7 — E 5251

Porco de granito de grão médio.

É o melhor conservado dos sete berrões do *olival dos berrões* das Cabanas. Conserva a peanha e apenas o mutilaram

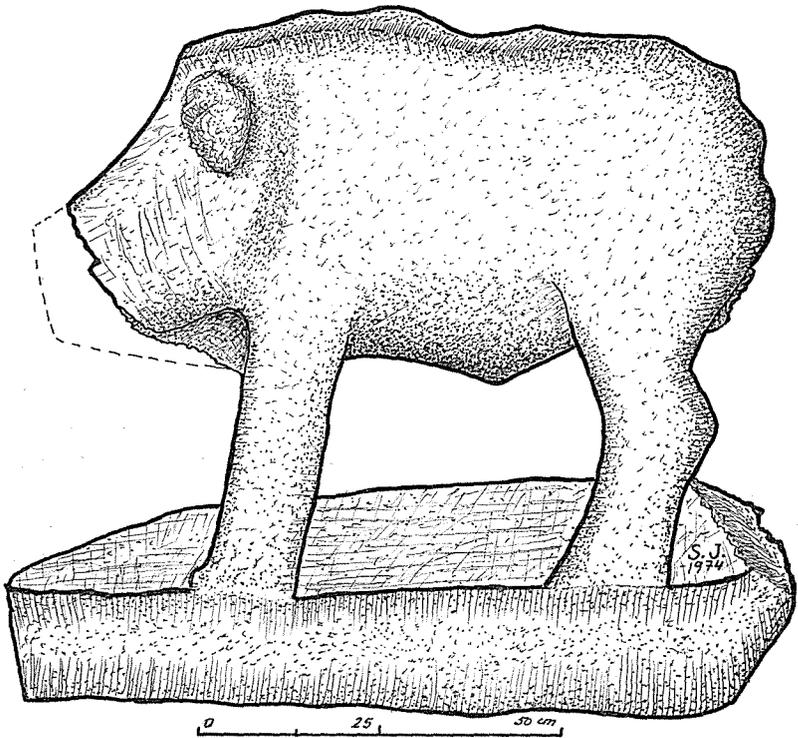


Fig. 29 — Porco ou javali das Cabanas (Moncorvo). E 5251.

no focinho, na barbela, e no espinhaço em três sítios, adiante, no meio e atrás (Fig. 29, e Est. XLVIII, 119 e 120).

Não tem olhos.

É um pouco rechonchudo, curto e de perna alta: javali?

Tem orelhas pendentes, marcadas por salientes boleados, subtriangulares, com as pontas arredondadas. A orelha esquerda é melhor cinzelada do que a direita, que está desgastada.

Tem barbela que foi parcialmente quebrada, quase até às patas anteriores.

O espinhaço é saliente a todo o comprimento do lombo, com 3 cm de altura, e que em alguns sítios atinge os 4 cm. Tem, em média 7 cm de largura, atingindo em alguns pontos 9 cm.

Na face ventral tem o saliente do forro peniano.

Tem ânus bem marcado por covinha cônica e polida.

Saliência testicular em parte mutilada.

Tem 95 cm de comprimento.

Perímetros: nas axilas 1,35 m e nas virilhas 1,25 m.

*

Os sete berrões das Cabanas constituem um grupo sem dúvida notável.

Por um lado o seu número e o seu ajuntamento, o que fez dar ao olival onde estavam o nome de *olival dos berrões*. Este nome foi a pista que levou o Padre José Augusto Tavares à sua descoberta e subsequente louvável e inteligente oferta ao Museu Etnológico de Belém, onde ficaram livres da fúria destruidora dos pesquisadores de tesouros, que imaginam, estupidamente, que tais porcos têm no seu interior uma grande panela de libras.

As suas dimensões, todas de tamanho grande, por outro lado a presença de dois javalis, bem definidos pelos seus grandes caninos, e ainda aquele estranho berrão, talvez porco, por acabar ou em meio fazer, concorrem para a notabilidade daquele conjunto.

Qual o significado daquele grupo de sete berrões?

Pelo menos duas hipóteses se podem pôr.

Uma, a de que aquele olival teria sido um santuário proto-histórico, onde se juntaram os referidos berrões.

Mas pode perguntar-se: para quê tantos, e logo sete?

A outra hipótese é a de que o local seria, por assim dizer, uma oficina de estatuário.

Fui visitar o *olival dos berrões*. Na escassa meia hora em que lá pude estar nada vi de interesse arqueológico, e neste particular, nada averigui de concreto no rápido inquérito a que procedi.

Seria conveniente que no olival dos berrões se fizesse uma escavação, sumária que fosse. Se aparecessem restos arqueológicos condizentes com a primeira hipótese, esta teria certo grau de plausibilidade.

Quanto à segunda hipótese, pode dizer-se que a manufatura de estátuas daquele tamanho e com peanha, porque todos deviam tê-la, implicava trabalho demorado. Por isso seria natural que fossem, digamos, encomendadas, e não que o estatuário as fosse modelando e conservando em depósito à espera de comprador.

O estatuário podia receber encomendas antecipadas e ir trabalhando nas esculturas encomendadas, aguardando que quem as encomendasse as fosse buscar.

É bem lembrar que, quando completas, isto é, com a respectiva base ou peanha, aquelas estátuas teriam um peso de algumas centenas de quilos.

As maiores podiam orçar pelos 500 ou 600 quilos em relação com a menor ou maior robustez da peanha.

Tal peso apresentaria alguma dificuldade para transporte a grandes distâncias.

Pode pois pôr-se a pergunta:

Seriam aqueles berrões de pedra, na hipótese de se tratar de uma oficina de estatuário, destinados a agregados populacionais distantes, ou pelo contrário aos das cercanias?

Embora os granitos, como referimos, não sejam todos do mesmo grão, isso nada esclarece quanto a serem, ou não, provenientes da mesma pedreira, ou de pedreiras diferentes.

Claro que, se os granitos fossem acentuadamente diferentes uns dos outros e do granito local, isso seria elemento a favor da hipótese de santuário.

Para tentar esclarecer este aspecto da mesma ou de diferentes origens dos granitos daqueles sete berrões, solicitei autorização ao Director do Museu Etnológico de Belém para arrancar pequenas lascas de cada um dos berrões, para fazer lâminas finas afim de serem examinadas ao microscópio.

Pedi ao departamento de Mineralogia da minha Faculdade de Ciências, do Porto, para proceder a esse estudo, do qual, prontamente se encarregou o Sr. Eng.º Luís Fernando Pinto de Mesquita de Melo Mexia, distinto Naturalista, que me apresentou o seguinte estudo micrográfico das respectivas amostras.

Amostra E 5245

«A amostra, de dimensões muito reduzidas, mostra uma rocha granulosa de grão fino a médio, em que se pode observar à vista desarmada quartzo, muscovite, em lamelas maiores e mais abundante que a biotite, e feldspato muito alterado.

«A observação microscópica revela uma rocha holocristalina fenerítica, equigranular de grão fino, xenomórfica, leucocrata, com quartzo, feldspatos (oligoclase 25 % An., microclina e ortose), muscovite, biotite, apatite, zircão e rútilo acicular.

«A muscovite é mais abundante que a biotite e a microclina predomina sobre a oligoclase.

«Os feldspatos apresentam-se muito alterados.

«A rocha mostra ter sofrido fortes acções de cataclase.

«Não se observa tendência para os elementos se terem disposto com orientação regulada.

«Trata-se de um granito de grão fino de duas micas e carácter calcóalino».

Amostra E 5246

«Esta amostra indica tratar-se de rocha holocristalina de grão fino e estrutura gneissosa microlenticular.

«Observa-se quartzo, muita muscovite e alguma biotite e um feldspato de cor rósea muito alterado.

«Na observação microscópica vê-se uma rocha holocristalina fanerítica, leucocrata, com estrutura ligeiramente gneissica e microlenticular. O quartzo apresenta-se em cristais de dimensões várias mas com frequência associando-se em lentículas de orientação mais ou menos regular.

«A microclina é o feldspato mais abundante, aparecendo ainda a ortose e a oligoclase muito caolinizadas e difíceis de estudar.

«A moscovite, mais abundante que a biotite dispõe-se com tendência para orientação das suas lamelas.

«Encontra-se também apatite, rútilo acicular e zircão.

«Trata-se de um granito gneissoso de grão fino, calcolalcalino, de duas micas».

Amostra E 5247

«É uma rocha holocristalina de grão fino a médio, granulosa, leucocrata não mostrando orientação privilegiada dos seus elementos. Pode observar-se a olho nu quartzo, moscovite, biotite e feldspato, muito alterado, de cor rósea.

«A observação ao microscópio revela tratar-se de rocha holocristalina granulosa de grão fino, leucocrata, xenomórfica, com quartzo, microclina, oligoclase, 26 % An, e ortose. A microclina é o feldspato mais abundante.

«Tem moscovite e biotite, predominando a primeira e como minerais acessórios apatite, rútilo acicular, zircão e magnetite.

«Deve tratar-se de um granito de grão fino, de duas micas, calcolalcalino, que não apresenta evidente estrutura gneissóide».

Amostra E 5248

«Rocha holocristalina xenomórfica granular de grão fino, leucocrata, com quartzo, moscovite e biotite em proporções

aproximadamente iguais e feldspato branco um pouco róseo, muito alterado.

«O estudo micrográfico revela uma rocha holocristalina fanerítica, xenomorfa granulosa de grão fino a médio, com quartzo, microclina abundante, oligoclase 28 % An., ortose, moscovite abundante e biotite; os minerais acessórios são a apatite, o rútilo acicular e o zircão.

«Não mostra estrutura gneissóide.

«Trata-se de um granito de grão fino de duas micas, calcolalcalino».

Amostras E 5249 — E 5250 — E 5251

«A rocha é holocristalina, granulosa de grão fino, com os elementos micáceos mais ou menos orientados; é leucoctata. Mostra quartzo, moscovite e biotite, e feldspato branco muito alterado.

«O estudo micrográfico revela uma rocha holocristalina xenomórfica granular de grão fino, com os elementos micáceos sensivelmente orientados e uma estrutura um tanto gneissóide.

«Tem quartzo, muita microclina, oligoclase 30 % An., ortose, moscovite mais abundante que a biotite; apatite, rútilo, zircão, minerais acessórios e magnetite.

«Trata-se de um granito gneissóide de duas micas, calcolalcalino, de grão fino».

Conclusões

«Todas as amostras são de rochas graníticas de grão médio ou fino, calcolalcalinas, de duas micas, moscovite e biotite, em que a primeira iguala ou predomina sobre a segunda.

«O carácter petrográfico de todas as amostras é o mesmo, podendo por isso pertencer a um mesmo e vasto afloramento granítico cuja estrutura gneissica possa variar um pouco localmente.

«O que se não pode garantir é que todas as amostras pertençam necessariamente a um só afloramento, ou ao mesmo

maciço granítico, porquanto estes aparecem no nosso país apresentando textura e composição petrográfica idênticas em regiões muito afastadas».

Abril de 1954

Luís Pinto de Mesquita
Naturalista

Testemunho mais uma vez os meus agradecimento a este distinto Naturalista.

*

O Prof. Leite de Vasconcelos, no Vol. III das *Religiões da Lusitânia*, págs. 25-28 ocupa-se dos «Berrões das Cabanas de Moncorvo».

Refere, com merecido louvor, a acção do Padre J. Augusto Tavares, que, «em 1897, após grande trabalho seu, conseguiu obter gratuitamente para o Museu Etnológico, onde já estão, todos os *berrões* do Olival, em número de sete, melhores ou piores, não contando fragmentos de outros».

É pena que não tenha especificado a natureza dos fragmentos, para se poder inferir a quantos berrões correspondiam.

O Padre J. Augusto Tavares no artigo que sobre os berrões das Cabanas publicou no *Archeólogo Português*, Vol. I, pág. 127, informa que no *olival dos berrões* existiam «seis figuras de granito representando porcos, algumas em bom estado de conservação, outras já partidas e outras incompletas...».

O Prof. Leite de Vasconcelos continuando na análise dos berrões das Cabanas de Moncorvo diz que sendo desnecessário descrever e figurar todos os berrões das Cabanas, escolheu dois. Um reprodu-lo em fotografia na Fig. 10, pág. 27, é o E 5251; do outro, o E 5249, publica um desenho na Fig. 11, pág. 28.

Do primeiro diz que é «uma fêmea, ou *berrôa*, como se vê de uma teta, que está bem manifesta, e da vulva, apesar de esmurrada». Indica-lhe as dimensões, a saber: «altura máxima,

desde o dorso até ao chão 0,99 m; comprimento total do corpo 0,89 m; circunferência abdominal 1,30 m».

Como dissemos atrás, trata-se, sem a menor dúvida, de um macho. Custa a crer que o Prof. Leite de Vasconcelos tenha confundido a proeminência do forro peniano ou meato urinário com uma teta.

Do segundo, o E 5249, que é um javali, refere-lhe as mutilações da base e da parte posterior, que, diz, «foi serrada por um pedreiro selvagem e ignorante». Prosseguindo na descrição escreve: «A cabeça é muito saliente; as orelhas distintas; um dos olhos bem manifesto, o outro só pouco por causa de uns riscos que mão iconoclasta aí fez; dois dentes (presas) saídos dos cantos da boca; a venta direita conservada, a esquerda quebrada. Altura máxima 0,65 m; comprimento total 1,38 m; circunferência abdominal 1,61 m».

Os riscos que diz terem sido feitos por mão iconoclasta, salvo melhor parecer, afiguram-se-me gravados intencionais, certamente remotos, pois têm o ar das gravuras rupestres riscadas em granito. Vão desenhados na Fig. 27.

Na mesma pág. 28, Leite de Vasconcelos, diz: «Faltam-me elementos para dizer se desta quantidade de berrões encontrados juntos em um sítio, se há-de concluir que era aqui uma oficina, como parece deduzir-se de ser um deles, como disse, mero esboço, ou se era aqui um local sagrado. Em Espanha também alguns monumentos desta espécie se têm encontrado em grupos».

*

Os porcos de pedra das Cabanas de Baixo foram, como disse, descobertos pelo Padre José Augusto Tavares.

A primeira notícia deste notável achado foi dada por ele no artigo *Archeologia do distrito de Bragança*, atrás citado, que no final tem «Ligares 18-4-95», o que prova ser ao tempo pároco em Ligares, aldeia do concelho de Moncorvo, que tem anexa a aldeia da Açoreira onde apareceu a *berrôazinha* de que nos ocuparemos adiante, e que ele ofereceu ao Museu Etnológico de Belém.

Este erudito padre, que foi depois Abade de Carviçais, na pág. 127 do seu artigo refere o aparecimento de «figuras de pedra representando porcos» a cerca de 1 km a sul do castro do «Castelo de Cabeça Boa, a 40 ou 50 metros das Cabanas de Baixo». Continuando informa: «no sítio chamado *Olival dos Berrões*, propriedade dos herdeiros de João de Campos, de Moncorvo, existem seis figuras de granito, representando porcos, — alguns em bom estado de conservação, outras já partidas, e outras incompletas desde a sua origem, ou apenas esboçadas pelos fabricantes delas».

Acrescenta ter aparecido ou ter sido visto «um rebanho de bacorinhos ⁽¹⁾, também de granito, um pouco mais ao sul, no cume de um pequeno outeiro», bacorinhos que não conseguiu encontrar apesar de diligentemente procurados. Diz que «entre tantas figuras de suínos de pedra só apareceu a de uma fêmea e a de um bacorinho».

Informa também que «alguns medem 1,5 m de comprimento e o seu peso regula por 180 a 220 kilogramas; outros 1,2 m de comprimento e 120 kilogramas de peso».

(1) Tem muito interesse esta referência a um rebanho de bacorinhos que muito provavelmente existiu.

Dou a seguir notícia de um notável conjunto espanhol de «verracos» aparecidos na região de Toledo, do qual consta também faria parte um rebanho de seis bacorinhos.

Esse notável aparecimento de um conjunto de verracos vem referido nas págs. 119-120 do trabalho de José Ramon y Fernandez, *Nuevos verracos toledanos*, in «Actas do V Congreso Arqueológico Nacional», Zaragoza, 1959, nos seguintes termos.

«En castillo de Bayuela (La Jara — Toledo) hay un toro sirviendo de remate a la fuente de la plaza que apareció en el cerro del castillo, donde probablemente hubo antes un castro, pues en sus alrededores se han encontrado varias hachas de piedra neolíticas. En el pueblo aseguran que con el toro se encontraran también un cerdo, una cerda y seis cierditos de piedra, que hoy parece que estanambutidos en la pared de una cerca».

Tratar-se-ia portanto de um grupo de nada menos de 9 estátuas zoomórficas do mesmo castro, e entre elas seis bacorinhos.

Termina por considerar fácil o transporte daqueles porcos de pedra para algum dos museus do Porto, Lisboa ou Guimarães, em virtude da proximidade da estação do Pocinho, da linha férrea do Douro.

Cumprindo este parecer fê-los transportar para Lisboa, onde se encontram a salvo no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, em Belém.

O certo é que os porcos de pedra, em exposição naquele Museu, como provenientes das Cabanas, são sete e não seis. Entre eles não vi nenhuma fêmea, nem o bacorinho que o Padre José Augusto Tavares refere na notícia que deu do seu notável achado ⁽¹⁾.

Não é de crer que o Padre J. Augusto Tavares indicasse um bacorinho sem na realidade o ter visto.

Será mais um berrão desaparecido, que viria aumentar para 46 a série dos porcos de pedra trasmontanos de que se tem conhecimento.

Pelo que respeita ao *rebanho dos bacorinhos*, que teria aparecido no tal monte, a sul do *olival dos berrões*, tais bacorinhos têm que ser considerados como desaparecidos, pois pode bem ser que tenham tido existência real.

Uma velha prática com que em Meirinhos (concelho de Mogadouro) os rapazes esconjuravam o nevoeiro, é elemento a favor de tal existência.

Meirinhos é freguesia do concelho de Mogadouro, que, a sul, faz extrema com o concelho de Moncorvo, e fica na Chã, pequeno planalto de ondulações suaves, sobranceiro ao rio Sabor, que, lá em baixo, corre para sudoeste e vai desaguar no rio Douro, ao fundo da Vilariga.

No estudo sobre os *Cataventos*, que o notável e cintilante espírito que foi Rocha Peixoto publicou no Vol. II da *Portu-*

(1) Da Direcção do Museu Etnológico não chegaram a esclarecer-me quanto aos tais berrões partidos e incompletos, nem quanto ao bacorinho, referidos pelo Padre J. Augusto Tavares no seu trabalho *Archeologia do distrito de Bragança*, cit.

gália (Porto, 1905-1908), a pág. 441, e a propósito do nevoeiro ou névoa, lê-se:

*Nevoinha peidorreira
Vai para os cantos da ribeira,
Que está lá uma porca parida com leitões.
Come-lhe os leitões
E manda a porca p'ros berrões».*

Em 1940 publiquei o pequeno trabalho *Sobrevivência folclórica dos berrões da Vilariça* ⁽¹⁾, em que reproduzi o que acabo de transcrever e fiz algumas considerações que vou sintetizar.

Por volta de 1930 a 1935, o meu Amigo Sr. Ernesto Firmino Bernardes Salgado, que então estaria a arrumar aos 80 anos, natural e residente em Meirinhos, contou-me que ali havia muita gente velha que se recordava de, na sua meninice de há 60 e 70 anos, increpar a nevoinha com a lenga-lenga publicada por Rocha Peixoto, e ele mesmo o fizera muitas vezes.

Portanto, muitos anos antes de o Padre J. Augusto Tavares ter descoberto os berrões da Vilariça, os rapazes de Meirinhos, no esconjuro feito ao nevoeiro, já a eles aludiam.

Uma porca na época do cio leva-se ou manda-se ao berrão mas não aos berrões, como se diz na increpação transcrita.

Na lenga-lenga que Rocha Peixoto registou, os rapazes, amaldiçoando a enregelante nevoinha, increpavam-na e mandavam-na não para algures, por exemplo para «o mar coalhado» ou para «o monte maninho onde não haja pão nem vinho», como noutros esconjuros se ouve a cada passo, mas, explicitamente, para a Vilariça, onde termina o vale do rio Sabor, que, pouco antes de desaguar no rio Douro, recebe pela margem direita a Ribeira da Vilariça.

⁽¹⁾ J. R. dos Santos Júnior, *Sobrevivência folclórica dos berrões da Vilariça*, in «Actas, Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso Nacional de Ciências da População, Tomo II, págs. 368 a 371, Vol. XVIII do CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS, Lisboa, 1940.

Facto a apontar com especial relevo, é o de, como se lê no referido trabalho do Padre J. Augusto Tavares, «entre tantas figuras de suínos de pedra só apareceu a de uma fêmea» e constar ter sido visto «um rebanho de bacorinhos».

Parece, pois, poder concluir-se que a velha zoolatria que, em épocas remotas, existiu e teve notável florescimento no leste trasmontano, como o atesta o aparecimento em Trás-os-Montes de quase meia centena de berrões, nomeadamente de porcos, transparece na lenga-lenga de increpação ao nevoeiro gritada pelos rapazes de Meirinhos.

Estes, sem disso darem conta, repetindo o que de pais a filhos passara por tradição, possivelmente se referiam aos berrões de Vilariga, mais tarde descobertos pelo Padre J. Augusto Tavares.

É bem que se saiba, que de Meirinhos às Cabanas são, em linha recta, pelo menos uns 25 km.

O culto zoolátrico das gentes de épocas remotas extinguiu-se há muito. Porém o folclore num ou noutro caso, regista a interferência de animais em acção exorcizante ⁽¹⁾, ou como no caso da lenga-lenga de Meirinhos em que a tradição, incons-

(1) Podem apontar-se dois exemplos em que interferem um carneiro e uma cadelinha em duas lenga-lengas de imprecação ao nevoeiro.

*Foge, foge, nevoeiro
Para a chã do outeiro,
Que lá está João Branco
Com um grande carneiro!*

*Ergue-te, néboa, ribeiro,
Que aí vem o Sor S. Brás
Com uma cadelinha atrás
P'ra guardá-las cabritinhas.*

Estas imprecações ao nevoeiro eram gritadas pelos pastores do Suajo e vêm publicadas no livro *De terra em terra* do Prof. Leite de Vasconcelos, cap. «Excursão ao Suajo», Lisboa, 1927, Vol. I, pág. 9.

Martins Sarmiento, insigne arqueólogo vimaranense, na sua viagem à Serra da Estrela, recolheu várias tradições populares daquela serra.

cientemente, manteve a referência aos berrões achados próximo da Ribeira da Vilarica.

A Etnografia, em muitos casos, pode prestar ótimos serviços à Arqueologia, fornecendo elementos de grande valia para o estudo de certos problemas arqueológicos, graças à singular memória da tradição, que, de pais a filhos, vai mantendo em grau de maior ou menor pureza, e resistindo à diluição no esquecimento, os conhecimentos acumulados por gerações sucessivas.

Em sínteses, por vezes lapidares, esses conhecimentos aparecem encastoados em lendas, versos ou conceitos, que são, em alguns casos, magníficas jóias folclóricas cheias de beleza, de poesia, e de ensinamento, como no esconjuro à nevoinha gritado pelos rapazes de Meirinhos.

Numa carta que escreveu de Ancora, em 22 de Agosto de 1881, ao Prof. Leite de Vasconcelos (in «O Archeólogo Português», Vol. VI, Lisboa, 1901, págs. 30 a 48, *Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento*) refere um esconjuro, págs. 40-41, lenga-lenga do nevoeiro, da qual diz variar das conhecidas, «menos em ser uma réstea de despautérios».

*Neboa, neboeiro
Vai p'ra trás daquele oiteiro,
Que anda lá João Cabreiro
Com as calças queimadas.
Quem lh'as queimou foi o fogo.
O fogo anda na mata
Que a mata deu a cabra,
E a cabra deu o leite,
E o leite é p'rás velhas,
E as velhas dão o milho
E o milho come-o a galinha
A galinha põe ovos,
E os ovos come-os o cura
E o cura diz a missa
Atrás daquela arrabiça.*

Tem razão Martins Sarmiento quando escreveu que esta lenga-lenga de esconjuro ao nevoeiro é uma sucessão de despautérios.

O chamado touro do. Castrum Baniensium

O *Castrum Baniensium* ou castro do Baldoeiro tem o primeiro destes nomes por naquele castro ter sido descoberto um cipo romano com os seguintes dizeres:

IOVI
OPTIMO
MAX
CIVITATI
BANIENS
... L . . L NIV
..... D

Esta inscrição vem reproduzida nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Vol. ix, pág. 479.

O Prof. Leite de Vasconcelos (Ver *Religiões da Lusitânia*, Vol. 3.º, XX pág.), interpretou-a assim: Jovi Optimo Maximo civitati Baniens(ium)..... L .. Iniu(dono) d(edit).

Deduziu dos dizeres da lápide que ali teria vivido o povo baniense.

A designação de castro do Baldoeiro resulta de aquele castro assentar no sítio chamado Baldoeiro. Há quem queira considerar este nome uma corrupção de «vale do oiro».

O castro fica na margem direita do rio Sabor, entre este e a Ribeira da Vilariça, em termo da aldeia dos Estevais da Vilariça, freguesia da Cardanha e concelho de Moncorvo. É sobranceiro às quintas da Portela e da Silveira, dominando uma grande parte do feracíssimo vale da Vilariça.

Em frente, para sul, separado pela estrada de Moncorvo a Vila Flor, fica o Monte da Derruída, tendo no alto restos das muralhas, ainda conservadas em parte, da chamada Vila Velha, ou também Vila de Santa Cruz, antecessora da Vila de Moncorvo, pois os seus habitantes, dizimados pelas febres palustres, a teriam abandonado à roda do século XI. Foram fixar-se a uns 10 km para sudeste na base da serra do Roboredo, dando origem à vila da Torre de Moncorvo.

No artigo de Afonso Pereira Cabral, publicado na *Ilustração Trasmontana*, 3.º Ano, Porto, 1910, pág. 58 a 64, intitulado

Castrum Baniensium, publica-se na pág. 61 um desenho feito por Luiz Van Zeller Pereira Cabral, encabeçado pelo título «A cabeça do touro», desenho reduzido a um quinto do tamanho natural.

Este desenho copiei-o a nanquim e vai reproduzido na Fig. 30.

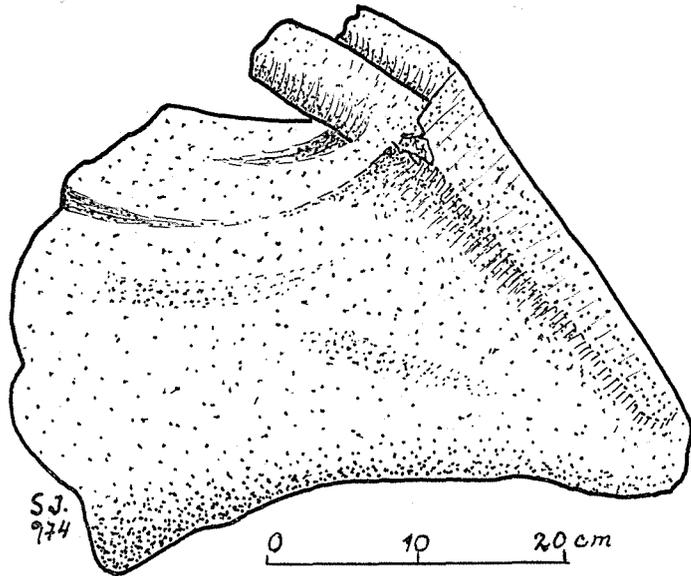


Fig. 30 — Cabeça de cabra ou bode do castro do Baldoeiro (Vilarica, Moncorvo).

Na pág. 62 do referido artigo lê-se: «Entre os vestígios religiosos deverão, a meu ver, agrupar-se as numerosas representações de serpentes ⁽¹⁾ de tamanhos muito variados, grosseiramente esculpidas nos rochedos e de que a fig. 4 oferece dois exemplos. Deste grupo porém, o exemplar mais curioso é a famosa cabeça de *touro*, como relíquia da escultura pri-

(1) Tive ensejo de estudar os gravados serpentiformes do castro do Baldoeiro. Desse estudo dei conta no meu trabalho. *As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro (Moncorvo) — Trás-os-Montes*, in actas do XV Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique e IV Session de l'Institut International d'Anthropologie, Paris, 1931, 6 págs. e 2 figs.

mitiva e que se acha reproduzida na fig. 5. É formada por um bloco de granito, grosseiramente talhado em forma de animal, medindo 0,45 de comprimento por 0,40 de altura».

Aquela cabeça de pedra deve ter sido encontrada naquele castro. Porém nada se diz quanto a ter sido ou não encontrada na data em que o autor visitou o castro baniense na companhia de várias pessoas, entre as quais o Padre José Augusto Tavares, Abade de Carviçais.

Não se sabe onde pára aquela cabeça. É possível que tenha sido levada pelo Abade de Carviçais, que foi apaixonado estudioso da Arqueologia do concelho de Moncorvo. O certo porém é que se desconhece o seu paradeiro.

Não me parece acertado designar aquela cabeça como de touro.

Aquele focinho acuminado e as porções que restam dos chifres, rectilíneas, inclinadas para trás e com as bases de inserção muito próximas, levam-nos a poder considerar aquela cabeça como resto de uma estátua de uma cabra ou de um bode.

Dado que a cabeça dos Caprideos é relativamente pequena em relação ao tamanho do corpo, suponho que, em média, nas cabras o comprimento do corpo se pode computar, em 5 a 6 vezes o comprimento da cabeça.

Sendo assim, e estando o desenho daquela cabeça de pedra reduzido a um quinto, pode-se calcular, aproximadamente, o tamanho que teria a estátua completa.

O desenho reproduz a cabeça com uma grande porção do pescoço.

Computando só o comprimento da cabeça, em 4 a 5 cm, o seu comprimento real, na estátua a que tivesse pertencido, seria de 20 a 25 cm.

Dada a proporção do comprimento do corpo dos Caprideos ser de 5 a 6 vezes o comprimento da cabeça, a estátua, a que tenha pertencido aquela cabeça, teria de comprimento um metro a um metro e vinte e cinco centímetros, o que corresponde ao tamanho de um grande bode.

É de crer, pois, que aquela cabeça tenha pertencido não a uma cabra mas a um bode. Isto corresponderia à regra geral de todas as estátuas de pedra que estudamos serem todas de machos.

A Berrôazinha da Açoreira

A Açoreira é uma pequena aldeia do concelho de Moncorvo que fica a cerca de 10 km a sul da vila de Moncorvo, por trás da serra do Roboredo.

A chamada *berrôazinha* da Açoreira, que, como veremos, é um macho, foi obtida pelo Padre José Augusto Tavares, Abade de Carviçais, que a ofereceu ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, de Lisboa, onde se encontra registada com o número E 5272.

Trata-se de um macho, portanto de um *berrãozinho*, como o atestam os seus testículos bem esculpidos, embora levemente mutilados na parte mais alta. Alguém, inadvertidamente, avivou à navalha o sulco intertesticular.

Não tem cabeça e o que resta do pescoço tem de comprimento apenas 2,5 cm, medidos na barbela.

No lombo, a todo o comprimento, e especialmente na parte posterior lateral-direita, foi largamente mutilado (Fig. 31 e Est. L, Fig. 124).

Está modelado em pedra mole, talcosa, de cor rósea avermelhada com nódulos verdes (agregado talcoso serpentinizado).

A peanha mede 31 cm de comprimento, 16 cm de altura e 12 de largura.

O *berrãozinho* tem 32 cm de comprimento, 26 cm de altura na vertical das patas posteriores e 22 cm no aprumo das anteriores.

Perímetros: nas axilas 41 cm, nas virilhas 45,5 cm e a meio da barriga 44 cm.

O facto de ter sido modelado em talco confere-lhe notável singularidade.

Todas as outras estátuas zoomórficas do nordeste de Portugal, de que temos conhecimento, são de granito.

O Abade de Baçal, no Vol. IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, cit. a pág. 542, refere-se à berrôazinha da Açoreira, di-la de granito e muito esmurrada.

Leite de Vasconcelos, nas *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, pág. 29, ocupa-se da *Berrôazinha da Açoreira*, que se distingue pela sua pequenês. Reprodu-la num bom desenho, na fig. 12.

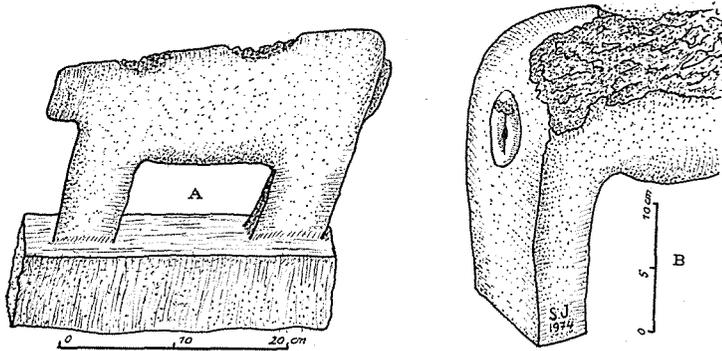


Fig. 31 — Berrôazinha da Açoreira (Moncorvo) em pedra talcosa que é um macho como mostram as saliências testiculares.

Diz representar uma fêmea, «o que se conhece da vulva que está muito distinta». Continuando a descrevê-la diz que o dorso e a cabeça estão muito esmurrados. As pernas, tanto as dianteiras como as traseiras são indivisas e aquelas mais curtas; disto resulta ficar oblíquo o dorso, que desce de trás para diante. Altura posterior de todo o monumento 0,40 m; anterior 0,35 m; comprimento da base 0,32 m; da figura 0,30 m; circunferência abdominal 0,44 m».

Como já dissemos não se trata de uma fêmea, mas sim de um macho, com o sexo bem atestado pelo par de saliências testiculares.

Como também referi, o sulco intertesticular, que normalmente é pouco fundo, foi avivado à navalha, ou similar instrumento cortante, operação bem simples porquanto a pedra é de talco, mole, e facilmente riscada pela unha.

A brandura daquela pedra passou despercebida ao Prof. Leite de Vasconcelos.

CONCELHO DE VILA FLOR

O berrão do cabeço da Senhora da Assunção

Este berrão, que na configuração geral lembra a Porca da Murça, está esculpido em granito de grão grosso com mica branca, muitos grãos de quartzo e alguns grandes cristais de feldspato.

Foi achado em 13 de Junho de 1967 pelos Srs. Alexandre Nuno Álvares Pereira Palha de Aragão Lobo e Dr. Orlando Elísio de Carvalho, na encosta do cabeço do Santuário de Nossa Senhora da Assunção, termo da freguesia de Vilas Boas, concelho de Vila Flor (1).

Naquele cabeço há restos de um velho castro. É bem patente um troço de muralha e respectivo terraplano na vertente de leste. Numa das visitas que fiz àquele castro encontrou-se, além da muralha, cerâmica muito fragmentada, não muito abundante e muitas escórias.

O berrão foi encontrado na vertente sul do castro e partido em cinco pedaços. A cabeça quebrada pelo pescoço, o corpo pelo meio da barriga e a peanha também quebrada a meio pelo alinhamento da quebradura do corpo (Figs. 129 a 131, Est. LIII).

Os cinco pedaços estavam espalhados numa terra de semeadura pertencente a Francisco Ramos, de Vilas Boas, e a cerca de 50 m abaixo da estrada que leva ao Santuário.

Alguns dias depois, ali voltou o Sr. Nuno Aragão para cuidar do transporte dos cinco pedaços para o Museu de Vila Flor.

Então ali encontrou o pastor José Augusto Trigo, de Vilas Boas, o qual lhe disse que há uns 10 ou 12 anos, ainda rapaz,

(1) Na mesma encosta do Cabeço da Senhora da Assunção, em Abril de 1965 apareceu o precioso torques de ouro que foi adquirido pelo Museu Etnológico de Belém, onde se conserva. Com a colaboração do meu assistente Dr. Osvaldo Freire tivemos ensejo de estudar este torques em primeira mão, e publicamos o trabalho *O torques de ouro de Vilas Boas (Vila Flor)* sep. do fasc. 1-4 do Vol. LXXV da «Revista de Guimarães, Barcelos, 1965, 20 págs. e 4 figs.

muitas vezes montou aquele bicho de pedra, que estava inteiro, e a que chamou «cavalos».

Nessa data o berrão estava íntegro, e de pé, na terra de seu irmão Raul Trigo, que fica anexa e sobranceira à de Francisco Ramos, onde foram achados os cinco pedaços.

O Sr. Nuno Aragão, gentilmente, comunicou-me o achado para o Porto.

Logo vim a Vila Flor em 28 de Junho de 1967.

Merece justas felicitações o Sr. Nuno Aragão não só pelo achado, mas também por o ter reconstituído ⁽¹⁾ e fazer recolher ao Museu de Vila Flor.

Trata-se de um berrão de granito que foi, como se disse, partido em cinco bocados, mas também grosseiramente mutilado do lado direito, na parte posterior da cabeça e a meio do corpo, onde há uma grande falha da pedra com cerca de 60 × 50 cm e funda de 8 a 10 cm (Fig. 131).

Felizmente que o lado esquerdo está íntegro.

De qualquer modo trata-se de um belo exemplar que é magnífica peça de museu.

Mede 1,50 cm de comprimento e tem a altura máxima de 1,31 m incluindo a peanha. Como a altura da peanha é de 41 cm, a altura do berrão é de 90 cm.

Distância entre as patas 40 cm.

Perímetros: no plano das virilhas 1,71 m, no das axilas 1,82 m, no do pescoço, na linha da estaladela da fractura, que lhe decepou a cabeça, 1,56 m.

A ponta do focinho está esmoucada. Não se lhe distinguem narinas nem rasgão da boca. Não tem barbela. Tem dois olhos em covinhas com 4,5 cm de diâmetro. Não tem orelhas. É certo que do lado esquerdo há um saliente que talvez pudesse ser considerado como um esboço de orelha, mas falta o simétrico do lado esquerdo.

(1) O Sr. Nuno Aragão fez a perfeita reconstituição do berrão colando os cinco grandes pedaços e outros menores, em perfeito ajustamento, com a cola araldite (Ciba).

Visto de perfil a linha dorsal mostra um alteamento no aprumo, ou alinhamento, das patas anteriores.

A meio da face ventral há um saliente da pedra que poderá corresponder à proeminência do forro peniano.

As patas, vistas de lado, têm superfícies planas: as dianteiras com 21 cm de largura e as posteriores, em baixo 22 cm, e em cima, na altura dos refegos do pernil, 24,5 cm.

Na traseira há um rebaixo triangular de 37 cm de altura por 17 cm de base que marca a separação das patas.

Não tem ânus nem sexo bem definido.

Acima do vértice do rebaixo triangular ou, melhor, sub-triangular, há um saliente parcialmente esmoucado, que, por situado à direita do plano médio-sagital, não pode, com segurança atribuir-se-lhe o significado de saliência testicular.

A altura da traseira é de 83 cm, com as larguras de 48 cm em cima, das ancas, e 38 cm em baixo, das patas posteriores.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Ao estudar os berrões, que foram mais ou menos sumariamente descritos, a primeira coisa que impressiona é a sua concentração no nordeste do nosso país, ou seja, em Trás-os-Montes.

Como mostra o desenho da Fig. 1, o número dessas estátuas zoomórficas no nordeste é de 49.

É de crer que com o prosseguimento das pesquisas, quer orientadas quer acidentais, este número venha a ser acrescido.

Há no nosso país outros berrões além dos do nordeste, e são: o *porco de Paderne* (Melgaço) ⁽¹⁾, uma *cabeça* e um *focinho de 2 porcos do Castro de Sabroso* (Guimarães) ⁽²⁾, o

⁽¹⁾ Leite de Vasconcelos no artigo *Ídolo zoomórfico*, in «O Archeólogo Português», Vol. 29, Lisboa, 1933, pág. 39, descreve e publica um desenho de uma cabeça e parte do corpo dum porco que, em 1924, lhe foi oferecido e fora encontrado na Cividade de Paderne, Melgaço, ao arrancarem um *canhoto* (tronco e raiz) de pinho, que noutras terras se chama *raizeiro*.

É uma peça pequena cujas medidas são: comprimento 31,7 cm; altura 14,7 cm; maior largura 11,5 cm. Deve ser de granito, embora Leite de Vasconcelos não o indique.

Toscamente esculpida, tem focinho comprido com rasgo da boca e marcados os olhos e as narinas.

Apareceu cravado na face interna de parede de um casa redonda com cerca de 2 m de diâmetro e altura também de 2 m. Estava cravado na parede «fixo horizontalmente, a modo de cabide». A parede da casa era feita de pedras miúdas «e capeada por cima», o que permite supor que a parede estava intacta.

Dentro da casa apareceram cinzas, fragmentos de vasilhas, muitos com vestígios de terem estado ao lume, e carvão vegetal.

Leite de Vasconcelos considera aquela cabeça de porco «uma espécie de ídolo, defensor da casa, e pertencente à mesma classe dos de Sabroso.

⁽²⁾ Uma cabeça de porco e um focinho de porco (ou de javali?) foram encontrados por Martins Sarmento nas escavações do Castro de Sabroso e fazem parte das colecções da Sociedade de Martins Sarmento.

O Coronel Mário Cardoso, que durante muitos anos foi prestigioso Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, e lhe proporcio-

quadrúpede (touro?) de Santa Marinha do Zézere (Baião) (1)
e o *porquinho de mármore de Terena do Santuário Endovélico*
(S. Miguel da Mota) (2).

nou um extraordinário desenvolvimento, entre muitos outros trabalhos publicou o *Catálogo do Museu de Martins Sarmiento — Secção de Epigrafia Latina e escultura antiga*, Guimarães, 1972, 231 págs. e grande número de gravuras. Na pág. 145 reproduz em fotografia estes achados que se encontram no Museu da Sociedade de Martins Sarmiento, e faz eruditas considerações sobre o seu significado, muito discutido, e sua possível origem céltica.

Leite de Vasconcelos, no artigo *Porcos de Sabroso*, publicado a págs. 29 e 30 das *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, 1913, escreve: «No castro ou *oppidum* lusitano de Sabroso (Baixo — Minho) encontrou Martins Sarmiento dois restos de estátuas de pedra representativas de porcos». Diz ele: «De uma resta apenas o focinho; da outra, muito mais grosseira, escapou toda a cabeça que tem na parte posterior uma saliência quadrada, mostrando, evidentemente, ter encaixado num corpo. Do corpo nunca ninguém deu notícias. A cabeça foi encontrada à superfície do solo. A calcular pelas dimensões da cabeça, a estátua de Sabroso devia regular por 6 a 7 palmos de comprimento».

(1) No mesmo Catálogo, referido na nota anterior, o mesmo autor e distinto arqueólogo publica na pág. 149 a fotografia de uma estátua de quadrúpede de granito, toscamente esculpida, com 60 cm de comprimento e 26 cm de altura. Na nota que na mesma página acompanha a fotografia informa que foi achada no lugar do Castro, freguesia de Santa Marinha do Zézere, concelho de Baião, e que foi descoberta em 1883 pelo Prof. Leite de Vasconcelos, que a indicou a Martins Sarmiento.

Embora a estátua seja muito tosca, pela morfologia somática longilínea, pelo pescoço longo, pela cabeça pendente e pela testa aplanada, diz supor que se trata da representação de um touro.

(2) O porco de mármore de Terena, S. Miguel da Mota, faz parte do espólio do Santuário Endovélico.

Apareceu juntamente com aras, fragmentos de escultura de corpo humano e bocados de mármore com letreiros. Tem de comprimento 47 cm e 19 cm de altura no aprumo das patas anteriores. Perímetros: inguinal 55 cm e axilar 66 cm. Está fracturado a meio do corpo na união do terço médio com o terço posterior e foi restaurado com gesso. Não tem patas posteriores e das anteriores resta pequena porção. Boca muito bem feita com dentes. Olhos com pestanas, o que prova o cuidado com que foi esculpido.

Está em exposição no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos.

À parte estes cinco berrões, que se podem considerar esporádicos e os quatro ao sul do Douro, dois de Almofala e dois de Castelo Mendo, todos os outros, em número de 45, são trasmontanos.

Olhando o desenho da Fig. 2, verifica-se que a maior densidade de distribuição dos berrões se situa no distrito de Bragança.

Tomando como limites os rios Douro, Sabor e Tua, podemos considerar em Trás-os-Montes duas regiões: O Entre Sabor e Douro e o Entre Sabor e Tua.

Na primeira destas regiões o número de berrões é de 26 e na segunda é de 17. Além Tua, ou seja entre os rios Tua e Tâmega, 3 aquém Marão, e além Marão o de Baião.

A mesma Fig. 2, mostra que é nas porções meridionais das duas regiões consideradas onde é maior o seu número, nada menos de 28.

Ali avultam os grupos do *Castro do Monte de Santa Luzia* e o do *Olival dos berrões das Cabanas*. O primeiro com 15, sendo 12 porcos e 3 touros, pelo menos considerados como tais. O estado fragmentar de alguns exemplares deste grupo é tal, que podem considerar-se verdadeiros destroços, o que pode levar a dúvidas na justa atribuição de porco ou touro aos fragmentos em questão.

O grupo do *Olival dos berrões das Cabanas* é de 7 porcos, e mais «outros partidos ou incompletos», cujo número não foi dado nem pelo Padre José Augusto Tavares, seu descobridor, nem pelo Prof. Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾.

Há mais três grupos cada um com dois berrões, a saber: em Almofala, em Castelo Mendo e em Mairós.

A fazer fé no que corre na tradição em Parada de Infanções, ali teria havido três berrões: o *berrão do adro*, que, como vimos, é um touro e está no adro ao lado da igreja, um

(1) Da Direcção do Museu Etnológico não chegaram a esclarecer-me quanto aos tais berrões partidos e incompletos, nem quanto ao bacorinho que o Padre J. Augusto Tavares referiu no seu citado trabalho, *Archeologia do distrito de Bragança*, cit.

outro berrão que teria sido incorporado na parede da igreja, e um terceiro que se diz ter sido levado para Vale da Porca (Macedo de Cavaleiros).

Dissemos que ao examinar alguns pedaços de berrões, verdadeiros destroços, nem sempre é fácil dizer, imediatamente, se se trata do corpo de um touro ou de um porco. No entanto certos caracteres somáticos das estátuas permitem, com relativa segurança, definir o animal respectivo.

Aliás, mesmo em alguns casos de estátuas inteiras, podem surgir dúvidas e daí as divergências que tem havido na justa atribuição ao animal que representam.

Atente-se no que se tem passado com a *porca da vila* ou *porca do pelourinho de Bragança*, e com a *Porca de Murça*, que alguns autores têm considerado *ursas* e outros *porcas*.

Como atrás referi, quanto à *porca da vila de Bragança*, é possível que se trate de um urso, dada a proporcionalidade entre o comprimento da cabeça e o comprimento do corpo ⁽¹⁾, mas a forma da ponta do focinho é nitidamente de porco.

Podia ser-se levado a crer que o mesmo suceda com a *Porca de Murça*, embora o grau da referida proporcionalidade não seja tão flagrante como no caso anterior.

⁽¹⁾ Embora sem o rigor merístico que seria para desejar, pela simples observação podemos considerar para cada espécie os padrões somáticos dimensionais entre as diferentes partes do corpo; entre eles a correlação das dimensões do comprimento da cabeça e o resto do corpo, isto é, do tronco.

No javali, que tem grande cabeça e o corpo é curto, o comprimento do tronco mal chega a ser três vezes o comprimento da cabeça.

No porco o comprimento do tronco é um pouco mais de três vezes o comprimento da cabeça. Correlação que aliás varia com as diferentes raças de porcos.

Isto é, o grau de proporcionalidade cabeça-tronco entre o porco e o javali é diferente, com acréscimo do tronco do porco em relação ao tronco do javali.

Os ursos têm cabeça muito mais pequena do que a dos porcos e a dos javalis. Por isso a proporcionalidade referida é maior, e, assim, o

Há, no entanto, na estátua de Murça outros caracteres a considerar, que têm levado alguns autores a considerá-la como de um urso e não de porco.

A altura dos membros é relativamente grande, como é próprio dos ursos. Os porcos, como é bem sabido, têm, por via de regra, as pernas curtas.

Além disso na estátua de Murça o corpo não é tão rotundo e roliço como o dos porcos, antes tem as faces laterais um tanto aplanadas.

Como dissemos atrás, vários autores a consideraram como *ursa*. No entanto os dentes caninos têm as características próprias do porco.

Este caracter de grandes dentes caninos é tão próprio dos javalis e também dos porcos velhos, que parece ter por si só um tal valor sistemático que confere à estátua de Murça a qualidade de porco, pois, como dissemos se trata indubitavelmente de um macho.

Nos 49 exemplares dos berrões do nordeste que estudamos supomos poder reparti-los do modo seguinte:

- 37 porcos
- 3 javalis
- 7 touros
- 1 cabra ou bode
- 1 urso.

Quanto à natureza da pedra em que foram esculpidos ou cinzelados os berrões do nordeste de Portugal, à parte o *Porco da Fonte*, de Linhares, que era de mármore, e a *Berrôzinha da Açoreira* que é de talco, todos os outros são de granito.

tronco dos ursos tem, pelo menos, quatro vezes o comprimento da cabeça.

Além disso o seu corpo é menos rotundo ou roliço do que o dos porcos e as patas são mais altas.

Quanto à cabeça cornuda, de pedra, do Castro do Baldoeiro considerámo-la de Caprídeo. Baseado na proporcionalidade cabeça-tronco dos caprídeos admitimos que aquela cabeça esteja em tamanho natural e tenha pertencido a uma estátua de cabra, ou, mais provavelmente de bode.

Como vimos muitos dos berrões estudados foram mais ou menos mutilados.

Tais mutilações podem ser o resultado de razias consequentes a lutas ou guerras, ou da inconsciência e ganância dos achadores acidentais, que, supondo tais estátuas guardarem tesouros nas suas entranhas, logo as quebravam ⁽¹⁾.

Nos exemplares em que a parte traseira está íntegra, há, quase sempre, bem esculpido os testículos. Em muitos casos estes mais ou menos mutilados, mas sempre suficientemente patentes, de modo a que, com segurança, se possam considerar como de machos, as estátuas respectivas.

Dado que todas as estátuas que conservam a traseira íntegra, ou aqueles pedaços em que só esta se conservou, têm testículos, é lícito admitir que todos os berrões de pedra do nordeste seriam machos.

⁽¹⁾ Neste aspecto é bem demonstrativo o que conta José Ramon y Fernandez Oxea, no seu trabalho *Nuevas esculturas zoomorfas prehistóricas en Extremadura*, in «Ampurias», Vol. XII, Barcelona, 1950, págs. 55 a 78, 8 figs. e 6 Est. com 23 fotografuras

Assim, na pág. 58, conta o modo como desapareceu o verraco de Passarón, e foi o seguinte. Um paisano de Passarón sonhou várias noites que a sua sorte a encontraria nas Portas do Sol em Madrid. Para lá se dirigiu na convicção firme e esperançosa de que ali a iria encontrar.

Nas Portas do Sol o paisano divagou pachorrento durante dois dias, sem qualquer ocorrência digna de registo.

Porém no terceiro dia um indivíduo, que o havia observado nos dias anteriores, acercou-se e perguntou-lhe porque é que ali andava há dois dias dum lado para outro; se estava à espera de alguém que ainda não chegara. O paisano deu-lhe conta pormenorizada dos seus sonhos ao que o outro ripostou: «— No hagas caso de sueños, pues no hace mucho tiempo que yo también soñé que en un pueblo había un verraco de piedra que por dentro estaba lleno de oro».

Claro que o paisano mal regressou a Passarón, a primeira coisa que fez foi partir o verraco, que certamente estilhaçou, e do qual nunca mais se ouviu falar.

Quantos berrões também no nosso país terão sido quebrados em consequência de sonhos similares.

Isto levará a pensar que tais estátuas testemunhariam o culto da virilidade.

Muitos dos berrões estudados foram mutilados; alguns tão quebrados que deles restam pequenas porções, verdadeiros destroços.

No entanto há alguns inteiros ou que, por ser relativamente pequeno o grau de mutilação, se podem considerar praticamente inteiros, a saber:

- Porca da Vila ou do Pelourinho de Bragança
- Porca da Torre de D. Chama (Mirandela)
- Touro de Parada de Infanções (Bragança)
- Um ou dois Porcos do Olival dos Berrões (Moncorvo)
- Touro de Ligares (Freixo de Espada-à-Cinta)
- Porca de Murça (Murça)
- Touro de Malhadas (Miranda do Douro)
- Berrôzinha da Açoreira (Moncorvo)
- Berrão n.º 2 de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo).

Se considerarmos como estátuas inteiras, aquelas em que não só haja integridade somática mas também exista a base ou peanha, que, pelo menos nas grandes, todas deviam ter, muito poucos são os casos a considerar como íntegros.

Algumas das estátuas foram degoladas, isto é, a cabeça foi-lhes decepada pelo pescoço, constituindo o que podemos chamar os berrões decapitados.

Embora esta mutilação se associe por vezes a outras mutilações, da peanha e das patas, indicamos os casos mais típicos, de estátuas sem cabeça.

- Touro de Ligares (Freixo de Espada-à-Cinta)
- A mulher de pedra de Fornos (idem)
- Berrêzinhos n.ºs 1 e 2 do Monte de Santa Luzia (idem)
- Berrões n.ºs 5, 10, 11 e 15 do Monte de Santa Luzia (idem)
- Grande berrão de Picote (Miranda do Douro)
- Porco n.º 1 de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo)
- O berrão do adro de Coelhooso (Bragança)

A estes onze berrões, grandes e pequenos, degolados, poderíamos talvez juntar o *grande berrão* e o *berrãozinho de Vila de Sinos*, se bem que nestes dois casos se pode considerar que apenas lhes foi decepado o focinho.

Em ligação directa com a decapitação, e consequência da mesma, temos no nordeste a cabeça de javali do Monte de Santa Luzia e a cabeça e o focinho dos porcos do Castro de Sabroso.

Quem sabe se aquela cabeça e focinho de Sabroso teriam sido levados de Trás-os-Montes como troféu de guerra?

Mutilação frequente, como apontamos na descrição de cada um dos exemplares, é o esmurrado, maior ou menor, das saliências testiculares. A tal mutilação parece poder atribuir-se significado especial, visto que se observa em quase todos os berrões ou seus pedaços.

Como vimos, muitos dos berrões estudados foram mais ou menos mutilados, mutilações que podem ter resultado de razias consequentes a remotas lutas ou guerras, ou da inconsciência dos achadores acidentais. Alguns foram tão quebrados que lhes falta a peanha, as patas e a cabeça. Outros estão reduzidos à parte posterior ou traseira, onde, habitualmente, todas aquelas estátuas têm esculpido o sexo.

Nos exemplares com traseira íntegra, há, quase sempre, bem esculpidos os testículos, em muitos casos mais ou menos mutilados mas sempre suficientemente patentes, de modo a que, com segurança, se possam considerar machos.

Dado que em quase todas as estátuas ou seus pedaços há as saliências testiculares, é lícito admitir que todos os berrões de pedra do nordeste seriam machos.

Há um ponto de interpretação embaraçosa. É o respeitante à razão pela qual o povo, correntemente — pode dizer-se de um modo quase geral — considera tais estátuas como representando *porcas*.

Não consegui apurar a justificação, razão ou razões, de tal efeminização.

Mesmo chamando a atenção dos presentes para os testículos bem esculpidos, o que nitidamente atribuía à estátua a justa qualidade de macho, em alguns casos um ou outro dos circunstantes teimava em considerar aquela estátua como representando uma *porca*.

Mais flagrante é o caso do touro (bem touro) de Parada de Infanções a que o povo chama ora *porco do adro* ora *porca do adro*.

A porca é extraordinariamente prolífica. Chega a parir 8, 10 e mais bacorinhos de cada ninhada.

Será que o povo queira ver nas *porcas de pedra* a entidade mítica, não só protectora mas também prolificamente fecundante das suas porcas?

De alguns dos berrões que estudamos desconhece-se a procedência, de outros porém sabe-se que foram achados em castros.

Os berrões que se sabe terem sido achados ou trazidos de castros são os seguintes:

- 15 do castro do Monte de Santa Luzia
- 2 do castro do Poio de Picote
- 2 do castro da Tróia, Mairos
- 2 da Almofala, do castro do Monte de Santo André
- 2 do castro de Castelo Mendo
- 1 do castro do Baldoeiro, Moncorvo
- 1 do castro do cabeça da S.^a da Assunção, Vila Flor.
- 1 de Tralhariz, Carrazeda de Ansiães
- 1 de Algosinho, junto do Castelo do Mau Vizinho, Mogadouro.

Poderíamos ainda, possivelmente, juntar mais o berrão do pelourinho da Torre de D. Chama, que certamente veio do castro do monte de S. Brás, sobranceiro à povoação da Torre de D. Chama.

Parece pois podermos admitir que a cultura dos berrões é de origem essencialmente castreja, pois dos 49 berrões do nordeste, 28, ou seja mais de metade, provieram de castros.

Aliás também em Espanha muitos berrões têm sido achados em castros.

Pode considerar-se estranho que, entre a série de esculturas zoomórficas de Trás-os-Montes, só tenha aparecido um caprídeo, a cabeça de bode do castro do Baldoeiro (Moncorvo), a qual, pelo seu tamanho, e considerando a proporcionalidade do comprimento do corpo em relação ao comprimento da cabeça, deve, muito provavelmente, ter pertencido a um bode esculpido em tamanho natural.

Tal aparecimento diz-se estranho, porque as cabras devem ter constituído parte importante nos rebanhos dos habitantes dos castros trasmontanos. E ainda pelo facto de o geógrafo grego Estrabão (*Geographia*, III, 71-apud Leite de Vasconcelos, «O archeólogo Português», Vol. I, 1895, pág. 300), que conhecia bem alguns costumes dos nossos antepassados, dizer que os Lusitanos sacrificavam bodes ao deus da guerra.

Além disso conhecem-se 5 cabrinhas de bronze aparecidas no Alentejo, que o Prof. Leite de Vasconcelos reproduziu em desenho no seu artigo *Cabrinhas ou bodes de bronze*, publicado no Vol. I de «O Archeólogo Português» págs. 296 a 301. No Gabinete Arqueológico da Biblioteca de Évora há 3 cabrinhas de bronze.

Leite de Vasconcelos, baseado no facto de, em Cáceres, terem aparecido «duas figurinhas de bronze, que representam cabras ou bodes», e «aos pés dessas figurinhas aderirem lâminas com inscrições consagradas à deusa lusitana *Adaegina*, sinónima de *Prosérpina*», considera muito provável que as cabrinhas existentes na Biblioteca de Évora fossem também consagradas a *Adaegina*. Em nota final do seu trabalho *Culto de Prosérpina* (in «O Archeólogo Português», Vol. I, 1895, págs. 244-246) Leite de Vasconcelos diz poder concluir-se «que na época luso-romana a infernal Prosérpina possuía santuários no Alto Alentejo, onde recebia culto muito vivaz».

SIGNIFICADO OU FINALIDADE DOS BERRÕES

Ao observar as estátuas zoomórficas de pedra de que nos ocupamos, algumas pequenas, e outras reproduzindo, em tamanho natural, porcos, javalis, touros e ursos, imediatamente ocorre ao nosso espírito que algo de importante e muito ponderoso deve ter influenciado a modelação de tais estátuas.

É-se levado, naturalmente, a crer que devem ter um significado transcendente de culto, e, possivelmente, de adoração ao animal esculpido.

Os arqueólogos têm atribuído a essas estátuas significados diferentes e finalidades várias.

Os irmãos Siret, em *Les premières âges du metal* (Apud *Rel. Lus.* Vol. III, pág. 36) aludem a essas estátuas de pedra e, sobretudo aos touros de Guisando. Recordam a grande antiguidade do culto da vaca ⁽¹⁾ em Espanha e terminam, sem definir posição, escrevendo: «Faut-il voir dans ces figures des idoles, ou simplement des fantaisies sans conséquence».

Hubner, in *Zs./für/allgem. Erd/Kunde*, 1863, xiv, págs. 341-342, refere a importante observação de que algumas destas esculturas têm inscrições latinas funerárias da época romana, o que permite atribuir-lhe a qualidade de monumentos sepulcrais.

O mesmo autor volta a emitir a mesma hipótese na pág. 254 do seu trabalho *Arqueologia en España (y Portugal)*, Barcelona, 1888 (Apud *Rel. Lus.*, Vol. III, pág. 36).

(1) Em Outubro de 1953 vi e fotografei no Museu de Zamora quatro estátuas zoomórficas do castro do Salto de Villalcampos, representando dois touros, um carneiro e uma vaca, todas mais ou menos mutiladas.

A vaca, quase sem cabeça e sem patas, tem na traseira bem esculpido o úbere com 4 tetas bem delineadas.

Hubner (*Rev. crítica de Hist. e Literat, esp.*, Vol. I, pág. 1; apud *Rel. Lus.*, Vol. III, pág. 39) admitiu ainda que algumas estátuas de quadrúpedes seriam votivas.

Dentro deste parecer Leite de Vasconcelos diz que a estatueta da Açoreira, a *berrôazinha da Açoreira*, seria votiva, se não para ser posta sobre uma sepultura de criança.

Pierre Paris, no seu *Éssai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive, [et du Portugal primitif]*, I, 1903, 59, 60, perfilha o parecer de Hubner.

Gomez Moreno, em *Sobre arqueologia primitiva de la region del Duero B.A.H.* tomo XLV, 1904, pág. 147 e segs., considera que pelo menos alguns têm significado funerário.

O Padre César Moran, no seu trabalho *Toros y verracos de la Edad del Hierro* in «Archivos Españoles de Arqueologia», T. xv, 1942, pág. 249, admite que as estátuas de pedra foram lavradas por motivo religioso.

Leite de Vasconcelos, em *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, no capítulo «Divindades crenças e cultos», estuda os berrões. No subcapítulo «Culto dos mortos», a pág. 3 do mesmo vol. III, emite o parecer de que são «vestígios da necrolatria entre os Lusitanos nos tempos proto-históricos».

E logo na pág. 5 diz que os berrões e as estátuas sepulcrais dos guerreiros lusitanos, podem ter sido contemporâneas entre si.

Adiante, na pág. 16, diz que tais monumentos, representativos de quadrúpedes, provêm dos tempos pré-romanos e relacionam-se, muito provavelmente com o culto dos mortos.

Na pág. 32, diz que «nos monumentos sepulcrais as cabeças dos animais podem, às vezes, ter carácter protector (mágico)».

Na pág. 36 aceita a hipótese de Hubner que considera os berrões como monumentos sepulcrais.

Na pág. 37 liga os berrões às ideias religiosas dos antigos habitantes da Península Ibérica; considera-os como monumentos funerários proto-históricos, e, como tal, divindades tutelares e guardas dos túmulos.

Depois, na pág. 441, diz que nas lápides onde figura o porco, entende que este animal representa o «tótem do morto».

Mais tarde, Leite de Vasconcelos no seu trabalho *Castros Lusitanos*, in «O Archeólogo Português», Vol. 29, pág. 39, Lisboa, 1933, a propósito da cabeça decepada encontrada em Paderne (Castro Laboreiro), considera tais cabeças como «ídeos defensores da casa».

Leite de Vasconcelos volta a ocupar-se dos berrões em *Opúsculos*, Vol. v, Etnologia (parte 1), Impr. Nacional de Lisboa, 1938, no capítulo «Sur les régions de la Lusitanie», que foi publicado na «Revue Archéologique», XVI, Paris 1922. Reafirma o seu parecer de que as estátuas de pedra dos berrões estão ligadas ao culto dos mortos. A pág. 127 escreve: «Les statues de guerriers placées sur les sépultures et les quadrupèdes du type de la *Porca de Murça* appartiennent encore au culte des morts».

Verifica-se que Leite de Vasconcelos foi considerando os berrões como «vestígios de necrolatria», como tendo «caracter protector (mágico)», como «divindades tutelares para guarda dos túmulos», e como «representando o totem do morto».

Parece pois que, em síntese, considerava os berrões como divindades protectoras com ligação ao culto dos mortos.

Don Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, no discurso de contestação a Don Eduardo Saavedra (discurso lido ante a Real Academia da História, Madrid, 1862), diz julgar que os *becerros*, *cerdos*, etc eram deuses *termini*, isto é, marcas limitando territórios adstritos às tribus ibéricas; quer dizer, considerou-os como pedras terminais, definindo as extremas das várias regiões tribais (Apud Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, pág. 36).

Don Vicente Paredes, no trabalho *Los Framontanos* ⁽¹⁾, considera as estátuas de quadrúpedes, e especialmente dos touros, como marcos a assinalarem os caminhos para a transumância dos gados em rotina de pastoreio, ou seja, a demarcação inculcadora dos caminhos que os pastores, nos seus deslocamentos, seguiam em direcção a regiões apropriadas.

José de Pinho, no seu trabalho *Considerações sobre a religiosidade dos citanienses de Briteiros e Sabroso*, publicado na «Homenagem a Martins Sarmiento», Porto, 1934, ao falar dos berrões, cabeça de um e focinho de outro, de Sabroso, diz que os porcos foram consagrados a Bona-Dea, Ceres e Tellus, «e ideia fálica que na Lusitânia a eles se ligava, está bem patente, quanto a mim, na lenda da Porca de Murça e na berrôzinha da Açoreira e outra berrô das Cabanas de Moncorvo, com os órgãos sexuais fortemente indicados».

Já em trabalho anterior *A propósito duma velha jóia ibérica*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Vol. v, Porto, 1930, págs. 37 a 59, José de Pinho analisa em pormenor o ex-voto de bronze da colecção Manuel Negrão, existente no Museu da Sociedade Martins Sarmiento em Guimarães. Tal ex-voto é uma haste de bronze em trança que termina por uma cabeça de bovídeo e na outra ponta por uma argola. Ao longo da trança há um porco, dois carneiros e uma cabra. José de Pinho acentua ser evidente o ar

(1) O título completo deste trabalho é: *História de los Framontanos celtiberos desde los más remotos tiempos hasta nuestros días*, por Don Vicente Paredes Guillen, Arquitecto, Plasencia, Imprenta de El canton Exremeño, 1888, 205 págs. e 1 mapa.

Tem o seguinte subtítulo: La história de los pastores de ganados transhumantes, que contiene su participacion en los sucessos históricos más trascendentales; sus caminos anteriores a los que construyeron los romanos; los muchos nombres de comarcas, ciudades, villas y pueblos originados por el ejercicio de la transhumación de ganados y destino ú objeto que tuvieron las muchas estatuas de animales como los toros de Guisando que labraron y colocaron en gran numero de puntos de la Ibéria.

de família que liga aquele porco aos berrões, «sendo mesmo flagrante a semelhança do seu perfil com o da tão conhecida Porca de Murça».

Refere-se a alguns monumentos arqueológicos em que figura o porco e procura realçar o seu significado em sentido fálico, escudado em várias práticas etnográficas, em que bem se patenteia o culto fálico relacionado ao porco.

Uma referência que faz crer não ser inteiramente gratuita a hipótese do significado de virilidade dos berrões do nordeste, todos machos como acentuamos, pode ler-se no trabalho de José Ramon Fernandez Oxea, *Nuevas esculturas zoomorfas prehistóricas en Extremadura*, in «Ampúrias», Vol. XII, Barcelona, 1950, pág. 60.

A propósito do «verraco» de «El Troconal» no limite das províncias de Cáceres e Toledo, diz que a única nota folclórica relacionada com aquele verraco foi a seguinte: «En el vecino pueblo toledano de Aldea Nueva de San Bartolomé o Aldea Novita, donde el día Jueves de Comadres se celebra una fiesta juvenil llamada las *corroblas*, que es un sorteo para formar parejas entre mozas y mozos solteros, para cuyo fin se meten en un sombrero los nombres de los chicos y en otro los de las chicas cuyas papeletas van sacando a suerte, unas y otros. Una de las papeletas masculinas lleva el nombre del verraco del «Troconal», y a la moza que le toca de pareja le hacen objeto de bromas y de burlas».

O Abade de Baçal, no Tomo IX das suas *Mem. Arq. Hist. do distrito de Bragança*, 1934, pág. 553, considera os berrões como restos do culto totémico. Mas no Tomo X das mesmas *Memórias*, 1938, pág. 766, ao referir-se aos berrões, porquinho e touro, achados junto de sepulturas no adro da igreja românica de Vila de Sinos (Mogadouro), considera aqueles achados como conducentes à ideia de aqueles berrões serem considerados como divindades funerárias.

Expande o seu parecer nos seguintes termos: «embora pudessem ir para ali como despejo de entulho, e de ser junto

a uma sepultura que se encontrou o touro de Malhadas ⁽¹⁾ e, provavelmente o da Quinta de São Tiago, atrás descrito, lembram a ideia de votos consagrados aos mortos, ou, melhor às divindades funerárias».

No volume de *Homenagem a Martins Sarmento*, Porto, 1934, vem publicado o Trabalho do Padre César Moran, O. S. A., *Salamanca en la Prehistória*, págs. 257 a 260. Este reverendo e distinto arqueólogo espanhol alude aos toros e verracos ibéricos, e diz que «su finalidad sigue siendo problemática, pero se abre paso da opinion que los juzga como divindades ganaderas, protectoras de los rebanhos».

Cita 14 verracos da província de Salamanca e o comprovado desaparecimento de mais três.

Refere que a circunstância de ainda existirem os 14 verracos, que cita e localiza, se deve à «desobediência de los alcaldes que habia en 1834, cuando un gobernador de Salamanca mando derribar *el toro de la puente* y destruir todos os de la provincia, por figurar-se que los inofensivos animales eran signos de ignominia, colocados por ordem de Carlos I en las poblaciones que se levantaran en la guerra de las Comunidades. Vários siglos antes de Carlos I, ya el Fuero de Salamanca habla del famoso toro de piedra».

Como atrás expusemos, o grande berrão de Picote, dadas as condições do seu achado, a meio de uma câmara circular seguida de corredor, e a grande quantidade de ossos de vários animais escavados no monumento, pode ser considerado, sem qualquer dúvida, como um ídolo, divindade a quem se ergueu

(1) O touro de Malhadas, conforme a informação que ali recolhi, teria aparecido na fonte do quinteiro da casa em cuja cumieira do telhado o foram colocar (Fig. 100, Est. xxxviii).

Claro que as informações referentes a achados remotos são quase sempre mais ou menos falíveis.

Recorde-se no entanto que o touro de Linhares, que se considera desaparecido, teria existido na fonte daquela aldeia, que por isso se chamava a *Fonte de Porco*.

aquele monumento e a quem se prestaria culto como animal sagrado.

Quanto às pequeninas estátuas dos berrõezinhos julgo plausível considerá-las como amuletos, atribuindo-lhe a virtude supersticiosa de afastar desgraças, malefícios, doenças, acidentes, etc.

Grandes ou pequenos, os berrões de pedra seriam a divindade protectora a quem se prestaria culto.

A cabeça de um bezerrinho de ouro que, segundo a tradição, teria sido achado no Castro de Carocedo, concelho de Bragança (*Mem. Arq. Hist. do distrito de Bragança*, Vol. ix, pág. 144), quer isolada quer integrada em estatueta, seria certamente um amuleto.

O mesmo se pode dizer quanto a um corninho de bronze, com 3 cm de comprimento, achado no Castro do Monte de Santa Luzia, que pertenceu, certamente, a uma cabeça de touro ou mesmo a uma estatueta de tourinho.

Este corninho, e outros materiais arqueológicos, faz parte da colecção particular do Sr. Elísio Capelas de Avelar, residente em Freixo de Espada-à-Cinta.

CRONOLOGIA E ETNOGRAFIA

Muito naturalmente é tarefa que incumbe aos arqueólogos, datar os respectivos achados e atribuí-los a este ou àquele povo de antanho.

Como vimos, a maioria dos berrões do nordeste do nosso país sabe-se, concretamente, que provieram de castros. Arqueólogos espanhóis têm realçado também a origem castreja de alguns *toros* e *verracos*. Parece pois poder concluir-se, como já referi, que *a cultura dos berrões é essencialmente castreja*. Convém desde já acentuar que uma grande parte dos castros do noroeste peninsular, com os de Trás-os-Montes inclusos, devem ser muito anteriores à penetração dos celtas na Península.

De um modo geral, os arqueólogos que se têm debruçado sobre esta matéria admitem que a cultura dos berrões se desenvolveu especialmente desde o séc. vi a.C. até à romanização de Augusto.

O séc. vi a.C. foi tomado como padrão inicial da cultura dos berrões por ter sido nesse século a grande invasão celta na Península, e por os celtas terem sido considerados os introdutores do porco como animal doméstico. No entanto, como veremos, é bem possível que a existência do porco em criação pelos castrejos trasmontanos seja anterior.

Alguns arqueólogos têm procurado estabelecer datas para determinados achados de berrões.

Assim Leite de Vasconcelos (*Religiões da Lusitânia*, Vol. III, 1913, pág. 42) refere que a inscrição de um dos touros de Guisando ascende ao século 1.º da nossa era.

Na mesma página lembra que a par de inscrições em latim «pode contar-se uma, ao que parece, em caracteres ibéricos, pois no ídolo de Miquéldi reconheceram-se alguns desses caracteres».

Também no touro de Ligares há dois sinais gravados do tipo dos caracteres ibéricos (Fig. 11).

No toro de Hito (Cáceres) são vários os sinais do mesmo tipo.

Leite de Vasconcelos com a sua vasta erudição, nas págs. 42 e 43 do mesmo Vol. III das *Relig. da Lusit.*, baseado na distribuição dos quadrúpedes de pedra no centro e norte da Espanha, diz que tais estátuas podem ser atribuídas às tribos *Vettones*, *Vaccaeii*, *Carpetani*, e *Varduli*.

No que respeita a Portugal diz que os escultores de tais estátuas, «uns pertenceriam aos *Seurri*, tribo que, parece, compreendia no seu território o aro de Moncorvo». Mais para o norte, na actual região de Bragança, admite que talvez tivesse vivido a tribo dos *Zoelae*, cinzeladores dos berrões aparecidos naquela região.

A admitir-se o parecer do Mestre Leite de Vasconcelos seriam de várias tribos os estatuários dos berrões.

No entanto, acima dos respectivos comportamentos tribais, existiu nos castrejos do nordeste de Portugal um sentimento comum, manifestado na semelhança do grande número de estátuas de pedra de quadrúpedes. Esse sentimento de natureza superior e de ordem espiritual, certamente de raízes remotas, levou-os a cinzelar aquelas estátuas de pedra.

Tal sentimento não deve ter sido senão o motivo religioso dos habitantes dos nossos castros que, possuídos da mesma necessidade espiritual e transcendente, os levou a divinizar os astros, as fontes, os bosques e também os animais prestadios.

No mesmo Vol. III, pág. 43, Leite de Vasconcelos, quanto aos porcos de Sabroso, admite que talvez tenham sido esculpidos pelos *Grovii*, tribo que nos começos na nossa era se estendia do rio Douro para cima.

Sendo certo que os restos de Sabroso são uma cabeça e um focinho, dada a escassez de achados zoomórficos na região do Entre-Douro-e-Minho, é mais plausível pôr a hipótese de esses restos terem sido trazidos de algures, possivelmente de Trás-os-Montes, como troféus das lutas tribais.

Esta hipótese poderia ser apoiada pelos berrões decapitados de Trás-os-Montes, que são bastantes, como atrás indicamos.

Gomez Moreno, (*Sobre los Iberos y su lengua*, in «Homenaje a Menendez Pidal», pág. 475, Madrid, 1925) defende a existência de um povo ligur, situado entre os celtas galaicos e os celtiberos, cuja área se identifica com a da cultura dos *verracos*, e se estende desde o Cantábrico até um pouco ao sul do Tejo, povo que seria o autor das estátuas zoomórficas pré-romanas. No entanto aponta a existência de estátuas de javalis na zona ocupada pelos celtas, algumas com inscrições do tempo da República e do século I do Império, e com onomástico também celta.

Sabe-se que para os celtas o porco foi animal sagrado e alguns autores admitem para a cultura dos berrões origem essencialmente céltica.

Algumas tribos celtas, como a dos *Cerritanos* e a dos *Surdaones*, adoptaram o seu nome e tomaram o porco como insígnia nacional.

Também a Legião VII, fundadora da cidade de Leão, a primeira Coorte celtibérica e a primeira Gálica, tinham o javali como emblema dos seus estandartes.

José Ramon Fernandez Oxea, no seu trabalho *Nuevas esculturas zoomórficas en Extremadura*, sep. de «Ampurias», XII, Barcelona, 1950, págs. 55 a 78, 8 figs, e mais vi Est. com 23 fotogravuras, logo de entrada, escreve: «Entre los primitivos pobladores de la Península Ibérica hubo un pobo celta que dejó como huella de su pasado por nuestra pátria una abundante série de representaciones de piedra granítica de ciertos cuadrúpedes con aspecto de toros, cerdos, javalies, etc.».

*

Serão os berrões de pedra obra de estatuários celtas ou terão sido esculpidos por um povo anterior às invasões celtas?

Como é bem sabido, a grande invasão celta vem referida no Périplo do séc. VI a.C. do poema *Ora Maritima* de Avieno.

Na descrição etnológica das populações pré-célticas que habitavam o noroeste peninsular, a *Ora Marítima* dá como vivendo na costa ocidental, a norte do Tejo, os *Sefes*, e, mais para o interior, os *pernix luisis*, que não podem senão interpretar-se como sendo o grupo lusitano. Confinando com os Lusitanos pelo norte viviam os *draganos*, povo também pré-céltico que habitavam *ardui colles* do campo de Ofiusa, *sub nivoso maximo septentrion*.

O grande arqueólogo espanhol Bosch-Gimpera no seu trabalho *Los Celtas en Portugal y sus caminos* ⁽¹⁾, no capítulo «Lusitanos y draganos, la poblacion precéltica de Portugal», a pág. 61, considera que, se os *draganos* viviam «bajo el maximo septentrion», para dentro dos *sefes* e vizinhos dos lusitanos, não podiam estar situados senão na região de Trás-os-Montes.

Bosch-Gimpera considera os *draganos* como um ramo ou tribo parcial dos *astures*. Filia também no grupo astur os *zoelae*, próximos dos *draganos*, que situa mais ao norte na região de castro de Avelãs e Bragança.

Bosch-Gimpera admite que a região trasmontana no séc. VI a.C. seria habitada essencialmente pelos *draganos*. Informa que a região depois foi ocupada pelas tribos celtas dos *luanci*, *turodi*, *equaesii* ⁽²⁾ e *caelerini*, e acrescenta ser bem possível que os celtas não tivessem ocupado as zonas interiores trasmontanas, «afastadas dos grandes caminhos»; conseqüentemente os *draganos* subsistiriam no seu território histórico, nas regiões mais ásperas e arredias.

Se assim foi, como bem pode ter sucedido, a influência céltica sobre os *draganos* deve ter sido fraca, ou mesmo muito fraca, e de pequena duração. Deste modo pode pôr-se a hipó-

⁽¹⁾ Pedro Bosch-Gimpera, *Los Celtas en Portugal y sus caminos*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranense, no centenário do seu nascimento, 1833-1933, Porto 1934, págs. 54 a 72, 2 figs.

⁽²⁾ Bosch-Gimpera, trab. cit., pág. 68, considera os *equaesii* como tendo-se fixado «na cuenca do Sabor».

tese de os berrões de pedra de Trás-os-Montes serem pré-célticos e, possivelmente, devidos a estatuários *draganos*, ou mesmo a seus antecessores.

Lembremos que Oswaldo Menghin, no seu trabalho *Egipto y la Península Hispánica*, in «Corona de Estudios» Madrid, 1941, 167-183, diz (pág. 175) que «la cria del cerdo», isto é, do porco como animal doméstico, pertence ao complexo cultural «del acha cilíndrica» e calcula que «alrededor del año 3500 llegaron estos animales al norte de África y al sudoeste de Europa, donde ya los encontrarían los celtas en sus primeras oleadas».

Este mesmo autor realça — o que é do conhecimento geral — que o neolítico é um grau de cultura caracterizado por certos progressos técnicos, entre os quais figuram, como especialmente típicos, o emprego frequente da cerâmica, digamos a sua generalização, e um modo de viver no qual a agricultura e a grande e pequena ganaderia constituem um todo económico perfeitamente definido.

Admitem alguns autores que a principal expansão do neolítico se fez do Oriente para a Península Ibérica, a partir de um núcleo mediterrânico oriental.

Como O. Menghin acentua a pág. 171, «es preciso que no olvidemos que el Norte de Africa resulta una especie de filtro que debe ser atravesado necesariamente antes de llegar a Espanha».

Menghin é de opinião que a cria «del cerdo» pertence a uma cultura primitiva de agricultores, e que a sua irradiação para a Europa se realizou com máxima intensidade, entre os anos 4000 e 3000 a.C..

Dentro de tal base, como hipótese de trabalho, calcula este autor que o porco deve ter chegado ao norte de África e ao sudoeste da Europa, à roda do ano 3500 a.C..

Por isso, é de admitir que nas suas primeiras invasões os celtas já vieram encontrar na Península o porco como animal doméstico.

O facto de haver quem admita, e defenda, terem os celtas introduzido determinada raça de porcos, que poderemos cha-

mar raça celta, isso não invalida a possibilidade da existência de porcos domésticos na Península antes das invasões celtas.

Aliás os fortes e bem marcados caracteres do Neolítico Peninsular mostram, claramente, que nessa época a Península Ibérica constituía uma unidade social, com criações culturais próprias, capaz não só de subsistir alheia a influências estranhas, mas até de, em alguns aspectos, impor a sua própria forma de viver e a sua própria lei ao que lhe vinha de fora.

Pelo que vimos é de admitir que o porco tenha sido introduzido na Península Ibérica muito antes das primeiras invasões celtas.

Pelo que se apura no trabalho de Bosch-Gimpera não repugna atribuir aos *draganos*, tribo pré-céltica, que teria vivido na região do actual Trás-os-Montes, terem sido os prováveis estatuários, se não da totalidade dos 49 berrões do nordeste pelo menos de grande número deles.

CONCLUSÕES

A quantidade dos berrões no nordeste do nosso país, nada menos de 49, a monumentalidade de alguns, com 2 metros de comprimento, e, por outro lado, a pequenez de outros, verdadeiras estatuetas votivas, levam, imediatamente, a pensar que tais berrões, grandes e pequenos, constituem claras manifestações dum velho culto zoolátrico, no qual certos animais eram considerados sagrados, possuindo, seguramente, mágico poder tutelar.

A veneração e conseqüente adoração dos animais deve ter começado, naturalmente, por uma atitude de reconhecimento do homem pelos benefícios por eles prodigalizados.

O culto por certos animais é bem possível seja rememoração de totemismo milenário. Entre os animais totémicos tem sido considerado o porco, que no entanto, pelo que respeita aos berrões de Trás-os-Montes, não me parece hipótese a considerar. Senão vejamos.

Totem, como é bem sabido, é a coisa, ser vivo, animal ou planta, região ou acidente geográfico, porção de matéria inanimada ou entidade astral, que é considerada como o tronco inicial, remoto, de um grupo de homens, o grupo totémico.

O *totem* em primeiro lugar é pois o *antepassado do grupo*, em segundo lugar é o *seu espírito protector*, o *seu benfeitor*, que envia oráculos e, mesmo quando é perigoso para os outros, conhece e poupa os seus filhos.

Registe-se que as pessoas de determinado *totem* têm para com ele deveres e obrigações sagradas, cuja violação acarreta castigo imanente.

Tais obrigações exigem um respeito formal e categórico pelo *totem*, o que implica não o molestar, não lhe fazer o menor dano, e muito menos matá-lo. Conseqüentemente é rígido tábu comer a sua carne.

Parece mais lógico admitir que o culto das gentes por certos animais e no caso de que nos vimos ocupando, porco,

touro e bode ou cabra, o seja como reflexo de reconhecimento e gratidão pelos benefícios e proveitos recebidos.

Ora o porco é animal de fácil criação em domesticamente estabular ou em regime de pastoreio, à *vezeira* ⁽¹⁾.

A carne de porco é muito apreciada.

O Abade de Baçal (*Mem. Arq.-Hist. do dist. de Bragança*, T. IX, 1934, págs. 552-553) realçou-o nestes termos: «O porco é, sem dúvida, ainda hoje, o animal mais prestadio da culinária trasmontana; a sua melhor caixa económica, que se alimenta com todos os rebotalhos, assimilando tudo e tudo reconstituindo centuplicado, em presunto, unto, manteiga, lombo, salpicões e tabafeias divinais».

Nas págs. 305-306 do mesmo T. IX o Abade de Baçal faz um justificado encómio à excelência das carnes de porco.

A carne de porco, quer fresca, nas *febras*, nos *rijões* e no lombo assado, quer curada, nas *linguiças*, nos *salsichões* e nos presuntos, é altamente apreciada.

⁽¹⁾ A *vezeira* é a velha prática de pastoreio em que num só rebanho se juntam as cabeças de gado de 10, 15 ou 20 proprietários.

O grande rebanho é pastoreado à vez, apenas por 3 ou 4 dos proprietários ou seus mandados, cujo serviço vai andando à roda.

A *vezeira* das cabras e das ovelhas foi corrente em muitas serras do norte de Portugal.

Em Vilarinho das Furnas, na Serra do Gerês foi modelar a *vezeira* do pastoreio das cabras, em rebanho de mais de mil cabeças.

Mas em Trás-os-Montes também existiu a *vezeira dos porcos*, como o atesta a seguinte quadra popular, registada pelo Abade de Baçal a pág. 381 das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, T. X., Porto, 1938.

*As cantigas que você canta
Meto-as eu numa azeiteira.
Não são cantigas de cantar
Nem aos porcos da vezeira.*

Ainda a propósito da *vezeira* há em Vale de Porco, aldeia do concelho de Mogadouro, a seguinte tradição.

Antigamente a povoação não era onde hoje está, mas num cabeço próximo, onde se vêem muitas telhas partidas. Nesse cabeço «as formigas

A superioridade culinária da mesma é celebrada pelo povo de Trás-os-Montes quando afirma: *Das carnes o carneiro, das aves a perdiz, e, sobretudo, a codorniz, mas se o porco voara não havia carne que lhe chegara.*

Do porco tudo se aproveita, inclusive as tripas para fazer chouriças e salpicões. Do porco nada se deita fora.

A sua carne é excelente e famosa, como o Abade de Baçal escreveu na pág. 764 do T. x das *Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança*, «Esta fama, como não podia deixar de ser, vem já da mais remota antiguidade; com ela preparavam os romanos dois pratos saborosíssimos, que mereceram chegar até nós através dos clássicos, conhecidos pelos nomes de Sumen e Vulva, (segundo Rich, *Dictionaire des antiquités romaines et grecques*, artigos Sumen e Vulva)».

O achado do grande berrão de Picote, de pé, a meio da câmara circular do monumento em forma de palmatória,

e uns bichos pequenos, comiam as orelhas das criancinhas». Perante tal calamidade os moradores tiveram de abandonar aquele antigo povoado e escolher outro local.

Soltaram a *vezeira dos porcos*, e foram-nos seguindo, como que em procissão. Os recos, chegados ao sítio onde hoje assenta a povoação, pararam, e, por mais que procurassem fazê-los andar, dali não saíram.

Então o povo, vendo que os *porcos da vezeira* teimavam em ficar ali, fundaram naquele sítio a nova povoação, que fica num pequeno vale, e que, por ser escolhido pelos porcos, se ficou a chamar Vale de Porco.

Mais uma referência ao porco da *vezeira* existe em Trás-os-Montes, na lenga-lenga com que os rapazes mirandeses (Duas Igrejas — Miranda do Douro) *chamam nomes aos Manuéis*.

Manuel cascavel

Come as papas no pichel.

Vem o gato lambe o prato,

Vem o cão parte o pão,

Vem o porco da vezeira

Dá um p... na azeiteira.

No meu trabalho *Lenga-lengas e jogos infantis*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Vol. VIII, Porto, 1938, págs. 317-358, nas págs. 331-333 publico uma pequena série destas lenga-lengas de *chamar nomes*, com que as crianças tanto embirram acirradas pelos companheiros.

câmara seguida dum corredor, cuja escavação forneceu numerosos fragmentos de ossos de vários animais e pedaços de louça de barro, vasos e pratos, encontrados especialmente no corredor, atesta, sem a menor dúvida, que aquele porco se pode considerar um ídolo, ao qual se prestaria culto, em cerimónias rituais com a deposição de oferendas.

O notável achado de Picote, infelizmente destruído, atesta seguramente a existência dum velho culto prestado ao porco.

Pelo conjunto de circunstâncias daquele achado, pode concluir-se que o monumento de Picote seria como que um templo, em que se prestava culto ao porco divinizado.

Suponho não ser ousado atribuir significado zoolátrico às grandes estátuas de berrões, muitas delas averiguadamente originárias dos nossos castros trasmontanos, pelo que se poderá generalizar a mesma origem a todos os berrões, e daí tal zoolatria ser essencialmente originária daquela zona castreja trasmontana.

Com os elementos de que actualmente dispomos não se pode dizer que tal culto estaria ligado só à defesa dos gados e à magia dos pastos e da reprodução, como queria Cabré em face dos exemplares de touros que encontrou nas Cojotas num recinto de encerramento de gados.

Este distinto arqueólogo espanhol afirmou não lhe restarem dúvidas quanto a tais berrões corresponderem a um culto de magia protectora dos gados.

Tais estátuas teriam a finalidade de esconjurar calamidades, roubos, doenças e outros malefícios, a que estão sujeitos os animais das manadas ou rebanhos.

Esta hipótese, de significado exclusivamente ganadeiro, tem, desde já, um argumento contra; é a interpretação de uma das legendas em caracteres ibéricos gravada num dos «ver-racos» de las Cojotas, que foi traduzida assim: *Deus porco bravo da cidade de Adoja*.

Nesta leitura, que poderá, no entanto, considerar-se hipotética, há um sentido lato de deus protector da cidade.

Por que havemos de restringir a sua acção protectora só aos gados e não considerar a sua influência tutelar extensiva

às gentes, suas pessoas, casas, e a todos os seus haveres e, consequentemente, também aos seus gados?

O facto de esculpir em granito rude as estátuas zoomórficas dos berrões, algumas de proporções avantajadas, pois chegam a atingir os dois metros de comprimento, deve corresponder a uma intenção séria, e reflecte, seguramente, um estado de espírito da colectividade, coordenador dos esforços conducentes ao arranque, desbaste e modelação da pedra em estátuas, a que se seguiria o seu transporte e assentamento dentro do recinto muralhado do castro.

E já não aludo ao monumento no género do do castro do Poio de Picote, de câmara circular e corredor, que talvez tivesse réplicas para instalação dos berrões que, averiguadamente, têm sido achados em castros.

Pelo que respeita aos vários berrõezinhos do Monte de Santa Luzia, quase todos muito pequenos, porquanto o seu comprimento se pode computar em 25 a 30 cm de média, e ao porquinho de Vila de Sinos com 32 cm de comprimento, são estatuetas que não só se podem considerar como ídolos tutelares a colocar sobre sepulturas, como quiseram alguns autores, mas que podem ser tidos como réplicas do deus protector, para ter em casa como entidade venerável.

Pelo conjunto de circunstâncias que temos vindo a referir, sem no entanto estabelecer generalizações que seria tentado a fazer, supomos que têm razão aqueles que consideram muitos, ou pelo menos alguns, dos berrões estudados, como manifestações dum velho culto zoolátrico castrejo, no qual animais considerados sagrados eram adorados como deuses tutelares.

Julgo poder considerar a cultura dos berrões como uma notável manifestação de ordem espiritual, com fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos e nas regiões limítrofes de Espanha.

Dado que, como vimos, um grande número de berrões foi achado em Trás-os-Montes, é lícito considerar esta nossa província como um importante núcleo de florescimento espiritual do culto zoolátrico.

Estudos complementares e possíveis novas descobertas poderão vir a comprovar aquela nossa tão castiça província, tão apegada às suas tradições, tão conservadora dos seus velhos usos e costumes, e, por isso, cheia de relíquias etnográficas e arqueológicas, como um centro de criação da cultura dos berrões.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Agosto de 1974

J. R. dos Santos Júnior

Prof. Jub. de Antropologia e Sociologia da Faculdade
de Ciências da Universidade do Porto e Presidente
da Sociedade Portuguesa de Antropologia

NOVOS ACHADOS

Em Agosto de 1974 já estava pronto para publicação o original deste trabalho, e em vias de ser orçamentada a sua impressão. Em fins de Setembro de 1974 fui a Freixo de Espada-à-Cinta. O Sr. Elísio Capelas Avelar informou-me que ao lavrarem as terras à volta do Monte de Santa Luzia, na chamada *Coraceira*, tinham aparecido mais berrões, e que os achadores os tinham posto à borda da terra lavrada.

Lá voltei em 1 de Março de 1975, na sua amável companhia. A busca foi profícua, pois encontramos 7 restos de berrões, todos pequenos e mais ou menos mutilados, a saber: 2 berrõezinhos mutilados, 2 focinhos de porcos, 1 troço de tronco cilíndrico (porco ?), uma pedra com escultura da porção abdominal e uma pedra estranha de significação embaraçosa.

Confirmou-se a conjectura que formulei do provável aparecimento de mais berrões.

Espero em próxima oportunidade publicar este novo achado, que vem realçar a notável importância do conjunto de berrões da zona do Monte de Santa Luzia.

Setembro de 1975

FOTOGRAFIAS DOS BERRÕES

INDICAÇÃO DE QUEM TIROU AS FOTOGRAFIAS

das figs. 38 e 39 o Prof. Doutor Amílcar de Magalhães Mateus
das figs. 81, 84, 85 e 86 Teófilo Rego (Fotog. Comercial — Porto)
as das figs. 89, 118, 122, a 124, 127 e 128, fornecidas pela
Direcção do MUSEU ETNOLÓGICO NACIONAL, LISBOA

todas as outras foram tiradas pelo autor



Fig. 32 — A «Porca de Murça». Reprodução de um postal.



Fig. 33 — A «Porca de Murça». Notem-se os grandes olhos, o esquerdo realçado pelas condições de luz, bem como o sulco a marcar a separação das patas anteriores.

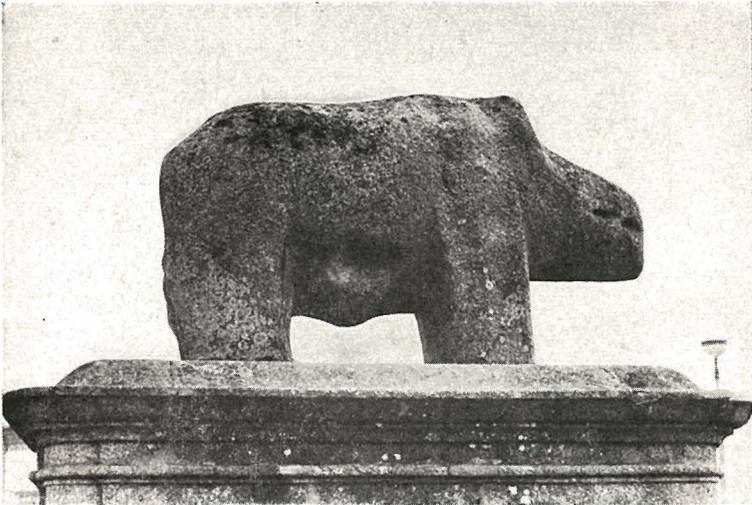


Fig. 34 — Perfil do lado direito da «Porca de Murça». Note-se a proeminência médio ventral característica de macho (fôrro peniano).

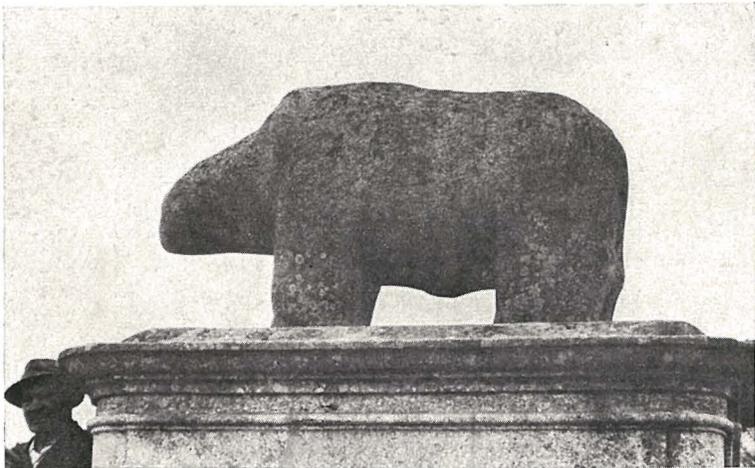


Fig. 35 — Lado esquerdo da «Porca de Murça».



Fig. 36 — A chamada «Porca de Murça» mostrando no baixo ventre a buraca com 25 cm de comprimento por 20 de altura. De fundura tem 15 cm no sentido transversal e 16 cm para cima.

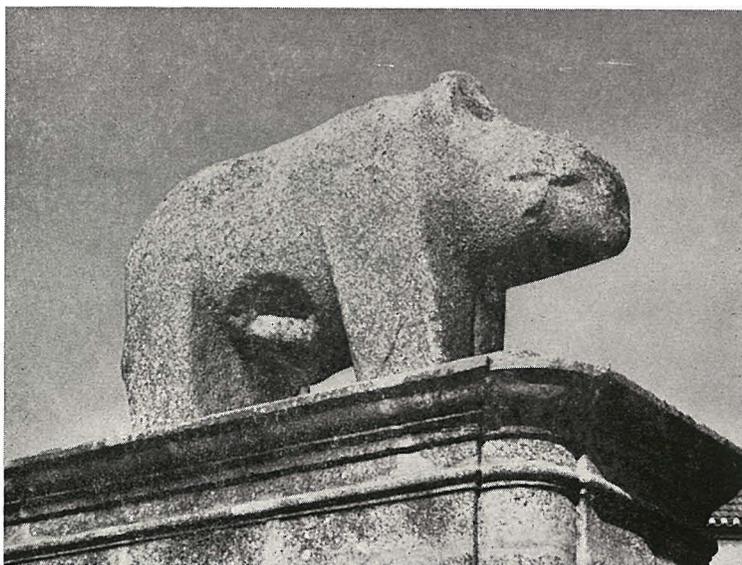


Fig. 37 — Outro aspecto da «Porca de Murça» mostrando a crista supra-ocular e o saliente que se estende para cima e para baixo da boca que deve corresponder aos grandes dentes caninos.



Fig. 38 — Porta da muralha de Castelo Mendo com os dois berrões nos cunhais das torres que defendiam a porta.



Fig. 39 — Pormenor da figura anterior.



Fig. 40 — Berrão n.º 1 de Castelo Mendo. O desgaste na porção anterior direita foi feito pelo arrouçar dos carros.



Fig. 41 — Berrão n.º 2 de Castelo Mendo. Tem peanha e está fronteiro ao da figura anterior.



Fig. 42 — A porca do pelourinho de Bragança. Reprodução de um postal.

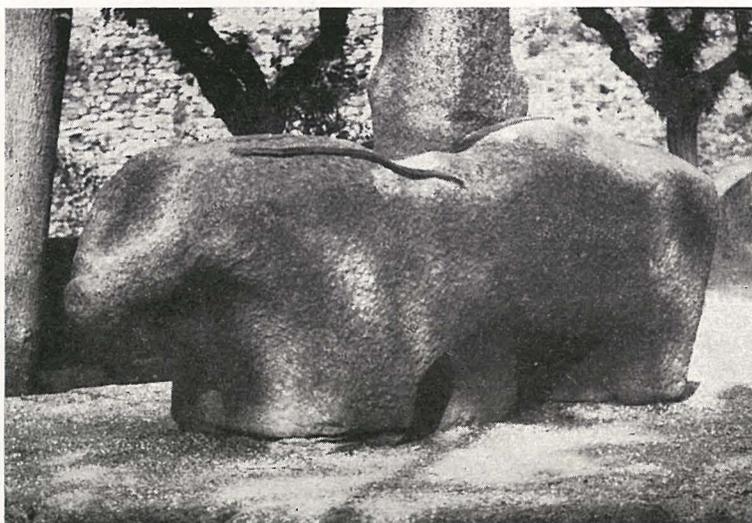


Fig. 43 — A *porca da vila* ou *porca do pelourinho* de Bragança vendo-se a meio do dorso as duas depressões de aguçadouros, e a cova no meio da testa.



Fig. 44 — A *porca da vila*, lado esquerdo, mostrando a outra depressão de aguçadouro, a estaladela a meio do corpo e nela o buraco que comunicava com uma cova dorsal, que foi em parte destruída para implantar a coluna do pelourinho.



Fig. 45 — A porca da vila, perfil do lado direito.



Fig. 46 — A porca da vila, perfil do lado esquerdo.

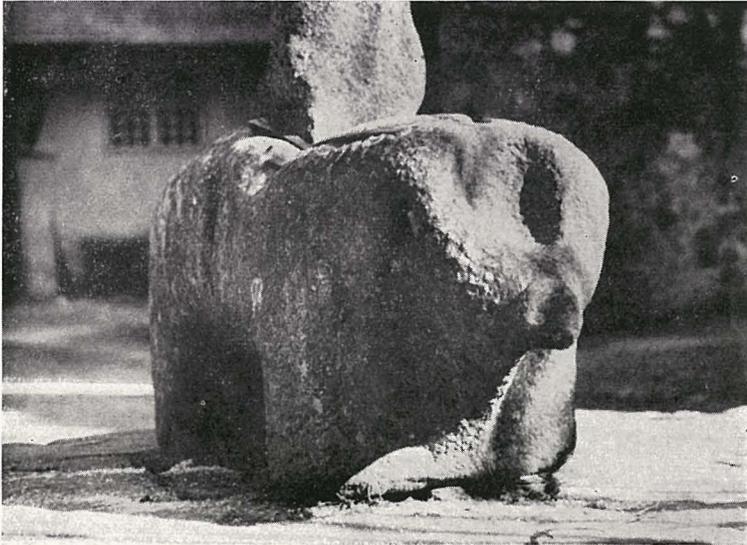


Fig. 47 — A porca da vila vista de frente mostrando a grande cova no meio da testa, a pequenez do focinho e o granitado da pedra.



Fig. 48 — Terço posterior do dorso da porca da vila mostrando alguns sulcos aguçadores de instrumentos em ponta. A caneta mede 12,5 cm.

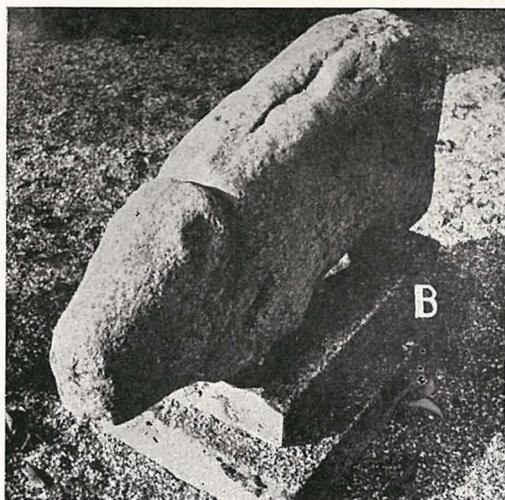


Fig. 49 — O porco de Faílde, perfil, lombo e traseira. A bengala mede 82 cm.
A — Perfil mostrando o grau de mutilação e o grande e fundo sulco a separar a cabeça do resto do corpo. B — Face dorsal com sulco em goteira longitudinal.
C — Traseira com as grandes massas testiculares.



Fig. 50 — Recanto do jardim do Museu de Bragança com os quatro berrões: da esquerda para a direita, touro de Ligares, porco de Faílde, porquinho de Vila de Sinos e touro de Vila de Sinos.



Fig. 51 — O porco de Faílde e à direita o tourinho de Vila de Sinos.

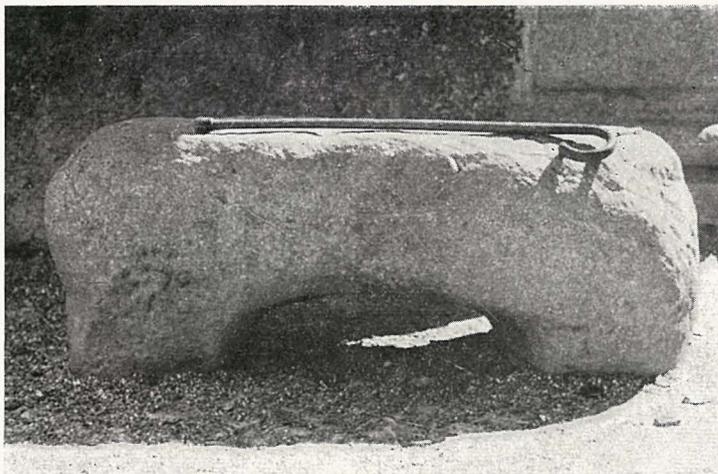


Fig. 52 — Berrão de Coelho sem cabeça e sem patas. A bengala mede 82 cm.



Fig. 53 — Traseira do berrão de Coelho. A caneta mede 13 cm.



Fig. 54 — O touro de Parada de Infanções,
chamado o «berrão do adro».

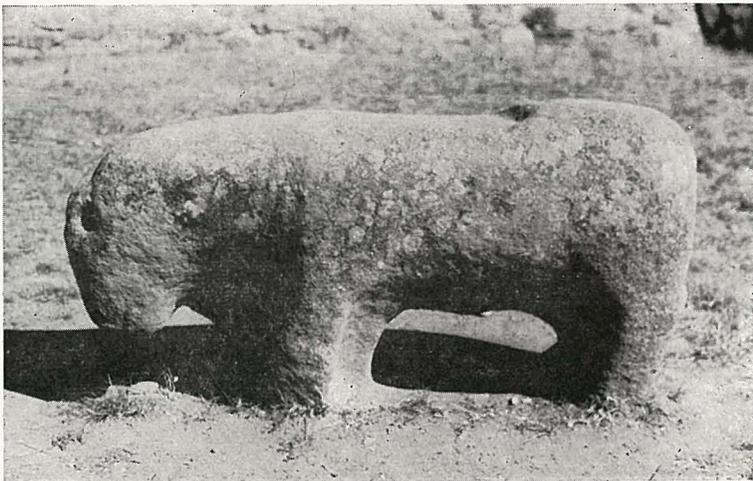


Fig. 55 — O touro da fig. anterior, mostrando o aplanado do dorso
que termina atrás por um rebordo de 5 cm de altura a 43 cm
da parte posterior.



Fig. 56 — As quatro covinhas do dorso aplanado do «berrão do adro» de Parada de Infanções.



Fig. 57 — O «berrão do adro» visto a três quartos. Exuberantes as saliências nos jarretes, que a fotografia mostra especialmente no da pata posterior direita.



Fig. 58 — Traseira do «berrão do adro». Funda e bem polida a covinha do ânus. Testículos muito abaixo do ânus e pendentes entre as patas, como é próprio dos bovídeos.



Fig. 59. — Os dois berrões aos lados da entrada para o adro da capela de Santo André, construída no alto do castro.



Fig. 60 — O berrão n.º 1 (porco) sobre a parede ao lado da cancela que fecha a entrada para o adro da capela de Santo André.

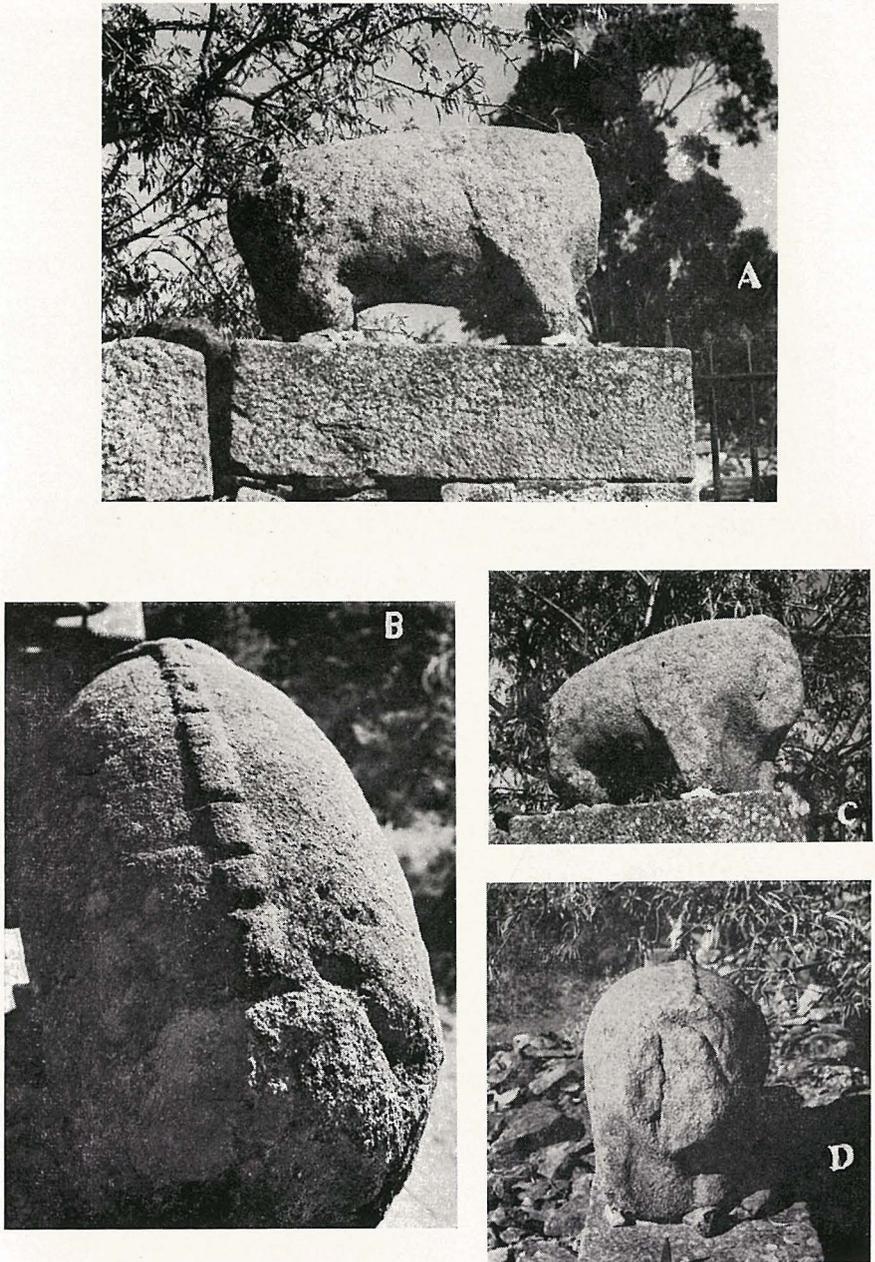


Fig. 61 — O berrão n.º 1 do monte (castro) da Capela de Santo André; A — perfil; B — saliente raquidiano, ou espinhaço, fotografado da traseira; C — fotografia a três quartos mostrando as patas anteriores bem definidas e parte da barbela; D — frente com a secção elíptica do pescoço por ter-lhe sido decepada a cabeça.

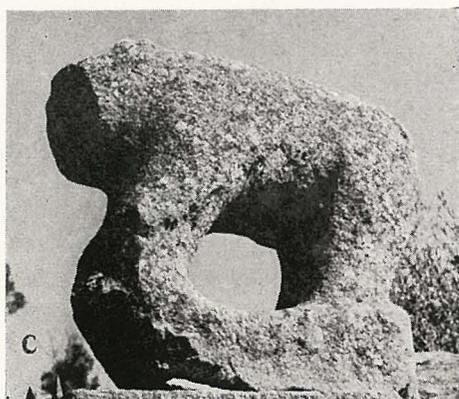


Fig. 62 — Berrão n.º 2 do monte (castro) de Santo André. A — posto em cima da parede, fronteiro ao n.º 1; B — na traseira nota-se o saliente testicular de posição alta, como é típico dos porcos; D — notar a saliência indicativa da orelha esquerda.



Fig. 63 — Topo cimeiro de uma lápide? É possível. A pedra tem de altura 23,5 cm.



Fig. 64 — Resto de epígrafe. A caneta mede 14,5 cm. A fotografia deve estar invertida, porquanto na última linha, invertida, parece ler-se SACCO.

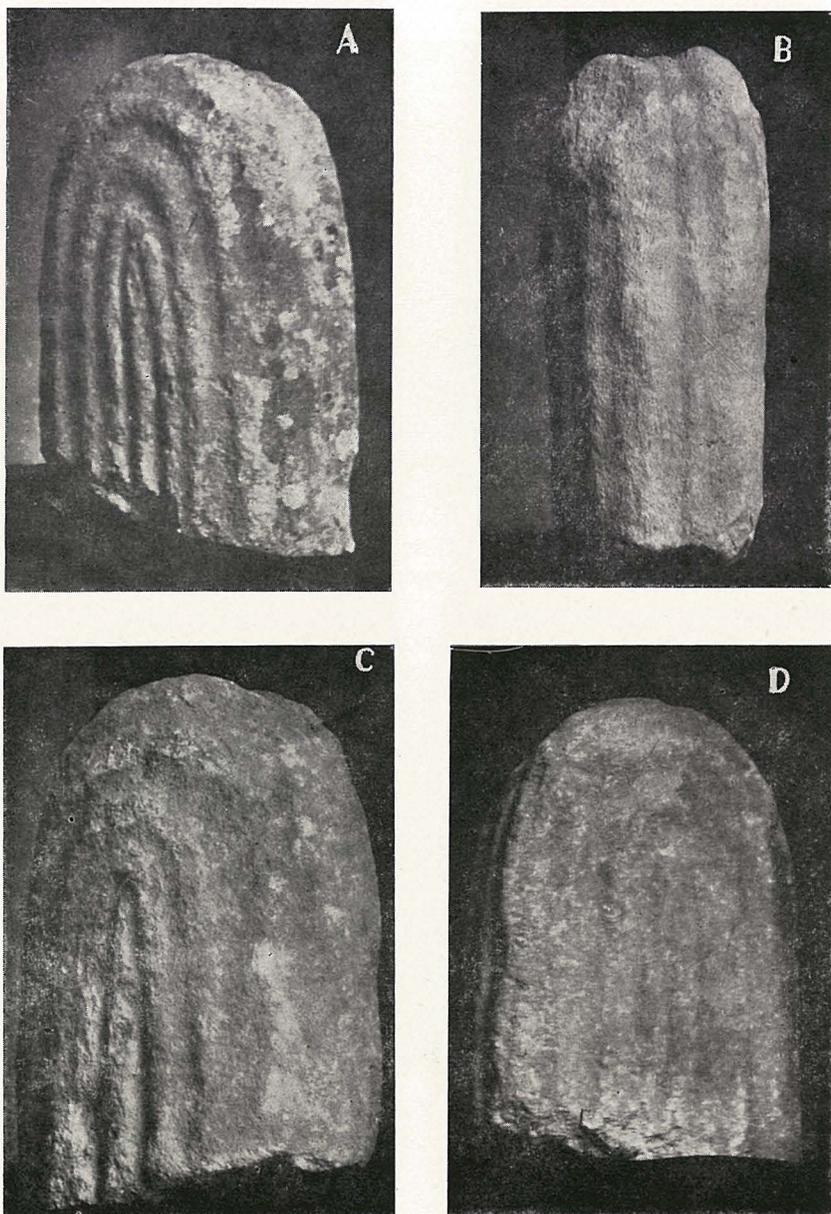


Fig. 65 — Pedra de granito do Monte de Santa Luzia, com altura máxima de 32 cm vista em quatro posições, com sulcos nas duas faces e no bordo.



Fig. 66 — Corpo do berrãozinho do Monte de Santa Luzia, n.º 1 do texto; perfil do lado esquerdo. Tem 18 cm de comprimento.



Fig. 67 — Berrãozinho da fig. anterior, lado direito. Muito mutilado, sem patas e sem cabeça. De topos boleados.

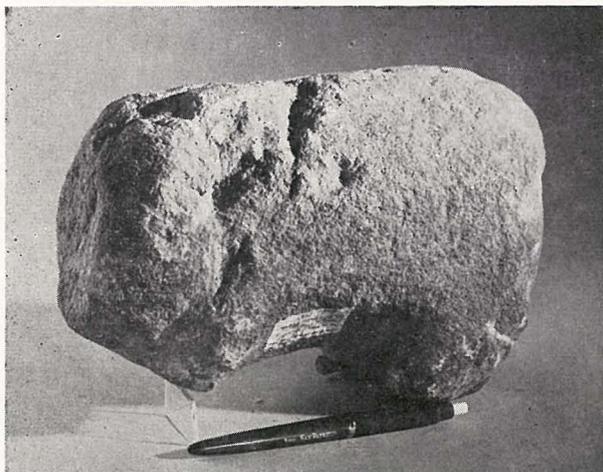


Fig. 68 — Corpo de um berrãozinho (n.º 2 do texto), perfil do lado esquerdo. A caneta mede 13,5 cm.



Fig. 69 — O berrãozinho da fig. anterior, do Monte de Santa Luzia, lado direito. Tem 23 cm de comprimento.

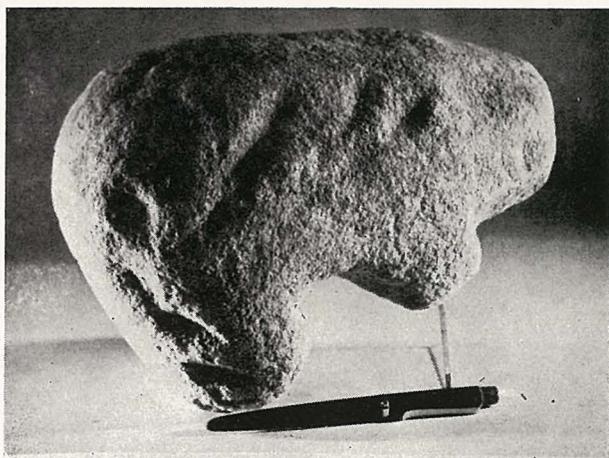


Fig. 70 — Lado direito do berrãozinho do Monte de Santa Luzia, n.º 3 do texto, cujo comprimento máximo é de 21,5 cm. A caneta mede 13 cm.

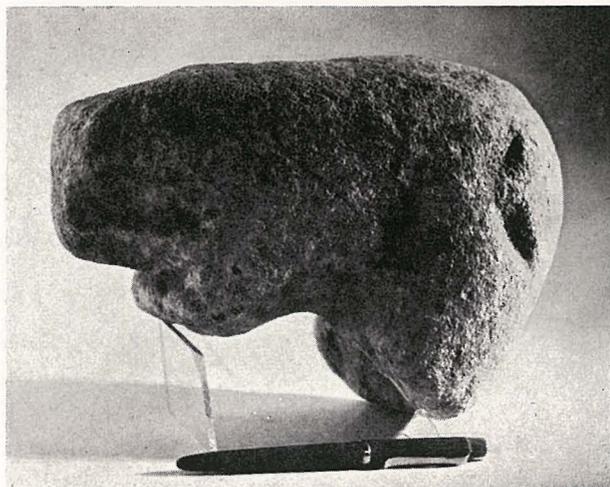


Fig. 71 — O berrãozinho da fig. anterior, lado esquerdo. Na traseira é exuberante a saliência dos testículos em posição alta, como é próprio dos porcos. A caneta mede 13 cm.



Fig. 72 — Berrão n.º 4 do texto. A caneta mede 13 cm.

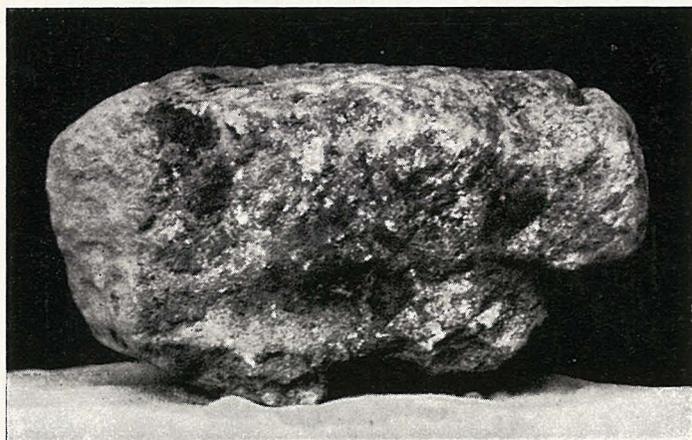


Fig. 73 — Lado direito do berrão da fig. anterior, comp. 47 cm.



Fig. 74 — O berrão n.º 4 do texto tendo na frente o berrãozinho n.º 2 do texto e na traseira o berrãozinho n.º 3 do texto.

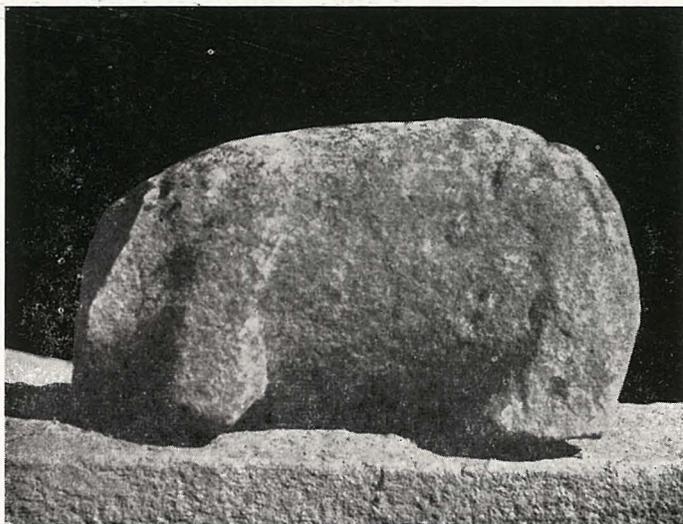


Fig. 75 — Lado esquerdo de berrão do Monte de Santa Luzia, n.º 5 do texto. Comprimento máximo 49 cm.

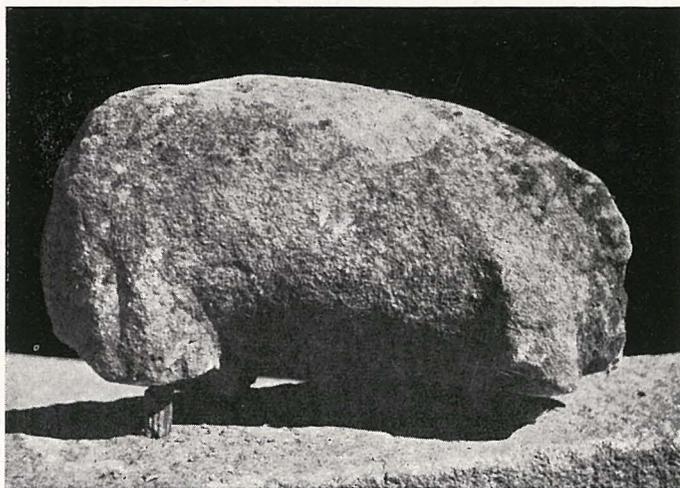


Fig. 76 — Lado direito do berrão da fig. anterior. Patas muito mutiladas e cabeça quase decepada. Resta pequena porção do pescoço.



Fig. 77 — Berrão n.º 5 do texto.



Fig. 78 — Berrão n.º 5 do texto. Frente mostrando o contorno elíptico da fractura do pescoço.

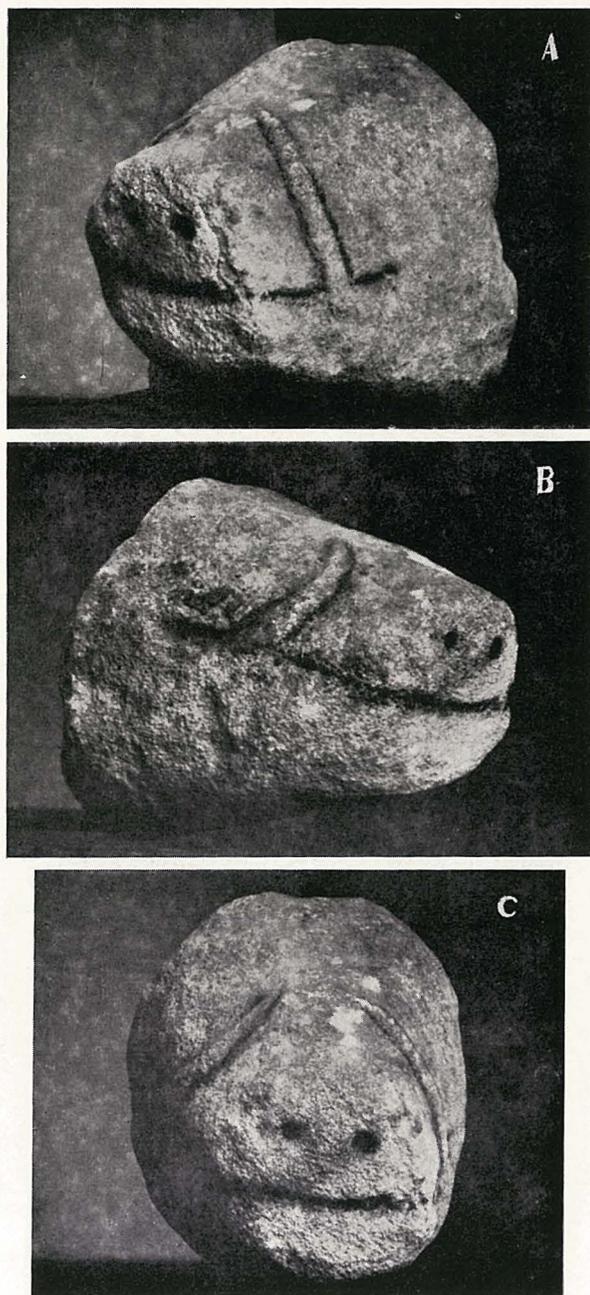


Fig. 79 — Focinho de javali com 22,5 cm de comprimento: assimetria dos caninos; n.º 6 do texto.

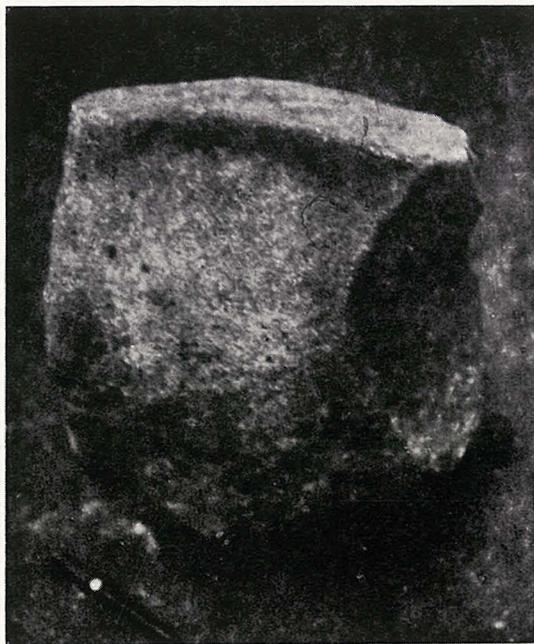


Fig. 80 — Porção da parte média de um berrão.
É o n.º 7 do texto. A caneta mede 12,5 cm.



Fig. 81 — Porção do touro n.º 11 do texto. A caneta mede 13,5 cm.

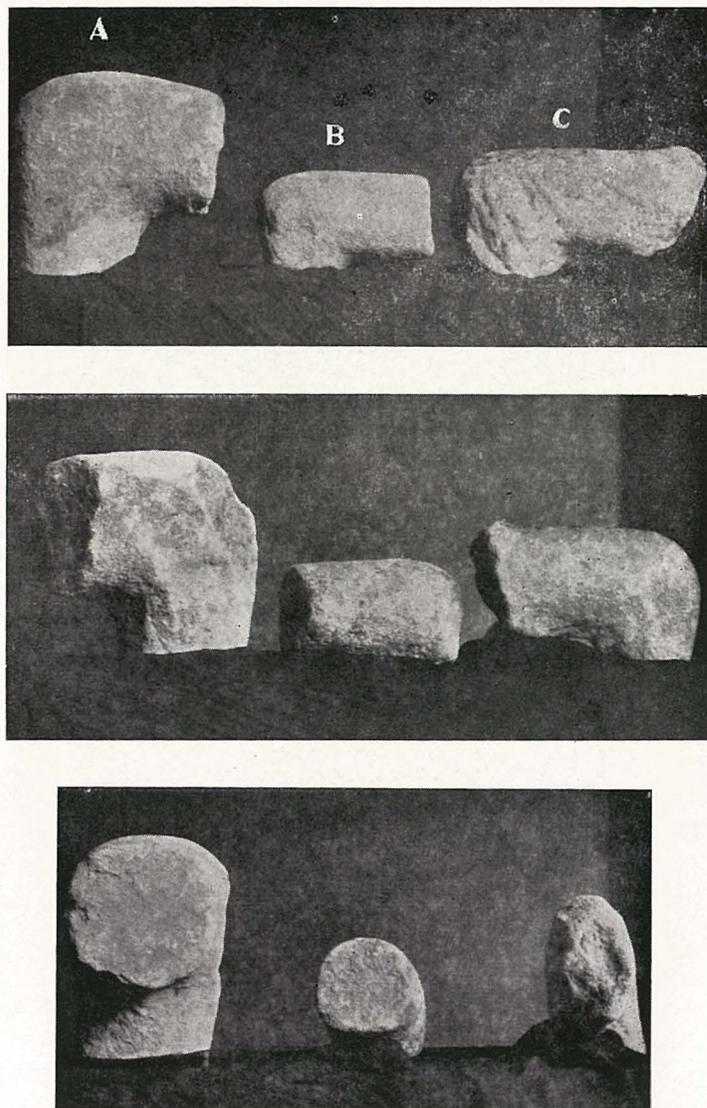


Fig. 82 — Berrões do Monte de Santa Luzia, visto dos dois lados e de frente. A — parte posterior do corpo de um porco: n.º 8 do texto; B — porção do corpo de um porquinho: n.º 9 do texto; C — corpo de um tourinho sem cabeça nem patas: n.º 10 do texto.

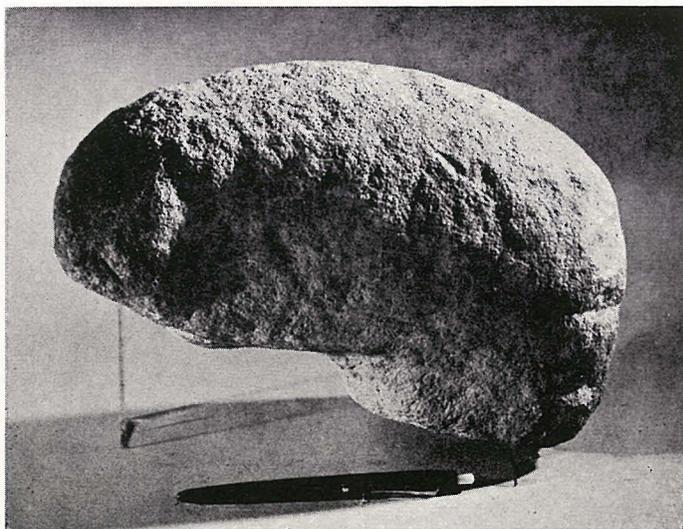


Fig. 83 — Porção do corpo de um berrão do Monte de Santa Luzia, n.º 12 do texto. A caneta mede 13,5 cm.



Fig. 84 — Traseira de berrão do Monte de Santa Luzia, n.º 13 do texto. A caneta mede 13,5 cm.



Fig. 85 — Um focinho, do Monte de Santa Luzia, que parece ter ficado em meio fazer. É o n.º 14 do texto. A caneta mede 13,5.



Fig. 86 — Berrão do Monte de Santa Luzia, n.º 15 do texto. A caneta mede 13,5 cm.



Fig. 87. — Touro de Ligares. Comprimento máximo 48 cm.



Fig. 88 — Touro de Ligares com o rabo atirado sobre o lombo.



Fig. 89 — Berrão «a mulher de pedra», de Fornos (Lagoaça). Falta-lhe a cabeça e as patas anteriores, que foram substituídas por lâmina de cimento para conveniente posição do berrão. No lado esquerdo a grande covinha que, com outras, o desenho da Fig. 17 realça.



Fig. 90 — Escavação da câmara circular onde apareceu o berrão de Picote, e início do corredor.



Fig. 91 — Porção do corredor com algumas pedras da parede lateral tombadas mas mantendo o alinhamento.



Fig. 92 — Porção de mó circular e outras pedras, mais ou menos polidas, encontradas junto do corredor.



Fig. 93 — O berrão que foi arrancado da câmara circular e posto no caminho junto do posto da guarda fiscal. Tem peanha e a cabeça foi-lhe totalmente decepada. Está actualmente no Museu de Bragança.



Fig. 94 — Perfil do berrão de Picote. No jarrete das patas posteriores vêem-se os «ronchos».



Fig. 95 — Traseira do berrão de Picote, mostrando o ânus, as saliências testiculares e os «ronchos».

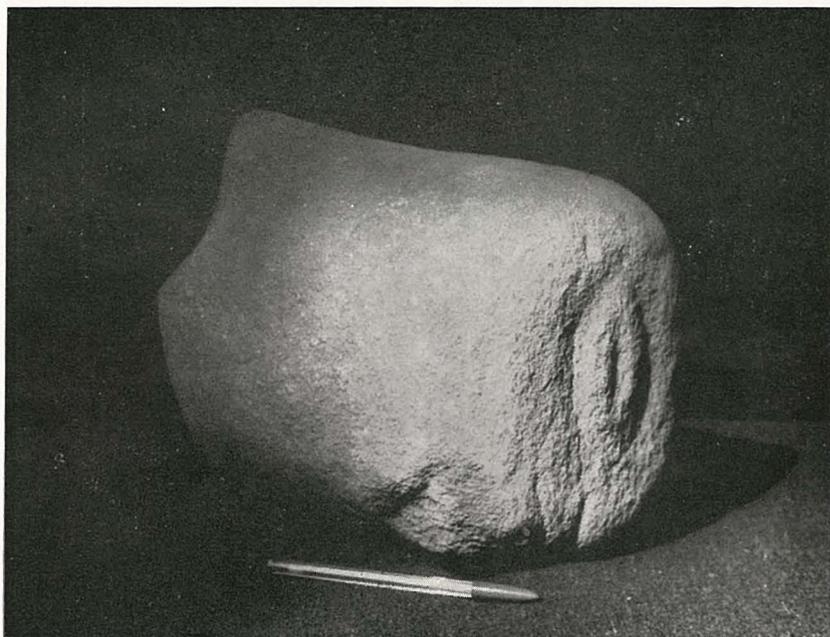


Fig. 96 — O destroço do pequeno berrão de Picote. Saliências testiculares com sulco intertesticular e goteira circundante. A caneta mede 14,5 cm.

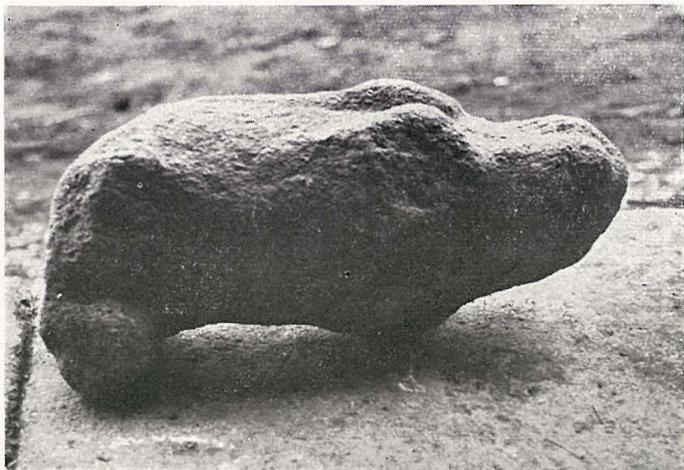


Fig. 97 — O berrão do cabeça da Senhora do Monte
(Duas Igrejas — Miranda do Douro).

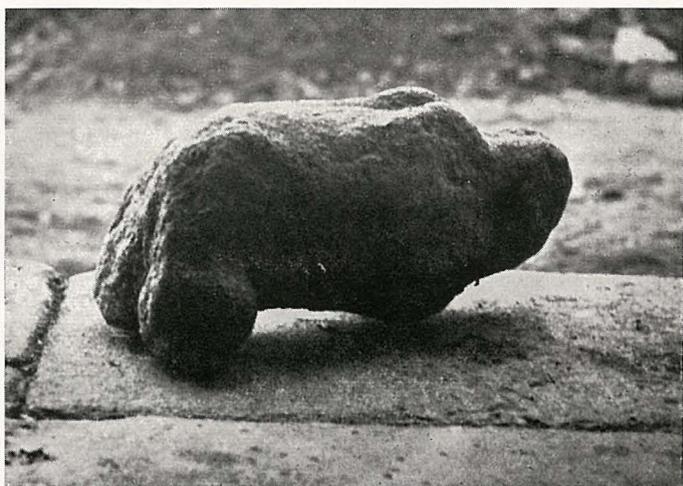


Fig. 98 — O berrão da Fig. anterior mostrando parte da traseira
com sulco de separação das patas posteriores.

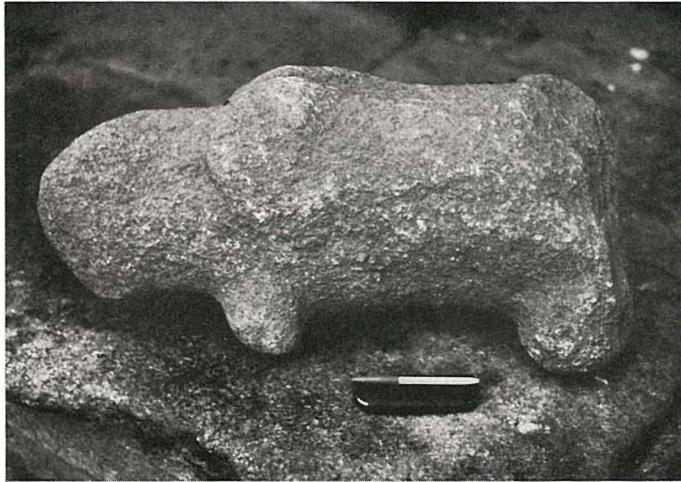


Fig. 99 — O berrão das figs. anteriores visto pela face ventral. Os cotos das patas, boleados, parecem indicar que a estátua foi muitas vezes rebolada.

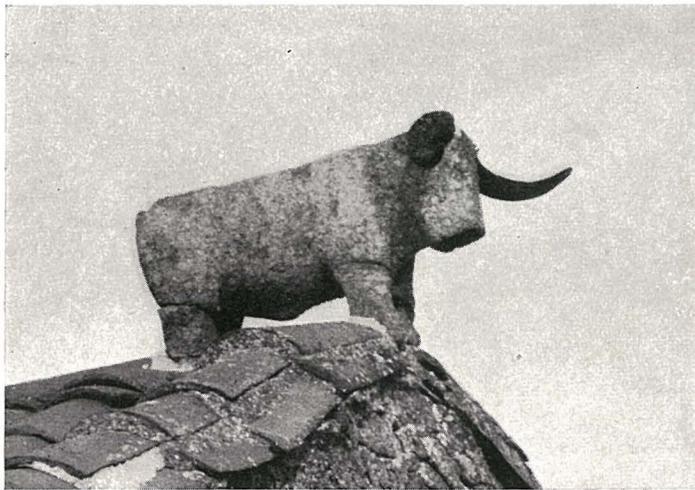


Fig. 100 — Touro de Malhadas que, em 1962, tinha implantado um par de cornos de vaca.



Fig. 101 — O pelourinho e a Porca da Torre de D. Chama.
Reprodução de um postal antigo.



Fig. 102 — Perfil da Porca da Torre de D. Chama.

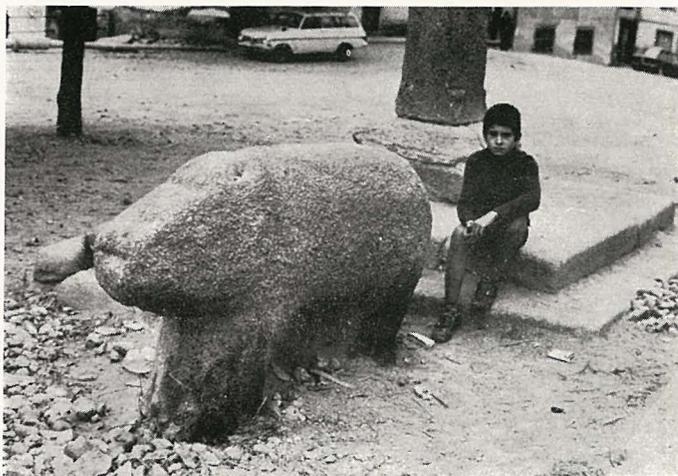


Fig. 103 — Cabeça e lado esquerdo da «Porca da Torre de D. Chama» diante do pelourinho.



Fig. 104 — Traseira da «Porca da Torre de D. Chama» mostrando o ânus, a saliência testicular e os ronchos nos jarretes.

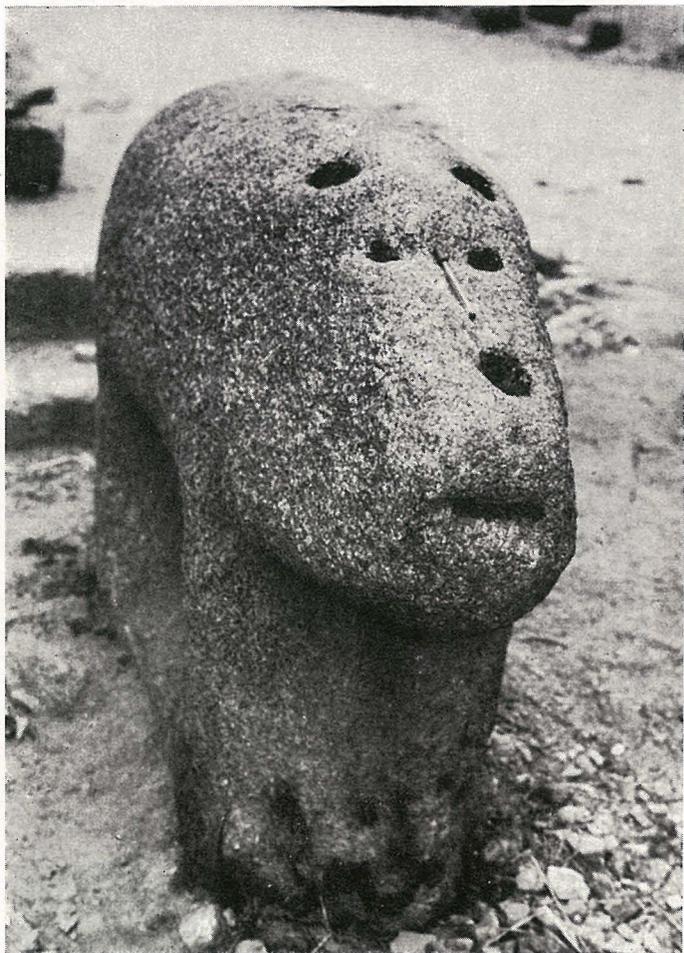


Fig. 105 — A chamada Porca da Torre de D. Chama. As coviñas e a boca foram realçadas a carvão. A caneta mede 14,5 cm.

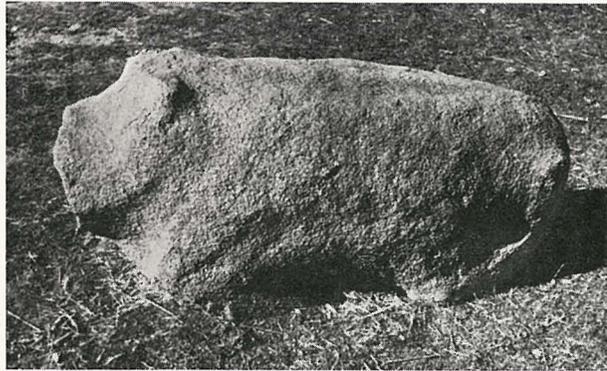


Fig. 106 — O grande berrão de Vila de Sinos, em 1964 estava no chão, a um deslado da eira.

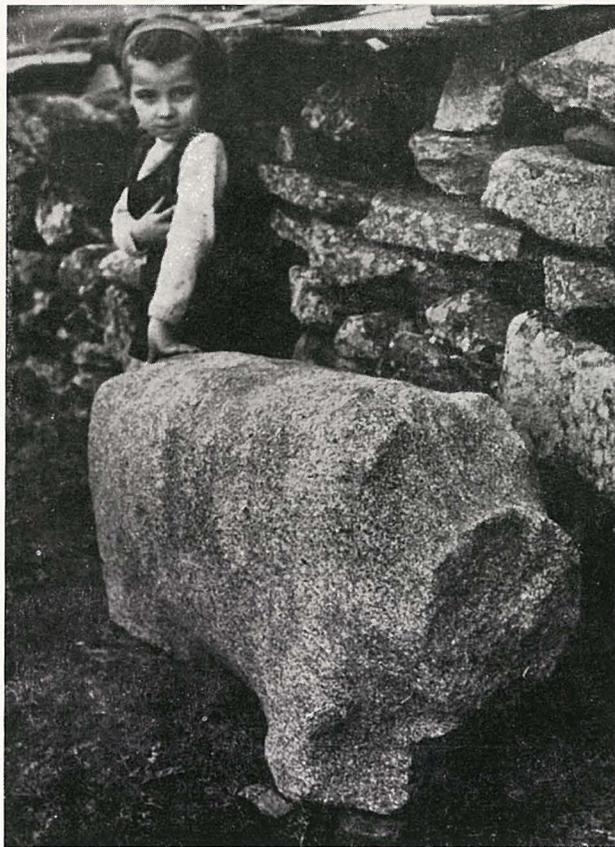


Fig. 107 — Em 1965 meteram o berrão no adro encostado à parede do lado norte.

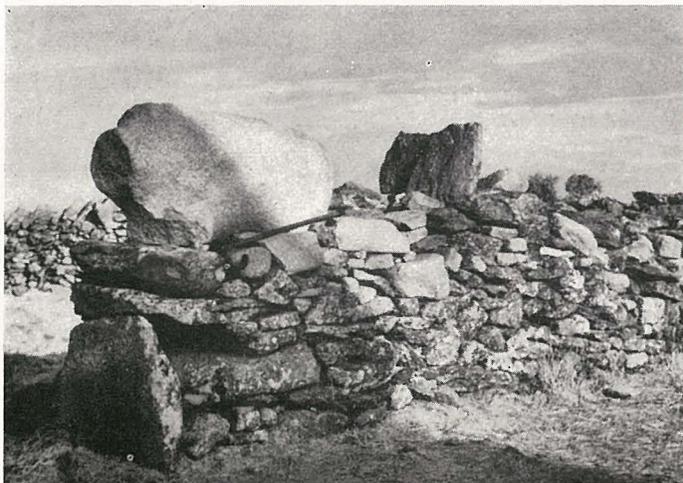


Fig. 108 — Em 1967, por sugestão minha, puseram o berrão em cima do muro do adro.

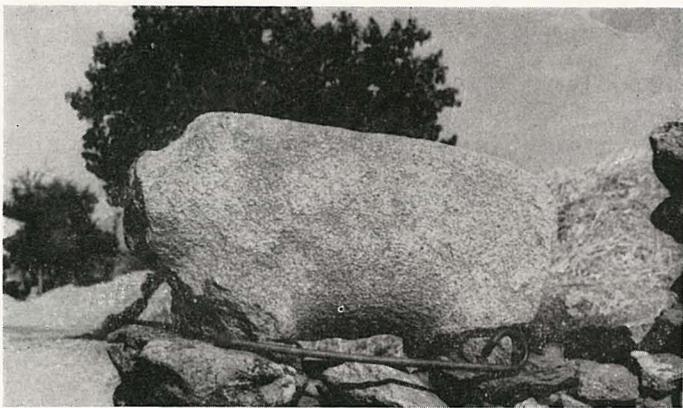


Fig. 109 — Em 1974 o berrão continuava em cima do muro do adro. A bengala mede 82 cm.

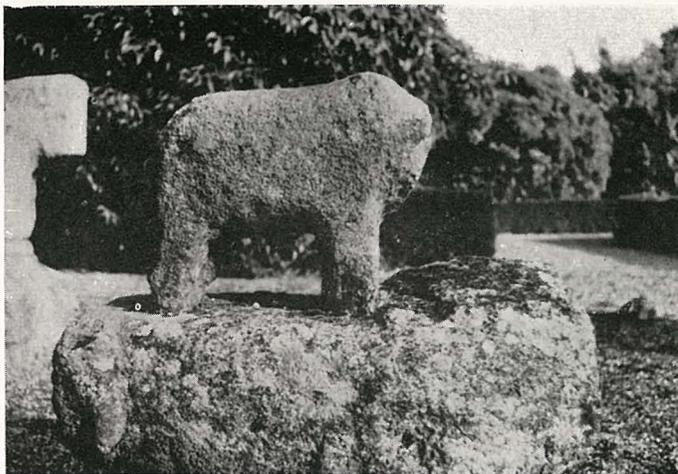


Fig. 110 — Berrãozinho do adro de Vila de Sinos posto sobre uma pedra no jardim do Museu de Bragança. À esquerda vê-se a cabeça do tourinho, também de Vila de Sinos.



Fig. 111 — O mesmo berrãozinho da fig. anterior, mostrando a exuberante saliência da massa testicular e o roncho no jarrete da pata posterior. Mede de comprimento 32 cm.



Fig. 112 — O mesmo berrãozinho das figuras anteriores. Nítida a crista raquidiana e a proeminência nugal.



Fig. 113 — Esta fotografia realça as orelhas. A caneta mede 13,5 cm.

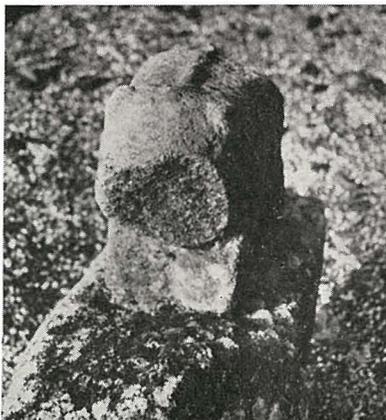


Fig. 114 — Fotografia mostrando a quebradura do focinho.

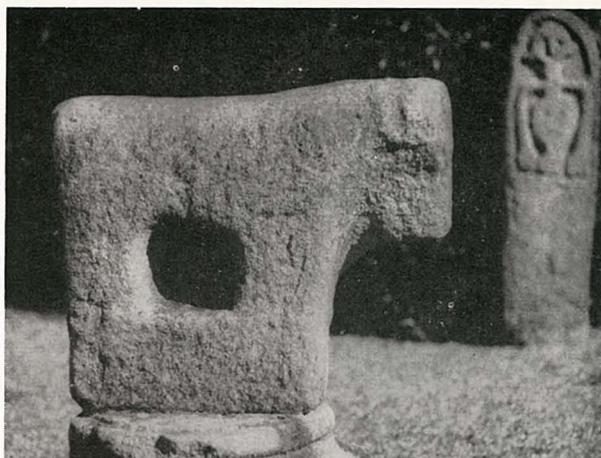


Fig. 115 — Touro de Vila de Sinos: perfil. É nítida a orelha e o olho. Tem de comprimento 62 cm.

Fig. 116 — O touro da fig. anterior visto de frente, mostrando a testa aplanada.



Fig. 117 — Dorso das figs. anteriores, mostrando um sulco no alto da cabeça, e outro partindo do pescoço para a espádua, formado por uma sucessão de pequenas covinhas.



Fig. 118 — Berrão das Cabanas, Moncorvo. É o n.º 7 do texto e o E 5251 do Museu Etnológico de Belém. Ponta do focinho esmurrada, goteira no pescoço e crista raquidiana alta, em parte mutilada.



Fig. 119 — Berrão das Cabanas, Moncorvo, n.º 7 do texto: comprimento 95 cm.



Fig. 120 — Berrão da figura anterior mostrando a massa testicular.



Fig. 121 — Javali das Cabanas, Moncorvo, n.º 5 do texto: comprimento 1,35 m.



Fig. 122 — Peça estranha, de granito, das Cabanas, Moncorvo, n.º 6 do texto. A face dorsal, ou lombo, com ondulações e nodosidades verrugosas, e a face inferior, ou ventral, plana e lisa. Tem de comprimento 1,05 m.



Fig. 123 — Berrão das Cabanas, Moncorvo, E 5247. É o n.º 3 do texto.



Fig. 124 — No primeiro plano o berrão E 5248 das Cabanas (Moncorvo), número 4 do texto. À esquerda a berrôazinha da Açoreira e a seguir parte do berrão E 5251. Na traseira do berrão do primeiro plano parte da estranha cabeça de animal do castro de Arados.

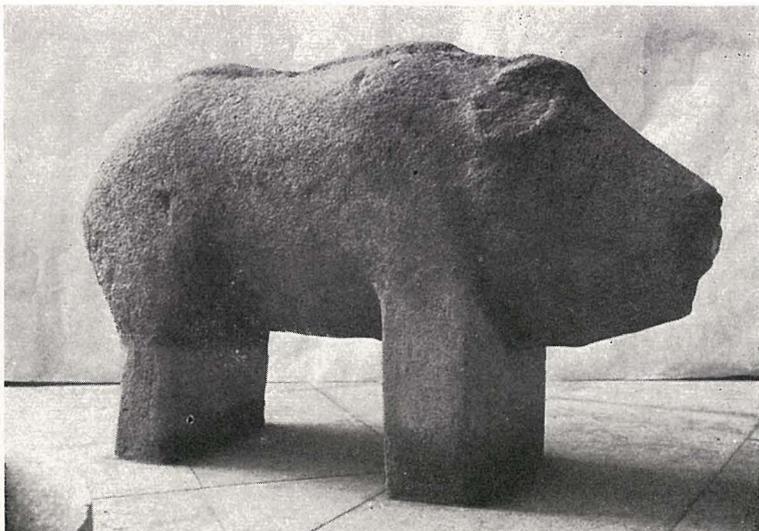


Fig. 125 — Lado direito do berrão das Cabanas, Moncorvo, é o n.º 2 do texto. Tem de comprimento 1,12 m.

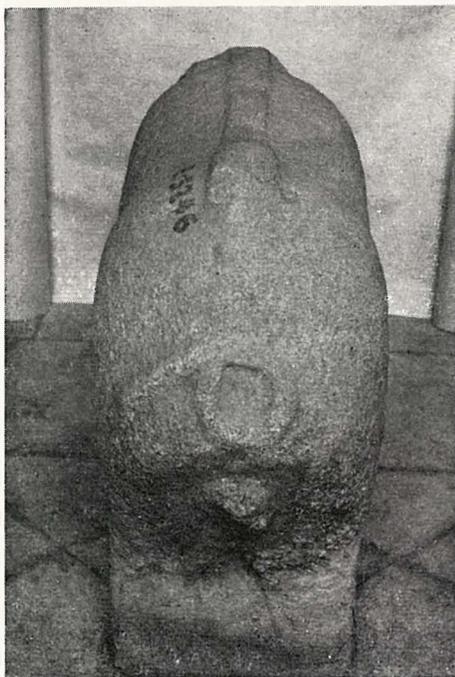


Fig. 126 — Traseira do berrão da fig. anterior, mostrando a cauda torcida, a massa testicular em parte mutilada e o espinhaço ou crista raquidiana muito larga.

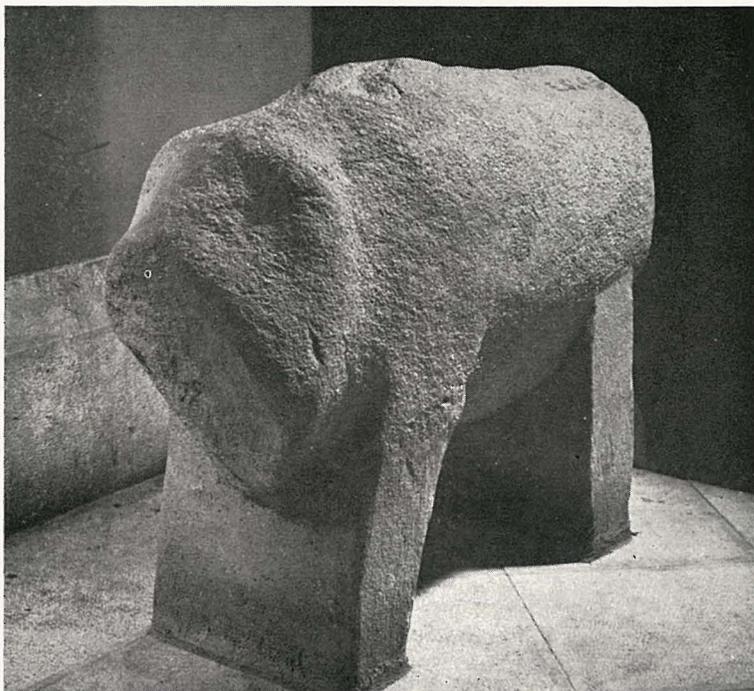


Fig. 127 — Berrão das Cabanas, Moncorvo, E 5245, número 1 do texto.



Fig. 128 — Lado esquerdo do berrão das Cabanas, Moncorvo.
E 5246, n.º 2 do texto. Tem de comprimento 1,12 m.

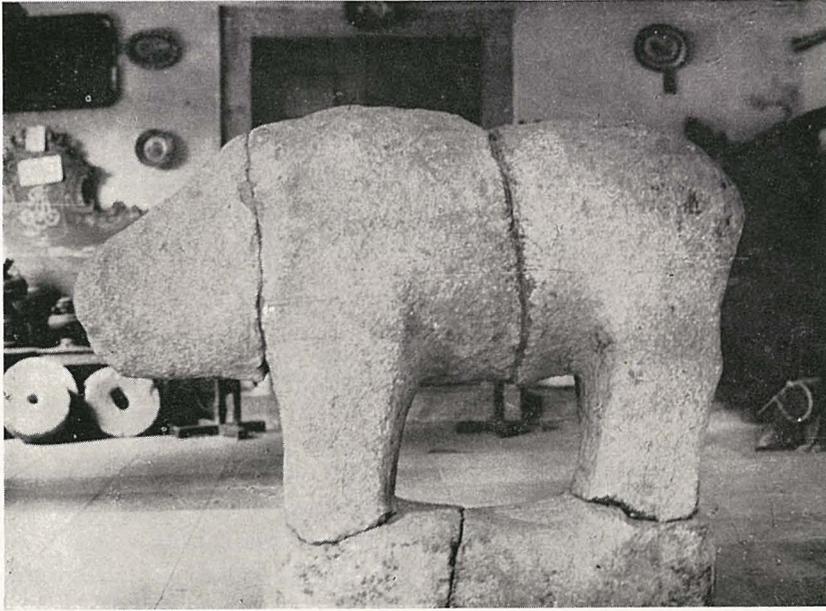


Fig. 129 — Berrão do castro do Cabeço da Senhora da Assunção (Vila-Flor), que está no Museu de Vila Flor.



Fig. 130 — Berrão da figura anterior. Não se notam os buracos dos olhos e os das narinas, nem os rasgados da boca e da separação das patas anteriores.



Fig. 131 — O mesmo berrão das figuras anteriores. A mutilação foi especialmente destruidora do lado direito, a meio do corpo e no pescoço.

Do Libro de San Ciprián e do Castelo de Mau Vizinho

POR

Modesto Rodríguez Figueiredo

O xuridio estudo do Prof. Filgueira Valverde encol do Ouro nos Castros e a reseña, colmada de suxerencias, do Castelo de Mau Vizinho dada polo P. Antonio da Eira, amos en comunicacións apresentadas ó Coloquio Luso-Español de Cultura Castrexa, celebrado en Carvalhelhos no mes de outubro do 1972, empenan as notas de agora, carescentes de outro mérito que non seña inxel curidosidade, pois ren han de engadir, nin menos cambear, nas feitorías ben temperadas de aquiles investigadores.

Non embargantes, coidamos que cecais algúns aspeitos de pontoalización podían axudar, entreverando portelos de conocencia, ás respetives interpretacións de ataes mañíficos traballos.

Os tesouros galegos asegún o Libro do San Cibrán

Devén indubitábel que a indentificazón de ise rol coas «mámoas de gentiles galigrecos» no «registro» do Licenciado Pedro Vázquez de Orxas, pescudador de fáciles gaños con consentemento i eslamido amparo oficial, é circunstáncia de outo intrés e costitue novidade que, aparte de non ter sido apercebida deica a celeira comentada, enche de recendo prehestórico a ise orixinal capíduo.

Pro adevertimos que nas varias edizóns habidas decátanse nóminas desteras dos sitios de atopamento.

A de Leipzig, manexada por Filgueira, fegura o seu número con soilo cento coarenta e seis logares.

Por contra, a publicada en Río de Xaneiro pola Livraria Garnier, copeada na recente de Afrodite, rube o inventario a cento setenta e catro, coa particularidade de que contén as ementas da en comenzo indicada e o acrescemento acada por enxergar máis xacegos, sempre todos con abolencia arqueolóxica.

Elo consinte a sospeita de que os despoedores tiveran de ser persoas enteiradas na materia, deprocatándose xa certo desvarío cultural e de redución ante ise específico anaco do Ciprianillo e o resto do testo, iste adicado ós feitizos.

Parez, en defiñitiva, coma si no «libro» se houberan artellado pasaxes de desamellada orixe, e algún vindo de fontes eruditas.

Aquestando enxemplo, escúlquese que na introdución aos «tesouros da Galiza» escríbese que o choio tírase «... d'um pergaminho achado no seculo XIII» e que «o precioso pergaminho que vamos publicar pela primeira vez foi encontrado nos alicerces do castelo mourisco de D. Gutierrez de Altamira, no ano de 1065, época en que D. Fernando o Grande, rei de Leão, entregou os domínios da Galiza a seu filho Garcia».

O aposto lévanos xeográficamente á freiguesía de San Fins de Brión, alfoz de Negreira, comarca próisima a Santiago de Compostela. Aló, encimada en outeiro, erguíase a forteza nomeada de As Torres, a causa das tres que tivo, e que hoxe, prácticamente esbarrumbada, so convoca tristeira memoria de grandezas que se non souperon soste. Foi cabeza de señorío, inzado en condado por Enrico IV de Castela, e pertenceu á parentela da que versifica Luis Zapata no seu Carlos Famoso:

*«En el escudo blanco figurada
la cabeza del lobo temeroso,
divisa muy notoria y muy preciada
es del claro linaje de Moscoso».*

E aíña que na afoutada recendencia non houbo ninguén que se chamase Gutierre, abesúllase que a concreta alusión que solferimos veu pola canle de que algúns do apelido diron na xismadura de cachear tentando ubedades, como aquerdita relote de Vasco de Aponte:

«Fallecido Bernal Yáñez, heredó la Casa su hermano Alvaro Pérez de Moscoso, el cual no hizo hazañas, salvo que una noche salió de Val de Barcia y vino a Val de Meis, y quemó en el cabo de Santa María de Loureda a dos hombres en una casa a pesar de cuantos lo vieron y sintieron, pero las otras no son dignas de escribir (sic). — Este Alvaro Pérez duró poco, y según fama, entrando en la Coba da Coruja a buscar un gran tesoro por consejo de un freire que era gran nigromante y llevando consigo treinta escuderos y peones muy esforzados, y ante ellos muchas hachas encendidas y tizones muy grandes de roble, cuerdas largas amarradas en la entrada de la cueva con estacas y la gente armada, y entrando por la cueva adentro hallaron aves tan grandes que les daban muy grandes golpes en las caras, y anduvieron hasta llegar a un gran río caudal, y vieron del otro cabo de él gentes extrañas hermosas, ricamente vestidas, tañendo instrumentos, y viendo grandes tesoros, pero tuvieron tan gran miedo al río que no lo osaron pasar, y todos de un acuerdo dieron vuelta, mas el fray decía, adelante, adelante, que no es nada; y ellos no lo quisieron creer, y entonces salió tan grande viento que les apagó las hachas, en tan buen día cuando se pudieron salir: dio por ellos un aire empozoñado que ninguno salió del año con vida, y el freire luego perdió la vista de los ojos».

O que queda aporcima premite basear hipótese de que o faguedor da reseña ciprianesca non escolleu a eito ou por vértola, que xa sabería dos afeizoamentos da xente e do seu andar con meigalleiros. Hastra estaría enteirado dos runxires do Nobiliario.

Nefeuto, algunha sospeita máis de iste matís tamén pode ser barruntada no abofellar que o argallado documento atopouse nos alicerces do devandito castelo, co que, deixando na beira a datación —aposta trabucada— do século XIII, farase recordanza á loita dos Irmandiños, que derrubaron en ben pequena cuantía os murallóns da bastida, reparada axiña na maneira apurada que, axuntando con noticia de inefábel contenda guerreira, igoalmente refire Vasco de Aponte:

«... y este Lope Sánchez con García Martiz y García Pérez de Castela y Fernán Alvarez de Carantoña que era hombre de gran seso, y pocos había de más consejo, acordaron muy secretamente que García Martiz tomase escuderos y peones y pedreros y hazadoneros y vituallas y se metiese una noche en Altamira que era la cabeza del Estado, y así lo hizo, y cuando fue mañana tenía hecho un muro de piedra Lousa (sic), y no ancho de una braza de alto, que no se tardaron dos horas en hacerlo: Supieron las nuevas en Santiago, y Luis de Acevedo hermano del arzobispo, y su capitán mayor que ya lo sabía, y estaba alerta o a la mira con dos mil peones, y cien lanzas, y muy buenos hombres para dar en cualquier parte que se levantase fortaleza, luego que supo esto se partió a Altamira, y dándole un combate muy recio y pensando entrar, y los de dentro que no pasaban de cien hombres a lo más, pero muy valientes y esforzados, lo defendieron, y teniéndoles García Martiz reparados, cada uno en la estancia que merecía, y en lugar de artillería tenía cada uno su montón de piedras a los pies, y echaron sobre los de afuera tan gran multitud de ellas, que en dos horas que duraría el combate, no dejarían de matar muy mal heridos (sic) sesenta hombres, y otros muchos atormentados de las piedras, aunque les daban por encima de las armas, porque los hombres cercados eran muy forzosos».

E voltando ao sulco de ise irse aporveitando a liñase dos Moscoso pra inxertar o tecido dos ricaces, merece o tema que se repare noutro parágrafo.

O limiar de aquiles no Ciprianillo afiuzo que «todos os tesouros e encantamentos do antigo reino da Galiza acham-se depositados pelos Mouros e Romanos em esconderijos subterráneos».

Emporiso, a reseña asiñada polo 11 contense como segue:

«Pela banda da sombra em Oroso dorme escondido o dinheiro do grande Homem de Altamira».

E queda un chisco arriscado convertir en intruso latino ou dos da mouramia a un altamirano, se non que o eistremo estea a resaltar unha sorte de ideiazón construtiva, tomando por escusa aspeitos e variantes de azueiras de un mesmo motivo.

E convérxese no supor suliñado de mester de un letrado, acaso folgando con desíño xogoral e chufareiro.

I esa remanencia esprica que na emposta se mesturen citas de rixeza, cal a do monarca, sin dificultade identificábel con Fernando I, quen, ao falescer no 27 de decembro do xustamento marcado 1065, partillou o reino antre os fillos e, asegún verbas de Pelaio de Oviedo, «dedit domino Garseano totam Gallaeciam unam cum toto Portugale»; eispoñendo o mellor detalle do Cronicón Compostelano que: «Garseae autem natu minori Gallaeciam cum Portugalia et Ispalensem regionem cum civitate Badalioth, in propriam hereditatem concessit, licet tunc temporis a Sarracenis potestative tenerentur, qui supradicto Regi, scilicet Federnando, sicut Caesaraugustani et Toletani, tributum annuatim persolvebant».

Este traer eiquí a Fernando I tampouco será simples azaro e venturanza, que íl angazou a tomada de Coimbra en 1064, cuio conqwerimento o Silense esproa froito de milagre. I en eidos de feiticaría humán non retranquea moi fora unha tau-

maturxia de cerne santo, a que quizaves seña comenente amostar con decires de manuscrito medieval:

«Certo he a todo los homes que moram en na çidade de Santiago que avia huun omme boo que avia nome Esteuoo, conplido da graça de Deus, era de terra de Greçia et demitio huun bispado que tiña por amor de Santiago, e foise a el en rromaria; et partiose das cousas d'este mundo por se chegar mais conpridamente aos mandados de Deus. Et non se quis tornar mais a sua terra e fui aos mayores da iglesia en que jaz o corpo do preçioso apostolo, et deytouse aos pees d'eles e pediolles por amor de Santiago por que leixara as onrras e as requezas d'este mundo, que lle desen dentro en na iglesia huun lugar en que fezese sua oraçon d'ali endeante. Et eles viron que de bispo que fora tornara atan poble por servir a Deus, deronlle hy hun lugar en que fezo hun-a çela onde sempre veer o altar de Santiago, a que el de día é de noyte podía veer o altar de Santiago. Et fazia moy boa vida.

Et huun día que era festa de Santiago, fazendo el sua oraçon, hun-a conpañia de rromeus que vieram en rromaria, parouse cabo d'aquela çela en que el sia, a rrogar en esta guisa:

— Señor Santiago, boo caualeiro, liuranos dos perigoos d'este mundo e do outro.

Et o ome boo quando esto oyo, pesoulle e deostoos e disolles:

— Homens sandios e jente louqua, non deuedes a chamar Santiago caualeiro, mais pescador que leixou o barquo e as rredes en no mar de Galilea e foyse con Nostro Señor, et el fezoo pescador dos homens por que por la sua preegaçon gaanou moytas almas para el.

Et en na noyte d'aquel día, que o home santo esto diso, apareçeulle Santiago onrrado de vestiduras moi branquas, armado commo caualeiro de moy fremosas armas que esplandecía mais que os rrayos do sol; e tiña

duas chaues en na mao; et chamou duas vezes, e e terceira disolle:

— Esteuoo amigo de Deus que mandaste que (me) chamasen pescador e non caualeiro, sabe que por esto che aparesco asi que digas d'aqui endeante que soo(n) caualeiro de Deus que vou ante os cristianos quando han lide con os mouros e faço que vençan. Et ajo graça de Deus que todo los que me amasem e me chamasem de coraçon, que os defendese de todo los perigoos. Et (para) que tu creas de çerto esto, con estas chaues que eu teño en na maa, abrin as portas da çidade de Coymbra que el Rey dom Fernando (ha) sete annos que a ten çercada; et cras ora de terça meterey dentro os cristianos, et darlles la ey en seu poder.

Et desque esto ouv(o) dito, desapareçulle.

Et aa mañaa, desque sayron dos matiins chamou o home boo os mellores homes clerigos e leigos que achou, e contoulles en commo vira todo esto e oyra e commo depois que apareçeu que era ben çerto, et escripiuo o dia e a era; et depois que a çidade foi entrada, acharon que fora en aquela ora que disera. Et d'ali en deante aquel home preegou que quen quisesse demandar merçee a Santiago, que lhe chamase caualeiro, ca el era aquel que ajudaua e lidaua por aqueles que tiñan uerdade; et el por auer o seu amor, fez d'ali endeante melhor vida e mayor oraçon, et viueo y en seruiço de Deus todo o tempo da sua vida; et despois da sua morte soterraronno en na iglesia moyto onrradamente, e d'esto enviaron hun testimonio a el Rey. Ad domino sanctum est (istud, et est mirabile in oculis nostris. Regi Regum superno sit decus, et gloria in secula seculorum). Amen».

O Castelo de Mau Vizinho no Libro do San Cipriano

A obra de Afrodite, apesares de botada do seu prelo en Lisboa, refuga calquer indicazón do eistremo e tamén couta

todo o que seña referimento de acoubillos en bisbarras lusitáneas.

O particular peta chamada acaíndo cuido sen moito xeito, pois que no país irmán outras versións non quedaron ñoradas pra toda cras de xentes, e coas follas do San Ciprián na man moito se ten cavado e se continúa remexendo, en fenómeno parello co que aconteceu e acaesce na Galiza.

E, meténdonos no pormenor da específica lista portuguesa, sábese que ésta abrangue a cento coarenta e oito partidas, das que agora importan as que, coa sua peculiar ortografía, son trascriutas de contado:

«11. Nos Castro de Mão Visinho, ao nascer o Sol, deibaixo, da peneda, sesenta e um passos do castello, onde está uma mão pintada, a tres estados d'um homem, acharão em um caixão metido em uma tina muitas moedas d'ouro».

«13. Na fonte do Valle, limite do Castro de Mão Visinho, que nasce defronte, ao meio dia, aproximadamente 12 passos, está um vestido com enfeites de ouro».

«14. Na fonte do Cavalleiro, limite do Castro, defronte do nascer do sol, ao pé de um ervideiro, tem uma peneda que desce ao Castro, e por baixo no meio da peneda dois estados, acharão 4 capilhos d,ouro; e o que está vivo não o matem».

«15. Na fonte do Cavalleiro, defronte do norte, pro cima junto a R.S.X,V,I, dentro do prato, está uma pedra com um letreiro; acharão ahi um caixão com moedas d'ouro».

«31. No Castro de Mão Visinho, aguas vertentes para um ervideiro, tem ao pé um penedo marmore, acharão n'elle uma lousa furada e debaixo um haver muito grande».

«113. No Castelo de Mão Visinho, está uma pedra de tres quinas e defronte da mesma pedra oito passos está uma tina de prata e debaixo está muito ouro, cara ao sul».

«123. No Castello de Mão Visinho, defronte do meio dia, debaixo da portada, acharão um grande haver».

«147. No Castelo de Mau Visinho, nas portas do Poente, por baixo d'ellas está um penedo redondo, onde acharão duas pias mettidas na fraga, uma de ouro outra de prata».

O abondoso recuncar convoca singular atenzón e mantenta de non quedar esvaído un canto topográfico, máisime comparando coa diversidade xeral de nomes e localizacións que tense como regra do feito.

E sendo auténteco que a raigaña da tarefa atende a testemuñar achádegos xa conqueridos, que non a ousequiar encerto de vendimiñas, entón débese predicar maneira de fixación de atopamentos inantes deveñidos, preñadores de sona que rascou largacía nombranza.

E por ese camiño se non abona, mais destápase oco de abordela pra posibilidá recollida polo P. Antonio da Eira de que o tesouro de Lebução tería procedido do Castelo de Mau Vizinho.

Cando menos, a «Clavícula de Salomón», que é outro dos motes do Libro de San Cibrán, solea á teoría con un algo do seu precurado misterio.

O demo nas lendas do Castelo de Mau Vizinho

Escontra do asentir común de que tódalas labouras antigas que rebordan do apreixamento popular son atribuídas a intervencións dos mouros, eiquí quere entronarse estadía do diaño, con un seu cabalo deixando nos roquedos as marcas das ferraduras.

Isto teima no emprego tan esquirto das trécolas do San Ciprián ou Cibrán pras descobertas que alí se tiveram levado a cabo.

Sobrancéase en que no tocantes á Galiza fala o inxenio de unho «relazón de tesouros», namentras que ó tratar a «quacitio» en leiras portuguesas asulíñanse os termos «desencantos» i «encantos», con pautado ritual de esconxuracións, contra-poñendo o poder de Deus en loita coa dominazón polo diabo.

Por iso, coma o espritu maliño señorea no Castelo, «todas as persoas que assistirem ao desencanto do thesouro mettam-se dentro de un triangulo..., que deve ser riscado no chão, pois que estando dentro não lhe acontece mal algun».

Logo invocarase «Terra, tudo darás e tudo comerás» e rezorare a «Ladaíña dos Santos», proseguindo un segundo desconxuro, sempre liberdando de ataduras satánicas:

«Em virtude de Deus Padre Santo, tres pessoas distinctas e un só Deus verdadeiro, por virtude da Virgem Maria e de todos os Santos Apostolos, Evangelistas, patriarchas, prophetas, martyres e confesores, por virtude de Santo Ubalde Francisco, eu, creatura de Nosso Senhor Jesus Christo, remido com o seu santissimo sangue e feito á vossa semelhança, em vosso santissimo nome desencanto este thesouro que está diante de mim enterado..., mando que já me sejam entregues todos os thesouros que aqui estão debaixo d'esta terra em poder de Lucifer e seus companheiros ... retira-te, Satanaz, d'aqui para fóra, que te mando com todo o poder que tenho, de quem é mais do que tu. — Vai já para as profundas do inferno!. Abra-se a terra já; Jesus, Jesus, defendei-me d'estes phantasmas que me estão a rodear para que eu não possa conseguir o que desejo, Jesus, Jesus, vinde em meu soccorro. Retira-te Satanaz, que estás vencido. — Quebrei as tuas astucias com o santo poder de Nosso Senhor Jesus Christo. Retirai-vos, phantasmas inimigos da natureza humana; eu vos esconjuro em nome do mila-

groso S. Cypriano e pelo Santo Lenho da Cruz em que Nosso Senhor Jesus Christo foi crucificado; por esta mesma Cruz eu te mando: Retira-te, Satanaz, phantasma inimigo de Deus e dos homens».

E reincídese en memorar o dominio do demo con «prevenção» eispresa:

«No fim de fazer esta oração aparecen-vos immensos phantasmas, para experimentar se deixais ficar a riqueza e fugir, mas não tendes o minimo susto, porque quando o demonio vir que assim fazeis, logo foge e vos deixa tudo á vossa disposición. No fim de tirardes a riqueza, mandai em nome de Jesus e de S. Cypriano que torne tudo ao seu natural, e no fim reparti a riqueza sem que haja soberba, porque foi dada por Deus e por S. Cypriano».

Demorámonos no antecedente pra deixar acemado que o uso do «libro» houbo de convencer da presenza indagada, superpoñendoa á xenérica dos mouros, con afastamento dos derradeiros.

E, logrado o relevo dos persoaxes, había que tamén gornir eispricamento pra aicidentes materiáis non correntes que amosa o escenario, pois que de vello aquíles serían tidos por eispresión de un siño cultural do que hai moitas semades, de cote mesturadas con creenzas cristiáns ou de iste acervo, noutro troco de siñificado despois de que se perdera o seu senso inicial, como quedou estudado por Taboada Chivite chegando ós miolos da ampla polivalenza relixiosa que rexistra a venerazón aitual das pedras.

Eisí, as ferraduras son, por vegadas, as da burriña en que, dende Belén, fuxía a Virxe co seu Filliño, estampadas en Cortegada do Miño, no Rosal, en Castro de Laza, en Rebordao (Bragança), Travanca (Vinhães), etc.; ou cando ían pelegrinando a Compostela, cal en Santa María do Lago, onde a Nai houbo

de maldizoar a toda unha aldeia pola aición de un zapateiro, renunciando en castrapo:

*«Lajo te asulajo,
lo de enriba para embajo».*

Outras veces son as da cabalgadura de Sant-Iago, coma en Couso de A Estrada; ou hastra as da montura de Roldán, convertido en santo, coma no Castelo de Vilamartín de Valdeorras, na lagoa do Carregal e na Cidá de Santa Uxía de Riveira.

Máis cerco do noso ouxetivo, é ensiñando que iste non é eisceución, queda a lenda da Pena da Ferradura en Castro Caldelas, tamén calcada pola burriña em que camiñaba a Virxe, que venceu ao faco preto do demo en aposta por quén dos dous animais choutaba máis lonxe; ou a do mesmo cabalo de Lucifer na fraga portuguesa do Silvio.

E, privados no comentario de informacións que atingan ó estadio anterior as influencias fortes que o Libro do San Cibrán debullóu sobor do Castelo de Mau Vizinho, non nos astrevemos a inquirir encol da tarmeanza de manifestacións de sacralidades, ás que os descrobimentos de tesouros infondirían maior avalio e respecto popular.

Mais, seña como fose, pra nós a «verdade» do «libro» posei, persoalmente, menos certidume que o lírico publicar que en algures se troca eisaititude de cantiga. Atal a que, en artes de adiviñanza, cádralle a un castro da parroquia pontevedresa de San Martiño de Salcedo:

*«Monte das Croas,
Ponte do Batán,
Fonte de crara auga fría,
Monte de Samariné;
Tiran co ouro as ovelhas
E non saben o que é».*

MODESTO RODRIGUEZ FIGUEIREDO

Residência: Rua Daniel de la Sota, 9-2.º — Pontevedra — Galiza — Espanha

BIBLIOGRAFIA

- APONTE, VASCO DE — *Relación de algunas Casas y Linajes del Reino de Galicia.*
- BARREIRO DE VÁZQUEZ VARELA, BERNARDO — *Brujos y astrólogos de la Inquisición de Galicia y el famoso Libro de San Cipriano.*
- EIRA, ANTONIO DA — *O Castelo de Mau Vizinho.* — *Trabalhos de Antropologia e Etnografia, Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1973, vol. XXII, fasc. 3, pág. 345 a 351.*
- FILGEIRA VALVERDE, XOSÉ — *Ouro nos Castros.* — *Id., id., id., pág. 307 a 327, XII Est. com 15 figs.*
- FRAGUAS FRAGUAS, ANTONIO — *La Galicia Insólita.*
- GARCÍA DE LA RIEGA, CELSO — *Galicia Antiga.*
- LÓPEZ-AYDILLO, EUGENIO — *Os miragres de Santiago.* — *Versión gallega del códice latino del signo XII.*
- MARTÍNEZ MURGUÍA, MANUEL — *Galicia.*
- RIBEIRO DE MELO, FERNANDO — *Grande livro de S. Cipriano ou tesouros do feiticeiro.* — *Edições Afrodite, Lisboa.*
- TABODA CHIVITE, XESÚS — *O culto das pedras no Noroeste peninsular.* — *Etnografía Galega — Cultura espiritual.*
- TAVARES, POSSIDONIO — *O verdadeiro livro de S. Cipriano.* — *Livraria Garnier, Rio de Janeiro.*

A Sociologia e a Etnografia

POR

J. R. dos Santos Júnior

Antigo Prof. de Antropologia e Sociologia
da Fac. de Ciências da Univ. do Porto

Os estudos sobre higiene mental e sobre psicologia social vieram demonstrar que os problemas sociais, que podem ser considerados como a média do somatório dos problemas individuais, estão sujeitos e na dependência duma série variada de influências exercidas directamente sobre o indivíduo.

À Sociologia compete estudar o comportamento dos indivíduos, no seu conjunto dentro de cada agregado social, para a satisfação das necessidades fundamentais da vida, e, bem assim, partindo dos estados emocionais e psíquicos dos indivíduos, estabelecer os princípios de higiene mental e de terapêutica social a estabelecer para que haja conveniente harmonia social.

Há pois que atentar no estudo do indivíduo, do seu modo de ser e das suas reacções, pontos de partida para a análise dos problemas sociais.

Alguns sociólogos consideram os problemas sociais sob o ponto de vista de princípios abstractos, sem entrarem em justa e necessária linha de conta com o HOMEM, célula basilar da sociedade.

Isto pode levar, e leva muitas vezes, a falsos diagnósticos, e a aplicar aos problemas sociais soluções que, por carecerem do justo sentido de humanidade, não têm o resultado conveniente.

Neste aspecto uma tributação injusta, inconveniente, inoportuna ou excessiva, pode lesar profundamente os interesses vitais da Sociedade.

7 Podia citar um exemplo: o imposto de indústria agrícola que há anos foi lançado sobre a lavoura, foi um imposto injusto, inconveniente, inoportuno e excessivo. Tanto assim foi que o Governo de então, reconhecendo o erro, o suspendeu após um ano de vida. Tal imposto morreu ao nascer. Era uma tributação que sofria dos males apontados e, conseqüentemente não podia prevalecer.

O Homem é um ser complexo. É grande a sua complexidade e variação dos cânones de modo de ser, de reagir, e de se comportar. Isso explica o insucesso de alguns teóricos sociais que preconizam para os problemas da vida em sociedade as soluções gerais que imaginam serem lógicas e as mais convenientes.

O mesmo problema, ou pelo menos alguns problemas que apresentam um conjunto de circunstâncias similares, admitem soluções diversas consoante as diferentes raças, povos ou nações, e até com os diferentes graus de cultura ou grau de civilização dos respectivos agregados.

Esta a razão por que muitos sociólogos consideram a Etnografia pedra angular da Sociedade, e não deixam de ter razão.

Compreende-se que seja lógico montar um laboratório de engenharia experimental onde se estudam a resistência dos materiais, as correntes marítimas, os portos, os rios, as quedas de água, etc. para depois a técnica, em cooperação com as forças naturais, alcançar os resultados desejados.

Os sociólogos e os legisladores não podem montar a seu bel-prazer o seu laboratório experimental, para marcar as regras que os homens terão de seguir e as determinantes a que deverão obedecer. Esse laboratório está montado: é o viver em congregação de cada grupo social, são os vários agrupamentos sociais no viver do seu dia a dia, as aldeias, as vilas, as cidades, os povos, as nações.

Os sociólogos, em louvável propósito, procuram estabelecer regras em princípios de convivência harmônica entre os homens; querem que os outros obedeçam aos seus ditames

mentais. Simplesmente devem prèviamente experimentar as reacções humanas, como fazem os engenheiros que ensaiam as condições em que devem actuar as forças naturais para o estabelecimento do seu plano de realização.

Em alguns aspectos, nomeadamente no que respeita a certos aspectos do trabalho, o sociólogo pode criar laboratórios experimentais, colocando a trabalhar à parte pequenos grupos de operários, actuando fora da oficina geral, e neles experimentar diversos regimes de trabalho.

Há muitas coisas na vida dos homens que não podem cair no âmbito da experimentação orientada.

Há que estudar e conhecer a vivência natural ou espontânea dos homens no seu dia a dia, ou seja as normas de convivência do agregado social respectivo.

Ora a Etnografia que estuda os usos e costumes dos povos, e a origem e evolução dos mesmos, é uma importante ciência subsidiária da Sociologia.

Charles Letourneau publicou um grosso volume, com o título bem sugestivo *La Sociologie d'après l'Etnographie*, Paris, s/ data, XVI + 608 págs., que é uma perfeita demonstração do ponto de vista que acabamos de expôr.

O estudo da vida dos povos, que se faz pela Etnografia ou Antropologia Cultural, e, sob certos aspectos especiais, pela Antropologia Social, faz-se no agregado respectivo, que é o laboratório social, no qual as duas ciências respectivas, a Antropologia Cultural e a Antropologia Social, observam o comportamento dos homens, e procuram analisar as reacções humanas para delas tirar ilacções e regras de actuação, para conveniente higiene mental dos povos e respectiva terapêutica social.

É pois evidente a necessidade da colaboração do etnógrafo com o sociólogo para o estudo e solução de muitos problemas sociais.

No quadro geral das ciências antropológicas, a Etnografia ou Antropologia Cultural desempenha papel importante, íamos a dizer papel fundamental, para o estudo da sociologia de todo e qualquer agregado populacional.

22 Para o conveniente estudo dos problemas sociais há que analisar atentamente os homens, no modo como satisfazem as suas necessidades vitais.

Tal análise constitui vasta e importante tarefa, que compete à Etnografia.

As condições de vida do homem estão estreitamente ligadas ao meio ambiente nos seus aspectos físico (clima, natureza geológica da terra, etc.) e biológico (plantas e animais e, neste aspecto, inclusivé aos outros homens), isto é, as condições de vida do homem são enormemente condicionadas pelos factores ambientais ou ecológicos.

As palhotas de muitas regiões africanas, feitas de pau a pique e cobertas de palha, são a resultante do tipo de agricultura incinerante e divagante, dependente da pobreza do solo e da falta de adubações convenientes. São portanto o reflexo das condições do meio ambiente.

A Etnografia, tendo como finalidade o estudo do modo como os homens vivem e como satisfazem as suas necessidades vitais, é, conseqüentemente, uma ciência ecológica.

Mas o homem é um ser vivo que pensa. Já Aristóteles chamara a atenção para a circunstância de o homem ter tudo o que é próprio das plantas e dos animais, e, além disso, ter alguma coisa mais. O homem tem raciocínios lógicos; os seus movimentos e as suas acções estão em relação com pensamentos.

Por isso o velho pensador grego atribuía ao homem três almas. A alma vegetativa ou vegetal, a alma sensitiva ou animal e a alma racional ou humana.

Esta última faceta, exclusiva da humanidade, leva o homem a pensar nos problemas das origens e do post-mortem.

Daí um conjunto complexo de atitudes, de conceitos e de práticas rituais que a humanidade, nos mais variados graus de cultura, observa e realiza em atitudes de consoladora religiosidade, tantíssimas vezes aureoladas de extraordinária beleza moral.

O certo é que todos os aspectos das condições geofísicas e biológicas ambientais, e fisiológicas e sociais do homem, são estudados pela Etnografia.

Sendo assim, tem de prevalecer o conceito ecológico, mesológico e biossocial, da Etnografia, e esta tem de ser considerada como um ramo das Ciências Naturais, embora, ao mesmo tempo, participe das Ciências Geográficas e Históricas.

Concebo a Etnografia como o estudo das condições de vida dos povos, da origem das mesmas e sua evolução cultural; condições de vida consideradas em relação com as influências do meio (factores biogeográficos), com o encadeamento da sucessão evolutiva expresso na tradição (factores históricos), e com as acções recíprocas, por influências directas ou indirectas dos homens uns sobre os outros (factores antropossociais), quer dentro do mesmo agregado populacional (factores por via de regra condicionando uma evolução lenta, a que poderíamos chamar de sublimação ou de apuro), quer entre povos diferentes, tendo laços mais ou menos estreitos de convívio permanente ou acidental (factores determinando quase sempre mutações, ou sejam modificações inesperadas, amplas e bruscas).

O somatório destes três factores, geográficos, históricos e antropossociais, constitui um quadro de elementos ecológicos a que ninguém, certamente, negará importância modeladora fundamental na estrutura das condições de vida do homem, factores que são, indubitavelmente, condicionantes dos usos e costumes, da mentalidade, do modo de vida e das manifestações culturais dos diferentes povos, consequentemente da sua organização social.

Admitindo o conceito ecológico para a Etnografia, os seus métodos de estudo têm de ser, e são, essencialmente os métodos objectivos das Ciências Naturais.

Ao etnógrafo são necessárias especiais qualidades de naturalista para observar com precisão, valorizar o essencial, coordenar, comparar, concluir.

O estudo etnográfico total, completo, de um agregado populacional, sê-lo-á quando abranja e coordene o estudo dos factores essencialmente humanos ou antropobiológicos e biossociais, e os factores de ordem geográfica e histórica. Só assim será profunda e essencialmente social.

38 Só depois do estudo coordenado destes três factores é que poderemos apreender suficientemente, e com a necessária clareza, os elementos basilares, digamos etiológicos, ou pelo menos fortemente condicionantes, de determinada cultura, ou agregado social.

Daí a dificuldade que apresentam os trabalhos de Etnografia. Até agora, de um modo geral, os trabalhos de Etnografia são, por assim dizer, episódios etnográficos. Alguns, cheios de merecimento mas parcelares, focando aspectos singulares, puramente descritivos.

Modernamente há tendência marcada para os estudos monográficos. A Etnografia de determinada região conhecer-se-á melhor através de monografias etnográficas de duas ou três povoações ou agregados populacionais dessa região, do que por uma série, embora larga e brilhante, de nótulas sobre aspectos parcelares, porventura estudados em toda a região. É necessário, porém, que as monografias etnográficas abordem os aspectos históricos, biogeográficos, antropobiológicos e biosociais dessas povoações ou agregados populacionais, numa justa coordenação de valores, de acções e de efeitos, aquelas e estes variáveis consoante as condições de equilíbrio ecológico do agregado social, onde não só a qualidade mas também o número dos indivíduos têm importância fundamental.

A Etnografia estuda a ergologia (produções materiais) do agregado populacional e estuda também a sua animologia (produções, atitudes ou comportamentos espirituais). De posse destes elementos faz a sua integração pela qual patenteia a trama ou estrutura do sociológico, ou seja, da utilização em sociedade de umas e outras das referidas produções, materiais e espirituais.

Deste modo a Etnografia, vasto e importante capítulo da Antropologia, é importante ciência subsidiária da Sociologia.

Interpretação de condicionalismos sociais

POR

J. R. dos Santos Júnior

Professor jubilado de Antropologia e Sociologia
da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
e antigo Chefe da Missão Antrop. de Moçambique

A Sociedade é um todo com individualidade grupal, maior ou menor, que se define pelo comportamento colectivo ou geral, ou seja pelos factos sociais que são próprios do grupo.

E assim é que a Sociologia pode definir-se como a ciência positiva dos *factos sociais*.

Factos sociais são, por via de regra, os de feição colectiva que interessam o geral ou a pluralidade dos indivíduos, que reflectem o modo de ser e de sentir do grupo social, e são, como é natural, factores congregantes.

O elemento congregante pode estar implícito numa simples palavra, que, por seu lado, integra um profundo conceito mítico. É o que sucede com o *totem*, nome de ser vivo, animal ou planta, de coisa material terrena, ou extraterrena, de que os indivíduos se imaginam descendentes directos.

O *totem* é considerado o antecedente primevo, a raiz da família, que liga fraternalmente os seus descendentes, os seus filhos. Na sua máxima pureza este conceito é tal, que é considerado incestuoso o casamento de indivíduos do mesmo *totem*, por serem tidos como irmãos.

Levar-nos-ia longe o desenvolvimento deste tema que, como chefe da Missão Antropológica de Moçambique, tive ensejo de estudar entre os negros daquela nossa antiga província do leste africano.

Sendo a Sociedade uma realidade *físico-bio-psico-sociológica* é natural que se procurassem filiar os factos sociais em puros condicionalismos de ordem bio-psicológica, ou, melhor, de ordem biológica, de ordem psicológica, e até de ordem física ou mecânica.

Interpretação biológica

É bom lembrar que a Sociedade, sendo embora um conjunto de pessoas ligadas por mútuas relações, não pode considerar-se comparável, em absoluto, a um organismo vivo, na qual os homens desempenhariam o papel que as células desempenham num ser vivo.

Assim pensaram aqueles que criaram a chamada teoria organicista.

Para eles a Sociedade seria um organismo vivo, a que alguns chamavam «hiper-organismo» ou «super-organismo», em que os indivíduos seriam o homólogo ou o equivalente das células do ser vivo.

Assim como por um simples amontoamento de células, não conseguimos criar um ser vivo, também por um simples agrupamento de homens não conseguimos criar uma sociedade.

Um ser vivo é um amontoamento de células que tiveram origem comum e que a embriologia foi elaborando num corpo com vida própria, em perfeita inter-relação funcional harmónica, da qual resulta a vida. Também uma sociedade é um amontoamento de indivíduos muitas vezes com relações de origem ou parentesco, com modos de viver e de se comportarem que obedecem a preceitos tradicionais, com manifestações culturais, que, tantas vezes e em grande parte, são o reflexo dos factores ambientais, condicionantes de inter-atracção.

Mas uma sociedade é formada por homens, organismos superiores com actividade psicológica, com o sentido consciente da sua estruturação de grupo.

A Sociedade é mais uma *organização* (no dizer de Schaeffle) do que propriamente um organismo.

Espinas escreveu:

Uma Sociedade é, sem dúvida um ser vivo, mas que se distingue de todos os outros por ser provida de consciência, e terminou por afirmar: «Uma Sociedade é, portanto, uma consciência viva, ou um organismo de ideias».

Quer dizer, o social transcende o biológico visto que a Sociedade não se reduz a um amontoamento ou simples soma de indivíduos, mas é, sobretudo, caracterizada pelos factos sociais, em parte condicionados pela actividade mental dos indivíduos que a formam, e também, em grande parte, pelas condições ambientais, os factores ecológicos.

Interpretação psicológica

Se a Biologia não basta por si só para definir com precisão o social, poderá a Psicologia fazê-lo?

Há, sem dúvida, uma psicologia social dos grupos organizados socialmente, povos, nações, tribos, classes, etc., que regula os factores sociais, dentro de certos moldes, em obediência a normas de tradição, de uso e de convenção.

Mas a psicologia do todo social não é a soma da psicologia dos elementos que o compõem, nem, muitas vezes, é, sequer, a psicologia da sua maioria.

A Sociedade, como disse Durkheim, tem uma vida mental que não é a simples soma das vidas mentais das unidades que a compõem, olhadas como unidades independentes. Um conhecimento completo dessas unidades, por mais longe que o leve-mos como conhecimento de unidades isoladas, não permitiria nunca inferir da sua vida em conjunto, tomada como um todo.

É que a natureza humana é essencialmente adaptativa numa multiplicidade de atitudes e de comportamentos em ajuste às condições ambientais. Aliás a história inteira é uma transformação contínua da natureza humana, em adaptações sucessivas.

As condições ambientais ou ecológicas são de efeitos bem marcados sobre a vida do homem e das sociedades.

7 Mas essas condições produzem efeitos diferentes actuando sobre um homem unidade ou sobre esse mesmo homem enquadrado no grupo social de que faça parte.

Erraram todas as doutrinas que, para o estudo e apreciação do condicionalismo social, partiram da psicologia individual. Alguns sociólogos quiseram filiar todas as instituições da vida social no conhecimento do «homem geral» isto é da psicologia individual.

E assim as necessidades essenciais ou fundamentais do homem, que são alimentar, genésica, de simpatia, honorífica ou de consideração alheia, artística e científica, estariam na base da organização das instituições da vida social.

Alguns sociólogos quiseram fazer destas necessidades fundamentais as pedras do edifício social, qualquer que ele fosse em extensão ou grau de cultura ou civilização.

São as teorias inspiradas na Fenomenologia que se alicerçam basilarmente naquilo que constitui a existência concreta do homem real.

Naturalmente há tendência em procurar explicar o *social*, ou os *factos sociais*, por certos elementos fundamentais ou atitudes características da vida mental do homem concreto, real ou individual.

No entanto como muitos sociólogos preconizam, e por exemplo MacDougall, a psicologia da natureza humana em sociedade, deve estudar «a vida mental do homem como ela se desenvolve e decorre no ambiente familiar, nas tribos, nas nações e nos grupos sociais de todos os tipos que compõem o mundo humano».

Não há dúvida que muitos atributos ou modos de comportamento estão ligados ou na dependência das necessidades fundamentais do homem, intrinsecamente imbuídas no social.

Todos os homens têm necessidade de se alimentar: é uma necessidade vital essencialíssima.

Pois bem, aquilo que os homens comem e o modo como comem está grandemente influenciado pelo social, sabêmo-lo todos.

17 Até um instinto tão puramente físico, na aparência, como é o instinto sexual, tem muito de social.

O mesmo se poderia dizer de muitas manifestações de simpatia, honoríficas ou de consideração alheia.

Um exemplo de que tive conhecimento em Moçambique em 1946, durante a 5.^a Companhia da Missão Antropológica de Moçambique, que chefei durante mais de 20 anos.

O colega Dr. Fernando Barros, que durante muitos anos foi médico da Sena Sugar State Company, na Zambézia, tinha ao seu serviço, como enfermeiro, o Sabão, simpático e inteligente indígena, que sempre cumpriu exemplarmente as funções a seu cargo. Um dia Sabão procurou o Dr. Fernando Barros para lhe apresentar a sua terceira mulher, esbelta mocetona dos seus 18 a 20 anos.

As considerações feitas pelo médico, seu director e amigo, estranhando aquele casamento, pois bem sabia que Sabão era já muito velho para poder procriar, a resposta foi imediata.

— Sabão tem dinheiro, é rico, se tiver só duas mulheres ninguém sabe, e esta terceira mulher já trás filho no barriga.

A importância social entre os pretos de Moçambique, aquilatava-se, quanto aos homens pelo número de mulheres (esposas) que tinham, e quanto às mulheres pelo número de filhos gerados e criados.

As necessidades fundamentais dos homens, sendo sem dúvida as mesmas, obedecem no entanto a padrões sociais do grupo, na forma como essas necessidades são satisfeitas. Pretender explicar o *social*, os *factos sociais*, apenas pela psicologia individual é um erro, é desconhecer os factos ao nível dos vários grupos populacionais.

A psicologia individual essa é que é, em larga medida, tributária da psicologia social, ou seja da Sociologia.

Interpretação mecânica ou Sociologia e mecânica

Uma solução simplista seria a de reduzir os complexos fenómenos sociais a factos puramente mecânicos, como os que

se observam no mundo físico, isto é, fazer da Sociologia uma espécie de mecânica social.

2. Claro que sendo a sociedade uma realidade *físico-bio-psico-sociológica*, o aspecto físico da mesma, numérico ou quantitativo, e a sua mecânica evolucionista, muito naturalmente, devia influenciar os cientistas, e daí o falar-se correntemente em estática e dinâmica sociais.

Alguns levaram longe de mais o conceito mecanicista das sociedades.

A este respeito escreve Cuvillier, pág. 186 do *Manual de Sociologia*, Vol. I, Coimbra, 1965.

«Mais imprudentemente, dois engenheiros, professores, o primeiro na Escola de Pontes e Calçadas de Bucareste, e o segundo na de Madrid, S. C. Haret e A. Portuondo y Barcelo, escreveram ensaios de *Mecânica Social*, nos quais pretenderam aplicar aos factos sociais as leis da mecânica racional. O primeiro escreve: «Chamaremos *sociedade* ou *corpo social* a uma reunião de indivíduos submetidos, por um lado, às suas acções recíprocas, e, por outro lado, às acções exteriores. O indivíduo é o *elemento* constitutivo do corpo social porque é indiviso». O segundo escreve igualmente: «O indivíduo abstrato e ideal que conceberemos, é tão indivisível quanto o pode ser o ponto material na mecânica racional».

Na análise crítica que Cuvillier faz dos trabalhos destes dois engenheiros mecanicistas, e de outros autores que me abstenho de citar e analisar, nessa análise crítica acentua o carácter pseudo-científico dessas tentativas, quer a de Hares que «apresentou a sua mecânica social» como uma «tentativa de aplicação do método científico ao estudo das questões sociais», quer a de «L. Winiarsky, que considerava a sociedade como um agregado de indivíduos moléculas, quando afirma que o único método científico aplicável à Sociologia é o de procurar aplicar nela as leis da mecânica racional». Cuvillier acrescenta: «estamos perante uma ilusão científica de engenheiros que confundem a ciência com a matemática e que julgam poder conhecer, graças à virtude mágica das fórmulas,

uma realidade que não se deram ao trabalho de estudar em si mesma».

E continua: «A economia matemática não está isenta de uma ilusão semelhante, e com toda a razão Simiand (*Notes critiques*, «Sciences sociales», 1900-1908) escrevia a esse respeito: «Todo esse aparato matemático e esses fabulosos sistemas de equações, não devem assustar-nos: eles não trazem a verdade em si mesmos; só valem o que valerem as bases sobre que são construídos». Ora é de toda a evidência que essas bases deverão ser de ordem sociológica.

Alguns sociólogos procuram, ansiosamente, encontrar nos trabalhos da Física Nuclear, soluções filosóficas lógicas, aplicáveis ao esclarecimento e explicação dos princípios básicos da realidade social, ou seja dos factos sociais e a isto chamam «pôr em dia o pensamento sociológico».

Ora, como Perpiña Rodriguez no seu livro *Métodos y criterios de la Sociologia Contemporánea*, Madrid, 1918, pág. 17, escreve, «no hay nada más desconsolador, sobre todo el transcurso de estes últimos treinta o cuarenta años, que el espectáculo que los cientistas más ilustres en sus disciplinas positivas ofrecen cuando se meten a filosofar sin saber filosofía».

Parafraseando, podemos dizer: é deveras lamentável que engenheiros, porventura altamente sabedores de engenharia, intentem fazer doutrina sobre temas sociológicos, sem saberem Sociologia.

P. Sorokin ao discutir os conceitos mecanicistas diz: «é preciso criar para as ciências sociais as suas próprias categorias, os seus quadros de referência, de acordo com a natureza especial dos factos por eles estudados», e «não aceitar os quadros puramente formais de uma mecânica que faz de criada para todo o serviço».

O próprio Sorokin na sua *dinâmica sócio-cultural*, considera o espaço *sócio-cultural* diferente do espaço geométrico, e o *tempo sócio-cultural* diferente do tempo físico.

O social não pode ser reduzido ao aspecto mecânico.

[10]

*

Em síntese pode dizer-se que o *facto social* primordial ou elementar é a consciência de espécie, atributo biológico que cria o estado de consciência pelo qual cada homem, qualquer que seja a sua posição social, reconhece os outros homens do grupo ou sociedade a que pertence como parte de todo grupal em que está incorporado e de que faz parte.

Henry Giddings nos seus *Principles of Sociology* (1896) escreveu: «O nosso comportamento para com aqueles que sentimos mais se assemelharem connosco difere, espontânea e racionalmente, daquele que adoptamos para àqueles que sentimos serem mais diferentes de nós».

O sentimento que cria estes dois tipos de comportamento, um afectivo, congregante, e o outro de indiferença, senão mesmo de repulsa, e, consequentemente, isolacionista, é um atributo puramente biológico inerente a todos os homens.

Mas, como Giddings realçou, a Sociedade só verdadeiramente nasce quando, em consequência do sentimento afectivo e congregante, se criam inter-acções psíquicas entre os indivíduos, que vão originar sentimentos mais complexos: simpatia, imitação, sentimento de coesão social, sentido de interesses superiores comuns, ligados à existência do espírito social.

Podemos portanto dizer que a sociedade é um organismo essencialmente psíquico com a sua base física.

Logo repetindo diremos: a sociedade é uma realidade *físico-bio-psico-sociológica* complexa, em que os vários elementos de ordem numérica ou quantitativa, e qualitativa, biológica e psicológica, com poder socializante, se influenciam reciprocamente, congregando ajuntamentos ou grupos sociais, que, consoante o seu peso, serão nações, povos, tribos, classes, ou grupos mais restritos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Agosto de 1975

Achega para o estudo do Romanceiro de Trás-os-Montes e Alto Douro ⁽¹⁾

POR

P.º Joaquim Manuel Rebelo

Capelão do Internato Francisco Meireles (Moncorvo)
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
e da Sociedade de Língua Portuguesa

O bom acolhimento que esta conceituada revista prestou a um pequeno artigo que lhe enviámos em tempos passados, serviu-nos de incentivo para coligir pela ordem de recolha, que não pela do seu valor ou antiguidade, os romances que a seguir se transcrevem.

Garrett, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Teófilo Braga, A. C. Pires de Lima, Gonçalo Sampaio e outros já de alguns deles trataram; mas há sempre algo de novo nestas versões.

Procedendo assim cumprimos, também, em parte, o conselho que Joaquim e Fernando Pires de Lima nos dão na sua erudita obra «Romanceiro Minhoto» (1943 — pág. 6) ao escrever: «... É necessário aproveitar o material folclórico já recolhido e é necessário proceder-se, urgentemente, à colheita de romances populares e respectivas melodias, a fim de que não se perca uma grande riqueza artística».

Têm razão os ilustrados folcloristas. Por nós sentimos imenso pesar não poder dar, outrossim, as melodias destes

(1) Tomámos a liberdade de deixar este trabalho ao Senhor Prof. Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, ilustre Professor da Universidade do Porto e mestre consagrado da Etnografia, pelas provas de amizade que nos tem dado, e pelos preciosos conselhos que dele temos recebido neste grato labutar pela descoberta das riquezas etnográficas da postergada província de Trás-os-Montes e Alto Douro.

romances. Mas, antes que os ratos venham roer o que juntámos com tanto carinho, aqui os arquivamos, tal qual os ouvimos às pessoas que no-los «salmodiaram». Não há mutilações nem acrescentos...

1

Conde da Alemanha

Em Mateus de Vila Real, ouvimos a uma moça toda esbelta e desembaraçada este romance. O P.º Firmino Martins, no seu livro «Folclore do concelho de Vinhais», arquiva uma versão deste romance que difere bastante desta por nós recolhida, assim como da que o Abade de Baçal publicou no vol. x das suas «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança».

*Já lá vem nascendo o sol,
 Já lá vem rompendo o dia,
 E o Conde de Alemanha
 Com a rainha dormia.
 Ninguém o sabe no palácio,
 Nem mesmo El-Rei sabia.
 Sabia só Dona Infanta,
 Filha da mesma rainha.
 Minha filha, se o sabes,
 Não o dês a descobrir,
 Que o Conde é muito rico
 De ouro te há-de vestir.
 Não quero os seus fatos d'ouro,
 Que tenho-os meus de damasco;
 Ainda o meu pai é vivo,
 Já me querem dar padastro.
 As mangas desta camisa,
 Eu não as chegue a romper,
 Que o meu pai vindo da missa
 Eu lho saberei dizer.
 Venhá, venhá, ó meu pai,
 Ouça um conto que vou contar.
 Conta, conta, minha filha,
 Que não fulgarei de te ouvir.
 Estando eu no meu tear,*

*Na minha teia a tecer,
 Veio o Conde da Alemanha
 A teia me quiz desfazer.
 Deixa o Conde da Alemanha,
 Que é rapaz quer brincar.
 Mal o hajam os seus brincos,
 E mais também o seu brincar.
 Que num braço me pegou
 E à cama me quiz levar.
 Se eu o soubesse mais cedo,
 Tinha-o mandado matar;
 Mas hoje por dois algozes
 O mandarei degolar.
 Venha, venha, ó minha mãe,
 Venha à janela do cabo,
 Ver o Conde da Alemanha
 Vestidinho de encarnado.
 Mal o hajas, minha filha,
 Fora o leite que mamaste,
 Que era um conde tão bonito
 E a morte lhe causaste.
 Cale-se lá, minha mãe,
 Pois bem se deve calar,
 Que a morte que o conde leva,
 A devia a mãe levar.*

2

O Conde de Alemanha

Esta versão ouvimo-la contar a uma mulherzinha de Longroiva, concelho da Méda.

Já lá vem o sol ao castelo,
 Já lá vem o claro dia,
 Já o conde de Alemanha
 Com a rainha dormia.
 Não o sabia toda a gente,
 Nem toda a fidalgaria,
 Só o sabia a D. Infanta
 Filha da mesma rainha.
 As mangas dessa camisa,
 Já as não chega a romper,
 Quando meu pai vier,
 Logo lhe hei-de dizer.
 Venha cá, minha menina,
 Que lhe dou um vestido d'ouro.
 Não quero o vestido d'ouro,
 Que os tenho de damasco,
 Ainda tenho o meu pai vivo
 Já me querem dar padraço.
 Venha cá, ó meu pai,
 Muito eu tenho que contar,
 O conde da Alemanha
 Comigo queria brincar.
 Anda cá, ó minha filha,
 Vem me a por d'almoçar,

O conde é um rapaz nôvo
 É canalha quer brincar.
 Agarrou-me pela mão
 P'rá cama m' ia levar,
 Anda cá, ó minha filha,
 Vem-me a por de almoçar,
 Amanhã, por estas horas,
 O conde «êmos» degolar.
 Venha cá, ó minha mãe,
 Á janela do quintal,
 Venha ver o «Viscondinho» (?) (1)
 Já o estão a degolar,
 Venha cá, ó minha mãe,
 Venha à janela do meio,
 Venha a ver o «Viscondinho»
 Que vai com tanto asseio.
 Ó maldiçoada filha
 Mais o leite que mamaste,
 Era um conde tão lindo,
 Grande morte lhe causaste.
 Cale-se lá, ó minha mãe,
 Que não a ouçam na rua,
 A morte daquele conde,
 Havia de ser a sua.

3

Soldado que vais p'ra guerra

Igualmente, o P.^e Firmino Martins e o Abade de Baçal e, também, Leite de Vasconcelos colheram versões deste romance em terras de Trás-os-Montes e Alto Douro.

(1) A nossa informadora não nos soube dizer o significado deste termo.

Esta primeira versão ouvimo-la a uma velhota de Vila Nova de Foz Coa, e a segunda uma mocetona, em Felgar, concelho de Torre de Moncorvo.

Que tens ó triste soldado,	Não te espantes tu de mim,
Que tão triste andas na guerra?	Eu já fui a tua amada,
Que te lembra pai ou mãe.	De teu amor já servi.
Ou ares da tua terra.	Dá-me os sinais que levavas,
Não me lembra pai nem mãe,	Para me fintar em ti.
Nem ares da minha terra;	Levava saia de creme,
Só me lembra a minha amada,	Casaco de «crameline» (1)
Que ainda a lá deixei donzela.	Uma touca «aplissada» (2)
Pega lá este cavalo,	Foi coisa que eu nunca vi.
Para lá chegares mais depressa;	Vou vender êste cavalo,
Ó cabo de nove mezes,	Até me vendo a mim,
Soldado volta para a guerra.	Para mandar dizer missas,
Indo lá para diante,	Para te tirar daí.
O demónio encontrou;	Não vendas esse cavalo,
Por via da feira maldita,	Nem te vendas a ti,
O cavalo se espantou.	Quantas mais missas «disseres»,
Não te espantes, ó cavalo,	Mais penas são para mim.

4

Soldadinho

Que é que tens, ó soldadinho,	Chegou a meio do caminho,
Que andas tão triste na guerra?	Seu cavalo se espantou.
Que te morreu pai ou mãe,	Não te espantes, meu cavalo,
Ou gente da tua terra.	Não te espantes agora aqui,
Nem me morreu pai nem mãe.	Quero ver a minha amada,
Nem gente da minha terra,	Há dias que a não vi.
Só me lembra uma menina,	Tua amada já é morta,
Que a deixei e vim p'ra guerra.	Já lá vai para o Bonfim.
Se a tu queres ir a ver,	Diz-me o traje que levava,
Sete anos te darei;	Para meu fintar em ti:
Ao cabo dos sete anos,	As meias eram de sesa,
Soldado cá voltarei.	O vestido de setim,
Ele desde que isto ouviu,	O cinto que a apertava,
O seu cavalo montou;	Era de ouro e marfim.

(1) Idem.

(2) Idem.

5

Conde Nino

O P.^e Firmino Martins recolheu, no concelho de Vinhais, umas quatro ou cinco variantes deste, romance. Nós ouvimos esta versão à raparigaça, atrás citada, de Mateus — Vila Real.

*Indo o conde, conde Nino
Seu cavalo a banhar,
Enquanto o cavalo bebe,
Cantou um lindo cantar:
Bebe bebe, meu cavalo,
Que Deus te há-de livrar:
Dos trabalhos deste mundo,
Das canseiras de além mar.
Acorda, ó linda princesa,
Ouve tão doce cantar,
Ou são anjos do céu,
Ou a sereia do mar.
Não são os anjos do céu,
Nem a sereia do mar,
É o conde, conde Nino
Que contigo quer casar.
Palavras não eram ditas,
El-Rei de lá a bradar:
Se ele quer casar contigo,
Vou mandá-lo já matar,
Mande-me a mim degolar,
E enterre um e outro*

*Junto ao pé do altar.
Morreu sim, morreram ambos,
Foram ambos a enterrar,
D'um nasceu um pinheirinho,
E doutro um pinheiral.
Cresceu um, cresceram ambos,
As pontas foram juntar;
Ia El-Rei para o palácio,
Não o deixaram passar.
O rei então de zangado
As pontas mandou cortar.
D'um correram águas claras,
E doutro sangue real,
E dum nasceu uma pomba,
E doutro um pombo trugal.
Estava El-Rei no palácio
No ombro lhe iam pousar;
Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar,
Que nem na vida, nem na morte
Eu os pude separar.*

6

Dona Silvera

Com este título registamos esta versão colhida em Vila Nova de Foz Coa e, a seguinte, com o nome de D. Silvana, recolhemo-la em Mateus (Vila Real). Ouvia-se, também, com certa frequência, nos nossos tempos de estudante, em Torre

de Moncorvo, há quase vinte anos. Em Trás-os-Montes e Alto Douro já o P.º Firmino Martins recolheu algumas versões deste romance, arquivadas no seu livro «Folclore do concelho de Vinhais».

Já lá vai D. Silvera,
Pelo corredor acima,
Tocando numa guitarra,
O estrondo que ela fazia.
Levantou-se o pai da cama,
A ver o que a filha tinha,
Que tens, ó D. Silvera,
Que tens ó filha minha?
De sete irmãos que «semos»,
Só eu sou a solteirinha.
Nas cortes não há ninguém,
Minha filha, que te sirva,
Só lá está o conde Albano,
Está casado tem família.
Esse mesmo, ó meu pai,
Esse mesmo é que eu queria;
Mande-o chamar, meu pai,
Para casar com sua filha.
Que quer Vossa Majestade,
Que quer Vossa Senhoria?
Quero que mates tua mulher
Para casar com minha filha;
E hás-de me trazer a cabeça
Nesta dourada bacia.
Conde Albano foi p'ra casa
Mais triste do que o dia.
Que tens tu, ó conde Albano,
Que te queria perguntar?
Disse-me o senhor rei,
Que te havia de mandar matar.
Manda-me para casa de meus pais,
Que eles ainda me aceitariam;
Manda-me meter numa torre
P'ra lá estar p'ra toda a vida,

Manda-me deitar aos montes
Que os bichos me comeriam.
Vem cá, ó filho mais velho,
Que te quero perguntar,
Cedo tens uma mãe nova;
Como lhe hão-de chamar?
Chamarei-lhe corvo negro,
E diacho infernal.
Isso não, meu filhinho,
Que te podem mandar matar.
Vem cá ó filho do meio,
Que te quero perguntar,
Cedo tens uma mãe nova,
Como etc.....
Vem cá, ó filho mais novo,
Que te quero perguntar,
Cedo etc.....
Mama mama, meu menino,
Este leite de bênção,
Amanhã, por esta hora,
Tu me verás no caixão.
Mama mama, meu menino,
Este leite de desterro,
Amanhã, por estas horas,
Tu me verás no enterro.
Mama mama, meu menino,
Este leite de amargura,
Amanhã, por estas horas,
Tu me verás na sepultura.
Tocam os sinos em Braga,
Ai Jesus! quem morreria?
Morreu a D. Silvana,
Pelos contos que metia.

7

Dona Silvana

Estando Dona Silvana,
 Chorando que lhes rompiam
 Passou o seu papá,
 Que tens tu ó minha filha?
 Das sete manas que éramos,
 Todas elas tem família;
 Eu por ser a mais formosa,
 Ao canto fiquei metida.
 Já corri sete reinados
 Não encontrei quem te merecia,
 Só o conde da Alemanha,
 Está casado e tem família.
 Oh rico pai da minha alma,
 Esse mesmo é que eu queria.
 Mandaremos o chamar
 À tua ordem e à minha.
 Vai o conde para o palácio.
 Que me quer que me queria?
 Quero que mates tua mulher,
 Para casares com minha filha.
 Eu matar minha mulher,
 Se ela a morte não merecia!
 Mata, conde, mata, conde,
 Senão tiramos-te a vida.
 Vai o conde para o palácio,
 Todo cheio de agonía.
 Mandou fechar as janelas,
 Coisa que nunca fazia.
 Mandou vestir as criadas
 Do maior luto que havia.
 Que tem, senhor conde,

Que tem Vossa Condesia;
 Conte-me a sua tristeza
 Que eu lhe conto alegria.
 Foram os dois para o jardim,
 Nem um nem outro colhia,
 As lágrimas eram tantas,
 Que pelo jardim corriam.
 Nesta conversa estavam,
 El-Rei à porta batia:
 Dá-me cá essa cabeça,
 Nesta dourada bacia.
 Anda cá, filha mais velha,
 Que te quero ensinar,
 Ainda tens outras mais novas,
 Para lhes saberes falar.
 Anda cá, filha do meio,
 Que te quero pentear,
 Amanhã, por estas horas,
 Tua mãe está-se a enterrar.
 Mama, mama, meu menino,
 Este leite de amargura,
 Amanhã, por estas horas,
 Tua mãe na sepultura.
 Tocam os sinos na Sé,
 Ai Jesus, quem morreria?
 Lá morreu a D. Silvana,
 Com o delito que metia.
 Um menino de três meses,
 Que maravilha teria.
 Viva o conde e a condessa
 A quem Deus mais queria.

8

O Cego

Esta xacara «O Cego» pudemos recolhê-la na freguesia de Carviçais, concelho de Torre de Moncorvo. Foi uma velhota,

muito vivaz, que no-la salmodeou. As duas versões que se seguem recolhemo-las uma em Felgar, do mesmo concelho e a outra ouvimo-la cantar a uma mulher de Longroiva, concelho da Meda.

Acorda, minha mãe,
Acorda se estás a dormir,
Se queres ouvir um cego
Cantar e pedir.
Dá-le do teu pão,
E dá-le do teu vinho,
Para que o pobre cego
Siga o seu caminho.
Não quero do seu pão,
Nem quero do seu vinho,
Quero que a sua Aninhas
Me ensine o caminho.
Ó Aninhas, pega nessa moca,
Carrega-a de linho,
Vai com o pobre cego,
Ensina-lhe o caminho.

Já desfiei a roca,
Acabei meu linho.
Adiante, ó cego,
Lá vai o caminho.
Anda, anda, Aninhas,
Mais um bocadinho,
Sou curto de vista,
Não vejo o caminho.
Valha-me Deus valha,
E à Virgem Sagrada,
Nunca vi um cego
De espada doirada.
A espada é minha,
E o cinto é vosso,
Aparte-se, ó menina,
Que eu d'amor não posso.

9

O Cego

Ó minha mãezinha,
Nem tanto dormir,
Venha ouvir o cego,
A cantar e a pedir.
Se ele cantar bem,
Dá-lhe pão e vinho;
Se ele cantar mal,
Dá-lhe mais pouquinho.
Nem quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho,
Quero que a Rosinha
Me ensine o caminho.

Pega nessa roca,
Carrega-a de linho,
Vai com o triste cego,
Ensinar-lhe o caminho.
Quebrou-se a roca,
Acabou-se-lhe o linho,
Adiante, cego,
Lá vai o caminho.
Não me chames cego,
Que ainda vejo bem
Anda ali, Rosinha,
Ali, e além.

10

O ceguinho

Era meia noite,
 Quando o ladrão veio:
 Deram três pancadas
 À porta do meio.
 Abra-me essa porta,
 Feiche-me o postigo,
 Dê-me cá um lenço
 Que eu já venho ferido.
 Se você vem ferido,
 Vá-se lá embora,
 Que a minha portinha
 Não se lhe abre, agora.
 Levanta-te, ó filha,
 Com a roça e com o linho,
 Dá-lhe cinco reis,
 Dá-lhe pão e vinho.
 Não quero o seu pão,
 Nem quero o seu vinho,
 Quero uma menina
 Que me ensine o caminho.

Levanta-te, ó filha,
 Com a roça e com o linho,
 Vai ensinar o caminho
 Ó triste ceguinho.
 Desfiou-se a roça,
 Acabou-se o linho;
 Adiante, ó cego,
 Lá vai o caminho.
 Já que chegaste aqui,
 Chega mais além,
 Sou curto de vista,
 Não enxergo bem.
 Adeus, minhas casas,
 Com suas janelas,
 Adeus, minha mãe,
 Tão falsa me eras.
 Adeus, minha terra,
 Com seus olivais,
 Adeus, minha mãe
 Para nunca mais.

11

Santa Helena

Do romance Santa Iria recolhemos em Felgar uma versão, que em primeiro lugar se transcreve com o nome de Santa Helena, e ouvimos a outra versão, infra mencionada, com o nome de Helena a uma mulher de Longroiva, concelho da Meda.

Estando D. Helena
 À porta sentada,
 Passou um passageiro
 Pediu-lhe pousada.

Se meu pai lha desse,
 Estava bem dada;
 Assim deu-lha minha mãe,
 E eu não gostei nada.

Entrou pela porta adentro
 Logo se assentou,
 Encontrou a cama feita,
 Logo se deitou.
 Pela noite adiante,
 Passageiro pediu água,
 Helena, como mais velha,
 Levantou-se a dar-lha.
 Era meia-noite,
 A casa estava roubada,
 Todos apareciam
 Só Helena faltava.
 Andaram sete léguas
 Sem lhe dizer nada,
 Ao fim das sete léguas
 Perguntou-lhe como se chamava:
 Eu, na minha terra,
 Era Helena aventurada,
 E, agora, nos teus braços
 Sou Helena desgraçada.
 Puxou por o punhal

Logo ali a matou,
 Cubriu-a de fieitos,
 Logo ali a deixou.
 Esteve sete anos
 Sem ali voltar,
 Ao fim de sete anos,
 Voltou ali estar.
 Pastores, e pastoras,
 Que o gado guardais,
 Que ermida é aquela
 Que vós avistais?
 É da Santa Helena
 Que o malvado matou;
 Cubriu-a de fieitos
 Logo ali a deixou.
 Perdoa-me, Helena,
 Meu amor primeiro;
 Como te hei-de perdoar,
 Meu ladrão carniceiro,
 Se me degolaste
 Como um carneiro?

12

Helena

À porta sentada,
 Estando D. Helena
 Passou um passageiro
 Lhe pediu pousada.
 Se meu pai lha der,
 Está muito bem dada,
 Deu-lha minha mãe,
 Eu não gostei nada.
 Eram onze horas,
 Passageiro pediu água,
 Helena como mais nova
 Levantou-se a dar-lha.
 Era meia-noite,
 A casa estava roubada;
 Tudo aparecia,
 Helena faltava.
 Pastores, e pastoras,
 Que guardais o vosso gado,

Dizei-me que santa é aquela
 Que está naquele prado.
 É Santa Helena
 Que o assassino matou,
 Cubriu-a de fieitos,
 Ali a deixou.
 Ó Helena, Helena,
 Meu amor primeiro,
 Perdoa-me, Helena,
 Que sou teu romeiro.
 Como é que te hei-de perdoar,
 Ó maroto carniceiro,
 Que me degolaste
 Como um carneiro?
 Veste-te de azul,
 De vermelho encarnado,
 Se te perdoar Nosso Senhor,
 Por mim estás perdoado.

Generaldo

O P.^o Firmino Martins regista na sua obra «Folclore do concelho de Vinhais» duas versões com os nomes de Gerinaldo e Gerineldo. Nós ouvimo-lo com o título supra à já mencionada mulherzinha de Longroiva, concelho da Meda, a tia Adriana Martinho.

Não sabemos se o Douto Abade de Baçal, ou qualquer outro estudioso do folclore de Trás-os-Montes e Alto Douro, terão recolhido mais alguma versão nesta província.

Generaldo, Generaldo,
De honra mais querido,
Queres tu, ó Generaldo,
Uma noite dormir comigo?
Cale-se lá, minha senhora,
Não caçõe comigo.
Gerinaldo não caço-o
Fie-se naquilo que eu digo.
Diga lá, minha senhora,
A que horas lá hei-de ir.
Das dez para as onze,
Quando o papá estiver a dormir.
Eram as horas marcadas,
Generaldo deu o postigo,
Entraram os dois para o quarto
Como mulher e marido.
Seu pai sonhou um sonho,
Pela porta saiu:
Ou palácio roubado,
Ou com a filha dormiu,
Foi dar volta ao palácio,
Não encontrou nada bulido;
Foi ao quarto da filha
Generaldo lá metido.
Não te mato, Generaldo,
Criei-te de pequenino,
Não te mato, minha filha,
Temos o mundo perdido.

Aqui fica a minha espada,
No meio de vós metida,
Para saberes Generaldo,
Em que eu vim a dar contigo.
Acorda, ó Generaldo,
Ai de nós que estamos perdidos,
A espada de meu pai
No meio de nós metida.
Vai levar esta cartinha,
Escrita por minha mão,
Vai levá-la ao meu pai,
Que de nós tenha paixão.
Levá-la a seu pai não vou,
Sem a senhora ir comigo.
Anda lá, ó Generaldo,
Anda lá que eu vou contigo.
Donde vens, ó Generaldo,
Que vens tão descoradinho?
Venho de dar água aos cavalos
Que ainda não tinham bebido.
Não mintas, ó Generaldo,
Que ainda não tinhas mentido;
Vens de caçar uma rola,
Que ainda estava no ninho.
Essa rola que caçaste,
Foi criada no meu trigo,
Entre tu como mulher.
E ele a ti como marido.

Vamos terminar esta achega com a transcrição de Juliana, Joaquinha e Linda Pastorinha recolhidos, respectivamente, nas freguesias de Longroiva, concelho da Meda e Larinho e Felgueiras do concelho de Torre de Moncorvo.

14

Juliana

Bons dias, ó Juliana,
Bons dias lh'eu venho dar,
Disseram-me, agora, ali,
Que Jorge se ia a casar.
É verdade, ó Juliana,
Já t'eu venho convidar,
No dia do meu casamento,
Se me queres acompanhar.
Espere aí ó Senhor Jorge,
Vou lá cima ó meu sobrado,

Buscar um copo de vinho,
Que eu já lho tinha guardado.
Que me destes, ó Juliana,
Dentro do copo de vinho,
Já tenho a vista escura,
Já não enxergo o caminho.
Coitada da minha mãe,
Julga que ainda estou vivo;
Também a minha julgava,
Que tu casavas comigo.

15

Joaquinha

A Joaquinha de Trás do Outeiro
Encontrou lá um carpinteiro;
Carpinteiro não,
Que me tranca a porta;
Quero um soldadinho,
Que marcha na tropa.
Soldadinho não,
Que só sabe passear;
Quero um barbeirinho,
Que sabe barbear.
Barbeirinho não,
Que aguça a navalha;
Quero um alfaiate,

Que me arredonda a saia.
Alfaiate não,
Que é um aldravão;
Quero um padeirinho,
Que amassa o pão.
Padeirinho não,
Que amassa o farelo;
Quero um ferreirinho,
Que bate um martelo.
Ferreirinho não,
Que é um preguiçoso;
Quero um estudantinho
Que é mais «amoroso».

16

Linda Pastorinha

Deus te salve, ó Rosa,
 Claro serafim,
 Linda pastorinha,
 Que fazes aqui?
 Eu a guardar gado,
 Que eu aqui perdi.
 Já nasci, senhor,
 Para este fim.
 Teu gado, menina,
 Eu aqui o trago,
 Olha, pastorinha,
 Teu belo criado.
 Olhe o que vem de grave,
 Com meias de seda;
 Olhe não as rompa
 Por essas estevas.
 Sapato e meia.
 Tudo rompereí,
 Para ver a menina,
 A vida darei.
 Vá-se daí, honesto,
 Não me dê tormento,

Não o posso ver,
 Nem por pensamento.
 Vá-se daí, honesto,
 Não me dê pesar,
 Está a chegar meu amo,
 A trazer o jantar.
 Se vier seu amo,
 Isso quero eu,
 Para que diga à menina,
 Que a namoro eu.
 Ó gente do povo,
 Acudi ao gado,
 Que lá foge a pastora,
 Com o seu namorado.
 Repara, ó Rosa,
 Do meu coração,
 Repara, ó Rosa,
 Que sou teu irmão.
 Eras meu irmão,
 E estavas-me com isso?
 Para ver se a pastora
 Tinha juízo.

17

Margarida

Por lapso deixávamos, já, de registar, neste modesto trabalho, o romance Margarida que recolhemos em Felgueiras do concelho de Torre de Moncorvo. Aqui fica.

Senhora que vai passando,
 Com a sua canastrinha,
 Deixe-me ver sua fruta,
 Se ela é bem madurinha.

A minha laranja é boa,
 Que todos a podem comprar,
 É laranja escolhida
 Para gente particular,

<p>Mas se o senhor duvida, Eu lh'a darei a provar. Será muita confiança Dar a laranja a provar. Poise, aqui, a canastrinha, Que lh'a quero provar. Deia-me cá cinco «testões» delas ⁽¹⁾ Escolhidas pela sua mão, Na conta das laranjas, Deia-me também um limão, Para tirar uma nódoa, Que tenho no coração Eu cá não tenho limões Nem macieira nem pereira, Só cá tenho laranjas Sou uma pobre regateira. Mas se o senhor duvida,</p>	<p>Vá as comprar à feira. Vai-te daí embora, Deixa-me ir à minha vida, Que ainda sou muito nova, Ainda sou rapariga; O nome como me trato, É o nome de Margarida. Margarida, lindo nome, Nome que tanto estimo, Tomar amores contigo, Era esse o meu destino; E o nome como me trato É o nome de Bernardino. Anda lá, Margarida, Vai por esse caminho direito, Manda fazer os vestidos, Que será p'ra teu proveito.</p>
---	---

Deixámos aos críticos o pronunciarem-se sobre o que aí fica. Não publicamos, aqui, alguns romances, que ainda possuímos, por nos parecerem os seus temas pouco literários, ou de mau gosto. Estes transcrevem-se, repetimos, tal qual se ouviram. Serão incorrectos uns e estarão outros incompletos?

Não interessa. Assim os ouvimos ao Zé Povinho na sua linguagem despreocupada e correntia.

Aos mestres consagrados nestes assuntos pedimos vénia por virmos «meter a foice em seara alheia» e, também, rogamos sejam benevolentes para este mais que modesto ensaio.

(1) Em vez de tostões.

VÁRIA

Castro de Carvalhelhos

Campanha de escavações em Agosto de 1975

As escavações no Castro de Carvalhelhos em 1975 fizeram-se de 11 a 22 de Agosto.

Esta campanha foi subsidiada pela Empresa das Águas de Carvalhelhos que forneceu pessoal, ferramentas, um «dumper» e pagou à máquina escavadora que trabalhou alguns dias no desaterro do fosso exterior.

Nesta campanha continuou-se a desatular o fosso exterior e crivou-se a terra de um pouco mais de metade da grande casa rectangular da vertente leste do castro.

DESATERRO DO FOSSO EXTERIOR

Os trabalhos iniciaram-se com seis homens que, à picareta e à pá, iam escavando o enchimento do fosso e carregando o «dumper» de terra e pedra.

O fosso, como veremos é bastante fundo.

A sua fundura foi a 7 metros na zona de ataque e atingiu os 9,50 metros na vertente da encosta para leste a 20 metros da linha em que se iniciou o ataque ao desaterro.

À medida que a escavação ia afundando tornava-se cada vez mais trabalhoso levar a terra e pedras até ao «dumper».

Tem sido sempre grande a minha relutância na utilização de máquinas escavadoras no serviço de escavações arqueoló-

gicas, serviço que tem de ser feito cuidadosamente com os necessários vagares, e que, por isso, não admite pressas de afogadilho.

Porém, como nem nos primeiros dias do desaterro desta campanha, nem no dos fossos escavados nos anos anteriores, apareceu sequer um fragmento de cerâmica ou qualquer outra peça de interesse arqueológico, decidi-me, pela primeira vez, a utilizar a máquina escavadora.

Foi pronta a anuência da Direcção da Empresa.

A máquina veio na última semana e deu extraordinário incremento ao desaterro.

A inspecção de vez em quando feita ao descarregar do «dumper» não forneceu sequer um singelo caco. Espólio nulo.

Os esquemas da fig. 1 indicam as testeiras do desaterro que foi feito numa extensão de 20 metros.

Em cima junto do caminho pelo qual se tem feito o acesso ao castro, o fosso é largo, com uma boca de 9 a 10 metros.

À medida que a escavação prosseguiu para leste, seguindo o pendor da vertente, a boca do fosso ia sendo cada vez mais estreita, terminando por se manter nos últimos 8 ou 10 metros com cerca de 4 a 5 metros de boca.

A fundura do fosso foi também aumentando. Dos 6 a 7 metros medidos do bordo sul do fosso no início da escavação a fundura aos 20 metros de distância aumentou para 9,50 metros.

As medidas tiradas a partir do bordo norte são um pouco menores como se vê nos esquemas.

O fundo e os lados do fosso são de xisto.

A cerca de 9 metros do início da escavação o fundo alteou por um saliente da rocha como indica a fig. 1-A.

O enchimento do fosso foi feito por entulho de terra e pedras miúdas.

A camada superficial, com espessura variando de 1 a 2 metros era de cor castanho escuro, e em alguns sítios negra, com algumas pedras miúdas.

A camada subjacente era quase toda de terra mais ou menos negra com muita pedra, predominantemente miúda.

Pelo menos em dois sítios apareceram porções de terra castanho clara.

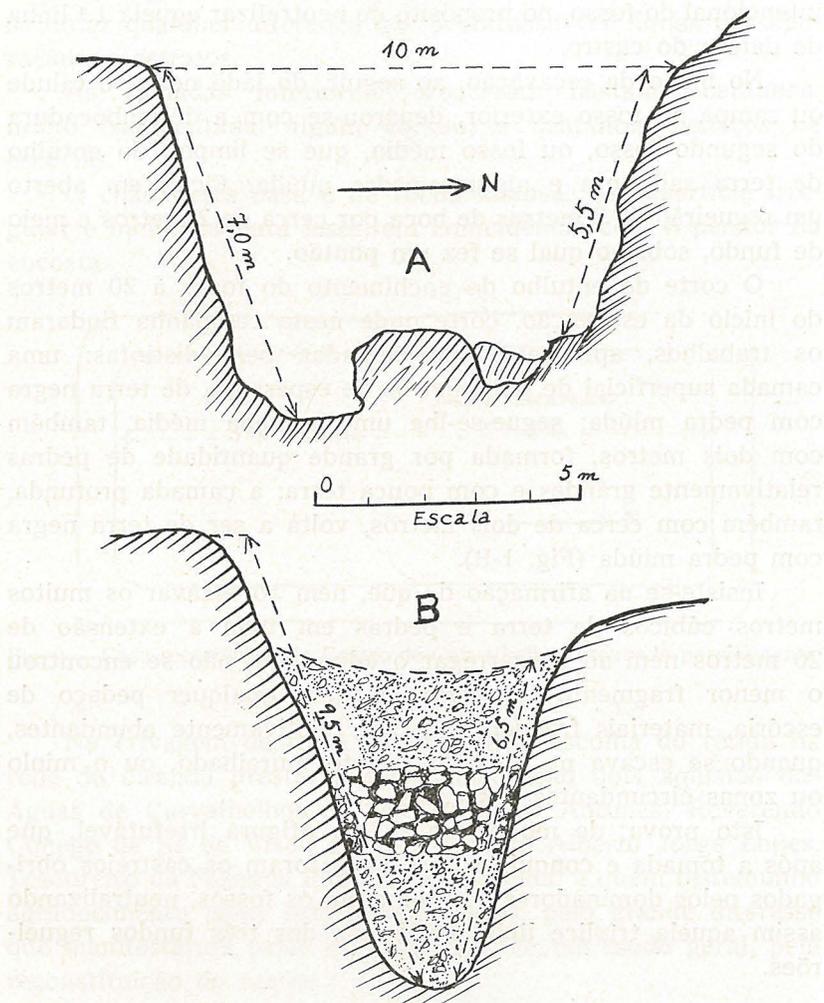


Fig. 1 — Esquemas do desaterro do fosso exterior do Castro de Carvalhinhos na campanha de 11 a 22 de Agosto de 1975.

A — frente do poente por onde se iniciou a escavação, com o saliente do xisto que apareceu a cerca de 9 m da linha de ataque. B — frente nascente do enchimento do fosso, a 20 m da linha do início da escavação.

21 Num dos sítios a mancha era bastante clara e formando como que uma bolsada.

Estas manchas atestam, em nosso parecer, o atulhamento intencional do fosso, no propósito de neutralizar aquela 1.^a linha de defesa do castro.

No início da escavação, ao seguir, do lado norte, o talude ou rampa do fosso exterior, deparou-se com a desembocadura do segundo fosso, ou fosso médio, que se limpou do entulho de terra saibrenta e alguma pedra miúda. Ficou em aberto um regueirão de 2 metros de boca por cerca de 2 metros e meio de fundo, sobre o qual se fez um pontão.

O corte do entulho do enchimento do fosso a 20 metros do início da escavação, corte onde nesta campanha findaram os trabalhos, apresenta três camadas bem distintas: uma camada superficial de dois metros de espessura, de terra negra com pedra miúda; segue-se-lhe uma camada média, também com dois metros, formada por grande quantidade de pedras relativamente grandes e com pouca terra; a camada profunda, também com cerca de dois metros, volta a ser de terra negra com pedra miúda (Fig. 1-B).

Insiste-se na afirmação de que, nem ao escavar os muitos metros cúbicos de terra e pedras em toda a extensão de 20 metros nem ao descarregar o «dumper», não se encontrou o menor fragmento de cerâmica nem qualquer pedaço de escória, materiais frequentes, e até relativamente abundantes, quando se escava na área do recinto muralhado, ou o miolo ou zonas circundantes das casas.

Isto prova, de modo que se me afigura irrefutável, que após a tomada e conquista do castro, foram os castrejos obrigados pelos dominadores a entulharem os fossos, neutralizando assim aquela tríplice linha de defesa dos três fundos regueirões.

ESCAVAÇÃO DA GRANDE CASA RECTANGULAR

A grande casa rectangular da vertente leste foi escavada em pouco mais de metade.

² Escavou-se e passou pela ciranda a terra da camada superficial de cerca de 15 a 20 cm. Espólio escasso.

Prosseguiu-se a escavação em camadas horizontais sem se notar qualquer diferença que permitisse ver linhas de separação de estratos.

As camadas inferiores forneceram bastante cerâmica, muito fragmentada, algum carvão, e bastantes pedaços de escórias.

O chão desta casa é de rocha xistosa, de superfície irregular e inclinado para leste, em coincidência com o pendor da encosta.

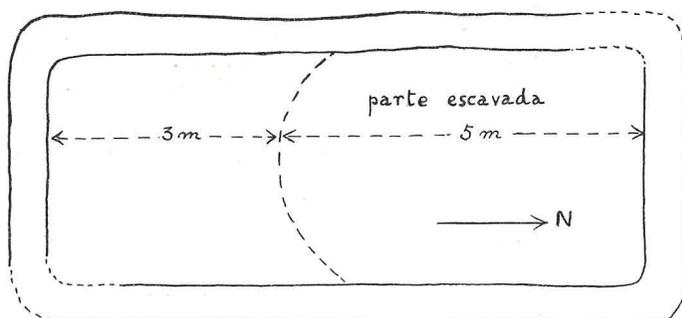


Fig. 2 — Casa rectangular do Castro de Carvalhelhos escavada parcialmente.

Na crivagem da terra da casa e na escolha do retido na rede da ciranda prestaram-nos colaboração dois aquistas das Águas de Carvalhelhos, o Sr. Dr. Artur Antunes, Reverendo Cónego da Sé de Viseu e o Sr. António Alberto Jorge Lopes, Tesoureiro da Fazenda Pública em Almeida, a quem testemunho agradecimento pelos serviços prestados, pelo grande interesse que manifestaram pelas escavações e, de um modo geral, pela reconstituição do castro.

ESPÓLIO

¹ De um modo geral foi escasso o espólio da escavação da grande casa rectangular, que tem 8,30 m de comprimento por

3,0 m de largura, medidas interiores. A parede tem 55 cm de grossura, e altura que, num ou noutro ponto, pouco excede os 60 cm. Foi em parte reconstruída. Uma linha de cimento separa o primitivo do que foi refeito com a pedra desmoronada junto da parede.

Embora sem termos deparado com a menor indicação de estratos, cirandamos a terra numa camada superficial com cerca de 15 cm de espessura, depois uma camada média de cerca de 20 cm e por fim a camada profunda com 25 a 30 cm de espessura.

Camada superficial: Colheu-se uma escassa trintena de fragmentos de cerâmica de vários tipos, de pequenas dimensões; os mais deles em média com 3×2 cm; dois pedaços eram maiores, um com 4×3 cm e o outro $5 \times 2,5$ cm; alguns pedacitos pequenos de escórias, os mais pequenos pouco maiores que grãos de milho, e mais uns 115 bocadinhos de carvão todos de pequenas dimensões.

Camada média: Forneceu bastante mais cerâmica, também muito fragmentada, e um disco de cerâmica escura fortemente micácea com 4,5 cm de diâmetro, embora não perfeitamente arredondado em patela, deve ser uma «tessera»; um pedaço de escória do tamanho da palma dum a mão em concha, que, pela superfície convexa e lisa, parece corresponder à concavidade do recipiente para onde escorreu a escória; alguns pedaços mais de escórias do tamanho de cabeças de dedos; dois pequenos pedaços de quartzo leitoso e uns 20 bocadinhos de carvão.

Camada profunda: Aumentou a quantidade de cerâmica de vários tipos. Cerca de uma centena de fragmentos de cerâmica, de um modo geral pequenos. Entre os maiores um bordo com 6×4 cm, de pasta compacta e micácea com cerca de 9 mm de espessura, que talvez pertencesse a panela de ir ao lume. Um outro pedaço de bordo tinha $6,5 \times 3$ cm.

6 Alguns pedacitos de cerâmica de pasta fina com 3 a 4 mm de espessura, de superfície polida e brilhante na face convexa que faz lembrar a cerâmica arretina.



Fig. 3 — Em plena escavação e cirandagem da terra da grande casa rectangular.

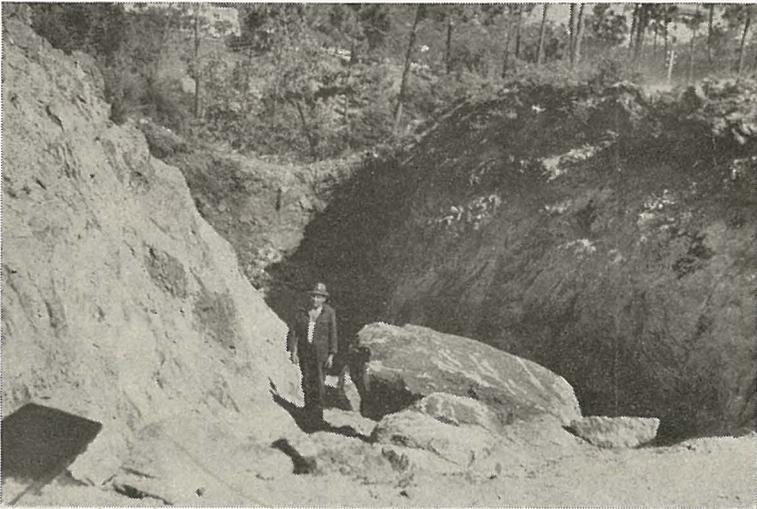


Fig. 4 — Aspecto da porção escavada do fosso exterior.

7 Colheu-se bastante carvão em pedaços de vários tamanhos. As escórias também apareceram em maior quantidade. Além de alguns pedaços pequenos colherem-se mais de 30 bocados de escória granosa, muitos do tamanho de bugalhos, que parece terem feito parte de parede de forno de fundição.

A cerâmica colhida é de vários tipos.

Alguns pedaços de pasta fina pouco ou nada granosa, e, por isso, um tanto compacta, quase toda com 4 a 5 mm de espessura.

Alguns fragmentos com superfície convexa bem lisa e polida (louça gogada?).

A grande maioria, igualmente muito fragmentada é cerâmica de pasta grosseira, granosa e micácea com tonalidades que vão do branco sujo, passando pelo castanho mais ou menos escuro, até ao quase negro.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Outubro de 1975

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. j. da Fac. Ciênc. da Univ. do Porto
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia

Um machado estranho do Castro de Sabrosa

O Castro de Sabrosa, *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo*, como ali é vulgarmente designado, é o velho *Castelo da Sancha*, antiga designação caída em desuso, e proveniente da sua vizinhança com a antiga aldeia da Sancha: fica situado no extremo oriental da Serra do Criveiro, em termo do concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real.

O castro fica 2 kms a norte da vila de Sabrosa, sobranceiro à estrada que segue para a Balsa.

Foi aberta uma estrada municipal que vai até cerca de duzentos metros do castro.

*

Junto da sua muralha exterior, do lado poente, por volta de 1949, foi encontrado o machado de ferro que a fig. 1 reproduz.

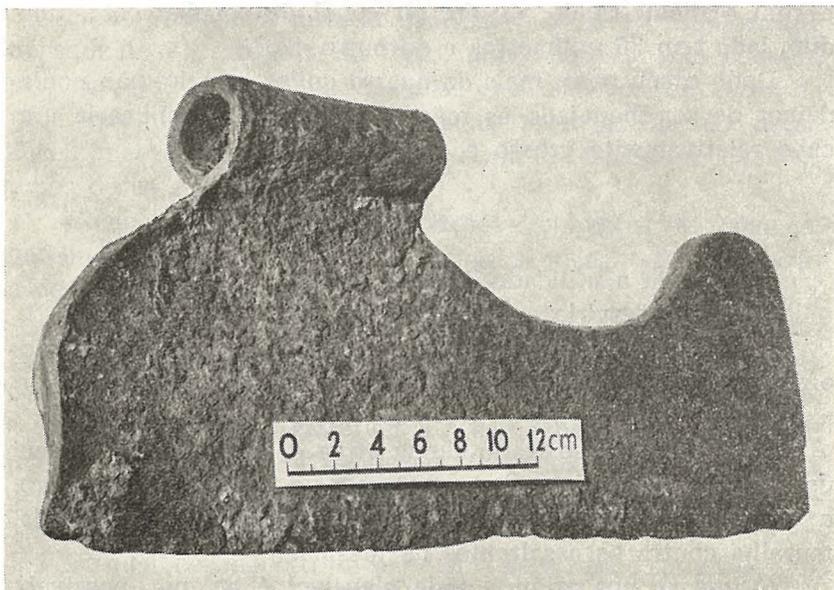


Fig. 1 — Machado de ferro, tipo cutelo, do Castelo dos Mouros ou Cristelo. Sabrosa — Douro.

Segundo informes por mim colhidos em Sabrosa no dia 5 de Janeiro de 1969, ao lado do machado foi encontrada «uma pequena talha de barro» e «argolas de metal».

Não fui esclarecido suficientemente nem das dimensões das argolas nem da sua natureza metálica, tão-pouco do tipo da talha, e se estaria cheia de terra ou contendo quaisquer objectos de interesse arqueológico.

O machado pesa 4,530 kg, está bastante oxidado, conservando no entanto os bordos vivos e o comprido gume, quase

recto, nitidamente adelgado em fio cortante, com 377 mm de comprimento.

Pelo seu tamanho e comprido gume mais lhe cabe o nome de cutelo, do que pròpriamente o de machado.

Trata-se pois de um grande cutelo de forma singular, que teria um cabo relativamente grosso em relação com o seu peso e com o diâmetro do alvado, ou canal de encabamento, que dum lado tem 36 milímetros e do outro 42.

Dado o seu peso, mais de quatro quilos e meio, não podia deixar de ser manejado às mãos ambas, o que implicaria um cabo relativamente grosso e comprido.

*

Qual seria a utilidade deste machado?

Para que serviria este grande cutelo?

O grande comprimento do gume, 37,7 cm, parece-nos não oferecer condições convenientes para rachar lenha ou trabalhar a madeira.

A hipótese de se tratar duma arma de guerra, dado o seu peso, julgo que também deve ser posta de parte, embora muito naturalmente o pudesse ser, quando manejado de cima da muralha contra os assaltantes da mesma.

O que se nos afigura mais plausível é de que, possivelmente, serviria para esquarterar animais, podendo, só com um e bom puxado golpe de encontro a um cepo, cortar ao mesmo tempo a carne e os ossos, mesmo de animais de certo porte.

Com o gume bem afiado de um só golpe poderia degolar animais.

Manejado por carrasco podia servir de guilhotina.

*

Tratar-se-á de um machado castrejo?

A circunstância de ter sido encontrado junto da muralha exterior do Castro de Sabrosa, assim o permite supor.

No entanto, apesar de bastante enferrujado, a sua oxidação não é tão acentuada como costuma ser a dos objectos de ferro que têm sido encontrados em escavações de castros.

Por este facto pode ser-se levado a considerá-lo menos remoto, quiçá medieval. Poderá neste caso ser considerado como acha de armas?

Se é certo que o grau de oxidação não esteja inteiramente dependente da grossura do ferro, uma chapa grossa resistirá mais do que uma chapa delgada. Ora a chapa de ferro da peça que vimos analisando tem na parte média do dorso 2 centímetros ou mesmo 21 milímetros de espessura, que nos topos desce a 1,7 ou 1,8 cm.

Como dissemos, as informações referentes ao achado, dão-no como aparecido «junto duma pequena talha de barro e de argolas de metal».

Embora não se tenha conhecimento da forma e justo tamanho da «talha de barro», nem da natureza da sua pasta cerâmica, tão-pouco da forma e tipo do «metal das argolas», a proximidade destes materiais e o seu achado junto da muralha são testemunhos a depor em favor da natureza castreja daquele grande e pesado machado, a que melhor cabe a designação de avantajado cutelo.

De qualquer modo trata-se de uma peça rara e estranha.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Junho de 1974

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Prof. jub. da F. C. do Porto
e Presidente da S. P. A. E.*

Un tatouage paléolithique

Le livre *Les Hommes Fossiles* de M. Boule & H. Vallois, quatrième édition, Paris, 1952, à la pag. 337, publie la figure 232, «Scène humaine gravée sur os de la grotte d'Isturitz. Grandeur naturelle. (D'après R. de Saint-Périer)», que je reproduis à lá Fig. 1.

L'os gravé a été trouvé par M. de Saint-Périer dans un niveau magdalénien de la grotte d'Isturitz (Basses-Pyrénées).

La gravure d'accord avec le dessin de la fig. 337, que nous reproduisons à la Fig. 1, vienne ainsi décrite.

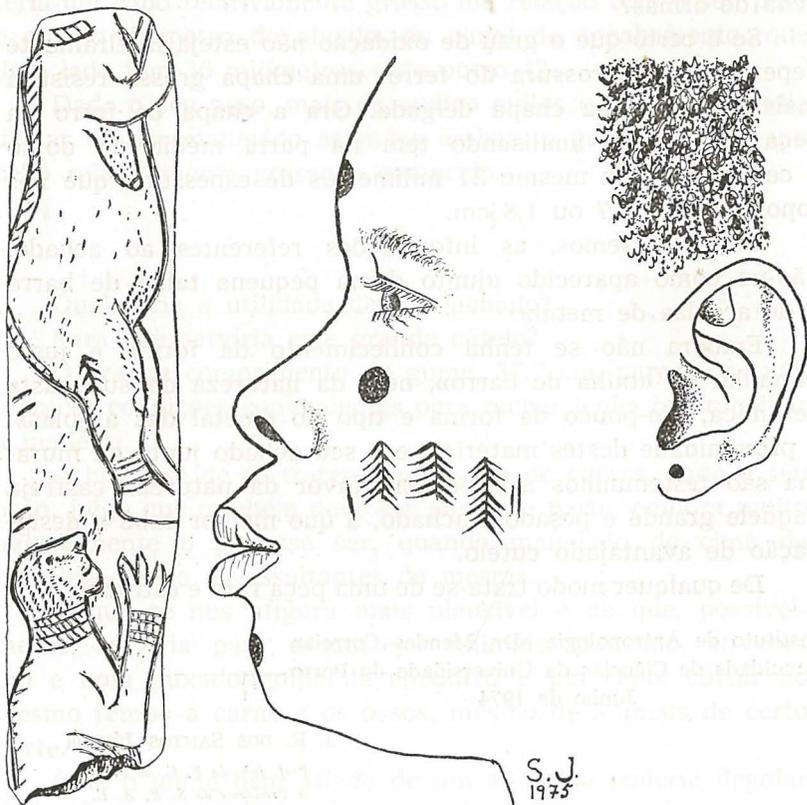


Fig. 1 — À gauche la gravure de la grotte d'Isturitz. À droite la face vue de profil d'une négresse de la tribu Nhúnguè, Tete, Mozambique, qui avait aux joues tatouages par incisions en épine de poisson.

«Elle se compose de deux personnages. Le premier est une femme nue, aux formes massives, mais nullement stéatopyge; ornée d'un collier et d'un bracelet de jambes, elle rappelle ainsi la «femme au Renne», de même que par sa forte

piliosité et par l'attitude générale. Une flèche est gravée sur la cuisse droite. Au-dessous de la femme se trouve la partie supérieur d'un corps d'homme également orné d'un collier et de bracelets. La tête est évidemment caricaturale. Les deux bras sont fléchis et élevés, comme ceux de la femme, dans une attitude suppliante ou de prière. La flèche semble indiquer qu'il s'agit d'une production d'ordre magique, traduisant peut-être un sentiment de convoitise amoureuse.»

La flèche, à notre avis, n'est non plus que un tatouage.

Comme chef de la Mission d'Études Anthropologiques au Mozambique nous avons étudié quantité de tatouages des nègres.

À la région de Tete, nord du Mozambique, est très fréquent le tatouage de la Fig. 2 de la face d'une négresse de la tribu Nhúnguè, tatouage qu'on ne doit pas désigner en flèche, mais en épine de poisson.

La ressemblance entre la dite flèche de l'os magdalénien de la grotte d'Isturitz et les tatouages de la négresse est si frappante, qu'il est plausible de considérer la soit disante flèche comme un tatouage en épine de poisson.

Donc l'os d'Isturitz est un document par laquelle nous pouvons admettre que le tatouage était aussi usé au paléolithique supérieur.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Novembro de 1975

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Président da la Société Portugaise

d'Anthropologie et d'Éthnologie

Subsídios concedidos para publicação de trabalhos

A Direcção-Geral dos Assuntos Culturais do M.E.I.C. concedeu um subsídio de 110 000\$00 esc. para a publicação do trabalho sobre os «Berrões» no Nordeste de Portugal, com que abre este fascículo 4.º do Vol. xxii.

O Sr. Dr. Ruben Andresen Leitão, que foi prestigioso Director-Geral dos Assuntos Culturais e o grande impulsor desta publicação, resolveu que 300 exemplares, com o título de *Berrões proto-históricos no Nordeste de Portugal* fossem destinados à Direcção-Geral dos Assuntos Culturais. Mais destinara que esses 300 exemplares levassem capa especial com o desenho do grande pintor portuense Guilherme Camarinha, o que não foi concretizado pelos Assuntos Culturais.

Com os agradecimentos à Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, presto homenagem à memória do Dr. Ruben Andresen Leitão, infelizmente falecido em 26 de Agosto de 1974 à chegada a Inglaterra, onde as suas muitas e notáveis qualidades lhe permitiriam desempenhar, brilhantemente, a missão de que ia incumbindo junto das Universidades inglesas e especialmente de Oxford e Cambridge.

*

A benemérita Fundação Calouste Gulbenkian concedeu à Sociedade a verba de 30 000\$00, que permitiu a publicação dos vários trabalhos que vão a seguir aos «Berrões» e rematam este 4.º fascículo do Vol. xxii.

À Fundação Calouste Gulbenkian, nas pessoas do Sr. Doutor José de Azeredo Perdigão, ilustre Presidente do Conselho de Administração da Fundação, e do Sr. Dr. José Ribeiro dos Santos, seu Director do Serviço de Ciências, os agradecimentos da Sociedade a que tenho a honra de presidir.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

JOAQUIN LORENZO FERNANDEZ — **Cantigueiro popular** — Fundação Penzol, Editorial Galaxia, Vigo, 1973, 296 págs.

O A., galego ilustre natural de Ourense, que foi discípulo dilecto de Florentino Cuevillas e é o continuador da obra do seu grande Mestre, dá-nos, no livro que agora analisamos, mais um testemunho da sua personalidade de investigador, como um dos maiores etnógrafos da Península e como figura de primeiro plano na Etnografia europeia.

No *Cantigueiro* se publicam nada menos de 2547 quadras populares, 8 composições burlescas, 102 quadras em sequência de cantigas ao desafio, 11 diálogos, 6 pequenas orações e 6 romances. Ao todo 2580 unidades de natureza folclórica.

A colheita foi ampla e é rica.

O trabalho foi feito em bosquejo de muitos trabalhos publicados por vários autores, acrescido de colheitas próprias, feitas pelo A. por toda a Galiza, ouvindo homens, mulheres e crianças. Nas 25 páginas do prólogo espraia-se em eruditas considerações sobre como nascem e vão sendo buriladas as cantigas populares, a sua maior ou menor difusão, a sua grande frequência acompanhando os trabalhos agrícolas, e em certas reuniões, como nos típicos fiadeiros, bem como nos cantares ao desafio, nas loas dos casamentos, nas rondas, etc.

Realça o facto de as cantigas colhidas se poderem incluir quase todas em dois grandes grupos: amorosas e humorísticas.

Mas onde a sua erudição avulta é na riquíssima série de 867 notas que se estendem da pág. 199 à pág. 280.

Nessas notas cita as composições similares de várias regiões da Galiza, de Portugal e de outras províncias espanholas, principalmente das Astúrias e da Castela.

A vasta e profunda cultura, bem como o amplo conhecimento da bibliografia do folclore peninsular, permitiram ao A. levar tão longe o estudo comparado da longa série de composições folclóricas que recheiam o seu magnífico *Cantigueiro*.

Na Bibliografia, cita 112 trabalhos a que se vai arrimando ao longo do livro para indicar ou transcrever composições iguais ou similares.

Termina o trabalho com um índice toponímico (págs. 287 a 296) no qual dá a justa referência corográfica, e uma ou outra nota histórica, das várias terras que figuram em muitas das 2547 cantigas que, com mão de Mestre, enfeixou no exaustivo *Cantigueiro popular*, em sequência alfabética da primeira letra do primeiro verso de cada cantiga.

É bem um notável trabalho que a Galiza — e por que não também o norte de Portugal? — ficam a dever ao já consagrado etnógrafo do monumental 2.º volume da *História da Galiza*, onde, nas suas 716 págs. ilustradas com 514 figs. estudou a *Etnografia e a Cultura Material* do homem galego ⁽¹⁾.

SANTOS JÚNIOR

JESUS TABOADA CHIVITE — **Cerimoniales ignicos y folclore del fuego en Galicia**, Sep. de las Actas del II Congreso Nacional de Artes y Costumbres Populares, Zaragoza, 1974, pág. 389 a 402.

Tema vasto e cheio de interesse, já tratado num ou noutro aspecto pelo próprio A. e por outros etnógrafos galegos.

(1) A este monumental trabalho nos referimos na análise bibliográfica publicada nas págs. 206-207 do Vol. xx dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» da Sociedade Portuguesa de Antropologia.

Como logo de entrada acentua, pretende «realizar ahora sólo un sumário ensayo de tan dilatado conjunto». O primeiro capítulo «La sacralidade del fuego y sus testimonios, trata do fogo como coisa sagrada, como transparece em práticas rituais das mais variadas culturas em assombrosa extensão geográfica.

Cita passagens de autores greco-latinos e dá conta de vários costumes populares em que o fogo, o fumo e as cinzas têm acção virtuosa, benéfica, purificadora e defensora de vários males, mercê do conceito sagrado atribuído ao fogo.

O segundo capítulo «Cerimónias ígnicas» é uma resenha dos fogos rituais de expressão colectiva, que, na Galiza, no decorrer do ano, se realizam em determinadas festas profanas ou religiosas.

Neste capítulo, e numa justa repartição de valores etnográficos, estabelece os oito subcapítulos seguintes: El tizon de Navidad; Hogueras de Navidad y fin de año; Hogueras de San Mauro, San Antón y la Candelaria; Quema de «Lardeiros» y del «Entroido»; Fuegos de Abril; Hogueras de S. Juan; Magostos o fuegos de Noviembre; Foliones.

Em cada um destes oito subcapítulos procura estudar a sua origem remota e o seu significado ritual. Cita a propósito factos folclóricos similares de várias povoações galegas, que vai comparando com factos semelhantes de outras terras, nomeadamente de Portugal.

Nas três páginas finais do capítulo «Notas folclóricas del fuego» refere usos e costumes que, sem terem o significado de expressão colectiva dos ritos agrários ou estacionais, reflectem, no entanto, o mesmo fundo sagrado e milagreiro do fogo, na salvaguarda e esconjuro de perigos vários e mirífica acção medicamentosa e purificadora.

O fogo, o fumo e a cinza, muitas vezes em associação com incenso, dentes de alho, sal, trovisco, loureiro, «erva de namorar», mechas de cabelo, etc., segundo a largamente difundida crença popular, entram na medicina mágica, a qual o povo crê pode realizar os mais inesperados milagres curativos.

Tal acção curativa exerce-se, muito especialmente, nos males de inveja, e nos ares malignos, que são, como o A. refere,

ar de morto, ar de padre, ar de mulher, ar de sapo e ar de escomungado.

As muitas citações bibliográficas que o A. vai fazendo no decorrer da explanação atestam a erudição deste distinto etnógrafo galego.

S. J.

RENÉ MEURANT — **La figuration du diable dans les processions et les cortèges**, Separata do «Bulletin trimestral du Credit Communal de Belgique», n.º 101, Julho 1972, pág. 145 a 156 e 12 figs.

O A., que é membro da Comissão Royale Belge de Folklore, neste belo trabalho faz uma ampla resenha do diabo, como figurante em procissões, em antigas representações de teatro popular e em cortejos carnavalescos.

Cita referências colhidas numa vasta bibliografia, que dá no final do trabalho, com nada menos de 101 números.

Essas referências estendem-se desde a actualidade até ao fim do século XIV; precisamente até 1391 data em que, numa procissão em Barcelona, figuravam quatro diabos transportando o dragão vencido, ao mesmo tempo que eram combatidos à espada por S. Miguel Arcanjo e os seus anjos.

São múltiplos os exemplos que cita ao longo de quase 600 anos, em que o diabo figura quer em combate com anjos, quer como escolta de honra a santos, quer ainda como vanguarda de procissões a abrir caminho, ou protegendo a realização de danças em que podia tomar parte. Os exemplos referem-se a cerimónias de cortejos ou de teatro popular, que eram realizados em várias terras da Espanha, da Itália, da França, da Bélgica e da Inglaterra.

O diabo aparece umas vezes com capuz, outras vezes com máscara, sempre cornudo, com grande cauda; em certos casos com guizos ou chocalhos à roda da cinta, luvas pretas, e sempre empunhando uma forquilha, ou um tridente, ou um croque ganchedo, ou uma simples moca, ou uma bexiga cheia de ar. Além

disso, como o diabo pode voar, aparece algumas vezes com asas negras.

Um diabo gigante, com 2,60 metros e dupla face de homem e de mulher, figurava na procissão de *Corpus Christi* em Valência.

Levar-nos-ia longe a análise deste belo trabalho.

Não quero, porém, deixar de citar os dois diabos, o *diabo* e a *diaba*, que existem na igreja de S. Gonçalo de Amarante, e as semelhanças com o chocalheiro de Bemposta (Trás-os-Montes) e de outros mascarados de alguns concelhos de entre Sabor e Douro, no leste trasmontano, com figurações do diabo como as citadas no trabalho que analisamos.

S. J.

Índice

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Antropologia (amplitude e finalidade desta ciência)	5
MARIA EMÍLIA DE CASTRO e ALMEIDA & MARGARIDA MARIA NOGUEIRA PAULINO — Contribuição para o estudo das impressões digitais dos Dagadá (Timor Português) — II — Mulheres	21
AGOSTINHO ISIDORO — Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — IV	41
G. ZBYSZEWSKI, O. DA VEIGA FERREIRA, M. LEITÃO & C. T. NORTH — Jazida paleolítica de Mato de Miranda	93
AGOSTINHO FARINHA ISIDORO — Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — V	107
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — O Minepa e o Malaica fantasmas moçambicanos	125
AGOSTINHO FARINHA ISIDORO — Os Sabeler — uma família de pescadores	145
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — O Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja em Carvalhelhos (4 a 11 de Outubro de 1972)	187
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos	207
Normas para o estudo geral dos Castros	221
XAQUÍN LORENZO FERNÁNDEZ — Metamorfosis de unha casa Castrexa	225
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Alguns problemas castrejos: cobertura das casas	231
JESÚS TABOADA CHIVITE — La romanización del hábitat Castreño	237

MODESTO RODRÍGUEZ FIGUEIREDO — Outra vez coa ofiolatría: dous achádegos interesantes	249
MÁRIO CARDOZO — La Culture des Castros du Nord du Portugal	261
D. FERNANDO DE ALMEIDA — Reminiscências Castrejas na Arte Visigótica	283
D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO — O «Alto» ou «Monte do Castelo» — Penha Longa (Marco de Canaveses)	289
OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA — Antecedentes Pré-Históricos dos Castros da Idade do Ferro: os Castros da Idade do Cobre em Portugal	295
XOSÉ FILGUEIRA VALVERDE — Ouro nos Castros	307
FERMIN BOUZA-BREY — Características e particularidades dos Castros dos arredores de Compostela	329
ADRIANO VASCO RODRIGUES — Arqueologia e Educação	331
JUAN MALUQUER DE MOTES — La originalidad de la cultura castreña	335
P. ^e ANTÓNIO DA EIRA — O Castelo do Mau Vizinho	345
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — A Cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal	353
MODESTO RODRIGUEZ FIGUEIREDO — Do Libro de San Ciprián e do Castelo do Mau Vizinho	517
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — A Sociologia e a Etnografia	531
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Interpretação de condicionalismos sociais	537
P. ^e JOAQUIM MANUEL REBELO — Acheга para o estudo do romanceiro de Trás-os-Montes e Alto Douro	545

VÁRIA:

Estela funerária com inscrição latina do Crato (D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO)	57
Notas sobre o casamento na Aldeia da Mata (AGOSTINHO F. ISIDORO)	61
Duas nótulas etnográficas (ALBANO FERREIRA)	70

Escavações no Castro de Carvalhelhos (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)	72
Uma dança milenária (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)	75
Esboço arqueológico do concelho do Crato (AGOSTINHO ISIDORO)	159
Epígrafe romano do Castro de Sabrosa (FERMIN BOUZA-BREY)	161
Nótulas sobre a Festa dos Reis (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)	164
Centro piloto de estudos de arte, etnografia e história (S. J.)	169
Singularidades etnográficas (ALBANO FERREIRA)	174
Castro de Carvalhelhos (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)	559
Um machado estranho do Castro de Sabrosa (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)	566
Un tatouage paléolithique (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)	569

LUTUOSA:

CONDE DE AURORA	81
MAXIME-CARLOS-MARIA-ANTÓNIO VAULTIER	83
AFONSO DO PAÇO	89

REVISTA BIBLIOGRÁFICA — Índice alfabético dos autores:

CARLOS ALBERTO FERREIRA DE ALMEIDA	182
JESUS TABOADA CHIVITE	574
JOSÉ MANUEL GOMEZ-TABANERA, 179 e	181
RENÉ MEURANT	576
VERÍSSIMO DE MELO	177
JOAQUIN LORENZO FERNANDEZ, 183 e	573

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXII — FASC. 4

SUMÁRIO:

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

A Cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal

MODESTO RODRÍGUEZ FIGUEIREDO:

Do Libro de San Ciprian e do Castelo de Mau Vizinho

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

A Sociologia e a Etnografia

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Interpretação de condicionalismos sociais

P.ª JOAQUIM MANUEL REBELO:

Achega para o estudo do Romanceliro de Trás-os-Montes e Alto Douro

Vária: — Castro de Carvalhelhos — Campanha de escavações em Agosto de 1975 (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 559 a 566); Um machado estranho do Castro de Sabrosa (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 566 a 569); Un tatouage paléolithique (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 569 a 571).

Revista bibliográfica: — JOAQUIN LORENZO FERNANDEZ (573); JESUS TABOADA CHIVITE (574); RENÉ MEURANT (576).